



Reino

A Barenesa descalça

o clube dos devassos

CHIARA CIODAROT



A Baronesa Descalça

Chiara Ciodarot

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução integral e/ou parcial, e/ou alteração deste documento por qualquer meio ou forma, sem autorização prévia, por escrito, do autor.

À tia Deca

“Afinal, amanhã é outro dia.”

(Scarlett O’Hara, *E o vento levou*, de Margareth Mitchell)

Nota da Autora

O Brasil de 1872, Segundo Império. Dom Pedro II está no trono de um país recém-saído de uma guerra com o Paraguai e onerado. O período áureo da economia cafeeira ficou para trás e as terras do Vale do Paraíba fluminense vão se desgastando com as plantações de café que tomam os seus montes e sugam as riquezas minerais, criando um cinturão de esterilidade ao redor. O movimento abolicionista ainda engatinha, mas começa a angariar adeptos com a distribuição de panfletos nas fazendas e reuniões nas cidades. José do Patrocínio ainda está estudando Farmácia e Joaquim Nabuco prepara a sua viagem de formação à Europa. No Nordeste, os escravos começam a minguar nos engenhos, sendo vendidos para o Sudeste. Em São Paulo, Antônio Bento e o grupo Caifazes provocam fugas escravas e os quilombos vão se tornando uma ameaça aos proprietários de terras. O Partido Conservador, sob o comando do Gabinete do Visconde de Rio Branco, está no poder para proteger os direitos dos grandes latifundiários. Ainda assim, a Lei do Ventre-Livre passa. A lei que tem um apelido bonito, mas cujos artigos não são tão belos. Como um canto de sereia, ela engana e afoga as esperanças de liberdade plena. À luz dos recém acesos lampiões a gás, que vão pontilhando as ruas da Corte, a lei favorece mais os senhores de escravos do que os escravizados, ainda acorrentados à escuridão das senzalas.

Prólogo

Niterói, 1851

O chicote era de montaria, mas servia ao propósito para o qual havia sido pego.

As botas negras de couro recém-lustradas riscavam o chão de madeira com o caminhar pesado, pisoteavam algumas pétalas de flores que haviam caído dos arranjos, vagavam atrás da presa que se escondia em algum lugar escuro e distante dos olhos claríssimos do predador.

O menino não poderia ir muito longe, tinha que ficar perto para que conseguisse enxergar para onde as botas se encaminhavam e poder calcular o tempo para correr em outra direção. Até que pararam. Tão perto que o menino achou se ver refletido no couro. Segurou a respiração e cobriu boca e nariz com as mãos para que não fosse ouvido.

-Onde você está, moleque? Onde? Venha cá! – a voz estalava na boca com um tom meloso de quem havia bebido – Venha cá para ver o que acontece com meninos desobedientes! Desta vez, vou lhe dar uma lição que você nunca mais irá se esquecer! Não tem mais a sua mãe aqui para salvar você. Somos apenas você e eu agora, você vai aprender a me respeitar!

Sua mãe nem esfriara dentro do esquite e o pai já havia virado uma garrafa de bebida e pego o chicote para lidar com a própria dor através do único filho. Talvez fosse o sofrimento falando, ou o álcool, duvidava que o pai fosse ruim.

Pelo pouco que se lembrava do início da sua vida, seu pai não era tão cruel e ríspido. Gaúcho de brios fortes, Genemário veio com a família a pedido da prima-irmã, D. Maria Joaquina, esposa de Irineu Evangelista de Souza – o futuro Barão de Mauá. Diziam que era para ajudar na obra da família, o Estaleiro da Ponta da Areia, porém todos sabiam que era para afastá-lo da amante e das condições degradantes de quem gastava o dinheiro da estância da família em festas e bebidas.

As coisas pareciam ir bem. Genemário havia parado de beber e tentava se dedicar ao trabalho no estaleiro e D. Lísia cuidava do filho Eduardo e da pequena casa que os primos haviam mandado construir para eles, próximo à empresa. Contudo, a doença repentina da esposa e as constantes discussões com Irineu foram tirando a vontade de se manter sóbrio e, em menos de um ano, Genemário podia ser encontrado caído na rua, à porta de algum bar. Entre um copo e outro, acusava Irineu de fazê-lo sentir-se diminuído perto do *selfmademan*. Justamente ele, filho de farroupilha, descendente de uma longa linhagem de honrados estancieiros, nada havia conseguido – e, novamente, todos

tinham conhecimento de que era porque nunca havia lutado nem por um copo de vinho sequer.

D. Lísia, esta era bem diferente do marido. Carinhosa, educada e muito terna com todos, sempre a fazer cafuné na cabeça do filho para que adormecesse, cuidava com zelo da sua família e tinha uma ótima relação com os primos – a ponto de o casal Souza dar o seu nome para a filha mais velha. Era ela o esteio, a única dignidade da família, até a mão fria da tuberculose lhe alcançar. Foi o filho Eduardo quem notou a tosse insistente por detrás dos lencinhos de renda. “Não há de ser nada”, ela lhe garantia num sorriso triste.

Eduardo era muito esperto, admirado por sua perspicácia e intelecto. A mãe via toda aquela capacidade como um problema, pois era incapaz de esconder os seus sofrimentos dos olhos claríssimos do filho pequeno, que lhe invadiam a alma. Todo dom vem com uma sobrecarga, pensava D. Lísia. Ela via que Eduardo não conseguia ser uma criança feliz, ignorante do mundo adulto e a viver dentro do universo imaginário infantil, e era o que mais a entristecia.

Desesperado com a possibilidade de perder a mãe, o menino alertara a prima Maria Joaquina. Nunca pensaria que sua atitude poderia causar mais desgastes do que soluções. Genemário achara que ele havia contado à família para, novamente, diminuí-lo e acusarem-no de que não cuidava da esposa. E teria batido no filho até quebrar o pulso se a mãe não tivesse o socorrido ao ouvir os primeiros gritos.

Desta vez, no velório da mãe, como o pai bem pontuara, não havia proteção materna. O menino estava sozinho e à mercê das suas vontades.

As pontas das botas apontaram em sua direção como se dedurando-o. No meio da escuridão de quem não queria ser achado, Eduardo sentiu uma mão pega-lo pela gola da casaca negra, puxando-o para fora do esconderijo. A força havia sido tão grande que quase derrubara a mesa de jantar, sob a qual estava. E junto dela teriam caído as flores, os círios e o esquife da mãe – preparado para o velório que, em breve, iria começar.

-Achei, maldito!

Conseguindo se desvencilhar do agarre, desvestindo a casaca do luto, o menino correu para fora da casa, tentando se desviar dos primeiros convidados que vinham prestar as últimas homenagens. Podia ouvir atrás de si o pai, mas nada o pararia. Correu o máximo que suas pernas pequenas permitiam, correu o que podia e o que não podia, só parando quando trombou num homem que vinha em sua direção.

O senhor de expressão amigável, sempre a lhe trazer doces escondidos nos bolsos, rapidamente atentou para o que acontecia. Podiam escutar os gritos de Genemário e perceber o quão o menino tremia. Segurando-o pelos ombros,

Irineu Evangelista abaixou-se para ficar à mesma altura. Olhos nos olhos.

Os olhos do menino eram tão frios quanto metal e acinzentados feito o céu em dia chuvoso. Eram olhos de quem estava perdido e precisava de orientação.

Sem nada lhe dizer, Irineu deu um tapinha em seu ombro e se levantou.

Guiou o menino de volta para o velório, apesar dele relutar de medo.

A casa dormitava na escuridão triste do luto. Os espelhos estavam cobertos com panos negros e as cortinas, fechadas. Apenas os círios acesos, ao redor do caixão sobre a mesa de jantar, iluminavam parcamente os rostos encerrados de lágrimas. O cheiro forte de ervas queimadas – para não notar o odor da decomposição – e das flores que revestiam o esquife e toda a sala davam náuseas ao menino.

Ele não conseguia chorar, nem olhar para quem estava ali deitada. Não queria acreditar.

Evitou também o rosto enfurecido do pai.

Genemário levantou a mão para puxá-lo. Iria lhe acertar um golpe, para nunca mais ser desobediente, mas Irineu segurou o menino pelos ombros e avisou:

-A partir de agora, ele ficará sob os meus cuidados. May adorava D.Lísia e quer muito cuidar do filho dela.

Surpreso, Genemário cruzou o cenho e estreitou os olhos claros para cima do menino, a fim de fazê-lo temer:

-Vocês já têm uma penca de filhos! Vão tirar o único que me resta?

Ao ver um montante de dinheiro saindo do bolso de Irineu, Genemário estremeceu. Contava quantas garrafas e bordéis poderia visitar com aquele valor, perdendo a conta. Ainda fez cara feia, de quem não cederia. Irineu ofereceu irem ao escritório do estaleiro, onde teria mais dinheiro guardado.

Por um conto de réis o pai assinaria um papel passando a tutela do filho para Irineu. Fez daquela uma transação comercial oficial e o menino foi embora com o seu novo tutor, sem olhar para trás. Não viu o pai cair sobre o corpo da esposa, a chorar de arrependimento por não ser forte o suficiente para lutar pelo filho deles. Nem quando enfiou uma pistola no céu da boca, mas não teve coragem de atirar, jogando a arma para longe.

Antes de seguirem para a bela casa da família Souza, Irineu quis passar no estaleiro em Ponta da Areia. Diante daquela magnitude de ferro, o menino se viu tão pequeno, tão diminuído. Mas, ao contrário do pai, ele não temia aquela pequenez. Eduardo via o quão grande gostaria de ser e o quanto gostaria de ajudar outros pequenos meninos como ele, vivendo sob uma grande opressão.

O industrial apertou o seu ombro e lhe disse num sorriso:

-Eis o futuro do Brasil: a indústria!

-Você deve ter muitos escravos para cuidar disso...

O senhor soltou um riso que o menino não compreendeu.

-Não se preocupe. – bateu no ombro do garoto – Você ainda terá muito a aprender. Sua primeira lição será na Inglaterra, onde você vai estudar.

Ali ficaram ainda algum tempo, apreciando aquela obra da vontade humana, de quem lutava para obter o próprio dinheiro, o futuro do jovem Eduardo Montenegro.

Em 6 anos, a pequena fortuna que o Barão de Mauá havia dado a Genemário escorreria pelas sarjetas da Corte, nas mãos das meretrizes e sobre as mesas de bilhar.

Aproveitando que o filho estudava em Oxford, bateu à porta do palacete da família Souza, exigindo o menino de volta. Estava velho e cansado e precisava que o filho o sustentasse. Ao ser ignorado pelo barão, que nem lhe abrira a porta, Genemário saiu de lá gritando vinganças.

Numa noite de 1857, o Estaleiro de Ponta da Areia foi destruído por um incêndio. Ninguém sabe como começou o fogaréu, mas o mistério terminou quando acharam botas negras e um chicote de montaria chamuscados, no meio dos escombros.

Capítulo 1

Vassouras, 1872

A primeira coisa que as gêmeas Feitosa, Rosária e Belizária comentaram entre si, ao verem Amaia de Carvalho chegar à festa de noivado de sua irmã mais velha, Caetana, foi o seu vestido verde grama. O que chamava a atenção não era a elegância da veste, mandada fazer na Madame Guimarães, famosa modista da Corte, nem o corpo perfeito de quem cavalgava todos os dias. Era o tamanho do decote, perfeito para um baile e inapropriado para um almoço. As gêmeas riam-se por detrás dos leques, creditando aquilo ao desespero em arrumar um pretendente. Amaia havia passado da idade de se casar e, de todas as suas amigas, Caetana Feitosa era a última solteira que chegava ao altar.

Outro motivo que gerava inveja – que elas mascaravam através de críticas inflamadas – era a quantidade de senhores que foram recepcioná-la, ainda na porta da casa grande da fazenda dos Feitosa, a Guaíba. Abutres no entorno da carniça, rodeavam-na. Impediam que outras pessoas se aproximassem. Faziam com que a beldade de 1,70 de altura desaparecesse em meio às cartolas. Obrigando-se a manter um sorriso que nunca se cansava, Amaia cumprimentava cada um, soltando uma simpatia que os encantava. Escapavam-lhe, contudo, o olhar cortante de quem sabia o que queria e ninguém seria capaz de mudar isso, nem mesmo os seus pais.

O que as gêmeas Feitosa não podiam, ou não queriam enxergar, era que Amaia de Carvalho não era bonita. Ela era linda. Beleza incontestável, a maior de Vassouras, quiçá do Vale do Paraíba. Os olhos verde esmeralda saltavam do meio de formosos cílios negros, marcando o seu olhar com um toque exótico do Oriente. As sobrancelhas bem definidas expressavam quase tudo o que se passava em sua bela cabeça, a despeito de seu bem moldado sorriso, esticado a todos que por ela circulavam. Os cabelos castanhos escuros, trançados em elaborados coques, contrastavam com a pele marmórea de quem usava todos os apetrechos necessários para evitar o sol forte do interior. O queixo pontiagudo e o nariz empinado eram um toque à parte.

Apesar de tanta formosura, ela possuía algo além, o que atraía os jovens senhores mais do que qualquer outra: graça. Seus trejeitos delicados de pena ao ar, o tom de voz aveludado fazia com que a maior maldade soasse a um canto angélico, o andar compassado de rainha em coroação... tudo era motivo de admiração. Era ela a deusa dos saraus das fazendas vassourenses e região, de Barra do Piraí a Rio das Flores, diziam não haver outra como ela.

Ainda assim, aos 23 anos, não havia se casado, como zombavam as gêmeas. As Feitosa tinham para si que era por causa do seu jeito coquete. Que rapaz gostaria de se casar com moça namorada?

No entanto, o que poucos sabiam é que não lhe faltavam pretendentes no meio de tantos admiradores. Faltava-lhe paixão. Amaia não se apaixonava por ninguém. E não foi por falta de querer. Ela queria e muito, chegando a se forçar a amar os pretendentes que acreditava adequados. Foram incontáveis os beijos que dera debaixo do carvalho de sua fazenda. Mas nenhum a fazia bulir por dentro feito as mocinhas dos folhetins proibidos – livros estes que pegava emprestado e, com as amigas, lia às escondidas, debaixo da mesma árvore em que distribuía beijos.

Recostada no carvalho firme e forte, que cobria as gerações de sua família, Amaia podia viver um pouco além das serras daquele vale cafeeiro. Conhecera quase toda a Europa através das novelas, optando pelos *moors* e pelos jardins da literatura inglesa. Aterrorizava-se com os castelos de Ann Radcliffe e queria valsar nos mesmos salões que as Bennet de Austen. Melhor influência não poderia haver para isso do que a de sua tutora. Diferente das outras moças da região, que estudavam na escola de Madame Grivet, Amaia e sua irmã Cora tiveram uma preceptora inglesa. Mrs. Jane era um exemplo de erudição, caráter e serenidade. Não castigava fisicamente as meninas, obrigando-as a refletirem sobre os seus erros.

E era para debaixo do carvalho – que havia sido plantado por seu tataravô quando naquela terra chegara e fincara o seu facão, tomando-a para si – que, mais uma vez, Amaia ia para pensar. Suas ideias, tão rápidas e passageiras quanto as suas vontades, beiravam ao impulsivo mais do que ao filosófico. Não parecia se importar com o que força, trabalho e dedicação significavam.

A mãe, carola de igreja, quando a ouvia falar sobre os seus desejos de conhecer mais e vivenciar de tudo, se horrorizava. Por entre as preces da manhã, por entre as preces antes das refeições e por entre as preces ao se deitar, D. Otávia temia pela alma da filha mais velha. Fazia o sinal da cruz, murmurava orações, rondava o rosário nos dedos e anunciava ao marido: “Lá está ela a se desvirtuar do caminho.”

O pai a isso não dava ouvidos. Ria da esposa no mesmo tom das risadas de Amaia quando escutava os temores da mãe. A filha era como ele: passional. Gabava-se que não havia moça mais perspicaz, teimosa e bonita naquele vale.

E mais abolicionista.

Tanto a mãe quanto a irmã caçula, Cora, haviam lhe alertado para se refrear quanto ao que pensava acerca da escravidão.

Era impossível.

No ano anterior, num sarau, captara a atenção de todos com o seu pequeno discurso a favor da Lei do Ventre Livre. Em meio aos escravocratas – muitos deles amigos de seu pai –, reclamava do fato dos ingênuos não serem automaticamente liberados após a Lei, tendo que esperar completar 21 anos: “Um contrassenso para uma lei que diz que são livres de ventre!” Falava de uma maneira tão charmosa, como se o assunto fosse rendas e tecidos, que nenhum dos senhores a rebatia. Porque ninguém questionava beldade, e nem levavam a sério nada do que defendia. Entendiam como “caprichos de uma menina mimada” que um dia havia se deparado com um dos folhetos que os abolicionistas entregavam às escondidas nas fazendas.

Já as senhoras e suas filhas levantavam dúvidas se ela não estaria envolvida com algum abolicionista – o que era sinal de má-fama. Amaia dava os ombros aos mexericos, trazidos por sua melhor amiga, Caetana Feitosa: “Estão com inveja.”, comentava, e Caetana não refutava. Quando Amaia chegava a um baile, todos os olhares masculinos recaíam sobre ela. Não havia passeio sem acompanhante e nem dança sem par – e nem precisava repetir os pares, feito a maioria das mocinhas. Na mesma proporção que atraía rapazes feito mariposas, seu holofote causava fofocas. Quanto mais a concorrente se sentisse lesada, mais escandalosa era a narrativa que passavam de ouvido em ouvido.

Amaia ria-se, vendo-se heroína de algum folhetim proibido.

Estava acostumada a pequenos escândalos desde cedo. Aos 16 anos, havia sido pretexto para um duelo entre dois rapazes. O que gerara um problema para a sua família e a obrigara a se retirar da sociedade por cinco anos. Durante este período de clausura, aproveitara para acompanhar o pai na gestão da fazenda, cavalcando ao seu lado por entre os pés de café, ouvindo como era plantado o grão, sobre os diferentes tipos de terra e analisando os escravos para saber qual era ideal para cada serviço.

Ela não se recordava da primeira vez em que sentira que era errado ter escravos. Era como se aquilo estivesse em sua alma desde cedo, aguardando ganhar consciência enquanto amadurecia.

Cresceu junto à sua determinação em convencer o pai, e a mais quem pudesse, em libertar os escravizados. Foram meses implorando para alforriar Bá, a sua ama-de-leite, e os outros. Não conseguiu persuadi-lo a libertar mais do que quatro escravos, que estavam muito velhos, mas fez questão de, a partir de então, falar sobre o assunto sempre que dessem oportunidade. E a cada ano que passava, Amaia fazia-o com mais conhecimento, pois lia todo material abolicionista que lhe caía nas mãos.

O pai a escutava, sem reprovação, nem com a inclinação de fazer o que ela pedia.

Aproveitando os pensamentos ágeis e o fato de o pai nunca a refutar, Amaia procurava estar presente nas reuniões com o comissário Mattos – com quem Gracílio de Carvalho negociava as sacas de café e os escravos vindos do Rio de Janeiro. Percebendo que não salvaria nenhum escravizado ao evitar que seu pai o comprasse do comissário, queria todos que eram ofertados – principalmente os que tinham alguma doença ou dificuldade, pois eram certamente os que morreriam nas mãos do cruel vendedor. Em meio às negociações que assistia, havia aprendido que um escravo morto poderia valer mais do que um vivo, dependendo da situação física e de quanto fosse o seu seguro. Tentava decidir quem salvaria, como se fossem tecidos numa loja, enquanto o comissário soltava um olhar de soslaio para o pai dela e sua expressão de nada.

Porém, essa relação amigável entre pai e filha se veria abalada pouco depois e Gracílio seria derrubado de seu pedestal – onde havia sido colocado por Amaia na infância. O motivo da briga havia sido a maneira com que o feitor Severo tratava os escravos, chicoteando-os e depois jogando salmoura nas feridas abertas. O que Amaia via como um suplício desumano, o pai acha “natural aos vícios do trabalho servil”.

A briga entre eles fora tão forte e sem parâmetros que D. Otávia corraera para esconder a arma do marido. Ela e Bá atiraram-se diante do oratório em homenagem à Santa Bárbara – padroeira da fazenda – e rezaram para que apaziguasse aqueles corações turrões.

Gracílio de Carvalho, feito quase todos os escravocratas que Amaia conhecia, não libertava os seus escravos alegando questões econômicas, e não as morais. E, no dia seguinte a essa séria discussão a respeito da imoralidade que era ter seres humanos escravizados, ele tomara a moça pela mão e fizera questão de explicar a importância daquela terra em que seus antepassados haviam fincado raízes, e que não ter escravos poderia prejudicá-los e por a perder aquele chão.

Amaia também levava o sobrenome Carvalho, sendo tão inflexível quanto ele. De que importava aquela terra se arada por pessoas escravizadas? Não tinha valor algum para ela.

O pai compreendia ali que ela era ainda muito jovem e teimosa para aceitar as suas palavras – como ele era velho e cabeça-dura demais para aceitar as dela. Então, tomara uma decisão que faria mudar os rumos da vida de Amaia.

*

Enquanto as gêmeas Feitosa se teciam de inveja, discutindo cada milímetro de Amaia e da roupa ostentosa que usava, a jovem ia fazendo o seu caminho de acenos, cumprimentos e delicadezas. Comprovava do que o seu pai se orgulhava: era a mais bela da região, quiçá, da província. E, certamente, a mais engenhosa.

“Oh, Sr. Carlote, como está? Espero que hoje nos façam sentar lado a lado. Estou com saudades das suas piadas espirituosas.”, “Ah, Sr. Rodrigo, não o esperava aqui! E quem é este? Seu irmão mais novo?! Se for ficar belo como o senhor, vai arrancar o coração de todas as mocinhas presentes.”, “Não pode ser?! Sr. Luiz Mesquita! Deveria estar furiosa com o senhor por não ter dançado comigo no último baile. Hoje terá que se desculpar não saindo do meu lado.” “Como pode, Sr. Astolfo, ficar cada dia mais formoso?” “Sou mesmo uma moça desafortunada. São tantos senhores amáveis e belos que nem sei qual me agrada mais! Poderia passar dias a pensar nisso, se não tivesse outras coisas a fazer.” “Oh, Sr. Leite e Sr. Chaves, os senhores me preocupam por demais. Dói-me pensar que não foram a minha casa no último São João. A fogueira que acenderam no terreiro estava linda. Fizeram muita falta! E garanto que outras mocinhas pensaram o mesmo, pelo que soube.”

Amaia estancou os cumprimentos ao perceber um rapazote de 15 anos, baixinho e com algumas marcas no rosto da adolescência que ainda se fazia presente nos gestos desengonçados. Parado ao lado da escadaria, no vestíbulo de entrada, Inácio Junqueira lhe acenou e abriu um imenso sorriso que fez Amaia fechar o seu e pôr cara de irritada.

Notando que ela não viria mais em sua direção, desviando-se acintosamente dele, Inácio tentou alcançá-la. Aproveitou que havia sido parada por outros para lhe dirigir a frase que tanto havia decorado à frente do espelho:

-Srta. Carvalho, a-a cada ano que passa, fi-fica mais bonita.

Risadinhas de deboche dos senhores ao redor fizeram com que ele corasse. Tentou manter a pose de homem adulto, com o braço para trás do corpo e a cabeça erguida, e provar que estava em pé de igualdade com qualquer um daqueles jovens senhores.

Surpreendida por aquela verbalização tão sincera e corajosa – poucos fariam o mesmo na frente de outras pessoas –, Amaia resolveu dar um “empurrãozinho” na estima do rapazote.

Fez cara de falsa injúria e deu um tapinha na mão estendida dele, que aguardava a sua para beijá-la:

-Não, não, não, nem venha me cumprimentar, Sr. Junqueira. Não estou brava, estou furiosa com o senhor! O senhor partiu o meu coração e agora vem com essas palavras esplendorosas só para que me derreta novamente pelo senhor. – e lhe virou a cara e puxou a saia do vestido em trote de partida.

Quem os escutara se chocara. O jovem Junqueira havia conseguido mexer com o coração da inconquistável Amaia! Era para cumprimentá-lo e pedir dicas para aquele caloroso Don Juan! Poucos haviam reparado na estratégia em acabar com as zombarias, um deles foi o próprio Inácio. Corado pela emoção daquela

declaração, ele se pôs na frente dela para que não saísse do lugar:

-E-e posso saber de qual acusação sofro? – ergueu ainda mais o queixo.

Amaia revirou os olhos, mais esverdeados ainda por causa da roupa, e bufou:

-O senhor não foi me visitar desde que voltou da escola na Corte, nem me enviou uma só linha. Terá de se esforçar para voltarmos a sermos amigos. – e foi embora, guardando para si a satisfação de quem havia feito “uma boa ação”.

Animado, o rapazote se esticou na ponta dos pés, a gritar para que todos do vestibulo escutassem:

-Farei o meu melhor para reconquistar a sua estima! – e, estufando o peito, tomou para si uma meta naquelas férias de verão: reconquistar Amaia.

Tentando esconder o sorriso faceiro de quem se divertia com aquilo, Amaia foi ao encontro da amiga – para quem o almoço de noivado era oferecido.

Caetana, num vestido branco simples, recebia os convidados numa das imensas salas de estar da Guaíba. Ao seu lado estavam os pais, muito satisfeitos em casar a filha – de uma ninhada de sete mulheres e nenhum varão – e com um Canto e Melo! Amaia não sabia muita coisa sobre o tal noivo e ficara tão perplexa quanto todos quando Caetana anunciara o noivado, no mês anterior.

Tímida e discreta, quem conhecia Caetana não diria que ela vinha daquela poderosa família. Usava roupas sem ornamentos, e as repetia ano a ano, não colocava jóias – somente uma vez a vira com um colar de pérolas num baile. Havia mocinhas casadoiras que, com muito menos, enchiam-se feito pavões para atrair um bom pretendente – ainda mais um cafeicultor paulista. Por fim, a quieta e tranquila Caetana conseguira o que tanto desejavam: um noivo de posição.

Conhecendo a amiga, Amaia imaginava que o rapaz tinha tanto nome e poder quanto a família dela, só que, no caso dele, era na Província de São Paulo. A possibilidade de ele ser abolicionista e alforriar todos os mais de mil escravos da Guaíba era tão ilusória quanto o sorriso de “olá” que Amaia dera aos anfitriões ao entrar na sala.

Seu estômago se revirou e Amaia mastigou um falso sorriso ao ser cumprimentada pelo seu padrinho, o Sr. Feitosa, e por sua esposa. Foi-lhe entregue um pequeno ramallete de botões de rosas. Amaia não entendeu do que se tratava. Ao ir falar com Caetana, aproveitou para perguntar. A noiva segurou a risada e explicou que uma tia havia voltado da Europa com a ideia que havia visto numa casa muito elegante. Era uma maneira que a casamenteira havia criado para marcar as damas descompromissadas para os jovens cavalheiros e, assim, evitar constrangimentos.

Era ousado, Amaia não poderia negar, mas odiara a proposta de ser marcada como “solteira”. Não queria que a vissem como uma peça a ser estudada antes

de comprada. Ela era uma mulher e não um vaso que enfeitaria a sala de alguém.

Sem fazer caso, Amaia aproveitou que Cora estava próxima, abaixando-se para falar com a Sra. Feitosa e pegou o ramo e colocou-o no penteado da irmã.

-O que está fazendo? – questionou Caetana, divertindo-se com aquela atitude.

-Ela precisa de dois para conseguir atrair um bom pretendente. – ironizou Amaia – E aqui está o garboso noivo! – estendeu a mão ao senhor ao lado.

De roupas impecáveis, costeletas bem aparadas, olhar animado e sorriso calcificado, imaginou que fosse o tal Canto e Melo. Em vez de deixar que beijasse a sua mão – como o costume –, provocou um aperto de mãos:

-Quero cumprimentá-lo e avisá-lo do quão enganado está quanto a esta mocinha aqui. É bem mais esperta do que aparenta ser e precisa estar avisado para não pisar em falso. Terá muitos inimigos se o fizer, a começar por mim. Não quero assustá-lo, só quero desejar “Boa sorte!” – Amaia jogou a cabeça para trás e soltou uma risada – Terá uma verdadeira jóia premiada como esposa.

Ele, ainda atordoado com aquele gesto decidido de homens de negócios, o que contrastava com o vestido repleto de babados, fitas e um acentuado decote, agradeceu.

Caetana, ao reparar no olhar do noivo e no seu rosto corado, rodopiou os olhos castanhos pela roupa de Amaia. Apesar de ter mangas, o decote profundo, arrematado por um laço de fita na altura dos seios, provava que era ousado para aquele horário.

-E quanto ao seu traje?!

Amaia bateu as longas pestanas e abriu um largo sorriso, o que completava o visual debaixo de um elaborado penteado:

-Esplendoroso, não acha?! Não poderia me sentir mais radiante!

-Alguns vão achar que isso é desespero. – alfinetou Cora, se juntando a elas – Como vai, Caetana?!

-Olá, Cora. Infelizmente, tenho que concordar com a sua irmã, Amaia. Você não deveria estar usando um vestido tão decotado a esta hora do dia.

Sem querer mais falar a respeito do assunto, tendo ouvido toda uma aborrecida lista de reclamações da mãe sobre como se vestia ou se portava – todas elas apoiadas por Cora, que parecia nunca deixar o assunto terminar –, Amaia pediu licença e foi distribuir sorrisos e simpatias aos outros conhecidos.

Capítulo 2

A Fazenda Guaíba pertencia à família Feitosa de Vasconcellos desde tempos imemoriais – tão distantes que o próprio dono, o Sr. Caetano Feitosa de Vasconcellos, não se recordava desde quando, apesar de ter anotado em algum papel. Conhecida além dos limites de Vassouras, era famosa pela imensidão dos seus cafezais, subindo e descendo os montes, dos dois terreiros e da sua senzala que abrigava mais de mil escravos. Não era uma fazenda, diziam os vizinhos, era um complexo agrícola. Tinha mais de cem mil pés, que produziam um quinto de toda a produção de café do Império, e o que rendera ao Sr. Feitosa a honra da comenda de Imperial Ordem da Rosa e, anos mais tarde, o título de conde. A produção da Guaíba não se restringia somente ao café, havia ainda um engenho – resquícios da época em que a região era produtora de cana-de-açúcar – um gigantesco pasto com mais de cem rezes de leite e de corte, um haras para cavalos puro-sangue, e algumas plantações de subsistência. O Sr. Feitosa gostava de se gabar que, se houvesse uma guerra, mais terrível do que a recém-finita no Paraguai, e que se esta acabasse com o Império, ainda sim a Guaíba sobreviveria apenas com a própria produção.

Não estava totalmente errado. Sua renda se comparava à dos Teixeira Leite, dividindo com eles o título de família mais rica do Brasil e, possivelmente, do mundo.

Para a sua infelicidade – e para alguns, uma espécie de maldição pelo seu excesso de ganância –, os Feitosa não tiveram filhos varões. Tentaram, diversas vezes, contudo, foram apenas meninas: dez no total – das quais apenas sete sobreviveram à primeira infância. Teriam persistido se não fossem as complicações na última gravidez, que quase matara a Sra. Feitosa e o bebê.

As filhas possuíam não só o vigor dos Feitosa como a formosura da bisavó, Lavínia de Vasconcellos – uma das muitas amantes do Imperador Dom Pedro I, quem diziam ser o verdadeiro progenitor daquela linhagem e a origem de tanta terra.

Caetana, a mais velha, talvez fosse a que tinha a beleza mais tímida, o que combinava com a sua personalidade serena. Contrastava com a animada e garbosa Thaís que, desde pequena, dava trabalho aos pais com suas travessuras. Por fortuna, conseguiram casá-la cedo, aos 16 anos, antes que descobrisse “outro tipo de travessura”. Dalva tinha a beleza mais ordinária e uma timidez excessiva, o que os pais achavam ter sido o motivo de ter entrado para o Convento da Ajuda, aos 15 anos. Rosária e Belizária, as gêmeas, eram parecidas não só no físico como no jeito, na maneira de se vestir e na de pensar – “Meu par de

vasos”, seu pai costumava chamá-las. Depois de várias tentativas abortadas, nasceu Lavínia. Aos 6 anos de idade, ela já mostrava que em nada devia a tal bisavó, de quem herdara o nome, os belíssimos cabelos loiros e a inteligência. Uma tentativa depois e veio, por fim, Felipa, a protegida, a que quase havia morrido com a mãe, se não fosse pela intervenção de uma parteira da região.

Ainda que tivessem uma propriedade invejável, uma condição financeira maravilhosa, dotes acima do regular, as Feitosa de Vasconcellos tinham dificuldade em arrumar pretendentes e ninguém sabia o porquê. O caso de Thaís havia sido anormal, pela rapidez em que tudo acontecera – desde que conheceu o rapaz, em quatro meses estava casada e partindo para a Europa – e o que levantou suspeitas de uma gravidez antes das bodas.

Os pais preparavam a viagem de Caetana, Rosária e Belizária para conseguirem pretendentes na França – onde Thaís morava –, quando a mais velha foi pedida em casamento pelo paulista Roberto Canto e Melo. Não houve problemas quanto ao valor do dote negociado e, muito menos, pela estirpe do filho de fazendeiros de Bananal. Tudo sairia como o pretendido e, quem sabe, surgisse daí um neto que poderia gerir a Guaíba?

Apesar do nome, que significava pântano ou brejo em tupi, a fazenda tinha uma das mais bonitas casas-grandes do distrito. Conhecida como “o casarão dos quatro pilares”, sua fachada remontava à arquitetura helenística. Quatro pilares sustentavam as varandas com pé direito alto. Por dentro, todos os cômodos tinham afrescos de José Maria Villaronga nas paredes e tetos. Alguns, mais elaborados do que outros, como no vestibulo de entrada e na sala de jantar, causavam o engano do *trompe d’oeil* com figuras tão bem desenhadas e com tamanha profundidade, que pareciam ser de verdade. Os móveis também não poderiam deixar cair no gosto e requinte, nem a decoração com cortinas e reposteiros de veludo inglês, tapetes chineses, porcelana alemã, vasos de Sevres, imensos quadros de molduras douradas e luminárias de cristal Baccarat.

Impecável gosto na decoração, grande desgosto no trato da escravidão.

Tal jóia da coroa, a casa-grande reinava próxima a um laguinho com cisnes e escondia, na sua parte traseira, os dois maiores terreiros de café da região e uma senzala que abrigava mais de mil e quinhentos escravizados amontoados.

Eduardo Montenegro nunca havia visto tamanha senzala. De pau-a-pique e telhas secas nas coxas das escravas, o prédio pintado com cal branco reluzia diante dos imensos terreiros de tijolos vermelhos, abarrotados de montes de grãos de café. Centenas de portas pequenas e estreitas davam para a área de secagem, mas não havia uma janela sequer. Nada que fizesse aquele lugar respirável. Nem uma brisa se achegava, criando um cinturão de bafo quente, um forno com brasa.

Do alto do seu cavalo negro, Montenegro, em vestes totalmente pretas e chapéu abado no rosto, levantou os olhos claríssimos por cima das hastes dos seus óculos escuros de lentes de vidro verde – importados da França.

Procurava algo.

Alguns escravizados passavam, retirando do galpão as sacas de quase 50 quilos, e colocavam-nas sobre uma carroça puxada por mulas. Na boléia, um homem dormitava com o chapéu na cara. Um grupo com cinco mulheres escravizadas, entre elas duas crianças, vinham atravessando o chão quente, sem sentirem queimar os pés de tão cascudos que estavam. Tinham nas mãos cestas e algumas nas costas, indicando que iam ou voltavam da plantação. Num canto, uma criança de dois anos brincava na bica de lavagem do café enquanto uma escravizada mais velha ia atirando pequenas porções de grãos dentro do tanque de pedra repleto de água.

Envolto nas próprias análises, Montenegro não reparou que dele se aproximou um capataz. De olhar desconfiado e chicote na mão, perguntou o que queria.

Recolocando os óculos, que protegiam os seus olhos muito claros do sol tropical, Montenegro abriu um sorriso módico:

-Olá, bom dia. – tocou na ponta da aba – Procuro a entrada para a casa grande. Venho para o alm...

O capataz, sem vontade de conversar, interrompeu-o, apontando outra direção com o cabo do chicote:

-É para lá. O senhor veio pelo caminho errado. É atrás do laguinho. Se for pelo pomar, contorna a casa e chega na entrada.

-Muito obrig...

Antes que Montenegro fizesse qualquer sinal de agradecimento, o capataz partiu na mesma velocidade com que havia chegado, sumindo na terra que subia com uma brisa nada refrescante.

*

A movimentação na frente do casarão ia crescendo com o aportar de mais e mais coches, dos quais saltavam moças carregadas por seus vestidos de metros e mais metros de tecido, piando e passarinhando com suas mães, amigas – e, até mesmo, com as inimigas. Vinham os senhores de chapéu alto, alguns mais jovens e outros bem mais velhos – estes praticamente levados debaixo do braço por seus escravos. O zunido de conversas, de gritinhos de alegria e de atenções empestevam o ambiente, marcando-o tanto quanto o delicioso cheiro de comida que vinha das gigantescas panelas de cobre da cozinha da Guaíba.

Haviam lhe dito que era uma reunião íntima, somente para os mais achegados. Se não havia mais da metade da região naquela fazenda, Montenegro

iria mudar de nome. Tantos rostos, alguns conhecidos e nenhum amigável. Se os donos de terra ainda o cumprimentavam, não era mais do que por educação. Em alguns casos, menos que isso, era por consideração por ser aparentado do Barão de Mauá e pelas suas centenas de contos de réis.

Quando assentara naquelas terras, há alguns meses, Montenegro vinha com ideias um tanto progressistas para os cafeicultores – feito a maioria dos jovens que iam estudar na Europa. Comprando lote atrás de lote, formava uma imensa fazenda, nomeada Caridade – o mesmo nome do tumbeiro que foi libertado pela marinha inglesa, em 1833. O que tanto incomodava nos seus vizinhos era que a fazenda funcionava como uma colônia de parceria e todos que lá trabalhavam eram alforriados ou livres. “Não se pisa na Caridade escravo”, costumava-se dizer.

Da mesma forma que não era bem vindo na maioria das fazendas do Vale do Paraíba, tampouco se constrangia.

Ao saltar do seu cavalo negro, o garboso senhor de 31 anos retirou as luvas, os óculos escuros e abaixou o chapéu. Entregou-os ao escravo da chapelaria e foi cumprimentar os anfitriões na sala de estar.

Ao Sr. Feitosa deu um aceno de cabeça e tomou a mão de sua esposa:

-Minha cara senhora, não poderia estar mais bela. Faz inveja aos lírios do seu jardim.

-Ah, Sr. Montenegro, quanta gentileza a sua em ter aceito o nosso convite! Tenho certeza que o Sr. Canto e Melo ficará exultante em ter o amigo conosco em momento tão especial.

-Agradeço, minha senhora. Não poderia faltar ao almoço em homenagem a um grande amigo meu.

Após a cortês recepção, passou para a mão de Caetana, estendida a ele. Deu-lhe um beijo vago e rumou para o amigo, que tinha os olhos azuis grudados nele desde que pisara na Guaíba.

-Como vamos?

-Cheio de planos... – Montenegro observava os arredores, com ar de casualidade quando, na verdade, era para ver se alguém poderia ouvi-los – E quanto a você? Veio resolver uma questão e terminou noivo! Desistiu do plano? Não acho que Antonio Bento ficará satisfeito em saber disso. Muito menos, por um par de longas pestanas... Quero que me diga, por que resolveu se casar?

-Ah, não darei sermão ao padre.

-Posso ser tudo, menos padre. – soltou um riso sarcástico, mordido por uma sensualidade que chamava a atenção de algumas mocinhas que pairavam por ali, atraídas pela sua beleza misteriosa.

Não era difícil enxergá-lo. Montenegro era um homem alto para os padrões.

Tinha 1,85m que se espraíavam pelo corpo bem feito de quem nadava todos os dias, tendo sido acostumado pelo seu tutor inglês – que também lhe ensinara a esgrima e o arco-e-flecha. Era muito bom cavaleiro e atirador. Havia participado de muitas caçadas na temporada em que havia morado na Inglaterra. Havia ido estudar em Oxford, sob a influência do Barão de Mauá, e lá adquirira não somente conhecimento e cultura como uma nova perspectiva de vida.

Era um homem de visão, diziam os amigos, e dono de um lindo par de olhos prateados, quase transparentes, ressaltavam as senhoritas. Os cabelos negros, anelados na altura dos lóbulos das orelhas, não criavam contraste com as roupas escuras que vestia. Na maioria das vezes, estava todo de preto, inclusive a camisa, o que lhe gerara a alcunha de o Barão Negro. Porém, o seu maior atributo, além da elegância no agir e na inquestionável beleza, era a sua voz séria e profunda, que arrepiava as mulheres com quem conversava ao pé do ouvido.

Era inevitável, Eduardo Montenegro atraía tantas mocinhas quanto repelia as suas mães. A causa? Era o cofundador do Clube dos Devassos.

Pouco se sabia a respeito do misterioso clube masculino, em que só poderia fazer parte quem fosse convidado. Primeiro era preciso ter alguém conhecido dentro do clube que seria o seu “guardião”. Este deveria levantar uma ficha e convencer ao Conselho porque aquela pessoa era indispensável para o clube. Se a maioria do Conselho aprovasse, a pessoa recebia um cartão dourado em que o convidavam para uma das festas anuais do clube. A partir de então, era “batizado” e recebia uma chave dourada que lhe abriria as portas da secreta sede do clube. Toda essa engenhosa trama era para manter a exclusividade e impedir que descobrissem o que eles faziam ou discutiam em suas sigilosas reuniões.

Ainda que ocultassem o que lá acontecia, o nome tudo indicava: devassidão. Por isso, muitas mães cautelosas puxavam as filhas quando as viam com ele, enquanto os pais faziam questão de papear e, quem sabe, receber um dos desejados convites dourados.

Montenegro havia conhecido Canto e Melo numa reunião dos Caifazes, em São Paulo. Amigos desde então, o nobre noivo estava hospedado na fazenda do reconhecido devasso quando foi apresentado à Caetana, imediatamente apaixonando-se por ela. Do noivado ao casamento, seria tão rápido quanto aquela paixão arrebatadora, o que Montenegro questionava:

-Não está se casando por que se engraçou com ela?!

O virtuoso Canto e Melo erguia as sobrancelhas, contrariado:

-D. Caetana é moça séria, de boa família, do tipo que você não gosta e nem está acostumado.

-Não me diga que ela nunca o deixou beijá-la?! – pela expressão pálida do outro, Montenegro reparou que havia acertado – Hah! Ao menos, pegou na mão

dela? Ah, pobre infeliz! Não sabe onde se mete!

-Você nunca se apaixonou, por isso é incapaz de entender.

O amigo fez uma careta cínica:

-Quem disse que nunca me apaixonei? O problema é que me apaixono e desapaixono com a mesma facilidade. – mordeu um sorrisinho sarcástico.

Os olhos acinzentados de Montenegro iam correndo as senhoritas que por eles passavam, não parando em uma. Contava, analisava, somava e subtraía atributos que iam multiplicando as suas perspectivas de conquista e dividindo as opiniões do amigo.

Sem notar, Montenegro parou de respirar ao ver uma que se sobressaía na multidão, não só pela beleza mas pela maneira atrevida com que ria e falava com outros senhores.

-Conhece aquela? – perguntou a Canto e Melo.

O noivo procurou o objeto de sua admiração.

A moça era bem longe do tipo de mulher que Montenegro gostava. Ele preferia as mais experientes, que exigiam menos e davam mais – ainda mais se fossem infelizes mulheres casadas ou tristes viúvas. Os atributos físicos, no entanto, eram do seu gosto: corpo bem esculpido, ressaltado dentro do vestido verde espalhafatoso e acintosamente decotado.

-D. Amaia de Carvalho, se não me engano. – sussurrou para que a noiva não os escutasse – Amiga de Caetana.

Atirado sobre a imagem de moça que ia entregando a sua mão de cavalheiro em cavalheiro, cumprimentando a todos com um sorriso simpático, repuxado na malícia, Montenegro via nela algo de coquete. Atentou que não usava o tal ramalhete – que Canto e Melo havia lhe explicado a serventia –, o que a tornava ainda mais interessante.

Pediu licença ao amigo, que recepcionava alguns convidados. Foi para perto da onde a moça seguia com o seu séquito de admiradores. Não se pondo muito distante, escutava-a elogiar cada um que lhe vinha falar. Porém, os seus olhos esverdeados brilhavam com alguma segunda intenção por detrás, o que ele era capaz de farejar a quilômetros de distância. Segurando o riso, Montenegro ficou observando-a enredar os rapazes, pronta a dar o bote em algum coração desavisado.

-Esplendoroso! – ironizava ela – Se eu soubesse que teria tantos amigos queridos presentes, não teria vindo com estes trapos. – Amaia apontou a sua roupa, acrescentando uma ousadia na sua fala, o que deixou alguns senhores corados.

-É a mais bela de todas, D. Amaia! – aventurou-se um, quase a lhe derreter aos pés de tão meloso que estava.

-Ah, Sr. Tomás, o senhor que é muito gentil. Quer se aproveitar do coração desta moça simples aqui para depois jogá-lo fora? Quão instáveis e cruéis são os homens!

O rapazote de vinte anos, sem qualquer atrativo físico, tomou-lhe a mão em cumprimento:

-Eu... eu nunca seria... capaz, D. Amaia. – tremendo, levou os dedos aos lábios para beijá-los.

-Não adianta. – ela retirou a sua mão antes – Nenhum homem me convence. São todos vocês muito volúveis. – queixou-se, fazendo bico – Uma hora dizem que nos amam e, no momento seguinte, olham para as outras moças. Pois só acredito vendo. – e abriu um sorrisinho malicioso, que fazia seus olhos brilharem ainda mais.

O Sr. Tomás não se mexeu. Venerava-a enquanto da boca as palavras saíam incertas:

-A senhorita verá... prometo... eu...a ...am...

Notando o que ele iria dizer, Amaia pediu licença, puxando a saia do vestido. Meteu-se por uma das portas da sala, em que afluíam os convidados e as bandejas repletas de bebidas. Teria trombado numa se o escravo que a levava não tivesse a segurado com firmeza. Pediu desculpas e continuou a sua meta em se livrar do rapaz e da sua declaração de amor.

Montenegro soltou um riso. Ela era do tipo de moça que adorava provocar e, quando conseguia o que queria, fugia. Pobre infeliz que por ela se apaixonasse!

Estreitou os olhos acinzentados sobre a cauda verde do vestido que sumia no limiar do portal. Talvez os dias de tédio naquela região tivessem terminado...

Capítulo 3

Enquanto a boca cosia e descosia sorrisos, os olhos verdes de Amaia iam e voltavam pelas vestes das suas concorrentes. De fato, nenhuma era tão ousada quanto a sua. Por um segundo, envergonhou-se da sua própria roupa. Deveria ter pensado em algo menos chamativo. Os senhores a cumprimentavam com o olhar pregado em seu busto. Deveria ter trazido um xale ou alguma coisa para se cobrir, ao menos, quando se sentasse à mesa do almoço. Bá lhe havia avisado, mas julgou ser exagero da velha mucama – ela sempre exagerava em tudo e Amaia sempre a ignorava.

Avistou Cora, num vestido rosa que era fechado da garganta ao pé e ainda de mangas compridas. Havia um laço ou outro e uma fina renda inglesa na gola e nas mangas. Nada espalhafatoso, na medida da sua beleza de moça de fazenda. Igual aos amores de Cora. Não dava atenção a nenhum dos senhores que vinha lhe cumprimentar. Soltava um “olá” e retornava a uma conversa constante com a mãe ou alguma senhora mais velha.

Cora não era comprometida, contudo, era como se fosse. O nome dele? Singeon. Pelo que Amaia se recordava, a irmã caçula era apaixonada por ele desde criança. Se para causar inveja, ou não, era dele que Cora alegava ter recebido o primeiro beijo, aos 10 anos de idade. Filho da sua preceptora inglesa com um pastor anglicano, Singeon crescera com as meninas. Dividiam as aulas e também as atenções de Cora, que preferia brincar com ele a Amaia. Da última vez que o havia visto, Singeon era um tímido rapazote de 15 anos, cujos cabelos loiro palha caíam pelo rosto cheio de espinhas. De braços e pernas finos e compridos, andava desengonçado, o que gerara o amável apelido de Sr.Espantalho.

Desde que havia se mudado para estudar Medicina na Corte, Singeon correspondia-se todo mês com Cora. E era nas horas de tédio que Amaia roubava as cartas para lê-las, e se distraía um pouco com aquela “novela” que se arrastava havia anos.

Se havia alguma profanação, era na maneira que Singeon escrevia poesias de amor, o que considerava engraçado, apesar de enfadonho. Deveria ser o Amor labaredas que queimam o íntimo, desejo que corrói as noites, algo como a fogueira de São João que acendiam no terreiro todo 24 de junho. O amor de Singeon por Cora era adjetivado, formal, igual a qualquer outro. Cora poderia se dar por satisfeita, mas Amaia, se fosse ela, queria mais para si. Queria perder a noção de tempo e espaço num beijo, esquecer de si mesma e dos seus desejos por roupas novas e jóias. Era o amor a janela para enxergar o mundo de outra

maneira, para querer sair de si e fundir-se no outro. Era parte de um desejo que se espalhava do corpo para a alma.

Ao ver que estava muito concentrada em observar a irmã, D. Otávia chamou a filha para sentar-se com elas num lugar vago no sofá. Amaia não teve como recusar.

No vai-e-vem do leque, a senhora, vestida de negro, reclamava do atraso do almoço e o quanto incômodo era isso para quem havia chegado mais cedo. Era verdade, Amaia havia avistado mais de uma pessoa correndo para as poucas bandejas que saíam da cozinha com alguns quitutes para amansar a fome da espera. Depois, perdeu-se nas próprias observações do noivo de Caetana. Sua pose de homem educado, expressão amigável e tom de voz agradável faziam dele um belo exemplar para as mocinhas casadoiras. Canto e Melo não era bonito, mas tinha algum atrativo que ela não saberia categorizar. E nem queria.

-O que enxerga no Sr. Canto e Melo? – perguntou a mãe, temendo que a filha estivesse interessada no rapaz.

Não confessava a si mesma, somente ao padre, que Amaia tivesse por demais o sangue impulsivo dos Carvalho e que isso pudesse levá-la a ultrapassar os limites da moral e dos bons costumes.

-Caetana me disse que o conheceu no último sarau dos Alencar. Eu não me lembro quem era ele... Você sabe alguma coisa, Cora?

-O que interessa a vida de Caetana ou do seu pretendente? – vociferou a caçula, no seu perpétuo mau-humor – Você está mais preocupada com a vida alheia do que com a sua própria.

-Pois não tenho com que me preocupar... – cantou Amaia – ...sei que a hora em que quiser me casar, me casarei e não faltarão pares para mim. Poderei escolher a dedo, já um pouco diferente de outras moças que se prendem a uma paixão antiga e procuram mantê-la com unhas e dentes só para não se tornarem velhas solteironas.

A implicância das duas irmãs não tinha fim. Nem Cora, nem Amaia conseguiam explicar o porquê de não se darem bem. Era fisiológico, desde que Cora nascesse. A recém-nascida não suportava a presença da irmã – três anos mais velha. Quando Amaia entrava num cômodo, Cora abria um berreiro que só parava quando a outra ia embora. Com o tempo, a situação piorava. Eram disputas constantes por brinquedos e pela atenção dos pais. Na adolescência, quando as brigas se tornaram pelos vestidos e pares nos bailes, Bá acreditou ter achado uma explicação: os santos não batiam. Porém, teve de guardar isso para si, pois D. Otávia podia ver como uma heresia e mandá-la se ajoelhar no milho por horas.

-Tenho a minha mente tranquila e o coração sereno. – revidou Cora – Eu me

casarei e será por amor e não por desespero e, muito menos, por interesse, como certas moças.

Amaia soltou um sorrisinho faceiro:

-Verdade. Eu me casarei por interesse. Meu marido deverá ser um homem interessante: inteligente, bonito e rico.

-E ruim! – dessa vez foi a mãe quem se meteu na discussão – Uma mulher que pensa mais em dinheiro e beleza e se esquece da condição de bom cristão não vai se casar com alguém decente.

O sorriso de Amaia se desfez. Evitou olhar para Cora, que certamente estaria contente com a direta que D.Otávia havia dado. Não compreendia por que a sua mãe só apoiava a caçula e a criticava pelo que fosse. Sua infância havia sido repleta de castigos corporais, aplicados pela severidade da mãe, enquanto Cora nunca sofrera sequer um “não”. Guardando para si o seu descontentamento, Amaia forçou um novo sorriso e retornou ao assunto do casamento da melhor amiga como se nada tivesse acontecido.

O tema parecia não morrer, nem mesmo quando um escravo veio com um gongo anunciar que o almoço estava servido. Tal qual todos os escravizados que serviam naquela festa, ele usava luvas brancas e roupas impecáveis – um traje completo que, se não fosse pelos pés nus, poderia se passar por livre. Porém, havia uma coisa que roupa nenhuma escondia: o longo olhar de melancolia. Bá chamava de banzo, o que Amaia traduzia como infelicidade.

O Sr. Gracílio saiu de uma conversa com o Sr. Feitosa e veio dar o braço à esposa. Sua expressão estava tensa, deixando-o mais calado e retraído do que o normal. As filhas foram atrás, conversando sobre a festa de casamento que Caetana e sua mãe planejavam.

-Caetana disse que celebrará a festa na própria fazenda. – contava Cora.

-Temerário... – balbuciou o pai.

-E por que seria, papai? Guaíba é tão linda! – estranhou Amaia, completando em sua mente: *E tão cheia de almas escravizadas que deveriam ser libertadas.*

-Com tantas confusões ocorrendo com os abolicionistas, fazer uma festa grande é como chamar um enxame de abelhas com mel!

Amaia ergueu os olhos verdes para as costas dele:

-Que confusões com abolicionistas?

O Sr. Carvalho e a esposa trocaram um longo olhar. Havia prometido que não fariam nada a respeito para Amaia, temendo que ela corresse atrás de algum abolicionista e se metesse em confusões maiores do que as que já haviam enlameado o nome da família no passado.

-Ah, bobagem de seu pai. Teme por demais que possam ocorrer confusões

com abolicionistas. Ainda bem que estão todos na Corte. – remendou a mãe, jurando a si mesma que rezaria três Pai-nossos e três Ave-Marias e jejuaria por um dia em punição pela sua mentira.

Os pais poderiam considerar que Amaia era muitas coisas, menos burra. Aguardaria o momento propício para investigar o que estava acontecendo com os abolicionistas, afinal, uma coisa que ela sabia fazer era esperar. Ou não.

*

A sala de jantar da Guaíba, como todos os cômodos, era um espetáculo. Dos imensos painéis de Villaronga, que tomavam todas as paredes, aos três candelabros de cristal pingado sobre a mesa de tábua de corte único para 52 pessoas. Por haver mais convidados do que espaço à mesa, os Feitosa aproveitaram o imenso espaço da sala e colocaram outras mesas menores em volta, ricamente decoradas com toalhas de brocado brancas, prataria e, ao centro, pequenas esculturas de gelo entremeadas de flores e bombons para a sobremesa. Para não haver o incômodo de se levantar, ou de demorarem a servir item por item à moda inglesa, os escravos traziam os pratos prontos da cozinha à moda francesa. Uma entrada, dois pratos quentes com acompanhamento e duas sobremesas, geridos com vinho tinto, branco, água e champagne. Tudo da melhor qualidade e vindos da própria Guaíba.

Interrompendo o início do serviço, o anfitrião levantou-se da cabeceira com um copo na mão. Feitosa fez questão de ressaltar que ali tinham o melhor da sua fazenda para o melhor de sua vida: os familiares e amigos. Seguiram os brindes dos convidados. Cada um agradecendo as gentilezas do anfitrião, a beleza da noiva e a astúcia do noivo em se casar com tão preciosa dama.

Os mais importantes, tanto em nome quanto em sentimentos, estavam na mesa principal. Entre eles, os Carvalho, mais próximos de Caetana e do noivo – sentados no meio da mesa. Gracílio fez questão de brindar aos noivos e fez um gracejo que levou todos às risadas. Era dele que a sua filha Amaia havia puxado o simpático charme que conquistava tanto os interlocutores.

D. Otávia, mais comedida, ficou passando um ou outro sorriso, mas não dividiu uma palavra com ninguém. O jeito simples e a falta de traquejo social não era por condições de berço. Ela vinha de uma família tradicional de Vassouras, do mesmo ramo dos bilionários Teixeira Leite – era prima de D. Eufrásia, porém só estivera uma vez na Fazenda da Hera. A mente da senhora, no entanto, era de uma madre superiora. Se não tivesse sido obrigada a se casar com Gracílio de Carvalho, por certo, teria optado por um convento. Diversas foram as vezes que as meninas ouviam os seus preceitos: “A vontade é um pecado da alma. Fazer a própria vontade é dizer a Deus que não se confia Nele.” Enquanto Amaia segurava o riso, Cora escutava aquilo com devoção e tristeza.

Sua mãe nunca aceitaria o seu casamento com Singeon por ele não ser católico. Já havia sido dificultoso o Sr. Carvalho convencer a esposa de ter as filhas tuteladas por uma governanta inglesa anglicana, pior seria um marido!

Cada brinde era um gole de bebida para dentro que Amaia se via forçada a fazer. E quanto mais se amontoavam os brindes antes de servirem a comida, um tanto pior.

*

Durante o almoço, Amaia conversava, bebia, petiscava alguma coisa do prato, e falava e dava mais um gole sedento no vinho de qualidade. Teve sua taça servida duas vezes, o que chamou a atenção da mãe e de mais algumas senhoras. Seu nome ganhou burburinho e percorreu a mesa até cair nos ouvidos de Montenegro, a dez cadeiras dela.

Retirando-se de um assunto sobre criação de cavalos com o Sr. Feitosa, o senhor largou um claríssimo olhar para o motivo de tanto escândalo. Não soube precisar se era inveja da maneira extrovertida com que ela agia, atraindo a todos como insetos no entorno da luz, ou se era hipocrisia sustentada por uma falsa moralidade. Em ambos os casos, Amaia era alvo de repreensão e sussurros de crítica. Tinha não só pena dela, como do pretendente daquela beldade. Tentou adivinhar quem seria o “sortudo”, ou se estaria presente. O que era impossível pela quantidade de senhores que chamavam a atenção dela e nenhum parecia se incomodar com tanta ovação. Guardou o mistério nos seus olhos cristalinos, incapaz de retirá-los dela.

Sem notar, era ele também uma mariposa atraída por aquela luminosa senhorita.

Ao fim do almoço, Montenegro fez questão de segui-la na tentativa de desvendar quem era e quem seria o seu pretendente entre tantos que a rodeavam.

Amaia passou por conhecidos, avistou algumas amigas e teve de se esconder atrás de um arranjo para fugir de dois rapazes de quem tinha ojeriza. Não gostava de Leonel por ser muito pedante e aborrecido, mais preocupado em elogiar a si próprio do que em entretê-la. O problema de Francisco era o bafo. Não havia maneira de trocar meia-dúzia de palavras com ele sem se enjoar. Fingindo cheirar as flores. Aguardou que ambos se perdessem para outra sala e ela pudesse se ver desimpedida.

Montenegro, captando a estratégia, soltou um riso. Continuaría perseguindo-a se Canto e Melo não o tivesse chamado para irem com os senhores para o gabinete de Feitosa, fumar charuto e conversar sobre política.

-Precisa ouvir isso. – o amigo insistiu ao ver sua pequena relutância, travestida num ousado vestido verde.

*

O esconderijo de Amaia não era dos mais agradáveis de se ficar. Além de apertado, as flores coçavam o seu nariz. Ficou à espreita, apenas aguardando Leonel e Francisco irem para poder sair. Mal se via livre deles, quando dois homens se aproximaram do arranjo. Ela se enfiou por entre as pétalas e ficou no aguardo, novamente.

Falavam alto o suficiente para que pudesse escutá-los com clareza:

-Pois não ouviu que atacaram uma fazenda aqui perto? – comentava o que tinha uma espessa barba negra.

-Quem? Os abolicionistas?

-Fugiram com todos os escravos. Me intriga saberem onde guardavam a chave da senzala e como seria a ronda daquela noite. Deve haver traidores aqui por perto. – ela se guardou ainda mais, enfiando uma flor na frente do rosto para não ser avistada – É preciso fazer um grupo para acabar com esses abolicionistas o quanto antes! A cada dia que passa, aumenta a quantidade de ataques. Agora que existe essa nova lei, é como se apenas estivessem estimulando a libertação. Esquecem que temos direitos. Precisamos falar com o Mesquita.

Aquilo era por demais para Amaia se manter quieta.

Bateu na flor à frente de seu rosto e saiu de trás do arranjo, assustando a dupla:

-Direitos? De que direitos os senhores falam, que seriam mais importantes do que o direito de liberdade do ser humano?

Seus olhos verdes brilhavam de raiva por debaixo das longas pestanas e as sobrancelhas estavam tensionadas igual à sua boca.

Os dois senhores se entreolharam. Nenhum deles conhecia aquela beldade, porém nenhum se deixaria enganar. O de barba soltou uma risadinha irônica que a deixou ainda mais enraivecida e o outro acrescentou:

-A senhorita não deve conhecer o Direito de Propriedade, que está na Constituição.

O rosto de Amaia se cobriu de vermelho. Trincando os dentes, afirmou que conhecia, e muito bem:

-Sei que não pode ser maior do que o Direito Moral! Antes a Moral do que a Propriedade.

Com a mão no estômago, ela se foi, bufando de raiva. Todo o seu corpo estremecia quando ouvia uma tolice daquelas. Não se pode ter propriedade sobre outro ser humano, nem no amor! Era preciso fazer algo... Uma bandeja passou resvalando. Pegou o primeiro copo de bebida, sem atentar ao que era. Num gole tomou o conteúdo e amargou a alma. Era vermute.

O escravizado, que servia a forte bebida, ficou parado, impressionado com a rapidez com que vertia o líquido. Amaia abriu um sorriso contrariado, colocou

o copo sobre a bandeja e pegou um segundo. Seu pai costumava beber para compreender a vida – comentava a mãe –, então ela tentaria ter alguma boa ideia sobre como libertar os escravos.

-Um brinde ao Direito de Propriedade! Seja lá o que for isso.

Deu um novo gole e teria colocado o copo sobre a bandeja, se o escravizado não a estivesse mexendo. Reclamou. Gentilmente, ele retirou o copo da sua mão e se afastou antes que ela caísse por cima dele.

Sabendo o quão zonha estava, Amaia procurou se apoiar nas paredes e mesas para não tombar. Para evitar que as pessoas notassem o seu estado, parava encostada em algo e abria um sorriso tímido de criança travessa. Por dentro, rezava para que ninguém viesse lhe falar, temendo ser incapaz de pronunciar uma frase inteira coerente e sem soluçar. Solução! Pôs a mão na frente da boca. Ainda bem que, após o almoço, os cavalheiros se retiraram para fumarem no escritório do anfitrião. E as senhoras e suas filhas, também entretidas nos seus próprios assuntos, juntavam-se na sala de música para apreciar o concerto de um grupo de jovens escravos, que haviam sido treinados para tocarem instrumentos para a família e seus convidados em grandes eventos – o que faziam com primor.

Como a sorte não dá, ela só empresta, Amaia cruzou com os pais no vestíbulo. Os dois, metidos em sussurros, vinham pelo corredor que levava ao gabinete do Sr. Feitosa. Conhecendo a mãe, ela deveria ter puxado o pai de lá para lhe pedir para irem embora. D. Otávia não suportava aquelas reuniões, que a obrigavam a arrumar assuntos entediantes que não fossem a Bíblia.

Segurando a saia do vestido, na qual havia tropeçado achando ser um tapete, Amaia enfiou-se debaixo do vão da escada, onde não a veriam. Havia transformado o pequeno espaço numa chapelaria, o que a ajudou a se camuflar por entre os casacos e chapéus dos convidados. Ao reparar que os pais pararam perto dela, mergulhou ainda mais, escondendo-se atrás de algumas mangas. E teve que arcar com o cheiro de suor das roupas. A moda européia não estava preparada para o sol escaldante dos trópicos.

Um soluço a fez por a cabeça para fora para respirar. Escutava o pai – entrecortado pela modulação de sua voz e pelos soluços que ela tentava segurar – explicar a situação à mãe:

-Não sei como faremos...(hicop!) ...pagar essa dívida a... (hicop!) Ele virá... (hicop!) Temo que poderemos perder a fazenda... (hicop!) ...nos nossos planos... (hicop!)

A mãe se fazia mais clara:

-E se vendermos alguns escravos?

(hicop!)

-Teria que dispor dos mais jovens e saudáveis... (hicop!) os únicos que

valem... (hicop!) dinheiro... (hicop!) prejudicaria a plantação que ficaria nos pés... (hicop!)

-Se você não ficasse concedendo favores, teríamos dinheiro para pagar nossas dívidas. (hicop!) Não precisaríamos ficar pedindo emprestado... (hicop!) cafeicultores da região... (hicop!)

-Preciso falar... (hicop!) (hicop!) Montenegro... (hicop!) não vai querer... (hicop!) comprar... (hicop!) dívida alta... (hicop!) (hicop!) vai cobrar. Ele é implacável... (hicop!) Faz muito mal... (hicop!) (hicop!) o tráfico... (hicop!)

Quem era esse tal de Montenegro? (hicop!) Nunca havia ouvido este nome antes e poderia se gabar de conhecer todos os senhores da região. (hicop!) Estaria esse tal de Montenegro cobrando o dinheiro de seus pais, ou seria um traficante de escravos? (hicop!) Não havia entendido. Ele era quem maltratava os escravos? Iria vender para ele os escravos? (hicop!) Não podia fazer isso! Maldito soluço! (hicop!)

O pai soltou um olhar de esguelha para a escada. Amaia tentou se enfiar o máximo que o seu vestido permitia. Teria caído para trás se sua anquinha e os casacos não tivessem servido feito uma rede a sustentá-la.

Com as mãos na frente da boca, tentava ocultar os soluços. Não poderia ser descoberta ali e naquele estado. (hicop!)

Pondo a mão nas costas da mãe, o Sr. Carvalho pediu que a senhora voltasse tranquila para a sala e que ele resolveria isso o quanto antes. D. Otávia soltou um muxoxo e imergiu no som do concerto que vinha do cômodo.

Prestes a voltar para o gabinete, Gracílio de Carvalho atirou um olhar proibitivo para debaixo da escada, mas não disse nada.

Capítulo 4

O gabinete do Sr. Feitosa era de um bom tamanho, porém pequeno se comparado ao resto da casa, onde tudo era agigantado. Próximo às janelas, havia uma escrivaninha, grande o suficiente para se equilibrarem alguns livros e dois candeeiros – um em cada ponta. Não havia papel de parede, nem quadros. A sobriedade se fazia também na falta de tapetes e enfeites. Várias cadeiras de palhinha estavam distribuídas em círculo e, ao centro, uma alta mesa redonda se sobressaía. Repleta de livros, todos colocados de forma desordenada, tinha um castiçal, de cujas velas havia pingado cera em alguns volumes – indicando que há muito tempo ninguém os tirava de lá.

No gabinete, imerso numa nuvem de fumaça formada pelos charutos acesos, não havia cadeira sem dono, nem metro de chão sem pé. Estava repleto de senhores, todos eles embravecidos, urrando, gesticulando, comentando e criticando. Tudo ao mesmo tempo, sendo quase impossível distinguir quem dizia o quê e quem concordava ou discordava de quem. As vozes iam crescendo à medida que dois escravos iam servindo-os de vinho. Era: um gole, uma crítica; um gole, uma ameaça; um gole e mais vinho no meu copo!

Montenegro e Canto e Melo, apoiados nas sombras do escritório, atentavam ao que era discutido ali e a cada movimento. Montenegro pôs a mão na frente da boca e segurou a tosse. Não suportava o cheiro de charuto. Queria ir-se dali, mas Canto e Mello lhe sussurrava ao ouvido:

-Fique um pouco mais. Sei que valerá à pena.

Os senhores discutiam o Gabinete de Rio Branco, questionavam a política do Partido Conservador, criticavam “a mixaria” que o governo pagaria caso libertassem os escravos menores de idade, reclamavam da proibição do tráfico negreiro – assunto velho, mas sempre em uso –, xingavam a permissão dos escravos herdarem ou poderem guardar dinheiro, e reprovavam o fato de não poderem mais separar famílias.

-Daqui a pouco, o governo querará que paguemos o escravo, o deitemos em cama de mola e o cubramos com lençol de linho. – vociferou um homem, cutucando Montenegro – E ainda querarão de nós um beijo de boa noite!

A expressão de Montenegro passara do casual ao severo. Todo o seu rosto se transformara em descontentamento. O maxilar estava trincado, a sobrelha abaixara, os olhos fixos ganharam um aspecto sombriamente gélido e o punho se cerrara. Prendia o ar.

Canto e Melo arrependeu-se de tê-lo chamado. Queria que soubesse o que faziam com os escravos e onde estavam e não que acabasse socando alguém.

-Vai estragar tudo... – murmurou em seu ouvido.

Montenegro soltou o ar. O punho se abriu. As sobrancelhas e o maxilar relaxaram. Porém o olhar frio, este ele não conseguia mudar. Continuava fixo no homem, feito fera a observar a sua presa.

-Sr. Montenegro! – gritaram do outro lado da sala. Era um homem mediano, de cabelos e olhos castanhos e um nariz que se fazia tão proeminente quanto o seu queixo pontiagudo – Explique-nos, o que é que o senhor faz na sua fazenda? Não conseguimos entender como pode ser lucrativo não ter escravos?! – o Sr. Astolfo pôs os dedos nos bolsos do colete, fazendo pose de corajoso.

As vozes diminuíram e algumas conversas paralelas se esgotaram. Muitos queriam saber o que exatamente acontecia na fazenda Caridade e porque ele não tinha escravos. Seria um abolicionista infiltrado entre eles?

O convidado abaixou os olhos metálicos e mastigou um leve sorriso pretensioso:

-Faço o que a maior parte das fazendas paulistas começaram a fazer: colônias de parceria. Eu permito que cultivem nas minhas terras e me repassem parte do seu plantio.

-Não seria mais barato ter escravos do que pagar colonos?

A pose de Montenegro foi se firmando, assim como a sua convicção:

-Quanto custa um escravo desde o fim do tráfico? E quanto a alimentar, vestir, remédios? Com a nova lei, o governo obriga a cuidar deles, com a punição de perdê-los se não o fizermos. E se o escravo morre, é uma perda financeira. Se um colono morre, a terra fica disponível para que outra família se assente e trabalhe nela para mim.

-Os paulistas! Eles e seus colonos italianos! – resmungou o Sr. Tomás.

Montenegro estreitou os olhos sobre ele. Não gostava dele e nem do fato de ter tentado se declarar para a bela senhorita de vestido verde.

Canto e Mello, que era paulista, diminuiu em si. Seu sogro tentou defender a mão-de-obra imigrante e, em poucos segundos, todos discutiam entre si, dedos ristes, apoios e críticas, ninguém mais se entendia, senão quando o vinho passava e elas paravam de falar para beber e, com mais álcool na cabeça dos que na boca, continuavam a discussão.

O Sr. Gracílio, que estava metido nos próprios botões desde que retornava ao gabinete, escutou aquilo com algum assombro. Pediu licença a Canto e Mello para falar com Montenegro. O pai de Amaia nem esperou que o noivo respondesse e iniciou o seu questionário, mais agoniado do que realmente interessado nas respostas:

-Gostaria de saber um pouco mais sobre essas tais colônias, Sr. Montenegro. Há lucro? Como trarei os colonos da Itália? Quem vai custear essas

passagens? E onde eles vivem? Teria que construir casa para eles, não? Quanto lucro dão?

Erguendo as sobrancelhas, Montenegro soltou um sorriso:

-A minha colônia não é com imigrantes italianos, Sr. Carvalho.

-Não? Com quem é?

-Forros.

-Escravos?! – o senhor quase caiu para trás.

-Não, homens livres que podem ir e voltar a hora que bem entenderem.

-Como é possível?! – assombrado, o fazendeiro tentava concatenar as ideias – É possível?

O espanto do Sr. Carvalho deixava Montenegro ainda mais bem-disposto a explicar o que era exatamente que acontecia na sua fazenda. Na maioria das vezes, quando começava a falar, era imediatamente criticado ou acusado de ser “um traidor da pátria, que acabaria com a economia do Império”. Um interessado que fosse era o suficiente para mostrar que poderiam mudar a mentalidade daqueles senhores de terra.

-Sr. Montenegro, – continuou o Sr. Carvalho –...o senhor aceitaria jantar na Santa Bárbara? Ficaria muito contente se pudéssemos conversar um pouco mais sobre o assunto, com mais... – transpassou um olhar para os lados, havia muitos ouvidos por ali –... liberdade. Estou curioso, profundamente curioso em saber sobre isso e sobre os Devassos.

O sorriso de Montenegro decresceu:

-Será um prazer. – assentiu.

Tudo envolvia um interesse no clube e nas suas histórias de devassidão.

Ao ter certeza de que o Sr. Carvalho se afastara o suficiente para não os ouvir, Canto e Mello inclinou-se sobre o amigo:

-Dizem que a filha dele é a mais bela do distrito.

Os olhos frios de Montenegro miravam outra coisa que Canto e Mello, ainda que estivessem nele:

-Não sei se é a mais bela, mas meus interesses estão em outro lugar agora. – e desviou-os para o bolso do colete do Sr. Feitosa, de onde poderia ver a ponta de uma imensa chave de ferro se destacando.

Bateram à porta do gabinete e um escravo a abriu. Por estar perto, Montenegro concluiu que deveria ser um dos capatazes, pelas roupas de trabalho – algo bem distinto das casacas negras e dos coletes de seda. O homem disse algo no ouvido do escravo que o atendeu e este foi até o do Sr. Feitosa. Num espasmo, o anfitrião pôs a mão sobre a chave e pediu licença aos seus convidados. Saiu da sala num passo apressado e Montenegro viu ali a sua chance de averiguar se aquela era mesmo a chave mestra da senzala.

Trocou um olhar mudo com Canto e Melo e foi atrás. Na sua frente postou-se um senhor de barba bem feita e pose de quem se via acima dos outros convidados. O Sr. Luiz Mesquita tinha um sorriso ardiloso e um olhar confrontador, o que deixou Montenegro em estado de alerta. Uma fera reconhecia outra facilmente. Como estava entre ele e a porta, Montenegro se viu obrigado a escutá-lo, evitando levantar suspeitas acerca da sua pressa em não perder o anfitrião de vista.

Reclinando-se sobre Montenegro, Mesquita comentou baixinho:

-Soube que é do Clube dos Devassos.

Voltando um olhar frio, Montenegro o repreendeu:

-Não acho apropriado falarmos disso aqui...

Era mais um que vinha atrás dele para fazer parte do sigiloso clube masculino. O nome Devassos atraía mais do que repelia, como ele havia suposto. Mas o seu “cofundador”, o Marquês, havia insistido no nome – garantia que iria afastar os intrometidos e causar medo nos enxeridos. O Sr. Mesquita provava que, mais uma vez, Montenegro estava certo nas suas percepções, o que lhe inflava ainda mais o orgulho.

-Gostaria de conhecer mais sobre o clube. – insistia.

Mastigando um sorriso de raiva, Montenegro teve que cortá-lo. Iria perder para onde o Sr. Feitosa ia:

-Em outro momento, talvez. – e forçou a passagem.

Teriam ficado ali a tarde toda se não fosse obrigado a usar da grosseria. Contudo, precisava alcançar o Sr. Feitosa e a chave. Ao atingir o corredor, Montenegro não o viu. Nem a ele, nem a mais ninguém. Havia entrado tão rápido que batera no ombro de alguém, sem perceber.

*

A cabeça de Amaia dançava para longe do corpo, cada um tentando ir numa direção. Um soluço a empurrou para o lado. Esbarrou num senhor que passava. Nem tinha se refeito sobre as próprias pernas e ele a pegou pelo braço para lhe dar sustento. Atencioso, aguardou ela se restabelecer:

-Perdão. Está tudo bem? Posso ajudá-la?

-Não, ninguém pode... (hicop!) É caso perdido... (hicop!) – Amaia balançava a cabeça, o que a deixava mais enjoada.

Ao sentir o cheiro do álcool que vinha da bem formada boca, Montenegro tentou evitar um riso. Teria de ser cavalheiro. Ergueu as sobrancelhas e procurou um tom compreensivo, por cima do de quem se divertia com aquela situação constrangedora:

-Nada nessa vida é caso perdido. – Havia um pouco de lástima em suas palavras, pois havia perdido a chave de vista – Para tudo sempre há alguma

solução, basta descobrir qual é. – a voz tinha também uma nota de preocupação, contudo, seus olhos quase transparentes estavam mais enigmáticos do que sinceros.

Um soluço! Amaia pôs a mão na frente da boca. Pediu desculpas, envergonhada não só pelo seu estado, mas por estar neste estado na frente de um estranho. E que estranho! Era tão alto que os seus olhos davam na altura da gravata preta dele – deveria ter 1,90 cm. Curiosamente, usava a camisa, o colete e a casaca na mesma cor escura. De que enterro ele voltava? Pela cara de consternação do belo senhor, deve ter dito isso em voz alta.

Pôs a mão na frente da boca. (hicop!) Ele mordida um riso, talvez por educação. Por muito menos, outros teriam se retirado como ofendidos ou se aproveitado dela. Amaia mirou-o com algum interesse. Aquele não parecia ser nenhum dos casos. Ainda assim, sentia-se incomodada com seus olhos perturbadoramente claros. Mal se enxergavam as íris de tão prateadas que eram.

Um nervoso espalhou da cabeça às pernas, lhe girando a cabeça. Tentou segurar o corpo, o enjoo e soltou a língua:

-Como o senhor pode saber se é ou não caso perdido? (hicop!) Nem sabe do que estou falando... Ou o senhor lê mentes? (hicop!) Eu não deveria estar falando com o senhor. O senhor não se apresentou, o que é muito rude da sua parte. (hicop!)

Amaia foi se distanciando – ou tentaria se distanciar, se as tábuas de madeira do chão não estivessem “bambas”. Discretamente, tateava uma parede, a fim de não cair. Um soluço! Ela desnivelou para o lado. Foi para cima de um escravo que vinha pelo corredor, carregando uma pesada bandeja de pratos sujos.

Foi tudo muito rápido, a ponto de Amaia não ver o que havia lhe acontecido.

Num piscar andava, no outro estava com o rosto muito próximo ao do belo senhor.

Seus olhos se encontraram no pequeno espaço entre seus corpos, redirecionados pelas respirações, um em sintonia com o outro. A mão dele envolvia a cintura dela. Apesar de sentir a pressão em seus dedos, ele não notava de tão imerso que estava pelo perfume dela. Amaia, com as mãos sobrepostas no peitoral firme dele, podia sentir o seu coração bater acelerado. Só não se sabia se pelo encontrão dos dois, ou se pelo gesto rápido a fim de evitar um desastre. Havia sido um reflexo. Se ele não a tivesse puxado pelo braço até seus corpos se encontrarem, ela teria dado com tudo no escravo carregado e este sofreria as consequências.

Após esquadrinhar todo o rosto da beldade, rosado pela bebida e pela situação constrangedora, o senhor deu um passo atrás, soltando-a. Não a deixaria

fugir de todo, por enquanto. Tomou o braço dela para que fossem para a sala, onde ela poderia se sentar até se sentir melhor.

À princípio, ela aceitou sem relutância. Ainda pisava incerta, mergulhada nos tempestuosos olhos, e tentava manter o fôlego. (hicop!) Ao compreender para onde iam e que não possuíam intimidade para darem os braços daquela maneira, Amaia tentou se afastar. Não conseguiu de tão entrelaçados que estavam um no outro.

-Não o conheço, solte-me, por favor. – resmungava feito uma criança que queria fugir do abraço de algum parente pegajoso.

(hicop!)

O alto senhor abriu um sorriso de quem se divertia com a situação. Nunca havia visto uma moça daquelas agir de maneira tão natural e despretensiosa e de uma forma tão charmosa. Ao reparar na expressão brava dela, tentou corrigir a sua. Sério, pegou a sua pequena mão com toda a pompa esperada por um cavalheiro. Estava quente e úmida. Elevou-a aos lábios sem, contudo, desgrudar os olhos dela.

Segurando um soluço, Amaia evitava aqueles olhos penetrantes que iam lhe subindo a espinha e arrepiando a nuca. Sorria e acenava com a cabeça para os conhecidos que passavam por eles com algum olhar interessado sobre os dois.

-Chamo-me Eduardo Montenegro, a seu dispor.

Ao ouvir o nome, Amaia travou. (hicop!) Voltou-se a ele com os olhos verdes arregalados ao máximo. Cruzou as sobrancelhas e puxou a sua mão dentre as dele. Nem esperou que a beijasse.

Sua expressão havia ido do asco à ojeriza em segundos:

-Montenegro? (hicop!) Então é você! Pois saiba que não gosto do senhor. (hicop!)

Montenegro demorou a reagir, não entendendo o que acontecia ali. Também não se fez ofendido. Tentou manter uma pose de preocupação em vez de zombar da atitude dela. Mas não conseguiu grande coisa. Achava graça vê-la querer escapar dele feito de um leproso enquanto segurava os soluços insistentes.

-Posso saber o porquê de a senhorita não gostar de mim?

-Não. (hicop!) Com licença.

-Cuidad...!

Num giro da saia, Amaia resvalou a cauda do vestido nas pernas de outro escravo. A bandeja que segurava, repleta de taças, oscilou, oscilou e, sob os olhos tesos de Montenegro e do rapaz – que teria levado, no mínimo, uma chicotada para cada taça quebrada – não caiu.

(hicop!) Aquele líquido tinto balançando dentro do cristal fez com que Amaia corresse atrás do penico mais próximo, antes que vomitasse nos pés de

Montenegro. Poderia tudo, menos passar por um outro vexame.

*

De costas, Amaia não pôde ver a gargalhada muda que Montenegro dera consigo próprio. Podia se dizer um “conhecedor de mulheres”, porém nunca havia visto uma assim: tão... tão... impulsiva? Talvez melhor seria a palavra “verdadeira”. A maioria das mulheres que conhecia – as de sociedade – eram afetadas, repletas de desdém e incapazes de construir uma opinião acerca do que quer que fosse, graças aos pais e maridos que as obrigavam a se manterem ignorantes. Procurava não só consolo, mas também um diálogo mais venturoso, no colo das cortesãs. Boas companheiras tanto na cama quanto na sala, tinham uma perspectiva de vida interessante e conheciam metade dos segredos da Corte – “segredos de travesseiro”, os melhores para um membro do Clube dos Devassos obter.

Pegou um dos copos recém-abastecidos da bandeja do escravo e ficou apreciando a imagem de Amaia desaparecer por uma das várias portas. Ficou parado ainda um tempo, apreciando a bebida e a lembrança dos seus olhos verdes faiscantes, que tão bem combinavam com os lábios recheados e a cútis levemente corada pela bebida. Ao fim da taça, notou que o Sr. Feitosa vinha em velocidade, atravessando o corredor. Desta vez, tinha a chave na mão e um olhar furioso. E estava desacompanhado. Passou por Montenegro sem o enxergar, nem quando este tentou elogiar a qualidade da bebida. Algo havia acontecido e isso era inquestionável pelo jeito afobado e pela expressão embravecida. Parte da manga de sua camisa estava suja de sangue, o que o fez imaginar o que deveria ser.

O anfitrião entrou por uma das portas e Montenegro resolveu aguardá-lo sair, fingindo beber o vinho e apreciar um dos quadros que enfeitavam o corredor. Não demorou muito e o Sr. Feitosa saiu. Recompôs a roupa, ajeitou os cabelos e reparou que a manga suja estava à vista. Enfiou-a para dentro da casaca e retomou a postura de nobre senhor de terras.

Montenegro virou-se e tentou enganchar uma conversa. O Sr. Feitosa não deu muito intento, com a mente perdida em assunto diverso. Cortando-o numa falta de educação que lhe era incomum, pediu desculpas, mas teria de resolver uma questão urgente.

Num “descuido” muito bem milimetrado, a bebida de Montenegro foi parar nas roupas do senhor. Puxando um lenço, Montenegro tentou secar a casaca e o colete molhados. Para ganhar tempo, engatava uma desculpa na outra, o que ia irritando ainda mais o anfitrião.

-Estou bem! – o Sr. Feitosa trincou os dentes e foi para o seu quarto no andar de cima, onde trocaria de roupa.

Montenegro guardou o lenço no bolso. Todo o seu rosto estava tenso. O Sr. Feitosa não estava mais com a chave, em nenhum dos bolsos. Deveria ter guardado em algum lugar por detrás daquelas portas. Eram todas iguais e só havia uma maneira de descobrir em qual ele havia entrado: experimentando uma por uma.

Deu um último gole no que restara do vinho e largou a taça sobre uma mesinha. Rumava para a sorte.

Capítulo 5

Amaia não poderia saber o que era pior: o enjoo ou a dor de cabeça. Nunca havia bebido tanto em sua vida! Oh, quer dizer, não tão rápido. Estava acostumada a duas taças de vinho nas refeições e não mais do que isso. Mundo estúpido que não parava de girar. Pressionava o seu cérebro de fora para dentro e de dentro para fora. Pelo menos, ficaria tranquila até melhorar. Havia se largado num sofá – e, por pouco, teria tirado as sapatilhas se não fosse tão complicado recolocá-las sozinha, por causa do espartilho. Aproveitava a escuridão calada da saleta de costura para se restabelecer.

Havia cruzado com Caetana, que procurava agulha e linha para ajudar a costurar a barra de um vestido que havia sido desfeita com um pisão. A amiga havia lhe dito ficar ali e descansar até passar o efeito da bebida. Como a sala de costura era perto da cozinha, havia uma ligação direta por uma porta interna, o que permitira à Caetana lhe trazer água e algumas frutas sem levantar suspeitas. Também combinaram que iria dizer à Cora e à D. Otávia, caso perguntassem por ela, que Amaia estava em seu quarto vendo algumas peças que havia comprado para o seu enxoval e também a *corbeille* – os presentes que a família do noivo oferecia à noiva – que a família Canto e Mello havia lhe enviado de presente. Tudo acordado entre elas, Caetana saía pela porta interna, para manter o sigilo da amiga, e Amaia descansava, quase a dormir.

Não que a sensação fosse totalmente má. Se não fosse pela dor e pelas náuseas, poderia jurar que estava num barquinho à deriva num plácido lago. O barquinho ia e voltava, suave, ao ritmo de uma brisa fresca, indo e voltando... O barco virou! Amaia quase caiu do sofá ao ser atingida por uma forte luz. Com a mão na frente dos olhos doloridos, reparou que haviam aberto a porta e alguém entrava com um castiçal na mão. Não conseguiu enxergar quem era, enfiando a cara no penico que Caetana havia deixado ao seu lado – para o caso de uma emergência. O vermute e o tinto se foram e a náusea os acompanhara com parte do almoço.

-Eu sempre soube que causava comichões nos estômagos das senhoritas, mas nunca de uma maneira tão contundente!

Ao levantar o rosto do penico, Amaia sabia quem era. Era impossível não identificar a voz profunda. A maior parte dos rapazes que conhecia tinham a voz fina ou rouca. A dele era estável, segura, sensual demais para que o bom-senso a deixasse pensar livremente sobre isso.

Pegou um lenço, que tinha enfiado na manga, e limpou a boca.

-Ah, o senhor está a me perseguir?

Sentou-se no sofá de coluna ereta. Com a ponta do salto da sapatilha, empurrou o penico para debaixo do móvel. Ajeitou a saia do vestido verde na frente e cruzou as mãos em cima das pernas.

Toda aquela pose de moça bem-comportada fez Montenegro querer rir. Como seria uma falta de respeito, ele mordeu o sorriso e assentiu:

-Garanto que não. Vim atrás de um lugar onde poderia fazer a minha sesta sem interrupções. O que parece impossível. Este é o quarto cômodo que encontro ocupado por alguém. Ou colocaram algo na comida, ou todos temos um fraco para bebida. – ao ver que ela espremia os olhos e tentava esconder o rosto da luz, ele pôs o candelabro sobre uma mesa mais distante.

Ao lado dela havia uma jarra d'água e um copo. Montenegro verteu o líquido e ofereceu-o a ela:

-É melhor se hidratar. Tome. – ao vê-la virando o rosto para o copo que estendia, ofendida com ele, Montenegro soltou um riso – Ah, vamos! Seja uma boa menina e tome. Prometo que não farei com que goste de mim. Apesar de ainda não me ter dito porque não gosta.

-Morrerá sem o saber. – ela cantarolou.

-Ao que tudo indica, não sei se serei o primeiro a morrer... – abriu um sorriso e o fechou logo que ela lhe transpassou um olhar vexado – Beba, vai ajudá-la a melhorar. Confie em quem bebeu por demais nesta vida.

Ainda tentando se manter sério com aquela situação – no mínimo constrangedora para ela e hilária para ele –, Montenegro acomodou-se no sofá. Amaia não esperava por tamanha proximidade, afastando-se um pouco dele. Ele continuava a segurar o copo em sua direção. A expressão era de simpatia, o que ela não poderia negar. Só aceitaria a água porque achou que seria mal-educado da sua parte se não o fizesse. Tomou-a da mão dele e deu alguns goles, mas fez questão de parecer contrariada. Não poderia aceitar facilmente a presença de um escravocrata que maltratava os seus escravos – quiçá, um traficante!

-Melhor? – ela balançou a cabeça na positiva e deu mais alguns goles – Muito bem. Viu? Não foi tão ruim... – havia um tom paternal que ia crescendo nela, provocando-a.

-Estou melhor. – disse entredentes, devolvendo o copo vazio a ele.

Se não tivesse bebido toda a água, teria virado o resto na cara dele, só para apagar aquele sorrisinho convencido.

-Fico feliz. – o sorriso dele cresceu, iluminando o seu belo rosto.

Ele era até bonito, àquela parca luz e sob o efeito da bebida. Os traços eram perfeitos e seus olhos claríssimos tinham uma expressão intensa quando a encaravam. Amaia percebeu que seus dedos eram acariciados ao entregar-lhe o copo. Estavam sem luvas, roçando uma pele na outra. Afastou a mão e ele se

recompôs.

Desacostumada a tanta delicadeza, imaginou que ele queria algo dela. Estavam apenas os dois naquela saleta distante da festa, às escuras e ninguém poderia os ouvir ou ver.

Seu estômago vazio embrulhou ao se lembrar de quatro ou cinco beijos que dera nos últimos anos. Eram situações iguais àquela: ela e um rapaz, tricotando entre eles um silêncio que ia atraindo os lábios de um no outro. E záz! Nada senão a pressão dos lábios quentes – alguns úmidos – e nenhuma coceira na boca do estômago, nenhuma palpitação anormal, nenhum estalo identificando que ali havia Amor. Foram quatro ou cinco beijos que, se dados numa parede, teriam causado o mesmo efeito.

Apostava que com ele seria igual.

Fazendo beijo, Amaia ergueu o queixo para frente, pondo-se muito insatisfeita com aqueles atos de intimidade para os quais ela não lhe dera a liberdade.

Lembrava a uma rainha contestada que não suportava ser conquistada. Ela tinha o perfil perfeito em medidas e formas. As luzes das velas pintavam a sua pele, deixando-a com a aparência mais suave e macia do que era. Os olhos verdes brilhavam dentro dos profusos cílios, tão doces quanto determinados. E a nobre boca era um botão que Montenegro gostaria de ver desabrochar.

Com a quina dos olhos, Amaia o notou quieto. Examinava-a por demais e em silêncio. Não se sentindo confortável, ela optou por quebrar aquele instante:

-À título de observação, continuo não gostando do senhor.

O sorriso de Montenegro desapareceu. A face totalmente austera a fez sentir calafrios percorrendo a sua espinha. Tinha diante de si uma fera que poderia atacá-la a qualquer instante.

Crescido em si, ele se inclinou sobre ela, sem lhe desprender os olhos prateados. Estaria hipnotizando-a? Foi se achegando cada vez mais e Amaia sentia-se mergulhar num mar quente, caudaloso, numa tempestade de verão. Balançava na inconstância das ondas. Um dos braços dele transpassou o seu corpo. O peitoral dele resvalou no seu decote, por onde se via que ela arfava. Os seus narizes quase se tocavam de tão perto que estavam. Podia sentir a respiração dele, os olhos namorando o rosto rente. Ela se afogava no perfume amadeirado dele, sem aquele cheiro intragável de suor dos homens do campo.

-O que... o que pensa que está... fazendo? – revirava os olhos debaixo das pálpebras semicerradas – Não fique perto assim... eu fico... zozza... eu... vou... desm... não...

Amaia jogou a cabeça para trás. Fechou os olhos e fez bico. Esperava o beijo.

...

O beijo que não veio.

Estranhando aquela demora, abriu os verdes olhos e pestanejou.

Montenegro a olhava, apenas, com as mãos no bolso. Já não estava mais reclinado sobre ela, tendo assumido uma distância decente.

Incapaz de entender o que havia acontecido – ou o que não havia acontecido –, ela se ofendeu.

-O senhor ri de mim! – levantou-se, furiosa.

Seu rosto estava corado de vergonha e humilhação. Quase se desequilibrou para o lado, mas retomou o seu centro gravitacional colocando as mãos na cintura.

Compreendendo a sua chateação, Montenegro se pôs de pé e foi ao alcance de suas mãos. Amaia deu um tapa de leve em seus dedos. Ele tentou explicar:

-Só repensei a minha atitude. Seria muita covardia da minha parte me aproveitar da senhorita neste estado.

Aquele ato de cavalheirismo a deixou ainda mais brava, o que o confundiu.

-Pois estou muito bem, obrigada! E posso fazer o que quiser. Se quiser beijá-lo, eu beijo. E se quiser estapeá-lo, eu estapeio.

Largando um olhar para o chão, Montenegro voltou a sorrir, contudo, sem qualquer sintoma de empatia. Tinha um ar de quem achava graça daquela fala de bêbado:

-Sei que pode fazer o que quiser, mesmo assim, eu não quero beijá-la nessas condições.

Fechando a cara, Amaia ergueu a mão para dar-lhe um tapa. Todo o seu corpo foi para frente, porém, se desequilibrou no próprio peso. Sua cintura foi enlaçada e teria ido ao chão se Montenegro não a tivesse amparado. Ela estava totalmente escorada por ele e seu fino pulso estava amarrado pelos dedos dele. Se ele a soltasse, cairia de cara no piso de madeira.

Seus corpos grudaram-se, a ponto de Amaia sentir o calor que exalava e o descompassado do coração em seu peito. Ela tentou se afastar, achando mais prudente e decoroso. Seus rostos estavam tão próximos e seus olhos tão fixos um no outro, que existia entre eles apenas a atmosfera de um beijo.

Porém, ela não cederia tão facilmente. Ele teria de lhe implorar por um beijo – e de joelhos!

Mastigando um sorriso, envolvida pelos pensamentos assertivos de que ele estava apaixonado por ela, Amaia desvencilhou-se dele. Aproveitava que havia ficado sem reação com aquela proximidade. Fingindo que havia sido insultada, falava mais alto:

-É mesmo um canalha! Eu sempre soube.

Aquelas palavras o despertaram. Deveria ser uma fada que o enfeitiçara, igual aos contos infantis ingleses. Tentando retornar ao seu controle, Montenegro soltou uma risada e a analisou de cima a baixo.

Amaia aguardava que ele fosse tentar algo, contudo, ele se retirou, fechando a porta atrás de si.

Como? Ele se foi? Sem dizer nada?

Ela vociferou, à beira de um vulcão prestes a explodir:

-Que homem irritante! Odeio ele! Canalha!

Se tivesse algo em suas mãos, atiraria na porta. Ou melhor, iria atrás dele e o xingaria de canalha na frente de todos.

Não, não poderia fazer isso, por mais que quisesse. O que os outros iriam pensar dela? Teria que aparentar ser uma moça razoável, cordata e calma – tudo o que ela não era.

-Canalha! – gritou mais uma vez.

E a porta se abriu num “Abre de Sésamo”.

Amaia paralisou. Seria ele que voltou? Talvez para um beijo? Teria ouvido o que ela acabara de dizer? Congelada no temor de ser ele a lhe cobrar beijo ou explicação, aguardou ver quem era. O coração estava na boca e as pernas tremeram. Queria vomitar, não por causa da bebida, mas pelo nervoso que seria reencontrar aqueles olhos que pareciam despi-la. A cada piscada, um pedaço de vestimenta se ia até ficar nua em pelo diante da expressão devoradora dele, que lhe arrancava os limites “da moral e dos bons costumes”.

Ao surgir o rosto de sua mãe e de Cora, Amaia voltou a respirar. Nunca pensara que seria tão bom encontrar a irmã no lugar de outra pessoa – a melhor definição não seria “bom encontrar” e, sim, “seguro encontrar”.

-Ah, Amaia, então está aí! – dizia a mãe, consternada, remexendo o leque que tinha nas mãos – Procurei você por toda parte, minha filha! Não a vi durante o concerto e achei que algo poderia ter lhe acontecido!

Cora, que não aparentava preocupação alguma, mordeu os lábios num sarcasmo:

-Eu disse, mamãe, que ela estaria se aventurando com algum rapaz.

“Cora, a cobra” não tinha esse apelido à toa. E nem fora incentivado por Amaia. Havia sido outras meninas que a chamavam dessa maneira por ser sempre aquela que dedurava as amigas, ou a que criticava tudo o que faziam. Ademais de um sorriso que lembrava o sibilar de uma serpente. Era bem possível que a caçula estivesse pendurada nos ouvidos da mãe, fazendo a sua cabeça contra ela.

No entanto, a mais velha também tinha das suas artimanhas.

-Por acaso você vê algum rapaz aqui, Cora? Ou será que está vendo

espíritos agora?

-À pouco vi um sair daqui.

-Um espírito?! Melhor chamar o padre para exorcizar você e esses seus pensamentos impuros.

Ao ver a expressão descrente da mãe, Cora espalmou as mãos em súplica:

-Mamãe, não a deixe enredar você. – gemeu – Finalmente vocês poderão ver quem Amaia é realmente e quanto desgosto ela traz à nossa família. Eu e metade da festa vimos como ela se porta com os rapazes. Fala com todos os senhores disponíveis e anda de braços dados com o Sr. Montenegro feito esposos! Caía por cima dele como uma... uma... – guardou para si a palavra “rameira”, pois poderia scandalizar a mãe o fato de conhecer o verbete – Todos conhecem a fama de devasso do Sr. Montenegro e todos falam mal de Amaia! E quando desapareceu da festa, então?! Não vai fugir de nos responder o que você fazia!

Amaia transpassou um olhar furioso para Cora: como ela sabia quem era o Sr. Montenegro?

A mãe, escutando Cora, insistiu com a outra filha:

-Verdade, Amaia, por que você não estava no concerto?

Não seria pecado meias-verdades. O problema eram as mentiras, não era?! Então, contar as coisas parcialmente não seria exatamente um pecado, quiçá um meio-pecado?!

Se Amaia fosse se preocupar com a sua alma, segundo a sua mãe, teria de passar o resto da vida rezando por perdão.

Controlando a vontade de dar uns beliscões em Cora, que insistia que havia visto um homem sair daquela sala, Amaia fez cara de inocente:

-Eu rasguei um lenço do enxoval de Caetana e vim atrás de agulha e linha para consertar.

Cora bateu o pé:

-Eu juro por Deus, mamãe, que vi um homem sair daqui! E cadê o seu ramo? Terá dado a alguém como lembrança?

Fingindo catá-lo na roupa, Amaia fez-se surpresa:

-Nossa, devo ter perdido...

D. Otávia não dera caso ao que Amaia havia respondido e, sim, ao que Cora havia dito, imediatamente repreendendo-a:

-Não diga o nome de Deus em vão, Cora.

Dando os ombros, Amaia soltou um tom irônico:

-Ademais, o que o Sr. Montenegro estaria fazendo aqui comigo, maninha? Ele é insuportável, convencido, arrogante e... e... não consigo nem achar palavras ruins para ele de tanto que não o suporto!

Queria poder falar que era por ele parecer ler a sua alma e tê-la visto bêbada, mas preferiu omitir esta parte.

Fazendo-se bem mais cobra do que diziam, Cora sibilou de alegria ao ver que a irmã corava ao falarem de Montenegro, como se estivesse acalorada. E continuou a destilar dos seus venenos:

-Não me parecia tão infeliz ao lado dele, pela maneira com que vocês conversavam. Se eu cometi esse erro, imagina o que os outros pensarão?!

-Você quer dizer o que o Singeon pensará. – murmurou Amaia.

Cora não era bonita e nem charmosa e, muito menos, simpática. As poucas amizades que conseguia manter, com sua pose austera e ditados moralistas, aos poucos iam se dispersando com casamentos. Restavam a ela as esperanças colocadas nas linhas das cartas de Singeon. O seu amor de infância era a sua única chance de não ter um futuro lúgubre como o seu presente naquela fazenda. Talvez fosse essa causa que a fazia facilmente se amargurar e se vingar com uma facilidade maior ainda.

-Dizem que ele é um devasso! – comentou D. Otávia, cuidando para não ser ouvida.

Havia uma empolgação de fofoca que soava incomum às filhas. Estavam mais acostumadas a uma mãe recatada e temente a Deus do que à senhora que fazia o sinal da cruz e abanava-se freneticamente para afastar os maus pensamentos que aquele belo rapaz suscitava.

Amaia arregalou os olhos e mordeu o riso. Ele parecia mais um padre com ela do que um devasso.

-Eu não disse que era ele quem eu havia visto... – murmurou Cora, pensativa. Ergueu um olhar sardônico para cima de Amaia. Ela havia escorregado no seu veneno. Era hora de dar o bote. Inclinou-se sobre a irmã, pronta a lhe questionar mais sobre o Sr. Montenegro. Porém, ao farejar o cheiro de álcool vindo da boca de Amaia, ela traçou novos planos para desmascará-la – Talvez eu possa ter me enganado... – um sorriso faceiro foi crescendo – Digamos, maninha, o que você estava fazendo exatamente aqui que precisava de copo d'água e penico?

A bela virou-se para trás. O penico estava à vista e o copo d'água também. Tornou-se para a mãe com cara de “não sei do que você está falando.”

-Vim apenas atrás de agulha e linha e isso já deveria estar aí. – bateu os ombros – O que sei?

D. Otávia, que tinha um péssimo olfato, não a contestou. Estava cansada daquela conversa, daquela festa, de ter de falar sobre amenidades, de ver tantos pecados juntos. Queria somente ir embora e usava como desculpa o pai, que queria voltar logo para casa para poder ficar de olho em Severo e nos escravos.

Nenhuma das duas moças a contradisse.

A senhora, na sua pose de grande dama, cruzava o corredor com as filhas no seu encalço. Amaia ia repensando o porquê de Montenegro não a ter beijado, quando vários rapazes adorariam estar em seu lugar. Em contradição, analisava o quanto não queria vê-lo e o quanto queria machucá-lo por a ter humilhado fingindo um beijo. Ninguém nunca a havia tratado daquela maneira, cheia de zombaria e descaso. Todos a adoravam! Talvez, quase todos. Cora já havia provado, em mais de uma ocasião, que a odiava.

-Você pode fazer mamãe de boba, mas a mim não faz. – sussurrou nos ouvidos de Amaia – Sei que bebei. Posso sentir o cheiro do álcool em suas roupas indecentes. E papai também o sentirá! Verá! E terá de dar explicações mais convincentes a ele do que a mim ou à mamãe.

O Sr. Gracílio era um homem de poucas palavras e muitas ações – a maioria delas, extremistas. Por maior que fosse o clichê, ele era de fato um homem como outro qualquer de seu berço e posição. Único herdeiro de uma família de cafeicultores, passou a vida sobre um cavalo, dando ordens aos escravos. Nunca conheceu outra coisa que isso, a não ser pelos livros que lia. Teve algum estudo, pois seu pai, o velho Carvalhão, achava bonito quem sabia ler e escrever. O avô de Amaia era ignorante nas matérias, contudo, era conhecido pela sua habilidade anormal para fazer negócios. Quem chegara a conhecê-lo – e muitos foram, pois morrera com mais de noventa anos – alegava que ele lia as intenções das pessoas e que poderia prever qualquer clima só de observar a fauna e a flora. Não havia homem mais inteligente no Vale que o velho Carvalhão e duvidavam que o seu filho Gracílio o tivesse puxado. Muito menos esperariam das netas. “Que desperdício de terras!”, cochichavam entre si, com o passar dos anos e a falta de um varão na família. Foram muitas as tentativas de Gracílio de encomendar um rapagão que levasse adiante o nome dos Carvalho.

Após três abortos espontâneos e um menino que morrera com cinco meses de idade, Gracílio deixara a esposa em paz e buscara o conforto nos abraços e beijos das suas meninas. Principalmente de Amaia, que parecia esculpida na mesma forja dos Carvalho – acreditava que Cora havia puxado o lado da mãe, os Teixeira Leite, tanto no físico quanto na arrogância.

Por mais que o pai admirasse a filha, ainda que divergências ideológicas os tivessem afastado nos últimos anos, ela não poderia suportar a decepção em seu rosto ao descobrir que havia bebido por demais e poderia provocar um escândalo.

Fechando a cara, Amaia pediu licença. Iria se despedir de Caetana antes de partirem.

Capítulo 6

A porta de ligação entre a saleta de leitura e a alcova estava semiaberta. Montenegro poderia fechá-la para evitar escutar a discussão que se fazia na sala contígua, onde dois senhores brigavam. Não gritavam e nem falavam em voz alta, o que dificultava entender tudo o que era dito. Aparentemente, um acusava o outro de traição e questionava para onde ele havia viajado e de que maneira estava pagando as suas dívidas. O outro, constrangido pelo interrogatório, tentava tangenciar as respostas, o que deixava o interlocutor mais agressivo.

Não poderia precisar de quem eram as vozes, pois não havia conversado com todos os senhores o suficiente para identificá-las, porém sabia não serem totalmente estranhas. Questionou se o melhor não era irromper na sala antes que algum deles revelasse algo ainda mais constrangedor do que dívidas. E estava prestes a fazê-lo quando escutou a seguinte e bem audível frase:

-Sei que você vendeu informações aos Devassos. E vai pagar por isso, de uma maneira ou de outra.

Montenegro parou. Alguém desconfiava do Clube dos Devassos.

Tentou espremer-se na fresta de uma maneira que não conseguissem percebê-lo. Precisava saber quem eram e informar ao Marquês que estavam sob vigilância.

Um dos perfis era o do Sr. Gracílio de Carvalho. Pálido feito cera de vela, ele estava no meio da sala, observando uma pessoa que saía por outra porta. Montenegro tentou se reposicionar. Apenas um vulto se foi aos seus olhos.

Era o pai de Amaia quem estava repassando informações ao Clube? Era ele quem o Marquês havia chamado de “nossa fonte confiável” em Vassouras? Amaia irrompeu à sua mente, tomando-o por completo em segundos. Não poderia pensar nela agora, tinha coisas mais urgentes a resolver. Não que Amaia não fosse interessante e absurdamente sedutora. De alguma forma que ele mesmo desacreditava, ela lhe havia remexido de tal maneira que não soube explicar como conseguiu não a beijar quando a viu aguardando um beijo seu. O rosto perfeito esculpido na entrega, a boca em forma de botão, certamente teria mergulhado naqueles lábios se as circunstâncias fossem outras.

Havia avistado a tal chave, que tanto procurava, dentro de uma cesta de costuras, sobre a mesa ao lado do sofá em que estavam sentados. Fora preciso fingir um beijo para poder alcançar a chave. Contudo, seu coração acelerara tanto ao se aproximar dela, ao ver a sua respiração subindo e descendo pelo decote, ao sentir o perfume adocicado de flor e os cabelos que lhe roçavam a pele do rosto, que achou que não conseguiria resistir e completar a tarefa, e

acabaria tomando-a em seus braços, ali mesmo.

Montenegro pegou as rédeas das ideias. Recostou a porta com precisão, sem que o Sr. Carvalho desse por si. Tirou do bolso interno da casaca a chave que havia conseguido pegar. Analisou e teve certeza de que não era a da senzala. Era pequena demais e tinha o cabo diferente da que havia visto. É claro que o Sr. Feitosa não teria escondido num lugar tão à vista. Deveria haver algum cofre, algum esconderijo mais bem localizado, ou deveria ficar com alguém de confiança. E ele tinha que descobrir isso o quanto antes.

*

O Sr. Gracílio ainda não havia se refeito completamente da briga que havia acabado de ter. Suas pernas tremiam e os olhos pulavam das órbitas, sobressaltado com qualquer movimento mais brusco ao seu redor, ou com qualquer voz que se fizesse um tom mais alta no meio do burburinho. Ao ver que a esposa e Cora o aguardavam no vestibulo de entrada, deu graças. Queria ir-se o quanto antes de lá. Precisava planejar uma maneira de tirar as suspeitas de sobre si, levantar álibis e preparar uma fuga para a sua família.

As duas já haviam vestido os chapéus, luvas e capas, prontas a se retirarem. Também não poderiam ficar mais um minuto ali, cada uma por um motivo diferente.

Faltava apenas uma.

Ao terminar de vestir as luvas e a cartola, o pai deu pela falta da filha mais velha:

-Onde está Amaia?

Cora, que não poderia perder uma oportunidade sequer de falar mal da irmã, mostrou-se bem confortável em criticá-la:

-Disse que foi se despedir de Caetana. Mas o senhor conhece Amaia, papai, sabe que ela deve estar conversando com alguém ou dançando nos braços de algum novo pretendente. Ela não tem o menor senso de propriedade, consideração e, muito menos, responsabilidade. Mas não se preocupe, eu mesma faço questão de ir buscá-la.

E abriu um sorriso maldoso que nenhum dos pais captou. D. Otávia estava preocupada demais contabilizando quantos Pai-nossos, Ave-marias, Cremos e Salve-rainhas deveria rezar para salvar a alma de Amaia àquela altura. O marido tinha os olhos cravados nos arredores e o coração pulsando na boca, quase a lhe tirar a vida num ataque cardíaco.

Mal perderam Cora de vista e o Sr. Gracílio soltou um muxoxo. Suava por todos os poros e o vislumbre de alguns rostos fechados, repletos de linhas de acusação, fez com que se tornasse urgente ir embora. Esticou o braço para a esposa:

-Ah, por Deus! Não podemos mais ficar aqui. Vamos!

-Aonde vamos? E as meninas?

-Deixe-as, Otávia. Elas poderão pensar em como chegar em casa.

Incapaz de contestar o marido, D. Otávia aceitou o braço e atravessou o umbral da Guaíba.

Suas sombras desapareceram contra a luz avermelhada do sol vespertino.

*

Não havia paz, ou não parecia haver paz. Amaia tentou se desvencilhar de Cora, mas ela vinha a seu encalce, vociferando num tom acima do murmúrio e abaixo do normal – pretendia não chamar a atenção de outros que não a irmã.

-Amaia! O que você pensa que está fazendo? O que vão achar que nós somos? Sabe o quanto pode nos prejudicar bebendo e se encontrando com senhores às escondidas?

Amaia suspirou e revirou os olhos. Incapaz de aguentar mais daquele mesmo, voltou-se para Cora, nervosa. Transbordava de impaciência, o que fazia toda a sua figura tensionar.

Sua reação repentina fez Cora dar um passo atrás e se auto proteger. Tinha certeza que lhe daria um tapa.

Por maior que fosse a sua vontade, Amaia ainda se considerava uma dama. Guardou para si as atribulações e a vontade de se agarrar aos cabelos de Cora e atirá-la ao chão. Porém, nada a impediria, de uma vez por todas, de mandar a irmã cuidar da própria vida. Ou quase nada. Quando viu, por detrás de Cora, que Caetana vinha pelo corredor na companhia das gêmeas, Amaia apertou os lábios.

Rosária e Belizária haviam escutado a briga das irmãs no corredor e começaram a espalhar para metade da festa. Teriam completado a função se Caetana não tivesse segurado as suas línguas com uma ameaça que seria bem pior para a reputação delas.

Com a mão na frente do corpo e o rosto repleto de preocupação, Caetana avisou que os pais delas haviam ido embora.

-Eles nos deixaram para trás? – Cora empalideceu e, ignorando as gêmeas, virou-se para a irmã – A culpa é sua, Amaia! Irritou a papai. O que será de nós? Como voltaremos para casa?

Puderam escutar os risinhos trocados entre as gêmeas, o que deixou Cora arrependida do que havia feito. Era o mesmo que mostrar um osso a um cachorro.

Enviando um olhar malvado – sim, malvado! – para as irmãs, Caetana as calou de imediato. E, provando ser a mais amável da família Feitosa, se propôs a falar com o pai e pedir que lhes preparassem um coche.

Vagueando pelas próprias ideias, Amaia nada comentou. Discretamente,

virou-se de costas para as moças e levou a palma da mão à frente da boca e assoprou. O bafo era ainda de álcool. Ficou aliviada ao saber que os pais haviam partido.

Quando Cora aceitou e agradeceu a gentileza da oferta, Amaia avisou que ainda era cedo para irem e que queria aproveitar um pouco mais da festa. E desapareceu ao constatar que ainda estava cheirando à bebida e que Rosária e Belizária poderiam perceber.

Uma nova risada das gêmeas fez Caetana perder a compostura e mandá-las calarem a boca, deixando ambas atônitas.

Capítulo 7

Eduardo Montenegro nunca se considerou um tolo. E nem poderia. Tinha idade e vivência o suficiente para se achar um homem experiente. Também podia se gabar pela maneira com que julgava as pessoas com precisão. Não havia laudo de caráter que fosse errado. Se não confiava em alguém, é porque a pessoa era traiçoeira. Se gostava de alguém, simplesmente havia motivo para tal. Desse jeito ia se construindo a sua vida numa monotonia de quem não se sentia mais surpreso com nada. Nem com o olhar desconfiado do Sr. Feitosa ao lhe pedir ajuda para comprar alguns escravos por debaixo dos panos do mercado, e nem ao encontrar Amaia vagando pelos jardins da Guaíba. Conhecia muitas moças que se refugiavam para calcular os seus problemas, contudo, não havia muito para onde a filha de um cafeicultor pudesse ir.

Pelo pouco que conseguira saber de Canto e Mello – por meio de Caetana Feitosa –, Amaia era uma moça cheia de vontades, muitas delas fora do convencional. Porém, nunca passava de certos limites, temendo que ficasse má afamada. Com a esperteza de uma pessoa mais experiente, ela poderia “divertir-se” dentro dos limites impostos pela “propriedade e honradez” que a sociedade exigia das senhoritas de sua posição. E ele estava determinado a ajudá-la neste quesito, principalmente após ter tido o prazer de conhecer uma outra Amaia, na sala de costuras.

Para facilitar ainda mais a questão, descobriu que estava desimpedida, apesar da falta de um buquê – e não soube o porquê de não estar com um, o que para ele era sinal de uma deliciosa audácia. Amaia não teria um partido o impedindo de se aproximar, por outro lado, a sua “diversão” teria um ponto final: as calçolas – e não o de costume: o que havia por debaixo do tecido.

Montenegro retirou o chapéu que havia colocado. Estava prestes a partir quando a avistara passeando sozinha pelas flores do jardim da frente da casa grande. Desmontara do cavalo e pedira que o cavalariaço aguardasse um instante. Precisava saber se ela estava melhor da bebedeira.

Ao tirar o chapéu, abaixou os óculos escuros e revelou o seu olhar claríssimo, acompanhado de um sorriso sardônico:

-Boas tardes, minha senhora. Que surpresa encontrá-la aqui! Espero que esteja melhor da sua... indisposição.

Ao escutar aquela voz cavernosa e ser apreendida pelo olhar intenso, um arrepio subiu a espinha de Amaia e reverberou pelas ramificações de seu corpo até alcançar a pele feito um toque de seda. Será que ainda estava sob o efeito a bebida? Afora a cabeça que latejava e o hálito ruim do qual não se desfazia – não

importa quantos copos d'água bebesse, ou quantos caju comesse – parecia completamente restabelecida.

Controlando a estranha sensação que fez as suas pernas falharem e o coração bater mais forte, Amaia retrucou num mau humor de quem havia tido seu segredo descoberto e dele havia sido feito joguete:

-Sim, estou ótima. Agradecida pela sua preocupação. – puxou uma marcha rápida de quem queria ir-se o quanto antes.

-Incomodo? – perguntava, guardando os óculos num bolso da casaca.

Ela parou e tornou-se a ele com o olhar cortante:

-Sim, tanto quanto uma abelha zunindo em meus ouvidos.

-E pronta a lhe picar.

Ignorando o sorrisinho que ele dera, Amaia levantou o vestido para conseguir andar numa velocidade maior sem tropeçar. Estava tão desbaratada com aquela inesperada visita, que o ergueu acima das canelas, revelando sapatilhas de cetim.

-Quem usa sapatilhas no campo? Não tem medo de cobras? – quis saber Montenegro, curioso. Mordia os lábios ao ver os ossinhos do tornozelo apontando pela meia branca, com os quais deliciava-se.

-Não suporto botinas. Elas me abafam. – corou ao ver o interesse dele em seus pés e abaixou as saias, abruptamente – E quanto às cobras, há maneiras de afastá-las e evitar o bote. – ele contorcia um riso, o que fez Amaia perder a paciência – Ah, mas o que estou a lhe dizer?! Pois saiba, não gosto do senhor e nem da maneira com que fala comigo. Não sei quem são as suas companhias, Sr. Montenegro, mas eu sou uma dama e me deve respeito.

Apreendida pelo seu olhar, fixo nela, Amaia estremeceu ao ouvi-lo num tom mais sério:

-Se não a respeitasse, teria passado reto em vez de cumprimentá-la, como se faz com uma mulher sem honra.

-Pois não se sinta obrigado.

Ela retornou à sua marcha em retirada. Por causa do diâmetro da saia, mal enxergava o terreno, e poderia cair ou tropeçar em algo. Ao perceber isso, Montenegro se aproximou, oferecendo-se para ajudá-la:

-Cuidado onde pisa.

Amaia deu um tapa em sua mão enluvada e ergueu o queixo. Era capaz de atravessar um mero jardim sem a ajuda de ninguém. Entendia aquele gesto como zombaria pelo seu estado anterior, em que mal conseguia ficar ereta sem um apoio. Quando a injúria subia a sua bela cabecinha, Amaia não enxergava mais nada. E foi quando seu pé foi para baixo de uma raiz de árvore que se levantava da terra.

Desequilíbrio-se.

O chapéu de Montenegro foi pelos ares, atirado por ele para ter as mãos livres para pegá-la. Escorou-a pelos ombros.

Seus olhos se encontraram, tão próximos quanto as suas bocas. Amaia achou que estava com febre. Montenegro rodopiou os olhos sobre ela, antes de lhe perguntar, tão sedutor quanto uma naja hipnotizada pela flauta do encantador de serpentes:

-E se, em vez de uma raiz, fosse uma cobra? Poderia terminar picada. Isso seria muito triste, para mim, ao menos.

Foi crescendo nele um perturbador sorriso repleto de duplo-sentido, que fez Amaia tentar se desvencilhar antes que aceitasse um beijo:

-O senhor, por favor, me solte.

Os dedos de Montenegro estavam cravados nela. Amaia relutava, sacudia os ombros, e ele nem se mexia, impassível. Tinha uma força que não parecia ter e ela era incapaz de se soltar, a menos que ele assim o quisesse. Iria xingá-lo e pisar em seu pé se não a soltasse imediatamente. Montenegro a puxou mais para perto de si. Seus olhos prateados estavam fixos nela, ondulando entre o cinismo e o erotismo. Amaia nunca tinha sido olhada ou segurada por alguém daquela maneira, o que a fazia temer por sua virtude – e querer que ele avançasse sobre ela, mas isso ela não confessava a si mesma.

-Explique-me antes, – pediu ele – o que há que sempre estamos atraindo nossos corpos um contra o outro?

Trincando os dentes, Amaia o encarou com força:

-Sei somente que o senhor é um canalha.

-Verdade. – diminuiu o agarre, mas ainda manteve uma mão sobre o braço dela – Nunca escondi isso de ninguém e nem o pretendo. – os seus olhos, no entanto, a prendiam a vontades inconfessadas. Inclinou-se sobre ela. Amaia tinha certeza que a beijaria, contudo, dessa vez, não fechou os olhos e nem fez beicinho – Sou um canalha e, ainda assim, a senhorita está aqui conversando com um canalha. O que poderão pensar disto?

Amaia torceu o braço e soltou-se sem qualquer dificuldade. Estava ofegante pela raiva que crescia cada vez que se deparava com o sorrisinho convencido dele.

-O senhor me horroriza com a sua mente suja!

-Até há pouco, eu era apenas uma inofensiva abelhinha zunzundo em seu ouvido.

-Pois se trata de um urubu bem grande que fica me rodeando. – Montenegro atirou a cabeça para trás e o sorriso transformou-se num riso que deixava Amaia ainda mais furiosa. Odiava se sentir estúpida e ele estava conseguindo isso – O

que foi? Do que ri? Dei motivo para alguma piada?

-A senhorita esqueceu de mencionar que urubus só se alimentam de carcaças e carnes podres.

Todo o corpo se Amaia se enrijeceu. Ergueu a mão pronta a lhe dar um tapa. Jogou o corpo para frente e ele a segurou pelo punho, de novo. Seus olhos se encontravam, dessa vez, desafiantes. Montenegro agora mordida o sorriso com uma vontade que beirava o maquiavélico. Ele a teria soltado se ela não estivesse tão irresistivelmente sedutora com toda aquela empáfia, o que abrilhantava ainda mais seus belos olhos verdes. Apertou o punho e Amaia exclamou de dor. Notando a sua atitude, Montenegro desfez o agarre:

-Mil perdões, não era a minha intenção machucá-la.

Seu olhar era sincero e Amaia poderia ter percebido que havia vergonha na sua postura, mas estava tão entretida em xingá-lo, que não deu por si aquela transformação repentina nele.

-Ah, é mesmo um canalha!

Era melhor ele ir embora, antes que ela o fizesse perder o controle. Poderia ser perigoso, para ambos. Dando as costas para as reclamações dela, Montenegro pegou o seu chapéu caído na grama e bateu a folhagem.

-Que bom que isso ficou bem claro e não precisarei mencionar de novo. – ele abriu um sorriso sarcástico.

Recolocou o chapéu e os óculos escuros. Fez um gesto para o escravo que segurava a sua montaria. Subiu no cavalo e tocou a ponta da aba em cumprimento a Amaia.

-Adeus! – ela esbravejava – Espero nunca mais encontrá-lo em minha vida!

-Diga isso bem alto, quem sabe um anjo passa e diz “Amém”? – rindo-se, Montenegro puxou as rédeas.

-Tratante! Canalha! – gritou Amaia para a sombra de Montenegro que ia se fazendo um pontinho na distância entre o céu e a terra.

Era mais um daqueles malditos escravocratas que só se importavam com os lucros. Ninguém era decente naquelas terras. Ah, a vontade de chorar de raiva era maior do que a sua incapacidade de fazer algo pelos escravos. Teria de dar um jeito. Arrumar alguma forma. Mesmo que o pai a chicoteasse, ela não poderia parar e exigir a libertação dos escravos e provar a homens como Montenegro que escravizar seres humanos era errado. Ah, como ela queria ser muito rica para comprar todos os escravos e libertá-los! Se tivesse metade do dinheiro dos Teixeira Leite, dar-se-ia por satisfeita.

Não soube quanto tempo ficara andando em círculos pelo jardim e resmungando. Voltava para a casa quando reparou numa mulher que vinha com as saias altas, correndo em sua direção. Ao identificar Caetana, ficou surpresa

com aquela perda de compostura. Nem se uma mosca estivesse no seu entorno ela se mexeria, nem se fosse um animal feroz vindo na sua direção. Nada tirava Caetana da sua perpetua tranquilidade... ou quase nada. Alguma coisa séria havia acontecido para estar naquele estado.

Teve certeza quando Caetana puxou o ar e parou diante de si. Estava consternada e os olhos navegavam numa onda de lágrimas. Será que Canto e Melo havia desistido do noivado? Mataria o tratante se tivesse feito isso! Ou será que ele havia sido pego numa posição comprometedora com outra mulher? Uma escrava ou uma das suas irmãs?! Oh, céus, o mataria a pauladas, para doer bastante.

Mas as notícias eram bem piores do que Amaia poderia esperar. E, no caso, eram para ela.

Capítulo 8

Na lápide estava inscrito: *Gracílio Dias de Carvalho e Otávia Teixeira Leite Dias de Carvalho. Amados pais, saudades.* Ao ler os nomes de seus pais, ainda tão presentes, lágrimas brotaram nos olhos verdes de Amaia. Uma coisa era ter esses dizeres escritos num pedaço de papel, outro era vê-los na pedra e sem a possibilidade de serem apagados ou corrigidos.

Teve raiva de si mesma. Odiava chorar em público, seria demonstrar fraqueza, o que um Carvalho nunca se permitiria. Por sorte, tinha um espesso véu negro cobrindo o rosto, inchado pela falta de sono na noite anterior.

Poderiam criticá-la por ter chorado – muito ou pouco. Se soubessem a verdade, talvez ficassem horrorizados: ela não conseguia sentir nada. Seu coração estava oco e sua mente, leve. Nem diante dos túmulos dos pais, que haviam sido enterrados na própria fazenda, ela conseguia sentir o que fosse. Estava vazia e isso lhe desesperava. Queria chorar, gritar, rir, acabar com aquele embotamento. Ele só trazia irreabilidade à situação e uma esperança vã de que aquilo era um sonho e que, quando acordasse, deparar-se-ia com os pais, rindo na sala de alguma piada que o pai havia contado.

Um braço enlaçou-a e Amaia se viu confortada pelo ombro amigo de Caetana.

Por cima dela, pôde ver quem estava presente no enterro.

Durante todo o funeral, ficara com o olhar fixo nos círios e nas diversas coroas de flores que iam chegando e amontoando a sala de jantar – onde os esquifes haviam sido colocados para a despedida final. Não se recordava de quem havia falado ou não com ela, quem estava presente ou não. Nem reparara quando os escravos de seu pai trouxeram um festão de flores para colocarem sobre os caixões e nem na missa que Bá havia providenciado na pequena capela da fazenda. Também não notara que haviam penteado os cabelos do pai para o lado contrário, alterando sua fisionomia, e que o caixão da mãe tinha a tampa fechada por causa do estado do seu corpo.

Agora, com as emoções um pouco mais controladas, ela pôde contabilizar quantos amigos seus pais tinham. Quase todos os fazendeiros da região estavam lá, alguns comerciantes com quem tinham negócios, alguns rostos que ela não soube identificar – e também não teve interesse em saber quem eram.

Cora estava abraçada à Bíblia da mãe e lamentava-se em voz baixa para Belizária e Rosária – sérias como nunca se havia visto.

Bá limpava os olhos no avental e algumas escravas lamuriavam-se – elas gostavam muito de D. Otávia, sempre zelosa.

“Que horror, morrer desta maneira! ”, diziam por entre sussurros, “Não pode ser... Estavam tão saudáveis quando saíram da festa. Ninguém poderia ter dito que seria a sua última reunião. ” “Ou o cocheiro estava embriagado, ou em alta velocidade, ou os cavalos se assustaram com alguma coisa” “Deus sabe o que faz. ” “Soube que eles estavam com problemas de dinheiro. Um bom momento para se morrer. ” “Antes a morte do que a falência. ” “Imagine se as filhas estivessem com eles?! Teria morrido toda a família! ” “Esmagados pelo próprio coche, imagina. ” “Que Deus os tenha. ” “O que será feito dessas meninas abandonadas à própria sorte? ” “É agora que vem a verdadeira lição. ”

Amaia não podia continuar escutando aqueles murmúrios seguidos de olhares de pena para cima de si. Tentou pensar em outra coisa, olhar para outro lugar, e foi quando se deparou com um par de óculos escuros que pretendiam esconder os olhos de quem a encarava. Ela quis se desvencilhar daquela mirada poderosa que prendia a sua respiração e tentava arrancá-la daquele nada que se apossava dela. Passou reto por algumas pessoas que vinham lhe cumprimentar após o final do enterro. Tentava se afastar, pedindo licença, alegando que não se sentia bem. Queria respirar e continuar sem sentir nada. Doeria muito.

A voz grave paralisou-a:

-Sinto pela sua perda. No que eu puder ajudar... – ela levantou os olhos para ele.

Havia verdade, havia preocupação e tristeza misturadas nas palavras de Montenegro.

Amaia se encheu de lágrimas. Foram brotando sentimentos confusos, desconexos, o corpo dela estremeceu. Mas ela se manteve na pose. Segurou o tom cortante de quem ainda estava incomodada com o último encontro deles:

-Não, obrigada. Estamos bem amparados. – e deu-lhe as costas.

Ela só queria ficar sozinha. Não podia mais suportar aquela procissão de pêsames que não acabava nunca.

Por estar de costas, não o viu manear e partir. Contudo, ao escutar os passos se afastando, uma vontade louca de chorar tomou conta dela. Precisava fazê-lo, finalmente. Longe de tudo e de todos.

Correu para debaixo do carvalho secular, no alto de um morro, de onde poderia ver a casa grande.

O horizonte estava escurecido, perto de alguns morros de café. Era a noite que se achegava. Um vento seco ia limpando as lágrimas de Amaia. Não haveria amanhã para seus pais. O seu próprio amanhã chegava, carregado de escuridão e incertezas. A única certeza era a de que aquilo realmente era verdade: seus pais estavam mortos.

O pranto se iniciou. Soluçava, caída ao pé da árvore, colocando para fora

aquela dor que ia da alma para o corpo. Ali ficou, abraçada pela sombra que se espalhava pelas gerações de sua família, tentando se sentir um pouco melhor – ou seria menos pior? – até que tudo estivesse bem novamente.

Retornou para a casa somente quando avistou que todos os coches haviam partido. Ao entrar no vestíbulo, reparou que Bá e mais duas escravas cobriam os espelhos da casa com panos negros e varriam a poeira para fora. Ninguém queria que os espíritos dos falecidos retornassem para cobrar algo ou que ficassem ali presos.

Todas as velas e candeeiros, àquela noite, ficariam apagados para não atrair nenhuma alma e, no silêncio da escuridão, Amaia pôde sentir a falta dos pais.

*

Há duas noites, Amaia revirava na cama, de um lado ao outro, suando. O pouco que conseguia dormir era espantado por pesadelos. Todos eles com o coche de seus pais em alta velocidade, caindo barranco abaixo. Sua mãe havia sido atirada para fora do coche, que por ela rolou e a esmagou. E o pai teve todo o corpo revirado dentro do veículo, braços e pernas deslocados feito uma marionete despencada. Por que ficara para ouvir como haviam encontrado os seus pais? Agora não parava de vê-los, o sofrimento no olhar deles, o desespero de quem encara a morte.

Precisava beber água.

Pulou da cama. Toda a sua camisola estava grudada no corpo de suor. Parecia que havia mergulhado numa tina. Tirou os longos cabelos escuros da cara e foi ao alcance da morninga. Não havia mais uma gota. Havia tomado tudo ao longo da madrugada.

Saiu do quarto e, sem temer assombração ou o que fosse, foi andando até a cozinha. Ao passar pelo quarto de Cora, pôde escutar um choro miúdo por detrás da porta entreaberta. Espiou pela fresta e deparou-se com a irmã, abraçada a alguém. Antes de se precipitar, procurou enxergar melhor a identidade do amante noturno. Pela luz do dia, que recém iniciava, constatou que era um travesseiro no lugar de uma pessoa. Ela o tinha entre as pernas, movimentando-se de trás para frente, roçando-se nele:

-Singeon, onde você está? – murmurava – Oh, meu Singeon. Por que não está comigo agora? Preciso tanto de você! Das suas palavras! Do seu alento! Singeon, poderemos nos casar, finalmente, e largar para trás essa terra horrenda. Oh, Singeon, largo tudo por você, meu amor. Tudo!

Não era surpresa para Amaia que a primeira coisa que Cora pretendia fazer, quando os pais morressem, seria ir embora da Santa Bárbara. Odiava aquela fazenda tanto quanto a própria irmã. Talvez as únicas pessoas que ainda a segurassem lá fossem os pais.

Amaia arrepiou-se. Era certo que Cora iria embora, em breve, e ela deveria cuidar da fazenda – o grande amor de seu pai.

Perdida nos próprios devaneios, não reparou que a irmã a vira. Abrindo a porta com injúria, acusava-a de invadir a sua intimidade:

-O que você está fazendo? Escutando atrás da porta?! Ah, como odeio você! Odeio! Queria tanto que tivesse sido você e não eles... – foi crescendo em si – Se morreram a culpa foi sua! Só foram embora da festa por sua causa! Assassina! Assassina!

A mão de Amaia calou Cora, do jeito que ela pretendia. Contudo, dar um tapa não havia sido a melhor opção. Cora nunca havia apanhado em sua vida e sofrer algo assim, justamente da irmã com quem tinha as suas diferenças, era ainda pior.

O choque inicial passou e Cora gritou:

-Eu juro que nunca vou perdoá-la. Nunca!

E bateu a porta na cara de Amaia.

Diante da madeira, ficou pensativa: *Entre na fila. Eu mesma nunca vou me perdoar por não ter me despedido deles.*

Passos nervosos vinham rangendo as tábuas do corredor. Amaia tomou a moringa na mão, pronta a jogar na cabeça da assombração. Não questionou, em nenhum momento, se o fantasma seria ou não atingido. Quanto mais se aproximava o espírito de camisola branca, mais Amaia tremia. Toda a sua coragem havia ido embora. A menos que fosse sua mãe. Abaixou a moringa. Sua mãe zelaria por ela e por Cora, isto era certo. Será que não haviam varrido direito a casa e queimado as roupas do acidente, por isso seu espírito estava ali preso?

Quando a sombra revelou ser a velha Bá, envolvida num xale, Amaia soltou uma longa respiração – nem havia visto que havia prendido o ar.

-O que foi, Bá? Por que esta cara? Despertamos você?

A velha mucama ajeitou o xale sobre os ombros, que havia caído enquanto tentava andar um pouco mais rápido:

-Tem um senhor aí. Diz que é advogado.

-A essa hora? Mal amanheceu... O que será que quer?

-Disse que trouxe o testamento de seu pai.

-Como fui me esquecer disso, Bá?! – entregou a moringa à velha mucama – Leve-o para o gabinete de papai. Atenderei lá.

Foi andando de volta para o quarto, fingindo não escutar os resmungos de sua antiga ama-de-leite: “Sozinha? Não pode. Não é certo. Uma dama não pode ficar sozinha na companhia de um homem estranho.”

O advogado teria idade o suficiente para ser seu avô, considerava Amaia, a analisar o senhor de longas suíças brancas e trajes que cheiravam a traças. Ele pigarreava muito e tinha um tique na sobrancelha direita, tremendo-a de tempos em tempos. Com as mãos sobre uma pasta, tinha um olhar ressabiado sobre Amaia, sentada à sua frente.

A jovem, de cabelos puxados para trás, presos num coque simples, trajava o vestido negro do luto. Não possuía qualquer detalhe de ostentação. Ainda que tão singela, Amaia continuava a mulher mais bela que se tinha notícias naquela região. Mesmo velho, o advogado poderia se dar ao luxo de apreciá-la sem, contudo, perder a pose de negócios.

Atrás de Amaia, encostada na porta do pequeno escritório, estava Bá. Enrolada num xale, a mucama encarava o homem como se querendo entender as suas intenções. Incomodado com o olhar da escrava, o senhor perguntou se era mesmo necessário que ela ficasse. Ao que a própria Bá respondeu:

-Eu fico.

Para não causar embaraços, Amaia abriu um sorriso singelo e explicou aquela presença:

-Bá poderá ser testemunha.

O velho se remexeu na cadeira e sua sobrancelha estremeceu.

-Não. Não poderá. Tem que ser gente.

Foi a vez de Amaia estremeecer, ela toda:

-Ela É GENTE!

Sem olhar para Bá, o senhor pigarreou, abaixando os olhos, e pediu desculpas:

-Me coloquei errado. Tem que ser livre. Há alguém aqui que não seja escravo?

Não convencida de que ele havia “somente se expressado mal”, Amaia ainda manteve a cara fechada e a linha de voz cortante:

-Não.

-Há sim. – anunciou Bá – O Severo e os outros capatazes.

-Então me traga este senhor e mais um capataz. Duas testemunhas serão de bom tamanho e que, de preferência, saibam assinar os próprios nomes. E onde está a Srta. Cora?

-Está descansando. Não quer ser perturbada. – explicou Amaia, escondendo o fato de as duas não se falarem.

-Entendo, mas, sem a presença dela, não posso abrir o testamento.

Amaia se viu obrigada a ir chamar Cora enquanto Bá ia atrás de Severo e de um dos trabalhadores. Ajeitando-se dentro do vestido de luto, bateu à porta do quarto da irmã. Não houve resposta. Bateu de novo e insistiu ao ouvir um objeto

caindo dentro do cômodo.

-Cora! Cora! Saia daí! – batia – Saia ou irei...

-Irá o quê? – retrucaram através da madeira – Me dar um tapa de novo?

Bem que você merecia...

-Não. – pigarreou, aquilo seria mais difícil do que havia previsto – Desculpe-me. Eu me descontrolei.

Soava à falsidade, talvez tivesse alguma, mas, em geral, era no que realmente Amaia acreditava: ela havia exagerado. Às vezes, era difícil se controlar, ainda mais quando se via numa situação tão assustadora. De repente, seus pais haviam morrido e legaram uma fazenda endividada e repleta de escravos, o que ia contra os seus preceitos.

Respirando fundo, Amaia sabia que teria que lidar com isso com maturidade.

Mais uma vez bateu à porta e chamou por Cora.

-Você só diz isso porque é uma interesseira. – respondeu a irmã do outro lado.

-Posso até ser uma interesseira, mas se não abrirmos logo o testamento, não teremos um tostão nem para comprar comida. Cora, está me ouvindo? – batia mais, quase em desespero – Cora? Cora!

Escutou os ferrolhos e a porta se abriu, revelando o rosto vermelho e molhado da irmã. Cora, que não ficava tão bem quanto Amaia de luto, puxou um lenço com a borda negra e limpou o próprio nariz.

-Pois saiba que faço isso tão somente para evitar passarmos fome. E espero que tenha isso em mente da próxima vez que erguer a voz comigo.

E foi na frente, sem aguardar Amaia.

*

Estavam ambas diante do advogado. O senhor se dividia entre ler os testamentos dos pais e observar as reações das filhas por cima das linhas. O da mãe era mais simples, se restringindo a dividir suas peças e algumas jóias. Já o do pai era mais longo e deixava claro que a fazenda deveria ser dividida entre as filhas, assim como os ganhos, escravos, e tudo o mais que viesse da renda dos Carvalho. Por fim, o senhor retirou da pasta um outro papel, este mais amedrontador. Era uma lista com nomes e valores que, à princípio, Amaia não soube como inferir. O advogado explicou, impaciente, quando ela o questionou pela terceira vez – ele considerava inútil uma mulher saber dessas coisas:

-Aqui há uma relação dos devedores, dos valores e ainda dos ganhos nos últimos anos.

Os olhos de Amaia retornaram ao papel, incrédulos com aqueles valores:

-Papai mais perdeu do que ganhou com investimentos errados...

Cora arrancou o papel das mãos de Amaia para concluir:

-E se vendermos alguns escravos? Poderemos ganhar algum dinheiro, não?!

-Não farei isso! – prontificou-se Amaia – Vou alforriar todos eles!

O feitor Severo, encostado na parede junto ao capataz, com o chapéu na mão e a cara de pêsames, contraiu-se ao escutar isso da sua futura sinhá.

Antes que pudesse mostrar qualquer descontentamento, o advogado explicou em poucas e simples palavras para que ela “entendesse”:

-A senhorita não pode.

Todo o corpo de Amaia se retesou numa exclamação que saiu como uma interrogação:

-Por que não posso?

-Está claro no testamento de seu pai que herdamos a terra, os escravos e tudo que sobre ela está, mas há uma cláusula específica que proíbe que sejam alforriados.

Seu pai não faria isso... ou faria? Amaia não podia acreditar a que ponto ele havia chegado: obrigá-la a manter os escravos. Era uma crueldade muito maior do que era de se esperar. Mantinha o braço de ferro até mesmo do Além, certo de que ganharia dela esta disputa.

-Deve haver alguma forma...?!

O advogado retirou o monóculo da frente do olho e suspirou, enfadado:

-Não há. É a última vontade do Sr. Carvalho. Mesmo que entre na Justiça com uma contestação, não conseguirá obter nada. A vontade do falecido é perene e legítima perante a Lei.

Cora, mais preocupada com outro aspecto do testamento, mostrou-se tão descontente quanto a irmã:

-Quer dizer que estamos amarradas a esta fazenda?

-Sim. A menos que a vendam.

-Eu não a venderei. Me recuso! – Amaia levantou-se num pulo – É a única coisa que nossos pais nos deixaram. Crescemos aqui! Nossa vida é aqui!

-Uma terra endividada? Teremos que pagar por ela, Amaia, se continuarmos aqui. – avisou Cora, quase caindo num tom de súplica.

-Eu não perderei a fazenda. Juro que não perderei! – disse Amaia, antes de sair batendo a porta do gabinete.

Cora, envergonhada, não soube o que dizer ao advogado senão que a sua irmã era incontável. Nem pôde enxergar o olhar cortante que Severo havia mandado para Amaia assim que ela passou por ele.

Diante da imagem de Santa Bárbara, Amaia se desfazia em pensar. Apesar de ajoelhada sobre o genuflexório e com as mãos espalmadas, suas ideias estavam longe de serem espirituais. Seus olhos iam e vinham numa corrente de

pensamento que sempre finalizava negativa.

-O que faremos agora, Santa Bárbara? Não consigo pensar em nada *decente* a ser feito que nos ajude a pagar estas dívidas...

-Seu pai sempre admirou a maneira como a sinhazinha era forte e determinada, será isso que vai ajudá-la. – disseram do fundo da capela.

Amaia ergueu a cabeça assustada. A sua santinha falava? Era aquilo um milagre?

Antes fosse. Voltou-se para trás e viu que era Bá quem se achegava, no seu passo mole:

-Sei que pensará em algo.

A jovem lançou um olhar desanimador que transpassava a velha mucama:

-Ou isso, ou a morte, Bá. – suspirou – Ou isso, ou a morte.

Capítulo 9

A fazenda Caridade era pequena quando comparada às vastidões da Guaíba e um pouco menor do que a Santa Bárbara – pertencente aos Carvalhos. Dividida em lotes de cultivo de café e de outros produtos agrícolas, cada lote era cuidado por um grupo de forros a ele destinados. Enquanto 80% do ganho com a venda da produção ia para os próprios trabalhadores, 20% era repassado para Eduardo Montenegro, para que fosse possível gerir toda a estrutura da fazenda e ainda aplicar em melhorias e numa escola para os filhos dos trabalhadores.

Era justamente na pequena cabana de sapé que Montenegro gostava de ficar nas horas vagas, numa cadeira encostada ao fundo da sala, apenas observando a aula que se desenrolava e o quão as crianças iam progredindo nos estudos.

A professora, D. Lídia, era uma senhorita vassourense que havia chegado aos 30 anos e nunca se casara – não por falta de pretendentes, ela gostava de pontuar, mas pela necessidade de dedicação à sua profissão, o que a impedia de ter um marido e filhos para cuidar. Advinda de uma família de boa posição e costumes, D. Lídia era respeitada por todos e Montenegro não podia falar o que fosse contra ela. Tinha a firmeza necessária para segurar os mais brigões e a candura para os alentar nos momentos difíceis. Rigidez e doçura na medida ideal, o que não só encantava quem a conhecia, como os alunos, seus pais e o próprio Montenegro.

E foi na aula de Geografia que Canto e Melo encontrara o amigo. Montenegro estava na sua usual cadeira, segurando o riso quanto à resposta de um menino sobre a diferença entre rio e córrego. Tivera que se controlar diante da expressão de reprovação da professora, que era muito estrita quanto a zombarias em sua sala de aulas. Ao entrever a cabeça do amigo na porta, Montenegro pigarreou e pediu licença para se retirar.

Canto e Melo o aguardava do lado de fora da casinha. De braços cruzados, estava encostado na parede, a analisar as pedras do chão. Não notou quem era ao seu lado, tomando um susto. E a primeira reação foi sacar um revólver.

Num golpe que não viu, Montenegro o desarmou com o cabo do chicote de cavalgada.

-Ah! Cuidado! – reclamava Canto e Melo, segurando a mão que havia sido ferida.

Estreitando os olhos, Montenegro questionou a atitude:

-Estamos ao lado de uma escola e você saca uma arma?!

-Achei que poderia ser alguém que me seguiu. Estou sentindo olhos na nuca. – mexia no pulso, dolorido.

Montenegro foi ao alcance da arma que havia caído e a pegou, entregando a Canto e Melo.

-O que foi que descobriu?

-Nada. – o amigo guardou a arma – Tentei entrar no gabinete dele, mas estava trancado. Ele só abre quando está lá dentro. Nenhum escravo pode entrar lá, nem para limpar. Perguntei à Caetana o que o pai faz trancado naquele lugar. Ela me disse que resolve negócios, mas deixou claro não saber de que tipo. Pelo que vi, nesses poucos dias que estou com eles, acho que deve ter a ver com as suas suspeitas... Pude escutar uma conversa entre ele e um capataz falando de uma “remessa” que chegaria dentro dois meses e que precisariam “abrir espaço” na senzala. No dia seguinte, dois velhos escravos foram achados mortos perto do pasto. Dizem que foram picados por cobras. Não cheguei a tempo de ver os corpos, haviam sido atirados no sumidouro. Hoje, pela manhã, acharam mais quatro, com tiro no peito. Os capatazes alegaram que tentaram fugir durante a noite.

-E quanto à chave da senzala?

-Continua grudada nele. Comentei com Caetana se não havia algum feitor de confiança e ela me afirmou que seu pai não confia em ninguém.

-Eu também não confiaria se estivesse envolvido com tráfico ilegal de pessoas. – um ar pensativo tomou a expressão e a voz de Montenegro – Não acredito que ele seja o único envolvido. Deve haver outros que dividem as despesas com ele. Precisamos descobrir os nomes dos tumbeiros, a rota, onde aportam e para onde são mandados os africanos.

-Alguém deve fazer os falsos registros para parecerem que nasceram aqui.

-Eles não seriam estúpidos de registrarem todos ao mesmo tempo. Levantaria suspeitas. Devem dividir em lotes menores e distribuir pelo país e cada comprador deve cuidar do próprio falso registro. O que me intriga é quem está envolvido?!

-Há alguns nomes de que suspeito, por enquanto, pelo excesso de visitas que fazem e pelas reuniões a portas fechadas.

Montenegro colocou o chapéu e, desfazendo o nó da rédea do cavalo que estava presa num poste de madeira, ordenou que o colega investigasse mais:

-Faça-me uma lista de quem são. Eu mesmo vou sondá-los e ver o que descubro.

-Um deles não poderá mais.

Ia subir no cavalo, mas parou o movimento, tornando-se para Canto e Melo:

-Como assim?

-O Carvalho, lembra?! Ele morreu. Era um dos que mais visitava a fazenda nos últimos meses. Chegou a ficar um dia inteiro trancado com o Feitosa e

quando saiu de lá, tinha a cara chupada de preocupação. Até achei que estavam brigados, pois depois disso ele sumiu e só reapareceu no almoço de noivado.

-E morreu ao sair do almoço...

-Exatamente. Dizem que foi um acidente, que o cavalo se espantou com alguma coisa. Eu não acredito.

-Eu o vi discutindo com alguém na festa, mas não consegui identificar quem era. – Montenegro segurou na cela e subiu num pulo – Diga-me, o que você sabe da família Carvalho? – ajeitou o chapéu sobre a cabeça e colocou os óculos escuros.

-Pouca coisa e a maioria é pelo que Caetana me conta. Eles não possuem uma reputação muito boa por parte de pai. Parece que o avô do falecido era um capitão do mato que tomou as terras para si e matou todos que foram contra isso. Já a D. Otávia, dizem que era uma santa. Muito boa e temente a Deus, ajudava no parto das escravas da região e vinha de uma família muito influente, os Teixeira Leite. Quando se fala neles, todos são só elogios para a calma de D. Otávia e o bom-humor do Sr. Gracílio, ou pela beleza da filha mais velha.

O coração de Montenegro acelerou e achou que nem conseguiria pronunciar o seu nome corretamente:

-Amaia?!

-Esta mesma! Bem, também falam outras coisas, que Caetana me segredou... Mas não são importantes para o caso.

Controlando o cavalo que queria partir, Montenegro tentou segurar a ansiedade para saber mais da beldade, que todas as noites visitava-lhe os sonhos.

-Tudo é importante. O que é que ela disse?

-Bem, que Amaia também tem um passado sombrio. Ela foi disputada num duelo e isso gerou muitos problemas para os pais, pois ela ficou mal falada. Dizem que foi ela quem instigou o duelo.

-O que Caetana acha?

-Caetana é amiga de Amaia e vai defendê-la até a morte. Diz que é inveja. Apesar de Amaia exagerar, segundo ela, e gostar de que os homens disputem a sua atenção. Também falou que ela e a irmã Cora não se dão bem por causa de um rapaz por quem Cora é apaixonada.

O ar prendeu na garganta de Montenegro. Pigarreou antes de conseguir perguntar:

-Por quê? Amaia ama ele também?

-Não sei dizer. Não perguntei à Caetana, mas suspeito que sim. Uma vez, ela desabafara que estava muito brava porque Amaia passara a tarde lendo as cartas do tal e esquecera de ir visitá-la.

A voz do belo senhor de negro se estreitou:

-Deve ser ele o noivo dela, então?!

-Amaia não é compromissada.

-Pode ser que seja em segredo, por causa da irmã. Ela não usava o buquê no almoço e quando tentei beijá-la, ela sabia o que fazer.

Canto e Melo parou um segundo:

-V-você a beijou?

-Tentei.

-Por quê?

-Para tentar desviar a atenção dela e pegar a chave. Mas me enganei e tomei a chave errada.

-Não me diga que vai ter que beijá-la para pegar a chave certa?!

-Se tiver que beijar alguém, será o Sr. Feitosa, pelo que você me disse. – puxou as rédeas.

-Desse você não consegue nada, nem que o leve para a cama.

-Veremos... Se tiver que levar alguém para a cama, pode ter certeza, que não será o Sr. Feitosa. – abriu um sorriso irônico.

O cavalo negro de Montenegro relinchou e ele deu o comando do galope, desaparecendo das vistas de Canto e Melo.

Atrás de si, o amigo de Montenegro ainda pôde escutar a professora brigando com o engraçadinho que fazia piadas de córregos e rios, adentrando mares e oceanos.

*

A estrada que ligava a Guaíba à Santa Bárbara era a mesma pela qual Montenegro precisava passar todos os dias para ir à sua própria fazenda. Aproveitando o caminho e as estiagens das últimas semanas, observava os arredores e tentava entender o que poderia ter acontecido. Já fazia algum tempo desde o acidente, era provável que não encontrasse uma resposta, contudo, poderia tirar algumas dúvidas.

Achou o ponto em que o coche havia perdido o controle e tombado para fora da estrada. Havia ainda as marcas das rodas na terra, terminando no pequeno precipício.

Saltou do cavalo e prendeu a rédea num tronco. Com cuidado, inclinou-se para ver o tamanho da queda. Era um declive. Por causa das diversas copas de árvores, era difícil ver o seu fundo. A parte central do coche ainda estava no meio do matagal, apoiado em alguns troncos fortes.

Haviam dito para Montenegro que tiveram que içar os corpos do casal e nunca encontraram todas as partes do corpo do cocheiro. Não havia dado muita atenção a essa explicação durante o funeral, pois estava mais preocupado com a dor de Amaia do que com as descrições da morte. Em momento algum a perdera

de vista, servindo-lhe água e tendo uma mão em seu ombro por todo o velório – o que ela pareceu não notar.

Um pequeno caminho havia sido escavado na ribanceira, possivelmente para chegarem aos corpos. Tirando o chapéu e a casaca negra, Montenegro resolveu descer e analisar mais de perto o coche – se é que conseguiria, uma vez que estava quase que completamente despedaçado. Com cuidado e perícia, foi apoiando os pés onde achava sólido e segurando raízes e pedras que estavam ao alcance. Um passo em falso e seria o seu corpo o próximo içado.

A carcaça dos cavalos ainda estavam lá e, num plano mais afastado, uma das rodas jazia inteira no mato.

Uma pedra mal colocada e a bota escorregou. Alcançou a raiz de uma árvore, que saía da terra por causa do terreno inclinado. Tinha o espaço debaixo dos pés e todo o corpo segurado naquela raiz. Concentrou as forças em conseguir um apoio para as pernas. Havia aprendido a ter paciência nas aulas de esgrima e a ter força nos braços com a natação.

Com o corpo bem escorado, respirou fundo e continuou a sua descida, ainda mais cauteloso. O fim do percurso era mais fácil do que o inicial, permitindo que fosse mais rápido.

Alguns abutres se refestelavam com o final dos cavalos. Como precisava se aproximar, teve de dar um tiro para o alto para afugentá-los.

O corpo principal do coche havia se aberto como uma fruta podre caída do pé. O teto havia voado sabe-se lá para onde. Cobrindo o nariz com o braço, tentou se aproximar da parte principal. Conseguiu ver que dentro havia muitas marcas de sangue. Dali não tiraria nada. Talvez tivesse sido uma péssima ideia descer. Parou um segundo. Havia algo errado. Os cavalos estavam caídos no meio do caminho, junto à parte da frente que ligava os arreios ao coche. Apesar de as rodas estarem quebradas, quase todas estavam presas no corpo do coche. A roda detrás estava a metros de distância, no caminho da descida e inteira. Ela só poderia ficar daquela maneira se tivesse se soltado antes da queda.

Montenegro achou melhor voltar. O sol começava a cair no horizonte e na escuridão não conseguiria achar nem os próprios pés. Precisaria analisar com mais calma a situação, antes de levantar conclusões. Talvez fosse melhor conversar com as filhas do falecido. Quem sabe elas poderiam lhe passar alguma informação importante? Ademais, seria um ótimo pretexto para rever uma certa beldade.

*

Isaac Newton poderia ter tido ideias brilhantes debaixo de uma macieira, mas Amaia de Carvalho teria ideias melhores que sobre a Lei da Gravidade.

À sombra fresca do carvalho, sob o gorjeio dos pássaros e algum mugido de

vaca não muito distante, Amaia tentou soltar uma risada da carta poética de Singeon: “É a lua do meu céu estrelado, o brilho que afasta a escuridão da vida”. Não conseguia, por mais que se forçasse. Outrora aquelas cartas eram divertidas e, de alguma maneira, alentadoras, porém, no dado momento, não eram nada senão de pouca importância e não ajudavam a esquecer o que havia acontecido com seus pais. Nada a ajudava: nem a casa, nem as companhias e, muito menos, a noite. As madrugadas eram passadas em claro, revirando-se na cama, achando que os pais viriam lhe assombrar.

Se ela não tivesse fugido deles, certamente ela e Cora estariam sendo enterradas juntas.

Estremeceu. Dobrou a carta tal como a havia encontrado, e a guardou dentro do cinto preto do vestido de luto. Precisava pôr no lugar antes que Cora desse por falta. A irmã andava com as emoções à flor da pele. Não poderia imaginar o que faria se descobrisse que roubava as cartas de Singeon para tentar se divertir um pouco.

Os risos, porém, haviam se esgotado de alguma forma. Havia sido o amor de Singeon por Cora que havia mudado, ou era Amaia que se transformava?

Recostou-se no centenário carvalho e ainda ficou lá um sem tempo, aproveitando o som das folhas ao sopro da brisa vespertina. Observava o tom avermelhado que coloria o céu anil e afastava as nuvens rosa alaranjadas. Mais um dia terminava na calma que, ao invés de amansar o seu coração, deixava-o mais alvoroçado. Era mais um dia que findava e outro que se iniciava, marcando que precisava fazer alguma coisa, que as coisas não se resolveriam sozinhas. Apenas a dor que ia sendo atenuada com o tempo, exatamente como Bá havia lhe avisado, até que restariam somente as saudades no final.

Ao longe escutou um relincho. Devia ser o seu pai, voltando da plantação no seu belo alazão. O lapso a fez paralisar num choro que não saiu. Devia ser Severo, então. Não gostava do feitor, apesar de ele ser considerado por seu pai “de confiança”. E era certo de que ele não gostava dela, pela maneira com que a olhava. Podia ser “o melhor feitor da região”, mas ela o considerava da pior extirpe, maltratando os escravos. Estava só aguardando o momento certo para poder conversar com Severo. Primeiro, precisava coragem. Não era um homem com quem ela pudesse usar do seu charme e, muito menos, da sua lábia. Era preciso ser forte e dura com ele.

O trotar do cavaleiro se aproximava. Não estava muito longe do carvalho, porém distância o suficiente para não conseguir enxergar mais do que uma mancha sobre um cavalo negro.

A sombra de chapéu ficou por alguns minutos parada. Poderia não ver o seu rosto, porém, sentia estar sendo analisada.

Não era Severo. Suas roupas eram bem simples, quase trapos se comparadas ao do misterioso cavaleiro.

Num pulo, Amaia ergueu-se do chão e estava decidida a ir perguntar se o cavaleiro sabia que aquelas terras eram privadas, e que não poderia estar cavalgando nelas ao seu bel prazer. Antes que desse um conjunto de passos, o cavaleiro puxou as rédeas e tomou o rumo contrário, tragado pelo horizonte pintado de carmesim.

Quem era?

Desejava que fosse uma pessoa em especial. Ao deparar-se com aquela vontade inconfessa, balançou a cabeça. Montenegro haveria de sumir como todos os outros rapazes que haviam desaparecido. Tinha uma teoria para isso: as dívidas. A esta altura – passados dois meses do falecimento dos pais – certamente já era história velha para todos. A maioria das pessoas a quem devia eram de fazendeiros da região, gente de nome e posição. Ninguém queria se casar com uma moça endividada. Era preciso, o quanto antes, arcar com cada uma. Agora que o luto passava e o buraco no coração ia cicatrizando, começaria a analisar com calma as suas possibilidades e tentaria chegar a uma conclusão de como quitar tudo e salvar a fazenda.

Um assobio plantado no vento foi se transformando no som de um canto, compassado por rodas e o trotar de dois ou três cavalos. Do topo do pequeno monte em que estava, Amaia avistou duas fileiras de dez ou vinte escravos que voltavam dos cafezais ao cair do dia. Seguiam uma carroça repleta de cestos de café e algumas mulheres e crianças estavam sentadas por entre os grãos. Margeando-os, vinha o feitor e mais dois capatazes com chicotes na mão, gritando. Giravam o chicote, mas em momento algum atingiam os escravos, levantando somente poeira do caminho.

Num susto, Amaia escutou o sino que tocavam chamando para as Ave Marias. Sua mãe iria lhe cortar as madeixas caso se atrasasse para a prece. Erguendo as saias acima dos tornozelos, saiu correndo. Podia chegar descabelada e ralada, só não podia não chegar.

Até que parou ao avistar a casa. O sino não tocava. Não havia escravos indo para a missa. Era apenas o silêncio e uma brisa fria que a cortava.

Amaia deu um passo atrás. O pé encontrou o tecido do vestido negro e foi ao chão. Apoiou a testa na terra. As mãos agarraram a grama. Arquejou. *Não vou chorar. Não posso. Preciso ser forte.*

Um tremor de terra a fez erguer a cabeça. Pela cadência que sentia debaixo dos dedos, podia concluir que era alguém cavalgando.

Não teve tempo de se levantar e tirar a terra do rosto e das roupas. O cavaleiro já havia saltado do cavalo e corrido até ela.

-Está tudo bem? Posso ajudá-la a voltar para casa?

Montenegro se agachou, tocando em seu braço.

O toque fora como um choque que a eletrocutara. Amaia soltou-se do agarre gentil dele. Com os olhos brilhantes pelas lágrimas, trincou a voz carregada de melancolia:

-Não preciso. Obrigada.

Se antes o detestava, agora era inconteste. Ele a havia visto chorar.

O que para Amaia significava vergonha, para Montenegro atraía tanto quanto um ato sedutor. Havia se despido de toda a ironia e, recheando-se de pena, queria tomá-la em seus braços e confortá-la, dizer em seu ouvido que tudo ficaria bem, revelar que estaria sempre pronto a ajudá-la. Mas ele se afastou.

Seria dar esperanças a algo que nunca poderia acontecer. Ele nunca se casaria, nem com ela, nem com ninguém. Não por questões emocionais, nem por traumas de infância. Não se casaria por questões filosóficas e práticas. Achava que seria um péssimo marido. Sua vida girava em torno da assistência aos escravos fugidos, o que era perigoso, e a dar apoio aos forros, o que era mal visto. Ademais, não era um homem que acreditava no amor como algo eterno. Era sinônimo de paixão, tão forte que só poderia levar a um lugar: a cama. E que, um dia, acabaria se extinguindo feito chama que arde sem se ver.

Montenegro tentou construir um sorriso que não se firmava. Seus olhos estavam fixos na sua testa suja de terra. Retirou do bolso um lenço e o entregou a ela.

Amaia demorou a entender que tinha terra. Ele fez um gesto de leve, na altura do rosto. Ela agradeceu e se limpou. Retornou a ele o lenço, contudo, Montenegro gesticulou que não:

-Pode ficar. Assim poderá se lembrar de mim. – finalmente conseguiu forjar um sorriso.

-Se é assim que pretende me conquistar, garanto que não conseguirá. – disse ela, entendendo a sua simpatia como uma tentativa de sedução.

Montenegro, que era bem vivido, rapidamente captou a reação dela. Compreendeu que as suas atitudes na sala de costura não haviam sido das melhores. Era realmente um canalha. E mais canalha seria se não tivesse retornado para falar com ela, depois de avistá-la chorando debaixo do carvalho.

Sentindo-se mais confortável com a pose de canalha do que com a de uma pessoa preocupada com o próximo, colocou uma mão nas costas e fez pose de *blasé*:

-Não. Eu tenho outras maneiras de conquistar uma moça e nenhuma delas passa por um lenço. Mas não se preocupe, não pretendo conquistá-la.

De repente, Amaia se esqueceu das dores, dos sofrimentos, dos últimos

meses de pranto silencioso. Era apenas os dois, num embate acalorado.

Enfurecida, atirou um olhar indignado para ele:

-E por que não?

Tentando controlar o riso, Montenegro olhou para os próprios pés. Amaia era extremamente previsível. Uma mocinha que admitia ser cortejada por todos, o que lhe dava o suporte para a sua vaidade e mantinha enfraquecida a sua crença em si própria. Seria preciso dar-lhe uma expectativa de vida, mostrar que ela não era o eixo do mundo.

-A senhorita não faz o meu tipo.

Disse-lhe de uma maneira tão direta e cortante, que achou que ela havia perdido o ar. Arrependeu-se da grosseria. Teria tentando encaixar uma explicação, falar que preferia as moças desimpedidas do que as “de família”, quando a viu corar. Crescia dentro do vestido fechado no luto. Achou que ela iria explodir, ou dar na sua cara. O que era bem melhor do que continuar sentindo aquela dor excruciante – ele bem o sabia. Era preferível fazê-la ter raiva de si do que continuar sofrendo, mesmo que isso durasse apenas alguns minutos, porém seria tempo suficiente para esquecer e aliviar o coração.

Ela soltou toda dor, toda raiva, toda a culpa, toda a frustração em não poder ter impedido a morte dos pais, numa só frase, direcionada a ele:

-É mesmo um canalha! CANALHA!

A boca trincada, os olhos saltando das órbitas, o rosto vermelho, as mãos fechadas em punho, o corpo erguido num ataque. Ele estava conseguindo liberar toda a tensão dela. Faltava muito pouco e ela se sentiria bem melhor.

-Só por que sou sincero – ele continuou – e digo que nem todos os homens do mundo são apaixonados por você?!

Ele a magoara e, de imediato, se arrependera.

Ela passou do vermelho ao branco em segundos. O corpo relaxara e ela ia diminuindo em si até encolher-se completamente numa expressão de assombro.

Contudo, não era do tipo de mulher que deixaria barato.

-Duvido que o senhor tenha coração e que possa se apaixonar por mim ou por quem quer que seja.

Mordendo um sorriso irônico, Montenegro escondeu o contragolpe dela. Realmente não era um homem de paixões e nem pretendia ser. Procurou esclarecer isso com alguma coerência e acabar com aquela discussão boba. Havia causado o efeito desejado e poderiam tentar fazer as pazes, se não fosse tarde demais:

-Uma relação, para mim, não se trata de paixão, nem de sentimentos. Procuro interesses em comum, objetivos que se cruzam, e, claro, diversão.

-Hah, se o senhor espera que toda esposa possa ser divertida, o senhor vai

passar a vida procurando uma mulher para se casar. Duvido que conheça mulheres que realmente sejam interessantes e que consigam trocar meia-dúzia de palavras.

-Tolinha, não quero trocar palavras com uma mulher. – seu sorriso sedutor era de virar a cabeça – E saiba, eu nunca me casarei.

Amaia ainda estava confusa com a primeira afirmação quando perguntou, intrigada:

-Nunca se casará? E como pretende...?

Montenegro inclinou-se sobre ela. Seus olhos tempestuosos a paralisaram. Ela achou que a beijaria se não fosse continuar falando:

-Acha que a relação entre um homem e uma mulher depende somente do casamento? Há outras maneiras de se divertirem, sem precisarem estar casados.

-Como...? – Amaia corou ao ver o riso que crescia nele diante da sua inocência – Ah! Não acho a nossa conversa apropriada. Sou uma dama e...

-E eu sou um canalha, esteja avisada. – completou ele, recolocando o chapéu – Bem, vim ver se estava tudo bem consigo. Com certeza, está melhor do que eu.

-Bem melhor! Ainda mais agora que se vai! Pode ter certeza!

Montando o seu cavalo, Montenegro ignorou o que ela disse. Estava satisfeito com o que havia conseguido: direcioná-la e aos seus pensamentos a outro lugar que não à perda – como o Barão de Mauá havia feito com ele, quando jovem. Tocou na aba do chapéu em cumprimento e se foi, a galope, a perder-se de vista.

Respirando fundo, Amaia sentiu-se mais leve, estranhamente mais tranquila quanto a tudo. O peso havia desaparecido.

Teve, então, capacidade de analisar o que poderia ser pior: a conversa irritante de Montenegro, ou os ataques de raiva de Cora, que, por não receber uma carta de Singeon há mais de um mês, achava que ele a havia trocado por outra. Teria de voltar para casa e enfrentar Cora. Esperava, ao menos, que Singeon tivesse mandado um telegrama nas últimas horas. Ou ela mesma iria enviar uma carta implorando que ele respondesse para sua irmã e acabasse logo com aquele suplício, que se estendia a todos.

Ao se aproximar do casarão, Amaia notou que havia um cavalo parado na frente. Não era o lindo e bem tratado puro-sangue de Montenegro – e ignorou a vontade que fosse ele, para terminarem a discussão, claro. Também não o reconhecia de nenhum dos rapazes da vizinhança. Quem vinha visitar? Já haviam acabado as visitas de condolências.

Bá andava de um lado ao outro da extensa varanda, esfregando as mãos no avental. Ao ver que Amaia retornava da sua caminhada, veio ao seu encontro.

Todo seu corpo estava tensionado pelo nervoso e os olhos pulavam num grito:

-Tem um senhor aí. Diz que é mascate. Que seu pai tinha uma dívida de compras com ele e que veio cobrar.

-Papai mal esfriou e já vêm cobrar uma dívida?

-É o que começarão a fazer a partir de agora. Ninguém quer ficar sem receber.

Amaia respirou fundo.

-Está bem. Mande-o para o gabinete de papai. Irei recebê-lo lá. E aproveite e veja de quanto é a dívida, pode ser que eu tenha esse montante guardado do que sobrou do funeral e do enterro.

A velha mucama sabia que não adiantava discutir com Amaia, mais teimosa do que uma parede. Só mesmo um terremoto ou uma marreta muito pesada poderiam derrubá-la e as suas ideias. Balançou a cabeça na positiva e entrou.

Amaia reparou que tinha amassado nas mãos o lenço que Montenegro havia lhe dado. Arrependeu-se. Bem que ele poderia ter lhe dado um dinheiro em vez de um lenço.

Capítulo 10

O Sol nem estava de pé e Amaia já calçava as botas. Sobre calçolas grossas colocou o vestido verde escuro de montaria que seu pai havia lhe mandado trazer da Inglaterra. Com a ajuda de uma mucama, prendeu as longas tranças num coque e apoiou um chapeuzinho negro, preso por uma agulha de chapéu. Desceu um véu no rosto para protegê-la dos raios solares e ajeitou as luvas mosqueteiras. Tomou o chicote de montaria e, diante do espelho de pé em seu quarto, observou se estava tudo a contento, se parecia com um sinhá-dona respeitável. Com as mãos na cintura, sentiu a falta do espartilho. Era como estar nua. Contudo, não conseguia se imaginar cavalgando por mais de cinco horas usando um. Se sua mãe soubesse, ficaria escandalizada.

A lembrança da mãe cortou o reflexo no espelho e, se não fosse pelo véu sobre o rosto, Amaia teria se visto soltar uma lágrima de saudades.

Tinha de ser forte. Apertou o chicote e puxou a cauda do vestido de montaria. Estava na hora de comandar aquela fazenda.

Severo a aguardava de chapéu na mão e mastigando tabaco, no vestíbulo de entrada. O feitor tinha os longos cabelos sebosos penteados para o lado e havia colocado uma gravata carcomida sobre a camisa surrada. Ajeitara o paletó, remendado por manchas de comida, e segurava o chapéu de aba torta na frente do corpo, em pose de sinhozinho. Severo não era bonito e nem nunca seria visto dessa maneira. A barba malfeita escondia o rosto duro, queimado de sol, e enfatizava os olhos negros e os dentes malcuidados. Havia um cheiro ocre impregnado nele, que Amaia não sabia identificar se das roupas ou dele próprio. Afora o cantil que trazia na cintura, repleto de aguardente, carregava um revólver.

Ao vê-la, o feitor cuspiu o tabaco no chão e fez uma pequena reverência:

-Bom dia, sinhazinha.

Amaia não conseguia gostar de Severo. Não se tratava da sua aparência perturbadora. Era o seu olhar calado de quem não dizia o que realmente pensava e, o que, certamente, boa coisa não seria. Também o discriminava por sua origem: seu pai era o antigo feitor que havia estuprado a mãe dele, uma das escravas prediletas de sua avó e, ao que tudo indicava – e pelo que ouvia das mucamas – o filho trilhava os passos do pai. Não era assunto para uma dama ter conhecimento, porém as paredes e portas do velho casarão – construído no século passado – eram finas e malfeitas. Os Carvalho haviam economizado na sua construção. E esta era outra coisa que ela passaria a investigar: não admitiria este tipo de violência em suas terras, muito menos, na vida das pessoas ao seu

redor.

Amaia passou reto por ele e deu ordens quando o sentiu a seguindo:

-Quero que me mostre tudo o que está acontecendo na fazenda. Todos os lugares. Sem exceção! Também pretendo visitar a senzala e ver em que condições estão os escravos.

-A sinhazinha na senzala? Não. O senhor seu pai não gostaria.

Ela voltou-se para ele, batendo a ponta do chicote na saia do vestido:

-Não é meu pai quem manda mais aqui. Sou eu! E você deverá me obedecer, Severo, a menos que você queira ser despedido. Não sou meu pai e muitas coisas aqui irão mudar a partir de agora. Acabaram os castigos corporais e teremos uma limitação de idade e horas de trabalho. Também mudarei a dieta alimentar deles.

Severo não a contradisse, mas sua expressão se fincou na perturbação de quem não admitiria aquilo. Tentou ganhar paciência. Cuspiu no chão o resto de tabaco, que havia ficado preso entre os dentes, para poder falar:

-A sinhazinha vai estragar eles. Escravo tem que ser tratado como bicho, senão eles não trabalham direito. E se eles não trabalham direito, a sinhazinha perde dinheiro.

Evitando ficar horrorizada com a massa gosmenta marrom, Amaia manteve a pose de senhorita de boa estirpe. O seu tom de voz, no entanto, era de comando:

-Não mais, Severo. As coisas vão mudar. E se você não está satisfeito, aceitarei a sua demissão com prazer.

-A sinhazinha não gosta de mim.

Mirando-o nos olhos, Amaia lhe respondeu com uma coragem que nem ela achou que teria:

-Não, não gosto.

Aquilo foi um acinte que percorreu todo o corpo do feitor. Colocou o chapéu sobre a cabeça e a encarou:

-Então, por que não me demite?

Se dissesse a verdade, que era porque não teria como arcar com uma nova contratação, seria humilhante. Precisou erguer o queixo na mentira:

-Por consideração por tudo o que fez pelo meu pai. Ele confiava em você e eu terei de aprender a confiar. Mas saiba, Severo, eu não vou admitir que você maltrate quem quer que seja, entendido? Nem que chegue perto das escravas.

Sem aguardar que ele a respondesse, Amaia puxou a saia do vestido de montaria e foi para seu cavalo. Um belo animal branco, de crina feito nuvem, que a acompanhava desde os últimos quatro aniversários. Com a ajuda de um escravo, montou-o, ajeitando-se sobre a cela comum. Era uma das poucas moças

da região que podiam cavalgar tanto na cela comum – utilizada pelos homens – quanto na cela inglesa feminina – que era de lado. Dependendo do que fosse fazer e da agilidade que lhe fosse demandada, optava por uma ou pela outra. Como passaria o dia subindo e descendo do cavalo, achou que a comum seria menos problemática do que a inglesa, cuja ajuda extra era necessária para prender seus pés – e não queria ter de pedir isso a Severo.

Com o vestido verde caindo pelas ancas do cavalo branco, os detalhes do chapeuzinho negro e das luvas mosqueteiras, Amaia transformara-se numa pintura contra o céu azul que ia clareando ao sol matinal. Uma inspiração para qualquer artista.

Até mesmo Severo, cujos dotes artísticos eram inexistentes, ficou fascinado. Mas não se ateuve muito nisso, pois toda beleza esconde a sua feiúra em algum lugar. Tomou ele o seu próprio cavalo xucro e acompanhou a sinhazinha alguns galopes atrás.

A Santa Bárbara era uma fazenda grande, comparada a muitas, mas pequena quando se pensava nos termos da Guaíba. Ainda assim, tivera o seu tempo áureo de produção de café e cana-de-açúcar. Os resquícios do engenho haviam desaparecido, nem mais a roda da moenda havia, tendo sido tudo transformado e adaptado para a plantação de café. Muito dinheiro havia sido gasto nas adaptações – falavam de contos de réis! Amaia não sabia disso e nem que antes eles haviam sido um engenho. Restava-lhe apenas a preocupação com o trato dos escravizados, ao que se mantinha mais atenta do que na quantidade de reses, nos pastos, na qualidade dos grãos, nas pequenas plantações de subsistência.

Quando atingiram o cafezal, todo o seu corpo tensionou. O sol já era quase de meio-dia e os escravizados se carregavam pelo calor. Apreensiva, calculava o quão magros estavam. Foi até uma escravizada que, de cócoras ao lado de uma panela grande de ferro, cozinhava o desjejum-almoço. Era angu e alguns fiapos de carne seca e toucinho. Quis saber quem havia preparado aquela dieta – que, veio a descobrir, se repetia todos os dias, em ambas as refeições. Mandou que ignorassem as antigas ordens de seu pai. Era ela quem estava no comando. Ordenou que variassem e lhes fosse dado mais carne e alguns legumes.

Depois, questionou porque os capatazes andavam com chicotes e armados. Severo tentou explicar que era para se protegerem e inibirem fugas, mas Amaia via apenas uma maneira de se impor e de causar alguma morte usando uma tentativa de fuga como desculpa. Proibiu tanto o revolver quanto o chicote.

O feitor relutou. Alegava que seria dar abertura para uma fuga. Amaia lhe deu as costas e subiu no cavalo.

Seguiriam para a senzala e para o terreiro, que ficavam próximos.

A senzala era um caso à parte, pensava Amaia consigo mesma. Era pequena, escura, abafada e haviam juntado os escravizados doentes com os saudáveis. De imediato mandou que fossem separados.

-Não temos como criar uma enfermaria. – avisou Severo, cansado de ser mandado por uma mulher.

-Vi um quarto de víveres que não é usado. Limpe-o e traga os doentes para lá. Coloque-os em redes para que não fiquem no chão frio e não sejam picados por insetos. Também quero redes nas outras senzalas e que separem mulheres de homens. E arrume dois ou três homens fortes e abram algumas janelas para que possam respirar um pouco e sair daquele abafamento insuportável.

E dava as costas toda vez que Severo tentava contrariar alguma ordem.

Ao chegar na casa grande, ao fim do dia, Amaia mal conseguia se manter nas pernas. Havia esquecido de almoçar e nem previa o jantar. De imediato enfiou-se no gabinete do pai e começou a analisar números e planilhas. Já havia sido cobrada por mais de cinco pessoas e precisava ter certeza se teria como pagar a todos e ainda comprar alguns itens para a fazenda. Havia cortado o que considerava supérfluo, ainda assim, precisava tirar mais alguma coisa. Para piorar, Cora não abria mão da sua pequena mesada, com a qual comprava papel e tinta para as cartas de Singeon.

Incapaz de precisar o tempo, com os olhos doendo e o corpo pesado, Amaia não escutou quando a velha Bá bateu à porta. Trazia-lhe um candeeiro para não forçar a vista com a noite que ia se fazendo.

-Vai jantar aqui ou na mesa?

A voz de Bá fez com que erguesse os olhos verdes dos papéis.

Nem o chapéu a jovem havia retirado. Ao notá-lo, através da expressão preocupada de Bá, recostou-se na cadeira e desprende os alfinetes que o seguravam nos cabelos escuros. Sua coluna estalava como se há muitos anos desconhecesse a posição ereta.

-Aqui. – respondeu quanto ao jantar – E Cora? Saiu do quarto?

A mucama abaixou o rosto e balançou a cabeça:

-Continua trancada e sem querer comer.

-Ah, Bá, como estou cansada! – pressionou os olhos – Não consigo mais raciocinar esses números. É desesperador a quantidade de dívidas que meu pai levantou. Se todos vierem nos cobrar, teremos que vender a fazenda e, mesmo assim, temo que ainda estaremos devendo alguma coisa. Como era boa a vida sem preocupações e responsabilidades, tendo só que me preocupar com a minha postura e ter as vestes bem compostas nos bailes e saraus.

-E se a sinhá vender alguns escravos?

Parecia que Bá havia dado um tapa nela.

-Não! Me recuso a vender! Seria como compactuar com um sistema que eu abomino. Pensei em deixá-los fugir, mas se isso acontecer, será pior ainda. As dívidas só dobrarão e perderemos tudo num piscar de olhos. – soltou o ar de frustração – Eu realmente não sei o que fazer. Pensei em lotear algumas terras, mas o entorno da fazenda possui apenas cafezais de mais de vinte anos, cuja terra está quase infértil. Não adianta vender a produção antes, pois o comissário Mattos pagará menos. Isso, se ele vier aqui. Mandou uma carta se dizendo muito ocupado até o Natal. Sei que me detesta. Terei de vender alguns móveis e jóias. Se as coisas continuarem dessa maneira,... não gosto nem de pensar! Não sei como papai deixou que chegássemos a este ponto. Como ele conseguiu? Se eu soubesse...

-Sua irmã não poderá contribuir com alguma coisa?

-Cora? – quis rir – Ela só pensa em Singeon e quando ele lhe responderá.

-Não há nenhum amigo de confiança com quem possa emprestar?

-Mais empréstimos? Devemos à metade da vizinhança! Duvido que fariam novos empréstimos. Somente de uma pessoa meu pai não chegou a pedir dinheiro, mas eu me recuso a pedir ajuda dele.

-Quem?

-O Sr. Montenegro. Ah, mas seria humilhante pedir um empréstimo para ele. E sabe-se lá como ele poderia me cobrar...

-O que a sinhazinha quer dizer? – Ba cruzou o cenho, demonstrando-se superprotetora – Ele foi inconveniente? Fez ou falou algo que não devia?

-Não. Antes tivesse sido! – desabafou enquanto se espreguiçava – Se tivéssemos intimidade, poderia lhe pedir dinheiro sem prazo.

-Sinhazinha Amaia, não gosto quando fala assim! – A velha mucama cruzou o xale em volta do corpo – E tenho certeza que ouvi seus pais exclamando do túmulo.

-O que posso fazer, Bá? – ela se levantou, com as mãos nas cadeiras, tentando se esticar o máximo que podia – Se não levantarmos dinheiro até o mês que vem, é bem possível que eu tenha que trabalhar na casa de tolerância para podermos comer.

-Pai do Céu! – fez o sinal da cruz – Olha como fala, menina!

Bateram à porta. Amaia aguardou surgir a cabecinha de uma outra escrava, menina nova, talvez de 15 anos, no máximo.

-O que foi, Flora? Não me diga que é mais um cobrador?

-Não. É a sinhá Caetana.

Amaia manteve a careta de desânimo:

-Espero que ela não tenha vindo jantar!

Adorava a amiga e era com paixão que ia recebê-la, apesar do cansaço.

Contudo, a comida começava a ser reduzida na fazenda e não queria que a amiga descobrisse isso. Todo o dinheiro que tinham era para as despesas mais importantes para manter os cafezais funcionando.

Usando isso como desculpa, Cora dizia não querer mais sair do quarto. Gritava para todos que não havia nascido para a pobreza. O que, muitas vezes, obrigava Amaia e as escravas a cederem os melhores pedaços para ela “não se sentir tão infeliz”, o que significava parar de perturbar todo mundo.

Ao passar pela frente do espelho, Amaia notou que não só ainda estava com as roupas de montaria, como seu rosto estava pálido e chupado e bolsas arroxeadas se faziam debaixo dos olhos mortícios. Parecia um cadáver ambulante, igual aos das histórias que as escravizadas lhe contavam quando criança. Tentou puxar as bochechas e mordeu forte os lábios para ver se ganhavam alguma cor. Ajeitou a postura e abriu um sorriso que soara tão falso que ela preferiu não manter.

Ao pisar na sala, Amaia foi direto ao encontro das mãos que lhe eram estendidas:

-Caetana! Que bom ver um rosto amigo! Já estava enlouquecendo trancada nesta casa por causa do luto.

-Querida! Eu soube das suas dificuldades!

-Você soube? Esplendoroso! – ironizou.

Ambas sentaram-se no sofá, frente a frente.

-Todos estão comentando a situação. – Amaia estremeceu, tentando não parecer desesperada – Tentar mudar um sistema escravocrata de uma hora para outra deve ser um pesadelo.

-Ah, sim. – alívio, achou que falava das dívidas. Reganhou a confiança para explicar – Mas é o mais humano que posso fazer.

-Papai está descontente. Acha que a morte de seu pai e o luto podem ter afetado a sua razão.

-Não duvidaria também... – desviou os olhos verdes – Enfim, conte-me as fofocas! Quero saber quem está de namorico com quem, quem está sofrendo alguma rejeição, quais segredos sórdidos veio a saber pelas suas irmãs? Ninguém mais vem me visitar, não sei de mais nada. Conte-me o que há de mais flébil, volúvel e esplendoroso no momento! – abriu um fio de sorriso.

-Nestes últimos meses parece que o mundo parou. Recebemos poucas visitas e todas elas são as mesmas e com as mesmas histórias.

-Não perdi nada, pelo visto. – desanimou; contudo, num segundo olhar, reparou que a amiga a evitava encarar, mordiscando os lábios – O que você está me escondendo? Conte-me!

Caetana levantou-se e deu uma volta na sala antes de falar com algum

incômodo:

-Há um rumor que você tem recebido senhores... sozinha.

-Sim, negociantes, cobradores, como qualquer fazendeiro da região. – não entendia o porquê do alarde.

-Sim, Amaia, mas sozinha?! Não é bom para a sua reputação. Sabe como as pessoas falam...

A amiga retornou ao sofá e tomou as mãos de Amaia. Evitava lhe mirar, dando a certeza de que as fofocas não terminavam aí.

-O que estão falando? Caetana, não minta para mim. Você é uma péssima mentirosa.

-Dizem que você está pagando as dívidas de seus pais com favores, por isso encontra os senhores sozinha.

O rosto de Amaia empalideceu, a cabeça latejou e os lábios balbuciaram:

-O quê?

-É melhor você se casar logo, Amaia, e acabar com esses rumores. – apressou-se em achar uma solução.

-Me casar? – soltou-se das mãos da amiga e se levantou, injuriada – Só por que atiram mentiras a meu respeito?

-Talvez seja a melhor solução para a sua situação. Um marido rico poderá ajudar a resolver quaisquer problemas e você não precisará se preocupar com a administração da fazenda e poderá voltar para a sociedade.

-Não estou “excluída” da sociedade. É o luto que exige! E o trabalho, que tem me tomado muito tempo. – pôs as mãos na cintura – E se até hoje não me casei, não foi por falta de pedido e nem de pretendente. Fui eu quem não quis!

-É. Mas chega um momento, Amaia, que não podemos mais protelar determinadas coisas. O futuro de uma mulher solteira e sem renda pode ser muito cruel. O que será de você se perder a fazenda? Para onde você irá? Quem irá estender a mão para uma moça sem dote?

O rosto de Amaia foi para o azulado:

-O dote! Me esqueci do maldito dote!

Rapidamente repassou os cálculos que havia feito. Havia dote apenas para uma das filhas. Se Cora casasse com Singeon, o dote iria para ele e não sobraria nada para Amaia colocar na fazenda. Isso não poderia ser pior!

Atirando-se aos pés de Caetana, Amaia tomou as suas mãos, em súplica:

-Caetana, você terá de me ajudar! Eu preciso me casar o quanto antes!

-Há cinco minutos...

-Há cinco minutos eu era outra pessoa. Me ajude! Preciso saber quem são os rapazes mais ricos da região que me aceitariam.

Confusa com aquele gesto repentino, Caetana balançou a cabeça:

-Qualquer um! Todos a admiram!

Amaia ergueu-se do chão com facilidade, por causa da falta do espartilho. Caetana entrou em choque ao perceber:

-V-você está sem espartilho?!

Não a escutou de tão concentrada que estava, andando de um lado ao outro da sala, pensando em voz alta:

-Antes preciso entrar em sociedade novamente, acabar com este luto infernal e com as fofocas.

-Mas faltam ainda dois meses para você entrar no luto moderado!

-Em dois dias não estarei mais de luto e em dois meses estarei casada, se tudo der certo. E espero que dê. – encarou-a, determinada – Você terá de me ajudar. Antes, me diga uma coisa: você vai ficar para jantar?

Capítulo 11

Um pequeno jantar de condolências oferecido para as irmãs Carvalho, este era o motivo que Canto e Melo havia explicado a Montenegro ao receber um convite para ir à Guaíba. Não era incomum este tipo de reunião e, sim, o fato de o Sr. Feitosa ter se lembrado dele. Da última vez, no almoço de noivado, o fazendeiro parecera bem incomodado com ele. Canto e Melo garantia, no entanto, que a oferta era genuína, o que levou Montenegro a suspeitar de que algo tinha por detrás. Sendo como fosse, não teria motivos para recusar. Mandou ajeitarem a casaca de jantar e, ao contrário do costume, vestiu uma camisa e colete brancos como ditam a moda. Dessa vez, também não tomaria o cavalo, preferindo o coche para não estragar as roupas.

A Guaíba, à noite, era tão magnânima quanto de dia. Todas as suas luzes estavam acesas, iluminando-a a quilômetros de distância. Aquela estrela, que afastava a escuridão, crescia com a proximidade do coche, transbordando luz dourada para o jardim no entorno. Deveriam ser muitas velas e candeeiros para mantê-la acesa, o que era impressionante – e uma prova do poderio econômico dos Feitosa.

Montenegro saltou do coche e ajeitou a casaca e a gravata enquanto subia os degraus que levavam à varanda. A porta estava aberta para recepcioná-lo, contudo, desta vez, não havia um mar de gente afluindo. Estranhou por alguns segundos se aquilo não seria uma armadilha. Era tarde demais para retornar. Abriu um falso sorriso e foi recebido por um escravo bem trajado. Não trouxera nem cartola, nem sobretudo, sendo levado diretamente para a sala de estar.

O cômodo estava mais iluminado do que o restante da casa, forçando-o a contrair os olhos cinzas até que se acostumassem com tanto brilho. Não demorou para que conseguisse enxergar o anfitrião, que vinha lhe recepcionar com um sorriso incomum:

-Bem-vindo, Sr. Montenegro! Espero que não tenha tido problemas. A estrada pode ser bem perigosa à noite, por causa da sua estreiteza e uma ou outra pedra mal colocada.

Não comentou, retribuindo o sorriso e indo cumprimentar a Sra. Feitosa e os outros convidados. Podia sentir em sua nuca o olhar cortante do fazendeiro, que não se deixava antipático, ao contrário, tinha sempre um sorriso e uma gentileza prontas para Montenegro, o que o fazia desconfiar que as coisas estavam piores do que havia imaginado. Só parara de sorrir quando reparou na maneira como Montenegro havia pego a mão de Amaia de Carvalho para lhe cumprimentar e completar os pêsames. Acariciava os dedos dela enquanto falava e depois beijou-os num estalo, que também incomodou as gêmeas, Rosária e

Belizária.

Não era somente aquele intenso cumprimento que deixara as duas Feitosa injuriadas. Corria entre elas as críticas quanto à roupa que Amaia havia escolhido usar naquele jantar – o primeiro em meses após a morte dos pais. Havia colocado uma saia creme com detalhes em veludo preto e fitas de cetim na mesma cor. A parte de cima do corpete era preta e a renda do decote e das mangas e as fitas eram creme. Usava ainda um par de brincos de azeviche – herdados da mãe – e uma fita de veludo negra com um medalhão de prata pendurado – ao abri-lo, ver-se-iam as miniaturas dos pais. Os cabelos escuros estavam parcialmente presos e alguns cachos caíam pela vestimenta, mantendo o ar jovial.

Sua irmã Cora tinha o luto completo levado na roupa e na alma, o que a fizera relutar em sair de casa. Ficou calada a maior parte da visita, com olhos baixos e um lenço branco com borda negra nas mãos – o qual retorcia toda vez que Amaia sorria ou se animava com algo “esplendoroso”. Os cabelos escuros estavam presos numa simplicidade espartana, as roupas eram totalmente negras e fechadas até o pescoço e não havia qualquer adereço que chamasse a atenção para a vaidade. Fazia ainda questão de ressaltar o quão imprudente era a sua irmã que, com apenas alguns meses de luto, já coqueteava como se nada tivesse acontecido – nisso ela era apoiada pelas gêmeas, pela Sra. Feitosa e pelas outras convidadas.

Ainda que tivesse quase todas as mulheres contra as suas atitudes, tinha os homens aos seus pés, solícitos em tudo, chegando ao ponto de disputar quem lhe serviria de refresco, ou a acompanharia até a varanda quando reclamava de abafamento na sala repleta de velas.

Havia sido exatamente com esta intenção que Caetana havia pedido aos pais que convidassem o Sr. Leite e sua irmã, o Sr. Chaves e sua mãe, o Sr. Astolfo e o Sr. Carlote para o jantar. A alegação, no entanto, havia sido a de que eram bons amigos da família Carvalho e que poderiam levantar os espíritos de Amaia e Cora. O Sr. Feitosa, cuja relação amigável e comercial se fazia com as famílias em questão, aceitou de bom grado, alegando que a partir de agora seria como um pai para as meninas.

Porém, ao contrário do que se seria esperado de uma figura paterna, ele não se incomodava ao ver que Amaia pulara um dos estágios do luto, indo para o luto quase aberto. Quando sua esposa e a Sra. Chaves chamaram atenção para o fato, ele discorreu sobre as longas tradições que poderiam ser prejudiciais às jovens casadoiras. Ficar um ano sem circular em sociedade seria um suicídio social e, quiçá, marital, pois todos os pretendentes poderiam estar ocupados com outras.

-Desde quando o senhor meu marido é especialista em casamentos? – ironizava a Sra. Feitosa, algo captando no olhar fixo dele em Amaia.

-Desde o dia em que só tive filhas. Nada poderia ser de mais suma importância para mim do que vê-las bem casadas.

A Sra. Feitosa não contestou e nem tirou os olhos do marido. Analisava todas as vezes que ele sorria, ou era por demais delicado com Amaia e com o seu bem-estar, o que não se estendia à Cora. Era temerário, no mínimo, e ela teria de estar atenta, pelo bem de Amaia.

A chegada de Montenegro havia transformado quase todos os presentes. Os homens sentiam-se ameaçados e as mulheres ficavam alvoroçadas. Belizária e Rosária encheram-se de encantos, ajeitando os vestidos e procurando as poses que mais lhe favorecessem, ou rindo alto para captar o olhar do belo senhor. Amaia, ladeada pelo Sr. Leite e pelo Sr. Astolfo, fingia não dar atenção – apesar de ter se colocado numa pose de quem queria ser admirada pela beleza.

Aceitando a brincadeira, Montenegro a ignorou até que tivesse cumprimentado a todos, inclusive Cora, a quem dera os sinceros pêsames. Enquanto ia falando com cada uma das senhoras, enredando-as com o seu charme, seus olhos perseguiam Amaia em segredo, vendo o rosto dela queimar pelo acinte de ser a última. Escutou os risinhos das gêmeas por detrás dos leques, o que a deixava mais vexada. Amaia procurava manter a pose de moça serena, com as mãos sobre o colo, contudo, toda a sua ira estava recolhida no seu olhar.

Quando Montenegro tomou a sua mão e inclinou-se sobre ela, de perto pôde notar uma melancolia que ela tentava arduamente forjar com bom-humor e sorrisos flácidos. Sem que reparasse na própria atitude, Montenegro acariciou-lhe os dedos.

-Como tem passado?

-Esplendorosa! – fingiu sorrir.

-De fato.

As palavras dele eram repletas de zelo, o que Amaia entendia como pena. Sentindo-se nua através daqueles olhos que, apesar da aparência fria, lhe acalentaram a alma, Amaia soltou a sua mão dentre as dele:

-Ainda bem que o senhor chegou para nos entreter. Diga-nos, o que anda fazendo na Caridade?

Ele apertou os lábios. Havia enxergado a maldade contida naquela pergunta. Todos queriam saber o que ele fazia na Caridade e, possivelmente, esta havia sido alguma conversa iniciada antes de ele chegar. Porém, enquanto poderia fugir pela tangente com os senhores, com uma dama seria de extrema falta de educação não responder.

-A Caridade é uma colônia agrícola. – não conseguia manter o sorriso,

preocupado com a reação do Sr. Feitosa – Eu não possuo escravos. São trabalhadores livres que cuidam da terra e me repassam uma parte.

-Mas a terra continua sendo sua? – ela questionou.

-Sim.

-Isto não seria o mesmo que ter escravos? Pessoas trabalhando para o senhor numa terra que não é a delas.

O Sr. Astolfo, sentindo-se injuriado pela beleza de Montenegro, o que o fazia não ter muitos amores pelo concorrente – afinal, todos os homens eram seus concorrentes quando se tratava do amor de Amaia –, retrucou:

-Isso é comunismo!

-Não, porque eu repasso aos trabalhadores a venda dos...

-Mas a terra não é deles. – Amaia o interrompeu, causando algum mal estar pela sua falta de educação e ganhando as caretas de repreensão da Srta. Leite, da viúva Chaves e da Sra. Feitosa, além das gêmeas – O que será deles sem nunca ter o próprio chão? De alguma maneira, ficam presos ao senhor.

Pressionando os olhos claro, esfriados por aquele comportamento acusativo de Amaia, Montenegro tentou decifrar onde ela queria chegar com aquela conversa:

-Não sei se entendo bem.

-Deixe-me explicar: eles não têm para onde ir. Mesmo que não haja correntes os aprisionando, eles estão fadados a ficarem naquela terra que não é deles.

-Eles podem ir e vir.

-Ir e vir? Podem ir, por certo. Mas duvido que voltem porque, com certeza, o senhor vai pôr outros trabalhadores no lugar em que deixaram vago. Ademais, irão para onde? Todas as fazendas da região são de escravos. O que o senhor está fazendo é uma falsa promessa de liberdade para que trabalhem para o senhor, acreditando que são realmente livres.

O belo senhor perdeu toda a expressão. Encarava Amaia de uma maneira que ela não soube identificar se raiva ou curiosidade. Por fim, ironizou-a, perpassando um olhar para o Sr. Astolfo, que lhe segurava uma bebida:

-Cuidado, Srta. Carvalho, ou o Sr. Astolfo pensará que é uma comunista.

Incapaz de continuar mantendo a aparente serenidade, Amaia corou e todo o seu corpo estremeceu:

-Aqui todos sabem bem o que penso e o que sou. Diferente do senhor, que é uma incógnita para nós.

Antes que aquilo se tornasse mais agressivo do que estava sendo, a Sra. Feitosa tomou a frente. Seu marido, que escutava tudo muito interessado, não se mexeu para pará-los – como deveria fazer o dono da casa –, o que a obrigou a tal

decisão.

-O jantar está servido! – anunciou, apontando a sala de jantar – Vamos passar à mesa? – e cruzou a sala ligeira, tomando o braço do último convidado – Sr. Montenegro poderia me acompanhar? Quero saber onde manda fazer roupas tão bem cortadas. Procuo um bom alfaiate para o Sr. Feitosa.

O jovem dono de terras assentiu e, compreendendo a apreensão da anfitriã, sorriu e começou a listar os lugares em que comprava suas roupas e a qualidade dos tecidos.

Atrás dele foram os outros pares, restando o Sr. Astolfo e Amaia. Aceitou com um sorriso profundo o braço que ele lhe estendia. Uma mão a tocou no ombro, parando-a. Era Caetana, de braços com o noivo. A face de apreensão da amiga já lhe dizia o motivo de estar murmurando:

-Você não deveria ter feito isso.

-Isso o quê? O que fiz demais? Expus apenas o que todos aqui pensam.

-É. Ao se expor, você ganhou um inimigo poderoso.

-Poderoso por quê? – questionou o Sr. Astolfo, ainda vexado com toda aquela atenção com o Sr. Montenegro.

Caetana trocou um olhar nervoso com Amaia. A amiga abriu um sorriso de desdém e jogou a cabeça para o lado:

-Só se for me indicando um alfaiate. – e dividindo uma risada com o seu acompanhante, entraram na sala de jantar.

Capítulo 12

Dessa vez, Amaia havia sido colocada perto do anfitrião, e ao lado do Sr. Astolfo. Na sua frente, havia o Sr. Carlote e não muito longe deles, o Sr. Chaves. Na outra ponta da mesa, para sua sorte, sentava o Sr. Montenegro do lado direito da Sra. Feitosa e o noivo de Caetana no esquerdo. Não teria de se preocupar com o que dizia ou fazia. Porém, era gritante todas as vezes que captou os olhares do Sr. Montenegro para cima de si, o que a enchia de vaidade e a engrandecia, fazendo dela ainda mais estrela do próprio show. Falava com charme, contava casos engraçados, ria das piadas sem-nexo do Sr. Carlote, gesticulava, resvalava a mão sobre a do Sr. Astolfo para lhe chamar enquanto ele respondia algo à Srta. Leite e se enchia de comida, aproveitando a mesa farta.

O Sr. Feitosa a estimulava ainda mais, exaltando seus dotes e obrigando os senhores a prestarem cada vez mais atenção nela. Em determinado momento, acreditou-se que ela estava exagerando na medida em que o anfitrião lhe ressaltava as qualidades. Foram tantos os elogios, que perturbaram a esposa e as filhas e, em pouco, tanto o Sr. Montenegro como metade da mesa achavam que haviam atingido um ponto em que aquilo estava por demais. Não havia mais outro assunto e nem sorriso que se mantivesse para cada elogio, cada exaltação. Nem com as filhas ele era tão atencioso e, quanto mais vinho entrava, mais palavras saíam favorecendo os dotes da bela órfã.

Amaia, notando o mal estar que ia se fazendo durante a sobremesa, colocou sua mão sobre a dele. Agradeceu a gentileza num sorriso cortado:

-Se continuar me elogiando desta maneira, ninguém acreditará no senhor.

O Sr. Feitosa, muito andado no vinho, segurou a mão de Amaia, impedindo-a de retirar. Diante dos olhares dos convidados, tomou a mão dela, acariciou-a e beijou-a com tanto fervor, que a Sra. Feitosa, do outro lado da mesa se levantou, atirando o guardanapo na mesa.

Montenegro e Canto e Melo estavam certos de que dali viria um escândalo, contudo, a senhora se comportou. A Sra. Feitosa deu um sorriso truncado e apontou a porta:

-Vamos tomar café na sala de estar? Acho que lá será mais cômodo para todos.

Antes que o Sr. Feitosa tomasse Amaia pelo braço para conduzi-la até a sala contígua, Canto e Melo foi cutucado pela noiva e tomou a frente. O Sr. Feitosa, que nem havia se levantando ainda, tentando manter o equilíbrio nas próprias pernas, soltou um muxoxo de desaprovação e resolveu terminar o seu vinho antes de seguir. Era evidente o seu aborrecimento, analisando a bebida em mãos,

e xingando algo tão baixo que Montenegro – que havia ficado para trás – não conseguiu decifrar. Ao reparar no par de olhos claríssimos, por entre as chamas das velas no centro de mesa, o Sr. Feitosa resmungou:

-Nunca se case. Meu conselho.

Aproveitando aquela abertura de conversa, Montenegro aproximou-se do senhor com um sorriso enviesado:

-Uma pena o acidente dos Carvalho.

-Sim, uma pena. – terminou o vinho num gole e encarou-o.

-Deve ter trazido muito sofrimento a todos os envolvidos.

-Por certo. Às filhas, sobretudo. Como grande amigo de seu pai, eu irei velar por elas como se minhas fossem.

-Gostaria de outro conselho, quanto aos escravos do senhor. Vi que consegue manter um bom número nessa época de dificuldades, por causa das restrições do governo. Gostaria de saber como consegue. – terminou a frase sentando no lugar em que antes estava Amaia.

O Sr. Feitosa soltou-lhe uma risada:

-Por que um abolicionista quer saber sobre os meus escravos? Pretende fugir com eles? – apoiou o cotovelo na mesa e inclinou-se, colocando os rostos bem próximos, num duelo de olhares.

-Não sou abolicionista... – Montenegro foi ao alcance da garrafa de vinho e serviu ao anfitrião e a si mesmo – Na verdade, posso ser sincero com o senhor, da mesma forma que quero que seja comigo... Eu NÃO sou abolicionista, ao contrário, finjo que sou para que os outros senhores não me vejam como concorrência.

O Sr. Feitosa tomou a sua taça, interessado:

-E quanto às colônias agrícolas da sua fazenda? – recostou-se no assento, mantendo o outro preso no olhar desconfiado.

-Eu forjo um papel dizendo aos escravos que eles são livres, assim eles trabalham melhor e com mais vontade e não questionam as minhas ordens e nem tentam fugir. Sabe quantos perdi desde que formei a fazenda, há 2 anos? Nenhum!

-Impossível!

Montenegro bebericou e dançou a taça nas mãos, abaixando os olhos para o líquido vermelho:

-A miséria que pago a eles parece o suficiente e acham que estão no lucro. Sou eu quem lucra, pois trabalham mais, por mais horas, sem precisar pagar capatazes e, ainda, se auto sustentam com o que ganham e compram os utensílios na minha venda.

-Inteligente. – murmurava, com os olhos no vinho – Muito inteligente.

-Preciso de mais mão de obra. E reparei que o senhor tem gente “nova”, o que torna mais fácil o meu trabalho. Quanto menos conhecem a língua, mais fácil é enganá-los.

O Sr. Feitosa, que até então parecia relutante em acreditar em Montenegro, terminou o vinho e a conversa:

-Case-se com uma das gêmeas e eu lhe ajudo.

-O senhor acabou de me aconselhar a não me casar?! – abriu um sorriso desconcertado.

-Veja bem, casamento é um negócio e, como todo negócio, deve ser lucrativo para ambas as partes. Me ajude a ajudá-lo, Sr. Montenegro. Case-se com uma das gêmeas e eu lhe ajudo no que precisar, inclusive recebendo mão-de-obra novinha, vindo diretamente do Atlântico. E quanto ao amor, deixe isso para as amantes. – gesticulou a cabeça na direção da porta, dando a entender que falava de Amaia.

Montenegro ajeitou-se numa cadeira com a taça na mão. Da posição em que estava notou, por entre as portas, que havia alguém os escutando. Inclinou-se um pouco mais e o rosto assustado de Amaia se desfez no movimento de quem saía com pressa antes que pudesse ser pega ouvindo atrás das portas.

Terminou de beber, pensativo, acompanhando o silêncio do Sr. Feitosa. A ideia de se casar com uma das gêmeas era de gelar a alma, contudo, ter Amaia como amante era de aquecer o corpo e o espírito.

*

Ao retornar à sala, Montenegro e o Sr. Feitosa pareciam mais amigos do que quando entraram, levando as desconfianças da esposa e do futuro-genro. Conhecendo bem o amigo, Canto e Melo imaginou que algo muito bom ele conseguira com uma conversa íntima. Porém, não entendeu quando Montenegro foi até uma das gêmeas e tomou-lhe a mão:

-Gostaria de dançar?

Falava de maneira suave, o que era incomum.

A outra gêmea, sentada ao lado da irmã, corou de raiva. Ergueu-se e foi, abanando o leque, para outro canto da sala.

-Hah? Como? Não temos música?! – retrucou a escolhida.

O Sr. Feitosa, fazendo gosto, ordenou à Caetana:

-Caetana, toque algo animado no piano! Quero música!

A Sra. Feitosa, conhecendo o marido, conectara rapidamente os pontos e entendera o que acontecia. Tocou no ombro dele e lhe sussurrou:

-Não acho apropriado, Caetano. É uma reunião de condolências.

Ele mexeu o ombro com agressividade, afastando-se dela de maneira tão grossa que os olhos da senhora se encheram de lágrimas pela evidente

humilhação:

-Ah, deixe-me! Faço o que quiser! – e num passo rápido, cruzou a sala até Amaia e estendeu-lhe a mão – Venha!

A jovem soltou um sorriso desconcertado e trocou um olhar embaraçado com a dona da casa. A Sra. Feitosa virou-lhe a cara e foi para perto de Cora, que encarava a irmã com evidente raiva pela situação que estava causando.

Tentando manter a pose, Amaia abaixou os olhos verdes e murmurou:

-Agradeço, mas não acho apropriado.

-Na minha casa eu decido o que é apropriado. Venha! – a jovem não se mexeu, o que o fez ser mais violento – Quer ou não dançar comigo? Ou prefere outro? Quiçá o Sr. Chaves? Ou o Sr. Leite? Ah, imagino que prefira o Sr. Astolfo, pela maneira com que passou conversando com ele a noite toda.

Amaia não soube para onde olhar. Buscou pelo Sr. Astolfo que, tão corado quanto ela, levantou-se para buscar um refresco para si. Caetana, sentada ao piano, ao lado do noivo que lhe virava as páginas da partitura, tinha uma evidente expressão de descontentamento – pelo pai, obviamente. O Sr. Leite e o Sr. Chaves a evitavam. A Srta. Leite e as gêmeas seguravam um riso maldoso. A viúva Chaves e o Sr. Carlote a miravam como se fosse o cerne de todo um problema. Quanto ao Sr. Montenegro, bem, evitou procurar pelos olhos dele. Queria fugir dali o quanto antes, mas seu corpo a impedia.

-Está constrangendo a moça, Caetano. – avisou a viúva Chaves que, apesar de não ser muito afim de Amaia, principalmente quando o filho se mostrara interessado nela, notou que a moça ficara assustada com aquele rompante.

-Constrangendo? Desde quando ela se constrange com algo?

Transbordando de vergonha, Amaia pediu licença e, tentando forçar um sorriso, saiu da sala.

*

A noite escura preenchia Amaia. Não havia lua ou estrela, nada que pudesse lhe acalentar a alma. Da varanda da casa, podia escutar a música do piano de Caetana e algumas risadas que iam ganhando compasso com o correr a melodia. Se fosse em outra época, se não tivesse tão desesperada em casar para conseguir reerguer a sua fazenda, poderia ter enfrentado aquilo com dignidade.

Já ia a terceira dança e Amaia ainda não havia ganhado coragem de voltar para a sala. Talvez nem quisesse mais. Apoiada no balaústre da varanda, tentou buscar uma estrela que fosse. De menina havia aprendido com o pai a fazer um desejo para a primeira estrela que encontrasse no céu noturno: “Primeira estrela que vejo, realiza o meu desejo...” Era tudo tão escuro, tão desolador, que um frio preencheu-a. Amaia temeu, pela primeira vez, que nunca fosse capaz de ser feliz.

Achou ter avistado uma estrela, pequena, quase imperceptível por entre o

céu cerrado. De olhos fechados, pediu:

-Primeira estrela que vejo, realize o meu desejo: que eu encontre aquele que me fará feliz.

Foi quando ouviu uma voz atrás de si:

-Posso saber o que tanto busca?

Sem se virar para ele, Amaia abriu os olhos e respondeu, sem qualquer remendo:

-Um marido.

-Um marido? – os olhos de Montenegro se mantiveram fixos nela – E por que quer um marido?

Voltando-se para ele, não se deixaria abalar por aquela conversa, da mesma maneira que não se envergonharia em ter a expressão diminuída e os olhos pesados pela vontade de chorar. Porém, a sua voz ainda era destemida, de quem não se daria por vencida:

-Já tivemos esta conversa anteriormente. O senhor está ficando repetitivo.

-Sim. – ele pausou. Em passos vagarosos, aproveitando a pouca luz que clareava a varanda, vinda apenas das velas acesas dentro da casa, tomou a mão de Amaia – Se quiser, posso ajudá-la quanto a isso. Posso ensiná-la como se divertir sem precisar se casar, sem comprometer a sua imagem ou, até mesmo, a sua... pureza. – e beijou-lhe os dedos.

-Como isso é possível? – ela retirou a mão dentre as dele – Ah, mais uma vez o senhor zomba de mim, aproveitando-se da minha inocência.

Montenegro nada comentou. Ela era mais ingênua do que poderia esperar. Talvez tudo o que fizesse ou falasse fosse apenas para chamar a atenção dos rapazes. Ainda assim, havia algo em Amaia que o fazia desejoso como um rapazote. Maior do que luxúria, era algo que ele ainda não sabia classificar o quê. No entanto, era poderoso o suficiente para ele querer estar perto dela, ajudá-la e até se sentir enciumado ao imaginá-la casada com outro. Este último pensamento ele ignorou, abrindo um sorriso de quem tinha que manter a pose de cafajeste.

Todo o corpo de Amaia estremeceu e a vontade de lhe dar um tapa era grande, mas não tinha forças senão apenas para xingá-lo com a primeira coisa que lhe veio à cabeça:

-Canalha!

-Está caindo na repetição. – ele mantinha o sorriso, o que era piorado pela mão na cintura. Uma pose que Amaia tomou como de zombaria.

-Pois saiba que nunca vou me “divertir” com o senhor, muito menos, me casar! Corto os pulsos, mas não me caso consigo! – retrucou ela, furiosa, querendo sair da varanda.

Ele se pôs diante dela, impedindo a passagem:

-É isto uma promessa?

-Promessa não, um juramento, perante Deus!

-Olha que os anjos passam e dizem Amém?!

-O senhor é um enganador! Não quero uma pessoa assim perto de mim. Diz uma coisa e faz outra. Jura que nunca se casará e corteja as gêmeas! Vá lá dançar com a Belizária. Ou será que é a Rosária? O senhor sabe diferenciar uma da outra? – ao ver que havia conseguido tirar o sorriso dele, Amaia se deu por satisfeita – Boa sorte!

Contornou-o e retornou à sala num passo apressado de quem ia buscar a irmã para irem embora.

Montenegro ainda ficou um tempo na varanda, estudando aquela reação. Havia ciúmes, ou ele se enganara? Ebuliu a esperança de que houvesse um interesse dela nele. Ao mesmo tempo, surgiu preocupação de quem temia que ela poderia se apaixonar por ele – e ele por ela -, afinal não era um homem que se casaria e ela estava determinada a arrumar um marido.

Precisava analisar quais seriam os seus passos a seguir. E talvez ficasse toda a noite ali se não fosse por uma das gêmeas chamá-lo para uma dança. Quem era? Ele ia ter de descobrir. Deu o braço e foi tentando desvendar se era Rosária ou Belizária, e quem havia sido a primeira com quem havia dançado.

Capítulo 13

Havia duas pessoas que Amaia poderia considerar como as mais detestáveis no mundo, de quem garantia que nunca se aproximaria, a menos que estritamente necessário. A primeira era Eduardo Montenegro, que recentemente havia ganhado o posto de campeão na lista de detestáveis ao bulir com ela mais de uma vez e fazer uma proposta tão indecente quanto “se divertirem juntos” de uma maneira que não afetaria a sua “pureza”.

Passou a noite em claro, entre amargurar a sua humilhação e imaginar como seria possível essa tal “diversão”. Sabia algumas coisas da intimidade de casal – o que era praticamente difícil de esconder quando se morava numa fazenda, estando rodeada por animais. Eventualmente eram os cães ou vacas que faziam ou, uma vez ou outra, algum escravo ou capataz era pego no flagra. Curiosa, observava, às escondidas, tentando entender como funcionava “a diversão”. Um dia, Bá a encontrara enfiada contra um buraco na parede de pau-a-pique da senzala. Estava atenta a algo que acontecia lá dentro. Pelos gemidos, a mucama imediatamente entendera. Achava melhor explicar a ela o que acontecia, em vez de levá-la para a mãe, que lhe daria uma coça – pois uma moça de família não poderia ter desses conhecimentos antes da noite de núpcias. Amaia já contava com 14 anos e a qualquer momento poderia se casar. Era melhor estar preparada. Sem muito afobamento, levava-a para ver dois cães que estavam cruzando. Aproveitando a situação, pontuava as diferenças anatômicas entre homens e mulheres e como funcionava a relação íntima. Contudo, alertava que uma coisa era imprescindível para que ocorresse: estar casada com o parceiro. Isso confundira um pouco Amaia que, ao ver que havia algo acontecendo, questionava quando um escravo ou um capataz havia se casado. Nervosa quanto a estes questionamentos, a mucama a expulsava e mandava ir para a capela rezar, porque não tinha nada mais importante para pensar.

A segunda pessoa que mais odiava era, certamente, o feitor Severo. Porém, este era obrigada a aturar até determinado ponto. Não tinha dinheiro para mandá-lo embora e para contratar outro. E ele também não reclamava do salário que estava há 6 meses atrasado. Da mesma forma que não o tolerava, enxergava a maneira desagradável com que ele a mirava, dando a entender que estava ali por obrigação – provavelmente com relação a seus pais. Quando ela lhe comentava algo, ele nem respondia. Quando ela perguntava alguma coisa, ele era monossilábico. Quando ela lhe ralhava, ele virava a cara e sumia por todo o dia. Relutava em aceitá-la como sua chefe, ignorando as suas ordens e indicações e fazendo da maneira que queria.

Foi justamente desta forma que os dois discutiram a ponto de romper com a aparente bonança que se fazia entre eles.

Amaia voltava da cavalgada matinal em que ia verificar se os escravizados estavam sendo bem tratados por Severo. Estranhava o fato de não ter visto o feitor. Apenas os capatazes cuidavam dos escravos, o que era incomum. O feitor adorava urubuzar os trabalhadores da plantação, gostando de vê-los sofrer sob o sol escaldante. Sentado numa pedra, bebendo um pouco de aguardente, ameaçava os escravos com castigos que estes sabiam que não seriam permitidos por ela.

Poderia estar doente, apesar de nunca tê-lo visto adoecer.

Saltou do cavalo e entregou-o ao escravizado que cuidava dos animais. Contornava o terreiro quando escutou um grito abafado. Parou e ficou onde estava para ter certeza se era de gente. Um pássaro grasnou, voando de uma árvore para outra. Deveria ter sido isso. Prosseguiu. Um baque de algo caindo no chão, seguido de um grito de mulher e de um resmungo a fez parar.

Vinha do quartinho de víveres.

Com o chicote de cavalgar na mão, Amaia entrou no quartinho às semiescuras. Havia estantes por todos os lados, repletas de itens armazenados, comida, carne salgada, barris de bebida. Também haviam sacos no chão com grãos. Chutou algo e tomou um susto. Pediu desculpas. Ao se aproximar, reparou que o efeito da luz escassa a havia enganado. Não era uma pessoa de cócoras, era um saco.

O silêncio dentro do quarto abafado era tamanho que ela se perguntou se não poderia ser um rato. Odiava ratos. Precisava sair dali antes que desmaiasse – o que era bem possível se visse um.

Ao virar-se, escutou um gemido abafado. Vinha dos fundos, por entre um grupo de sacos. Não era rato. Talvez fosse uma ratazana. daquelas bem grandes. Mas das quais Amaia não tinha o menor medo.

Os olhos foram se acostumando com a escuridão e reparou que havia uma pessoa agachada.

-Quem está aí?

Não houve resposta.

Desta vez era alguém, podia ver os cabelos e partes do rosto.

-Não se esconda. Sei que está aí. Revele-se, ou irei...

Um gemido baixinho, quase imperceptível a fez ir mais adiante.

Avistou o que seria um homem encurvado sobre algo. Debaixo dele havia uma cabeça sendo segurada pela boca e dois imensos olhos escuros encarando Amaia.

Uma chicotada, esta foi a única reação de Amaia.

O chicote bateu nas costas de Severo e ele soltou a escrava num urro, saindo de cima dela.

A mulher, assustada, de saias arregaçadas, tinha o rosto vertido em lágrimas. Amaia fingiu não notar que Severo abotoava as calças com pressa enquanto ela ajudava a escravizada, aos prantos, a se levantar do chão. Tinha-a debaixo dos seus braços, tremendo pelo que havia acabado de lhe passar, e todo o ser de Amaia se inundava de asco daquele homem.

Severo, acuado, tentou explicar-se, apontando a moça:

-Foi ela quem pediu! Diz! Diz para a sinhá, sua maldita! – deu um passo para elas, e a escrava se agarrou à Amaia – Diz que foi você que me atraiu para cá!

Ele estava furioso, saindo de si.

Se não tivesse tão escuro, era possível que Amaia lhe acertasse um merecido tapa.

Ao ver que Amaia abraçava a moça, Severo compreendeu que havia apenas um fim para ele. Respirou fundo, para ajudar a controlar os nervos, e ergueu os olhos para a sinhazinha:

-A sinhá vai me demitir?

Bem que eu gostaria. Contudo, não podia.

Achava ter visto um sorriso no rosto de Severo. É como se ele soubesse disso e estivesse se aproveitando de uma situação. Não importa o que ele fizesse, ela nunca poderia mandá-lo embora da fazenda, não sem antes pagá-lo.

Porém, não conseguia desviar os olhos do desespero da jovem escrava. Era ela uma de muitas que vieram e que virão.

-Você está demitido, Severo.

Amaia havia deixado claro para o seu pai: a terra não vale tanto quanto as pessoas.

Ela havia ganhado coragem, mais do que Severo poderia esperar de uma “sinhazinha mimada e gananciosa”. O sorriso dele havia murchado e todo o seu corpo estremeceu de raiva. Severo conteve uma explosão e abaixou os olhos:

-Vou pegar as minhas coisas.

Ia saindo do quartinho, quando Amaia ergueu a voz:

-Não quero nada seu nas minhas terras e nunca mais quero vê-lo passando na minha frente. Entendeu? – e tomando a mulher debaixo dos braços, foi guiando-a para fora daquele lugar.

O feitor, parado no meio da escuridão, aproveitou-se do ponto fraco dela. Aquilo de que todos tinham conhecimento e começava a se espalhar, feito erva daninha.

-E quanto ao que me deve?

-Será pago. Como disse antes, não quero nada seu aqui.

-A sinhá vai se arrepender. – murmurou.

Por estar de costas, Amaia não pôde ver a cara que Severo fizera. Todo o seu ódio se concentrou em seu punho e ele deu um soco num pedaço de carne que secava.

*

Bá conhecia a sua menina bem demais. Poderiam dizer tudo de Amaia, de mentirosa à flerteira, menos que ela era covarde. Nunca conhecera ninguém mais corajosa e defensora daqueles que amava. Era assim desde criança, protegendo os moleques dos capatazes e arrumando briga com aqueles que caçoavam dos mais fraquinhos.

Quando Amaia entrou furiosa na casa, carregando consigo a menina, a choramingar em seu ombro, Bá havia entendido o ocorrido. Não teve coragem de perguntar até onde as coisas foram, mas pelo estado dela, haviam ido longe demais.

-Cuide dela, Bá. Prepare uma daquelas suas ervas para evitar que ela conceba.

A velha mucama gaguejou. Como é que Amaia sabia que dava de beber para que as escravas não emprenhassem e gerassem mais escravos infelizes? Se o falecido Sr. Carvalho soubesse, que-Deus-o-tenha, poderia a ter espancado até a morte – havia feito ele “perder muito dinheiro” com isso ao longo dos anos.

Sem retrucar, a mucama assentiu.

Amaia se retirava para o escritório, onde calcularia tudo o que devia a Severo – mesmo que fosse obrigada a tirar do próprio prato de comida – quando a escrava lembrou à Amaia que ela tinha uma reunião de negócios na Fazenda Raridade, de Luiz Mesquita.

A jovem soltou um ar de desânimo. Estava em pé desde as seis da manhã, cansada de tanto cavalgar, e ainda teria de se arrumar e flertar com o intuito de fechar algum negócio lucrativo com os senhores – e, quem sabe, arrumar um marido. Um muxoxo. Não havia jeito. Ordenou que Bá lhe preparasse um banho bem cáldo – não poderia estar cheirando a suor, fosse seu ou do cavalo – e que mandassem arejar o vestido carmesim.

A mucama balançou a cabeça na negativa:

-Você não pode usar esse vestido. Ainda está de luto.

-Ah, quem se importa?

-Eu!

-Ele tem detalhes em preto, tanto na barra quanto nas mangas. Será o suficiente. Agora, ande, Bá! Ah, e jogue algumas ervas aromatizantes na água. Preciso pensar com clareza e estar revigorada para a reunião. – foi para o

escritório, retirando o alfinete e o chapeuzinho.

*

A reunião com Severo havia finalmente acabado e Amaia pôde respirar aliviada. Ele havia levado boa parte das economias que ela havia guardado para uma emergência. Teria de vender alguns objetos de casa, tal como quadros e prataria, para poder repor o valor, antes que se tornasse uma bola de neve de dívidas. Porém, havia tanto prazer em entregar a ele aquele dinheiro e avisar que nunca mais aparecesse na sua frente, que ela pouco parecia se importar. Ao menos, as escravizadas estariam a salvo por ora.

Largou-se numa cadeira. Estava aliviada por não estar de espartilho. Retirou as luvas mosqueteiras, desabotoou a parte de cima do vestido e aguardou uma escrava vir lhe tirar as botas de montaria. Aproveitava para pensar quais seriam os seus planos a partir de então. Não poderia demorar muito para conseguir um marido. Bá havia trazido uma série de itens de comida que faltava e era preciso comprar, além de coisas menores como tecidos de chita para as roupas dos escravos, linhas, vasilhas, até pratos que haviam sido quebrados e precisavam ser repostos. Era tanta coisa que sua cabeça pesou.

Atirou-a para trás, apoiando a nuca no espaldar da cadeira. No teto cintilava um arco-íris, contraponto da luz solar que entrava pela janela e transpassava as peças de cristal do candelabro sobre a mesa. Aquelas cores dançando à brisa morna lembravam da época em que bailes eram o tema de sua vida. Dançava da hora que chegava até o adentrar da madrugada, quando saía ainda rodopiando os pés e a cabeça pelo excesso de champagne. Ah, quantos os beijos trocados nos jardins, ao som das valsas e das risadas, da conversa miúda de salão!

Iria rever um desses “beijos”. Luiz Mesquita tinham a idade próxima. Ele nunca havia se proposto a nada, senão a cuidar da própria fazenda. Rapaz tímido, típico do interior, daqueles que gostava de passar a vida sobre um cavalo e dando ordens aos escravos. Escravocrata, sim, mas quem sabe ela seria capaz de mudar as suas perspectivas? No momento, Amaia não tinha muitas opções. Depois do vexame na Guaíba, tanto Astolfo quanto o Sr. Chaves e o Sr. Leite sumiram – o Sr. Carlote, nem se fala, comprometeu-se com a Srta. Leite em dois dias! Nem aos seus convites para vir visitá-la eles aceitavam. Havia sempre uma desculpa bem malfeita. “Estou passando mal. ” “Numa próxima vez, estou ocupado esta semana. ” “Viajo para Rio das Flores dentro de dois dias. ”

Não precisava de nenhum deles. Havia ainda uma longa lista de pretendentes a quem poderia recorrer. Listava os nomes, tentando se lembrar se havia alguma pretendente, ou se estavam livres. Também buscou coisas em comum, as quais poderia usar a seu favor, como o súbito desejo por saber mais da Grécia Antiga, ou a vontade enlouquecedora de cavalgar pelas margens do

rio, ou visitar alguma parenta adoentada.

Terminou de tirar as roupas de cavalgar com a ajuda de uma mucama e colocou-se na tina repleta de água quentinha. Ensaboou-se com uma mistura de ervas que Bá fazia e que mantinha a pele limpa e sedosa.

Cheirava a água aromática, tentando relaxar o máximo que seu corpo dolorido pelo trabalho permitia. Sentiu Bá fazendo cafuné em seus cabelos e cantando daquelas cantigas de infância que ela adorava.

Iria dormir se não fosse por Cora romper no quarto, exigindo que lhe explicasse o que estava acontecendo.

O que está acontecendo? Você quer saber o que está acontecendo depois de meses trancada em seu quarto, sem querer falar ou ouvir ninguém? Por onde começar? Ah, sim, vou ter de me casar para salvar a fazenda. E claro, vou usar o dote que temos. E não, não vamos este ano comer pato, o seu prato predileto.

Segurando na beirada da banheira, Amaia refreou a língua, mas não o tom irritadiço:

-Como assim? Do que você está falando?

-Por que eu não fui informada dos nossos problemas financeiros? Das dívidas? Dos credores?

-Não foi “informada”? – queria rir – Você não reparou que economizamos nas velas? Nas roupas de cama? Nos remendos nas cortinas e sofás? Na comida reduzida a um prato e um acompanhamento? No café da manhã simplificado?

Cora arregalou os olhos:

-Achei que era tudo por causa do luto! E o que faremos?

-Estou pensando nisso.

-Pensando? Temos de fazer algo! Ah, eu deveria era mesmo aceitar ir embora com o Singeon.

Amaia paralisou.

-Ele respondeu a você?! Finalmente! Qual foi o motivo do silêncio dele?

A caçula poderia ser uma boa irmã e contar a verdade. Estava ocupado com as provas finais para se formar e não poderia se distrair lendo as imensas cartas de Cora. Mas ela não era boa, nem parecia irmã.

-Não lhe interessa. – foi a resposta – E lhe aviso, Amaia, que se ele me propor, saio daqui e nunca mais volto para essa terra ingrata. E levo a minha parte da herança.

-A sua parte?

-O meu dote e o que mais cabe a mim. Não pretendo ficar com essa fazenda. Não quero mais viver neste inferno, muito menos tendo que dividi-lo com você.

Da mesma maneira que entrou desarvorada, Cora saiu e bateu a porta.

-Jesus! – Bá fez o sinal da cruz – O que deu nessa menina?

-O que acontece com todas: a imensa vontade de se casar para fugir de uma situação e para se ver metida em outra, às vezes tão complicada quanto a primeira.

A velha mucama soltou um longo olhar para Amaia:

-Só ela?!

Amaia ignorou a crítica e pediu que lhe passasse uma toalha. Estava ficando tarde e precisava terminar de se arrumar. Teria de estar esplendorosa!

Capítulo 14

A sala incendiava-se de charutos acesos, espalhando fumaça pelas cabeças masculinas e preenchendo os pulmões dos escravos – que, feito de estátuas, nos cantos, seguravam bandejas com bebidas e um ou outro quitute para acompanhar os licores daquela tarde. As risadas masculinas altas, as vozes graves que contavam piadas repletas de fel e luxúria, nada disso assustava Amaia. Nem os olhos claríssimos que a miraram assim que entrou na sala da Fazenda Raridade.

Amaia abriu um imenso sorriso, bateu as pestanas e ergueu a mão na direção de Luiz, que veio recepcioná-la à porta do aposento.

Ao notar que os homens perderam a graça e trocaram a postura relaxada pela de cavalheiros, seu sorriso cresceu:

-Por favor, senhores, continuem. Pensem em mim como um de vocês. – e tendo dito isso com todo o charme que lhe era inerente, Amaia surrupiou um copo de bebida e pediu o charuto que um senhor segurava.

Baforou e fez um brinde ao ar, dando um gole em seguida.

Segurou-se para não tossir. Toda a sua garganta queimou, mas tinha de demonstrar que estava em pé de igualdade com aqueles senhores, ainda que vestida de carmesim. O vestido de corte princesa – mais conhecido para bailes – era todo em veludo vermelho escuro e com um decote em V que não se aprofundava muito, porém o suficiente para cativar algumas imaginações. Sob a bela cabeça, um pequeno chapeuzinho negro com penas, que deveria trazer alguma sobriedade à sua aparência.

Quase todos os senhores presentes riram da sua atitude e rodearam-na para cumprimentá-la. Ela devolveu o charuto e a bebida para recebê-los. Um por um. Ao ter a sua mão segurada por Montenegro, Amaia estremeceu e tentou manter o sorriso como se aquele gesto dele não mexesse com ela. Os olhos metálicos buscaram o seu rosto levemente corado, e surgiu um sorriso malicioso que fez o coração dela acelerar. Teve de achar forças para ficar sobre as pernas bambas quando os lábios quentes dele encontraram a pele de sua mão desnuda. Suava por debaixo do espartilho e teria soltado um gemidinho se não se controlasse ao ouvi-lo sussurrar:

-Ousada.

-Ousada? Não. – afastou-se dele – Esplendorosa!

E foi para o próximo que queria cumprimentá-la. Não sem desgrudar os olhos de Montenegro que, ao reparar, enviava sorrisinhos para ela.

Estavam em bons termos, novamente.

Alguns poucos, avessos quanto a uma mulher estar negociando,

mantiveram-se nos seus lugares, de cara fechada, quase a ponto da implicância. Quanto a estes, Amaia achou uma solução. Nos braços de Luiz Mesquita, foi cumprimentar cada um deles com um aperto de mãos. A maioria lhe cumprimentou, inclusive, alguns foram educados e lhe beijaram os dedos. Contudo, tiveram dois que solenemente lhe viraram a cara. Amaia não se fez vexada, ao contrário. Abriu um sorriso, manteve a mão estendida e disse da maneira mais sedutora que havia encontrado:

-Ah, Sr. Hilário e Sr. Radiz, como é bom reencontrá-los. Espero que estejam fazendo bons negócios.

O Sr. Radiz se sentiu na obrigação de respondê-la com um aceno de cabeça.

O Sr. Hilário, conhecido pela sua falta de lapidação social, fez questão de verbalizar o seu descontentamento:

-Seriam melhores sem a sua presença.

-Senhor, por favor! – Luiz chamou a atenção do outro.

-Aqui só há borra-botas! Sejamos todos sinceros: quem quer fazer negócios com uma mulher? Vocês só servem para limpar a casa e se deitar em nossas camas.

-Senhor, por favor, tenha compostura! – o Sr. Feitosa deu um passo à frente, tomando para si a briga.

-Não, Sr. Feitosa, deixe que fale... – retrucou Amaia, mantendo um olhar firme. Era a sua hora de provar que não estava ali para brincadeiras – Quero ver o quanto desagrado esse senhor que, visivelmente, teme que uma mulher possa negociar tão bem quanto ele, além de limpar a casa e ainda deitar na cama. O que somos nós, senão capazes de tudo?!

-Sim, capazes de tudo... – acercou-se dela – Mas até onde você está disposta a ir?

-Garanto ao senhor que bem longe. Talvez mais longe que o senhor.

O Sr. Hilário encurvou-se e, com o nó do dedo, alisou o tecido do decote:

-E o quanto está disposta a pagar por isso?

A cabeça de Montenegro, que escutava a tudo calado, rodopiou. Deu alguns passos a frente. Tinha o punho fechado e o maxilar trincado e teria pulado em cima do homem se não fosse por Canto e Melo controlá-lo com um olhar. Não poderia por tudo a perder. Havia sido aceitos naquela sala, ainda que com alguma desconfiança, e teriam de manter a pose de escravocratas para conseguir o maior número de informações sobre o tráfico ilegal que, possivelmente, aqueles senhores engendravam.

Luiz Mesquita tomou as rédeas da situação:

-Senhor! Por favor! Não estamos aqui para ofender a ninguém. Peça desculpas à senhorita.

-Pedir desculpas? – o Sr. Hilário bufou – Ela é quem deveria me pedir desculpas por sua presença. Falta-lhe um homem que a dome. Coisa que nem seu falecido pai foi capaz de fazer. Uma vergonha! E vocês, seus ludibriados, não sabem levar a sério um negócio! Deixam que uma mocinha faça parte da reunião como um bibelô de decoração, incapazes de lhe dizer a verdade: ninguém aqui está disposto a negociar com você, por mais bem vestida que esteja. Agora, se tirar essas roupas, pode ser que alguém o faça...

A vontade de Amaia era dar um merecido tapa nele. Mas nem sempre vontade e determinação andam juntas. Teve de se manter acima daquela conversa e provar que nem ele, nem nenhum outro senhor com ideias parecidas, a afugentaria dali.

-Retire-se, por favor. – esbravejou o Sr. Feitosa.

A casa não era a dele, contudo, era o líder do grupo. Poderia ordenar quem permaneceria ou não lá, e sem contestações.

O Sr. Hilário não iria contrariar o Sr. Feitosa. Ninguém iria querer um inimigo do calibre dele. Soltou um muxoxo e se foi. Contudo, considerando-se “homem de verdade”, transpassou um longo olhar para Amaia, de cima a baixo:

-Rameira!

Vários ânimos se sobressaltaram. Montenegro ia tomar satisfações quando Canto e Melo o segurou pelo braço. Poderia ser pior se envolver quando havia algo maior em jogo do que a honra de uma senhorita.

Os olhos de Amaia se encheram de lágrimas e ela mastigou um sorriso que não se fixava na boca. Não sabia onde se esconder. Era humilhação atrás de humilhação. Porém nada, nem ninguém, a faria correr dali sem antes conseguir um negócio ou um marido. Ergueu o rosto, encarou-o. Não se deixaria abalar, por mais que tremesse por dentro.

Porém, alguém se fez bem ofendido. O Sr. Feitosa foi até o Sr. Hilário, parando-o na porta:

-Desculpe-se com a senhorita.

-Não. É o que disse e ponto final. E são todos vocês uns vendidos!

-Senhor, está não só desrespeitando a senhorita, como a casa em que está e os senhores aqui presentes.

-É antes um desrespeito a mim ter essa moça aqui. E tenho certeza que muitos aqui pensam como eu, mas fingem sorrisos.

-Está nos chamando de mentirosos?

-Pior. Chamo de hipócritas!

-Basta! O senhor não tem esse direito. – resmungou o Sr. Francisco, que escutava a tudo quieto. Sem mais, atravessou a sala em passos determinados e retirou do bolso uma luva de pelica e deu um tapa na cara do homem.

-Menino, não deveria ter feito isso... Tenho o dobro da sua idade e da sua experiência... Arrepende-se-á por ter feito isso... Perder a vida para quê? Por uma rameira?

Amaia teria lhe dado um soco, mas dessa vez foi Montenegro quem foi até o senhor. Segurando o punho apertado, forjou cordialidade. Com alguma educação, passou a mão sobre o seu ombro, cochichou algo em seu ouvido e o acompanhou até a entrada da casa.

A aparente gentileza dele encheu Amaia. Agora eram dois a quem ela queria destruir: Sr. Hilário e Montenegro.

Poderia fazer isso depois. Antes tinha assuntos mais urgentes, como prestar contas ao Sr. Leite e ao Sr. Astolfo. Logo que os avistou e eles perceberam que ia em direção deles, os dois tentaram se esconder atrás de outras pessoas.

-Sr. Leite! Ora, vejam! Achei que estivesse viajando... Era Rio das Flores, não era? Oh, o senhor aqui, Sr. Astolfo? Espero que esteja melhor de saúde. – estendeu a mão a eles, junto a um sorriso malicioso que os deixara desconcertados.

*

O Sr. Hilário andava rápido, nervoso, bufando pelas ventas, reclamando, fora de si:

-Como permitem uma meretriz dessas?! Deve ser para fazerem alguma orgia ou coisa do tipo, em troca de algumas sacas de café. Seu pai era igual, estava tão endividado que estava quase a perder a fazenda. Deve ser por isso que está aqui. Atrás de dinheiro em troca de favores...

Montenegro ia atrás, calado, até que lhe chamou, fazendo o senhor se virar. Acertou-lhe um soco no rosto. Como o senhor não tombou, ainda tentando compreender o que havia acabado de acontecer, socou-lhe na boca do estômago.

O Sr. Hilário caiu de joelhos no chão. Foi à cata de ar.

Trincando os dentes, com os olhos fixos na ferocidade, Montenegro lhe avisou:

-Nunca mais se aproxime dela, fale dela e, muito menos, pense nela.

O fazendeiro tentou reagir, puxando uma pistola que trazia debaixo da casaca – no caso de um ataque quilombola. Num instante, Montenegro acertou-lhe um chute na mão e outro no rosto, fazendo-o cair para trás.

Puxando-o pelo colarinho, ameaçou-o:

-Garanto que da próxima vez será pior. Boas tardes.

E largou o homem.

O belo senhor ajustou a gravata e as vestes negras e entrou na sala. Tinha um sorriso, contudo, seus olhos revelavam uma frieza ameaçadora que o deixava mais atraente.

Ao deparar-se com o olhar raivoso de Amaia, compreendeu que ela havia entendido tudo errado. Se ela não estivesse tão rodeada de senhores, poderia ir lhe explicar.

Canto e Melo se antecipou e lhe murmurou:

-Ela tem mais culhões que muitos aqui. Se fosse comigo, eu teria ido embora. Talvez até chorando...

Ao que Montenegro foi só aprovação e interesse.

*

A negociação não foi em nada proveitosa para Amaia. Os poucos senhores que vieram lhe falar preocuparam-se mais em saber se estava bem e perguntar sobre amenidades do que realmente discutir os negócios ou fazer arranjos. Luiz Mesquita, o dono da casa, mal lhe dirigia a palavra, como se afrontado pelo mal-estar que “ela” havia provocado. Mais de uma vez, Amaia aproximou-se dele com alguma cordialidade, batendo as pestanas e sorrindo, e em todas elas ele arrumou uma desculpa para ir para o outro lado da sala. Francisco lhe falara pouco também, por mais que ela lhe agradecesse infindáveis vezes a delicadeza de ter posto sua vida em risco para salvar a sua reputação – o que poderia ser o sinal de um futuro pretendente. Contudo, o Sr. Francisco foi bem claro com ela:

-Fiz porque ele me chamou de hipócrita. – e mais um que foi se afastar dela, indo para junto do Sr. Leite e do Sr. Chaves.

Amaia sentiu-se isolada, sentada numa cadeira, batendo o leque preto chinês, distribuindo sorrisos aos senhores. Ninguém queria o seu café, ninguém queria dividir as mulas que levariam até a Corte, ninguém, sequer, lhe olhava senão com incompreensão. Aquilo era demais. Estava a ponto de ir falar com as únicas duas pessoas que lhe tratavam normalmente, sem qualquer olhar ressabiado: o Sr. Canto e Melo e o Sr. Feitosa – se eles não estivessem na companhia de Montenegro.

Tinha cada vez mais horror daquele homem e dos seus olhos claríssimos que iam despindo-a a cada vez que a encaravam. Não só se sentindo nua, como também tendo a alma sugada, foi para perto de uma janela e na paisagem escondeu o rosto triste.

Não sabia mais o que fazer para conseguir salvar a fazenda das dívidas. Era casar-se ou casar-se. E com alguém bem rico, que poderia lhe comprar as dívidas e reerguer a Santa Bárbara a sua glória passada. Teria de ser antes que Cora pegasse o valor do dote e fugisse com Singeon. Se tivesse coragem, dormiria com quem fosse, se isso significasse não perder a sua fazenda. Corou só de pensar na possibilidade. Não se achava capaz, apesar de ser uma última solução – e surpreendeu-se ao pensar que talvez o Sr. Hilário não estivesse tão errado sobre ela.

Capítulo 15

Amaia esfregava as mãos. Apesar de não ser capaz de ver seu rosto, Montenegro imaginava ser tristeza pelo isolamento que aqueles senhores estavam lhe causando.

Pediu licença a Canto e Melo e ao Sr. Feitosa, decidido a ir falar com ela.

O Sr. Leonel havia sido mais rápido e dela se aproximara com tanto cuidado e atenção que Montenegro sentiu algo que nunca havia sentido antes: ciúmes. Porém, ele não reparou naquele “pequeno incômodo”, pois Eduardo Montenegro era tudo, menos um homem ciumento e, muito menos, apaixonado – assim acreditava ser.

-Sr. Leonel! O senhor me traz tanto alento! – ela lhe abriu um imenso sorriso, deixando o rapaz vaidoso e Montenegro, irritado – Como é bom ver um rosto amigo!

-A senhorita é quem é um alento a nós e a essas reuniões maçantes. Perdoe-me pelo “incidente”, o Sr. Hilário perdeu o filho na guerra no Paraguai e uma filha da sua idade de escarlatina. É um homem que sofreu muito e se tornou menos tolerante à vida.

-Entendo. – Amaia abaixou os olhos, fingindo compreender, pois tudo o que ela ainda queria era jogar na cara do Sr. Hilário e de todos os homens ali que ela era capaz de reerguer a fazenda e sem a ajuda deles – O que é a vida senão somente perdas? – respirou fundo – Tenho de ser compreensiva e solidária com o Sr. Hilário, eu mesma perdi recentemente minha família. – tocou a mão do senhor – Não sabe como é importante que o senhor esteja aqui, me dando apoio. O quanto reconforta o meu coração. – apertou-lhe os dedos – Nunca serei capaz de agradecer tamanho ato de gentileza.

-Ha! – ele corou – A-a senhorita não precisa...

-O que seria de mim hoje, sem o senhor? Ficaria imensamente agradecida se pudesse me ajudar com alguns cálculos. Quem sabe, me visitar na fazenda? Uma moça órfã como eu precisa de um homem inteligente e requintado e de bom coração como o senhor... – pôs a mão na frente da boca – Oh, o que estou fazendo? Desculpe-me, devo estar parecendo oferecida. Por favor, não me interprete mal... é que... – e tocou a mão dele de leve.

-Sim, diga-me, por favor.

-É que o senhor faz meu coração bater mais rápido e não consigo ser outra coisa que sincera com o senhor... – abaixou os olhos como se envergonhada.

-Srta. Amaia... eu... Ah, senhorita... V-vou ajudá-la no que for capaz. Amanhã mesmo irei vê-la na fazenda e poderemos repassar os números e o que

mais for.

-O senhor é o que há de melhor. Acho que nem conseguirei dormir esta noite de tanta alegria ao saber que irei reencontrá-lo amanhã. Só lhe peço uma coisa: não zombe do meu pobre coração. – apertou a mão dele de novo.

-Nu-nunca seria capaz disso.

Ele beijou-lhe os dedos com tanto furor que Amaia corou de vergonha pelos senhores próximos que os olhavam.

Pediu licença e se retirou. No vestíbulo poderia pensar com mais calma.

Leonel não era o seu tipo de homem, nem o ideal pelo qual se apaixonaria. Sua aparência era bem comum, o que não era um problema. A questão estava na sua personalidade. Amava a própria voz e adorava exaltar a si e ser exaltado. Todas as vezes que dançaram juntos, ele ficava concentrado em contar o quanto havia treinado e quais os passos preferidos. Quando se sentavam lado a lado num jantar, ele se gabava do que gostava de comer e o que já havia experimentado de exótico. Nas conversas de sala de estar, adorava monologar sobre o que havia lido ou visto e o quão importante considerava a própria opinião.

Bem, era quem havia fispado e, desta vez, o seguraria até o altar.

Era preciso coragem e aceitar que determinadas escolhas deveriam ser feitas em prol de outras. Ainda que significasse abrir mão de um casamento por amor.

No vestíbulo de entrada, Amaia sentiu alguém atrás de si. Deveria ser o Sr. Leonel. Não havia marcado com ele um horário para o encontro do dia seguinte de propósito. Isso o obrigaria a vir atrás dela. Estando a sós, ela poderia lhe seduzir sem olhares repreensivos sobre eles.

Abriu um imenso sorriso e voltou-se para o Sr. Leonel.

Ao ver quem era, o sorriso foi se desfazendo, dando lugar a uma expressão de chateação.

Montenegro não se fez ofendido. Aquilo, de alguma maneira, o estimulava.

-A senhorita passa bem? Vi que saiu da sala um tanto nervosa.

-Estou ótima, muito bem e obrigada por perguntar. E poderia me fazer um favor, poderia se retirar?! Gostaria de ficar sozinha. – na verdade, esperava o Sr. Leonel e não queria o sarcasmo de Montenegro envolvido.

-Minha presença a incomoda tanto a ponto de preferir ficar sozinha?

-Não, faço isso pelo senhor.

-Por mim? – pressionou os olhos, curioso – Ilumine-me, por favor.

-Eu acho que o senhor tem medo de mim.

-Medo da senhorita? E por quê?

-Medo de se apaixonar por mim. Por isso, brinca tanto comigo. É uma tentativa de me repelir.

Ele se achegou ainda mais, ficando a um passo de distância:

-E por que eu temeria me apaixonar pela senhorita? – havia preso Amaia no seu olhar.

-Não sei, talvez algo em seu passado, uma relação amorosa mal resolvida, um problema no histórico familiar... A questão é que o senhor tem medo de amar e, por isso, me trata dessa maneira lasciva. – abriu um sorrisinho de escárnio que o atraía ainda mais.

-Você acha mesmo que eu temo amá-la. – os joelhos dele tocaram as saias dela – Vejamos...

As mãos envolveram a sua cintura e dessa vez, os lábios de Montenegro tomaram os de Amaia. Fora rápido o suficiente para que ela não conseguisse – e nem quisesse – escapulir. Seus corpos se beijaram. Podiam sentir as respirações um do outro, o cheiro, o toque, o calor, tudo os envolvia numa levitação acima das águas do leite.

Amaia correspondia o beijo com tanto vigor que Montenegro decidiu ser melhor se afastarem, antes que se aprofundassem naquele furor. Ela estava conseguindo tirá-lo do seu centro de calma – e temia pela honra dela se completassem o feito.

De olhos fechados Amaia ficou, ainda envolvida pelo que havia acabado de acontecer. Abriu-os somente ao escutá-lo falar:

-Acho que não temi, como também acho que não me apaixonei. Canalha, eu sei. Cafajeste, entendi. Agora é você quem vai entender uma coisa: eu faço o que quero e agora quero beijá-la novamente.

Era irresistível. E quanto mais brava ela ficava, mais ele a queria beijar. Tomou-a, prendendo-a de tal maneira pela cintura, que Amaia pôde sentir todo o corpo dele colado ao seu. Ela apertou os ombros largos dele e, mais uma vez, era jogada no beijo, tendo a sua boca aberta pela língua dele. O corpo dela foi se atizando e os braços envolveram o pescoço dele. Cravara as suas unhas na nuca. Montenegro soltou um gemido e suspendeu Amaia pela cintura. Carregou-a contra uma parede ainda a beijando freneticamente, provando o seu poder varonil. Suas grandes mãos perpassaram a cintura dela, subindo e descendo por suas costas, sentindo um frustrante espartilho. Isso não o impediu de descer os lábios pelo pescoço dela. E quanto mais Amaia revirava o corpo, estremecendo de prazer, mais aquilo o fazia descer, até encontrar o seu decote. Uma lambida e Amaia abriu os olhos.

Ainda de cabeça virada pelas sensações nunca antes sentidas, ela pressentiu a necessidade de parar com aquilo, antes que se entregasse para ele e todo o seu plano de salvar a fazenda fosse por água abaixo. Era preciso se manter pura para se casar.

Pisou-o com a ponta do salto e o empurrou:

-Verme!

Refazendo-se da pequena agressão, Montenegro estava confuso. Nem ele havia entendido o que acontecera naquele beijo, em que ambos haviam despido suas almas. Desconcertado por ter se revelado, ele tentou forjar um sorriso sedutor, complemento de um olhar sexual. Em vão. Estava tão trêmulo, perpassado pelas emoções, quanto Amaia.

Ela, no entanto, pareceu se recompor melhor do que ele – não que estivesse menos abalada, ao contrário. Puxou a saia do vestido e tentou ficar de pé. Todo o seu corpo parecia gritar de prazer.

Fechou os olhos, respirou fundo e retornou à sala de visitas. Ali encontrou Leonel, próximo a porta, de cara fechada, bebendo. Tentou retomar a conversa, mas o senhor pareceu incomodado com a sua presença. Sem lhe dizer nada, foi embora, largando-a sozinha e sem entender o que havia acontecido.

Será que ele viu o beijo?

Era um beijo insignificante – ficava tentando se convencer, apesar de ainda estar estalando em seus lábios e lhe cobrir os sonhos durante várias noites.

Capítulo 16

Canto e Melo arregalou os olhos e reacomodou-se no sofá, incrédulo com o que havia acabado de ouvir. Era preciso perguntar uma segunda vez, para ter certeza – ou para descobrir se já havia bebido demais:

-Você a beijou? E por que você a beijou? Não me diga que está apaixonado por ela?

Montenegro, de cabeça abaixada para o copo de Porto, abriu um pequeno sorriso de quem não pretendia continuar aquela conversa íntima. Nem ele sabia como haviam chegado naquele assunto. Deu uma volta no seu gabinete inglês, sentando-se atrás da escrivaninha, e tentou desconversar:

-Não. – colocou sobre a mesa a garrafa de Porto, da qual servira o amigo – Mas uma coisa é certa: ela sabe beijar. Todo o corpo dela sabia e eu senti que me queria o quanto eu a queria.

-Eu não acho certo brincar com ela dessa maneira... – balançava a cabeça na negativa – Por mais que eu desaprove as atitudes dela, não acho certo.

-Não estava brincando. Ela precisava ser beijada e eu a beijei.

Não era apenas o seu nome diferente, havia nela algo que Montenegro nunca havia encontrado em mulher alguma, um diferencial que vinha de uma força, tal como o carvalho, cujas raízes iam se infiltrando pela terra e fortalecendo o seu tronco.

As raízes de Amaia iam se infiltrando por Montenegro, provando que ela era especial.

-É uma moça desmiolada! Acabou de perder os pais e tem uma fazenda toda endividada nas costas para administrar!

O belo senhor achava ter escutado sobre o endividamento antes, em algum lugar. Depois do beijo deles no vestíbulo da casa de Mesquita, de mais nada se recordava, senão dos seus corpos entrelaçados e das faíscas que iam lhe comendo a alma toda vez que se lembrava dos gemidos dela em seu ouvido.

-Endividada? – quis ter certeza do que Canto e Melo lhe falara.

-Tem dívidas com metade de Vassouras. Se os credores resolverem cobrar as dívidas ao mesmo tempo, ela estará perdida. E é bem possível que não só perca a fazenda.

-Ela não tem uma irmã?! E quanto a ela? – franziu o cenho.

-Pelo que Caetana deixou escapulir, as duas não se dão bem e Cora está louca para ir embora e irá na primeira chance, deixando toda a confusão para Amaia. Deve ser por isso que ela está desesperada atrás de um pretendente.

-Pretendente?

-O que resta a uma mulher, Montenegro? Viu como ela foi rechaçada pelos senhores na reunião de negócios. Ninguém vai negociar com ela, por maior que seja o seu charme. Para uma mulher, só há três caminhos: casamento, convento ou bordel.

Montenegro paralisou. Sua respiração ficou rala, suave pelas palmas das mãos. De repente. Era medo de que Amaia viesse a passar por um sofrimento e ele não pudesse impedir. Canto e Melo estava certo, nada poderia ser mais cruel do que a situação de Amaia. Era preciso se vender para conseguir manter o seu lar. Era preciso coragem, força e muita determinação. De fato, Amaia era única e a cada dia crescia sua admiração por ela. Outras senhoritas teriam entregado a fazenda, mas ela ia pelo caminho mais difícil. Só não entendia a razão. O que havia naquela fazenda que era tão importante para ela, mais importante do que a sua própria felicidade?

-Deve haver alguma maneira... – comentava, pensativo – Espera, você disse que o pai dela possuía muitas dívidas?

-Sim.

-E sabe quem era o seu maior credor?

-Não. E duvido que Caetana saiba. Disse que descobriu das dívidas através do pai dela, pois Amaia não conta a ninguém sobre isso.

-Eu também não contaria. – girava a taça de vinho em sua mão, estudando a situação – Não nesse lugar em que a posição faz toda a diferença.

-Mas por que quer saber quem é o maior credor? Pretende comprar a promissória dele?

-Não. É que fui ao local em que ocorreu o acidente do Sr. Carvalho. E começo a suspeitar que possa não ter sido um acidente. Foi algo premeditado. Algumas horas antes do acidente, escutei ele brigando com alguém, mas não consegui identificar quem. Falavam de dívidas e que ele estava vendendo informações.

-E imaginar que Amaia e a irmã também estariam no coche e igualmente teriam morrido se...

Os olhos cristalinos de Montenegro se fixaram em Canto e Melo e o interrompeu:

-A fazenda seria posta a leilão para o pagamento das dívidas. Quem comprasse poderia fazê-lo por uma bagatela e ainda reaver o seu dinheiro e impedir que ele continuasse passando informações. Precisamos descobrir os portadores dessas dívidas.

-Por quê? O que pretende com isso?

-Se essa pessoa foi capaz de matar o Sr. e a Sra. Carvalho, ele poderá tentar matar Amaia e sua irmã para obter o que deseja.

-E o que você fará a respeito? Irá se casar com ela para protegê-la?

Montenegro largou um olhar vexado, que fez o amigo estremecer. Por mais que se sentisse atraído por ela, ainda não havia se convencido de que era capaz de se casar. Tinha certeza de que seria um péssimo marido.

-Sabe que não sou um homem que se casa. Eu irei descobrir quem fez isso e impedir que aconteça algum mal às filhas do falecido.

-E como fará isso?

-Me aproximando de Amaia e descobrindo esses nomes.

-Céus, isso não dará certo!

-Sempre dá! – entornou o resto do vinho.

Teria de sistematizar como chegaria até Amaia, sem que ela achasse que ele era um pretendente em potencial.

Bateram à porta. Montenegro mandou que entrasse.

Ao ver que era a professora Lúcia, ele e Canto e Melo se levantaram para recepcioná-la.

A professorinha, dentro da sua timidez que lembrava muito a uma governanta inglesa que Montenegro tivera, vinha de olhos baixos. Não era de uma beleza inquestionável, como Amaia, mas era agradável de se apreciar. Talvez pecasse pelas roupas simples e pelos cabelos presos num coque austero. Um pouco mais de cor e ela poderia se destacar das demais – sugestionava Canto e Melo a si mesmo.

-Por favor, não quero incomodá-los... – falava devagar, de uma maneira tão suave que parecia miar.

Montenegro abriu um sorriso simpático e lhe apontou uma cadeira:

-A senhora não nos incomoda em nada. Por favor, sente-se. Gostaria de uma taça de Porto?

-Não, obrigada. – ela se manteve de pé, com as mãos na frente do corpo – Vim apenas avisar que pretendo fazer as provas orais de História depois de amanhã e como sei que o senhor gosta de ver, bem,... – ela corou ao levantar os olhos e deparar-se com os de Montenegro – ...é para que esteja lá.

-Por certo que estarei. É tudo?

-Sim.

E saiu com a mesma calma que entrou, deixando um rastro de perfume de rosas.

Canto e Melo aguardou o tempo que achava suficiente para ela estar longe e poder comentar, sem serem ouvidos:

-Ela gosta de você.

-Claro que não. – fez uma careta, incrédulo.

-Ela vem aqui quase todos os dias “manter você informado”.

-É porque é uma boa profissional. Muito séria e competente.

-Sim e seria a mulher ideal para você: calma, inteligente, experiente. Não uma moça mimada e cheia de vontades.

-Sabe o que é melhor para mim, meu amigo? Continuar solteiro. Não vou me casar nem com Amaia, nem com ninguém.

Levantando uma sobrancelha, Canto e Melo ironizou:

-Está determinado a isso?

Montenegro calou-se com um gole de Porto.

Capítulo 17

Quando Amaia reparou que Rodrigo e Ricardo tinham as mãos sobre os joelhos e um sorriso falso no rosto, pressentiu que poderia estar incomodando. Ansiedade que eles dividiam com a mãe e o pai, também sentados na sala. O que é que estava acontecendo? Metade dos rapazes não queria conversar com ela e, muito menos, ficar no mesmo ambiente.

Sim, havia sido uma visita inesperada, não havia avisado que viria, o que já fazia com um certo costume. E todos adoravam aquelas visitas surpresas! Diziam que eram muito melhores do que as combinadas, trazia um sabor às tardes.

O único sabor que Amaia sentia ali era de amargor. E, para piorar, chegaram mais convidados – estes haviam marcado. Era o Sr. Tomás com a prima de Leonel – com quem diziam que iria se casar – e o próprio. Tanto Tomás quanto Leonel não olhavam para Amaia e nem a teriam cumprimentado se essa não fosse uma falta grave.

Não queria aceitar, mas talvez sua irmã Cora estivesse certa: sua coqueteria um dia seria a sua ruína. Nenhum rapaz decente aceitaria se casar com uma moça que flerta com todos os homens numa sala, ainda mais uma que acabou de perder os pais e mal aceitou passar pelo luto e que, inclusive, se vê reunida com outros homens sem acompanhante. Amaia creditava inveja por ela ser mais bonita e extrovertida que a irmã caçula, atraindo mais olhares e simpatias do sexo oposto, contudo, naquele momento, tudo indicava que Cora avaliara a situação melhor do que ela.

Se por teimosia ou por determinação – no caso de Amaia, ambos se confundiam – ela alargou ainda mais o sorriso e fez questão de mostrar que estava acima daquela situação constrangedora. Puxou conversa com a prima de Leonel, elogiou-lhe as roupas e a cutis, brincou que fazia “um mal negócio” ao se casar com Tomás, por ser “muito charmoso e um ótimo partido”, o que “causaria muita inveja”. Também prometeu lhe ajudar a preparar o enxoval, o qual ela teria aceito de imediato se não fosse pelo olhar repressor de seu primo e do noivo.

Amaia tentou se engajar numa conversa com o jovem Ricardo, perguntar se pretendia seguir a carreira do irmão mais velho e cursar a Politécnica. Ao pular para este assunto, os recém-chegados pediram desculpas e avisaram que voltavam em outro momento. Amaia desconfiou que ela fosse o motivo para aquela retirada repentina, menos de meia-hora depois. E teve certeza quando a mãe dos rapazes pediu que fossem ver se estava tudo a contento na plantação.

Era já fim do dia e faltava apenas uma hora para o jantar. Aquilo era mais uma indireta para a jovem partir.

Desta vez, Amaia fechou o sorriso e agradeceu a gentileza de a terem recebido em hora tão inoportuna. Ficou chateada por não terem lhe oferecido o coche – igual às outras vezes – para voltar para casa. Como a fazenda deles era próxima, havia ido a pé na esperança de lhe darem carona na volta. Havia criado o plano de jantar lá – fatalmente convidariam, uma vez que desde sempre fora amiga dos rapazes – e obrigar um dos meninos a acompanhá-la no coche. Quem resistiria a ela à noite, sob o balançar das estrelas e o sacudir do veículo? Uma sacolejada e uma “quedinha” sobre o outro, mais um solavanco e um resvalo, e estaria noiva no dia seguinte.

Amarrou o chapéu debaixo do queixo, calçou as luvas, despediu-se com uma última esperança.

Meteu-se a andar, arrependida de estar usando sapatos de salto. O terreno não era muito íngreme, contudo, a terra fofa fazia com que afundasse os pés, tendo o dobro de trabalho a cada passo. Ainda era obrigada a levantar a saia acima dos tornozelos para que impedisse que o vestido branco se sujasse. Odiara a ideia de estar com aquele vestido rendado, marcado por uma fita vermelha na cintura. O chapeuzinho, também vermelho, a incomodava quando precisava ficar de cabeça abaixada, observando onde pisava. Sentiu que algo a prendeu por trás. Talvez uma pedra ou uma planta mais alta. Tentou continuar andando e, ao ouvir um rasgar, Amaia quis chorar. O vestido era relativamente novo – havia sido comprado pouco antes dos pais morrerem e nunca o havia usado. Não se desesperaria. Só não olharia o estrago, por enquanto, para ser capaz de seguir andando.

Aqueles sapatos só a estavam atrasando. Amaia aproveitou uma árvore e se apoiou no tronco para tirá-los. Também retirou as meias para evitar que as furasse. Guardou as meias na bolsinha e ficou carregando os sapatos nas mãos. Até que era agradável sentir a relva fresca e as cosquinhas que faziam em seus pés. Lembrou-se das cobras que Montenegro havia avisado que poderiam lhe picar. Ah, também não pensaria nisso agora. Mas seria um bom incentivo para apressar o passo.

Foram vinte minutos de caminhada até que se deparasse com as cercas que delimitavam a sua propriedade.

Respirou fundo e sentiu-se em casa.

Tinha que passar o arame farpado. Poderia tentar dar a volta e entrar pelo portão da fazenda, contudo, seria obrigada a mais vinte minutos de caminhada e mais sabe-se lá quantos até a casa. Chegaria ao anoitecer.

Suas luvas de pelica a impediriam de se cortar no arame farpado. Calculou

que não conseguiria passar por cima do arame. Era alto e não poderia erguer as pernas por causa do vestido e do espartilho. Melhor seria passar entre um arame e outro, que estavam em paralelo.

Foi andando ao longo da cerca para ver qual poderia ser o mais espaçado e achou um local que parecia ser o ideal. Tentou pôr a mão e segurar o arame para baixo, mas não conseguiu e quase espetou o dedo. Teria de tomar cuidado e atravessar do jeito que fosse. Atirou os sapatos e a bolsinha para o outro lado. Ergueu o máximo que conseguiu as suas saias e passou uma das pernas. O próximo, seria a cabeça e o corpo. Ao tentar se encurvar, ouviu outro estalo. As costuras das costas haviam arrebentado.

Tinha de continuar.

Passou a cabeça e o corpo. Não foi adiante. O chapeuzinho havia ficado preso no arame. Amaia respirou fundo e teve a ideia de soltar o chapéu. Puxou o alfinete que o prendia ao penteado. Liberta dele, passou a outra perna. Ao perder o equilíbrio, caiu sentada no chão. Por sorte, não havia se ferido. Mas o seu chapéu estava preso de tal maneira no arame que duvidava que o libertasse sem o estragar.

Não havia sido somente o chapéu que ali ficara na cerca: parte da saia voava com o vento como lençol no varal.

Antes a saia do que os olhos.

Tentou se levantar do chão. O espartilho a impedia de fazer o movimento, obrigando-a a rolar para o lado. Ficou de quatro. Teria que se apoiar em alguma coisa. Foi engatinhando até o pau que segurava o arame farpado e, apoiada nele, ergueu-se. Que alívio!

Pensaria duas vezes antes de pedir que Bá lhe amarrasse o espartilho bem apertado.

Ajeitou os cabelos como pôde, tentou bater a mão na roupa para tirar a sujeira. Sujou-se mais ainda. Tinha as luvas imundas. Aceitou o fato de que estava com uma imagem tão ruim quanto a de alguns minutos atrás, na sala de estar dos ex-amigos. Era daquela maneira que a enxergavam: enlameada.

Ergueu a cabeça e ajeitou os cabelos que lhe caíam na cara. Não se daria por vencida, nem hoje, nem nunca. Era teimosa o suficiente para seguir com seus planos. Perder a fazenda começava a se tornar mais uma questão de dignidade – da sua – do que de honra familiar. Queria provar a todos os fazendeiros que ela era capaz – mesmo que precisasse da ajuda de um marido.

Os raios vespertinos iam pintando o céu de laranja e rosa e resolveu apressar o passo. Moça nenhuma que se digne deve andar sozinha à noite.

Ao caminhar de uma brisa, veio o canto dos escravos. Melodia cruel, apesar de linda, sinal de que aquelas terras ainda estavam amaldiçoadas pela

escravidão.

Foi seguindo o cântico. Estava numa das áreas da plantação.

Os escravos menores e mais magros e as mulheres estavam enfiados por entre os pés de café. Por causa das mãos pequenas e braços finos, podiam chegar até os grãos mais próximos aos troncos sem danificar os galhos. Atiravam-nos numa cesta que colocavam aos seus pés, ou numa peneira de palha amarrada em seus pescoços. Quando chegava a uma quantidade, derramavam os grãos num cesto nas costas, ou levavam até um balaio no carro de bois.

Algumas escravas mais velhas ficavam no carro, cantando, catando piolho nas crianças, ou fazendo cafuné. Aguardavam a hora de preparar o angu em imensos panelões de ferro, ali mesmo na plantação.

Era a primeira vez que Amaia via de perto a dinâmica da plantação, sem perturbar o seu mecanismo. Quando ia visitar junto a Severo, os escravizados ficavam perfilados, de cabeça baixa, enquanto ela conversava com o feitor.

Reparou que os capatazes andavam de um lado ao outro, fumando cigarro de palha, e girando o chicote na mão. Paravam para secar o suor da testa, conversar entre si, dividir o cantil e dar alguns gritos com algum escravizado.

O que mais horrorizava Amaia eram duas mulheres que tinham presos às suas costas bebês. Envoltos em panos, com os quais eram amarrados nas mães, as crianças dormiam.

Um capataz, ao vê-la parada, no estado lastimável, aproximou-se:

-Sinhá tá bem?

-Não. Isso não pode mais acontecer. Não quero ver nem mães, nem crianças nos cafezais.

Num passo apressado, foi andando pelo meio da plantação, apontando ao capataz todos que ela não queria mais que trabalhassem lá. Ia escolhendo a dedo, cada mãe, cada criança, cada idoso. Todos eles seriam poupados a partir de agora.

-Mas, sinhá, o que vamos fazer? Se tirarmos mais da metade, não teremos como colher os grãos.

-O importante é não sacrificar quem não pode aqui estar.

Arrancando as luvas, Amaia arregaçou as mangas, diante do incrédulo capataz. Meteu-se no meio de um pé de café e foi colhendo os grãos. Se as mães recém paridas e os velhos poderiam, ela também iria conseguir.

Criou-se um assombro no entorno. Os escravos se cutucavam, se ajuntavam para ver aquela sinhazinha colher os grãos. O próprio capataz tentou persuadi-la a deixar para lá, mas Amaia tinha de ser um exemplo. Os galhos arranhavam suas mãos, alguns grãos deixou cair no chão – o que certamente teria feito levar uma chicotada se fosse uma escravizada. E mesmo que suas finas mãos fossem

criando feridas, ela não se importava. Havia ali uma prova, um conceito a ser demonstrado, muito mais forte do que qualquer outra coisa. Amaia queria que todos vissem que, apesar das suas diferenças, eles eram iguais: seres humanos. Fosse numa sala de estar, num gabinete de negócios, numa plantação de café, homens e mulheres, qual cor de pele tivessem, todos deveriam ser respeitados, principalmente nas suas diferenças.

Sua atitude, no entanto, parecia um acinte para os capatazes que a observavam. De cara amarrada, achavam que era um mau exemplo para os escravos. Já os escravos não entendiam aquela atitude, achando que a senhora havia enlouquecido.

Porém, havia uma pessoa que compreendera o seu gesto mal interpretado. No alto do seu cavalo negro, Montenegro tinha os olhos claros fixos em Amaia e no seu esforço.

Por maior que fosse a sua falta de habilidade, mais determinada ela estava a continuar até a hora de o serviço acabar. Depois, iria conversar com Fábio para trocar alguns escravos de posição. Ele havia ficado no lugar de comando de Severo e, diferentemente do antecessor, a escutava e tratava os escravizados com alguma dignidade. Não houve reclamações dos escravos quanto a Fábio, contudo, os capatazes não pareciam muito contentes com a mudança, alegando que o novo feitor não tinha “pulso firme”. Amaia não queria que os escravizados trabalhassem além das forças e Fábio não só concordava, como dera a ideia de mudar a dieta dos que estavam na plantação – que, por causa do excessivo esforço físico, comeriam melhor e dormiriam em camas de feno que mandaria as escravas costurarem.

De costas para Montenegro, Amaia não saberia da sua presença se não a tivesse chamado pelo nome. Não demorou para identificar a sombra negra contra o céu que ia se pontilhando de estrelas.

Ainda sobre o cavalo, Montenegro estendeu a mão à Amaia.

Ela abriu um sorriso maroto e explicou que seu vestido a impedia de fazer movimentos como o de montar o cavalo.

Montenegro saltou do animal. Pediu licença e tomou uma parte da saia dela que estava parcialmente rasgada – por causa da cerca – e a terminou de rasgar, deixando a anágua e as pernas de fora. Amaia corou e, antes que protestasse, ergueu-a pela cintura numa facilidade que ela não pôde crer e a sentou de lado na sela.

Ainda bem que usei uma anquinha retrátil, senão, teria sido vexaminoso.

Tomando as rédeas e segurando a sela, Montenegro montou o cavalo. No galope, seu corpo escorava o dela. Amaia podia sentir o cheiro doce do perfume dele. Oh, ele deveria estar sentindo o suor dela! Pediu para descer – por mais

cansada que estivesse. Não poderia se dar ao luxo de ficar naquelas condições diante dele. Parecia que Montenegro fez questão de a ignorar. Estava calado, de cara fechada, com os olhos na estrada.

Foram necessários três pedidos para descer e uma tentativa de se jogar do cavalo para que Montenegro parasse.

Podia-se ler em seus olhos cinza tristeza, mas sua boca se contraía de troça:

-De agora em diante, vou chamá-la de “a baronesa descalça”.

-Sabe que não sou baronesa. Meu pai não era barão e, ainda que fosse, não é um título hereditário.

-Eu sei, mas acho que combina com você.

-Preferiria que não dirigisse a palavra a mim.

E nada mais foi dito entre eles, o que Amaia estranhou. Teria certeza de que Montenegro insistiria em manter um diálogo e, pela primeira vez, ele a obedecia.

Frustrante!

Ao chegarem à frente da casa-grande, Bá e Cora vieram correndo ver o que havia acontecido. Amaia estava num estado lastimável e dividia a sela com aquele senhor de negro.

Sem dar explicações, Amaia saltou com a ajuda de um escravo. Marcou um sorriso de chacota e, ao se virar para agradecer, Montenegro bateu em retirada.

Seu silêncio soava a ela tal uma reprovação.

Mais um hipócrita.

Capítulo 18

Montenegro não estava chateado com Amaia. Ele estava furioso. Não pela maneira como ela havia se portado diante dos escravos. Era louvável a sua atitude. O problema era o estado das suas roupas e não querer contar o que lhe havia acontecido. Imaginava o pior e queria arrebentar a cara de quem teria feito aquilo. Se Canto e Melo não chegasse com a boa notícia de que não fora nada demais, ele teria atirado uma garrafa de bebida contra a parede. Segundo Canto e Melo, Caetana havia ido visitar Amaia e a própria garantira que aquilo era por causa de uma cerca farpada.

-Ela não teria usado uma desculpa tão ruim se fosse mentira. – concluiu Canto e Melo – Aparentemente, é um costume dela andar por aí. – balançava a cabeça na negativa, reprovativo – Eu não consigo entender essa sua fixação nela, tendo tantas outras aos seus pés. Rosária e Belizária... – pelo olhar cortante de Montenegro, repensou o quealaria – Ok, não são o melhor exemplo, mas só falam em você, querem saber quando você vem e ficam disputando quais qualidades fariam você se interessar em alguma delas. Em vez de persistir em levar Amaia para cama, você poderia se focar nas gêmeas. Serão elas que levarão você até as informações que o Marquês precisa e não a teimosa.

Um olhar enfurecido de Montenegro fez com que Canto e Melo achasse melhor guardar os comentários para si mesmo.

O amigo não estava errado – não totalmente. Era verdade que Amaia, de alguma maneira, fizera Montenegro perder o foco do que havia vindo descobrir. Porém, era ela um alento para alguém que há muito tempo não se sentia tão vivo e feliz ao lado de uma mulher. Suspeitava que Amaia mexia com ele, não só pelo lado físico como também pela cabeça e pelos sentimentos. E teve a certeza ao vê-la entrar no sarau que era dado para celebrar o noivado do Sr. Tomás e da prima de Leonel, Acácia.

Ambas as famílias que se uniam tinham alguma fortuna e fazendas produtivas, mas, comparado ao almoço dos Feitosa de Vasconcellos, o sarau era uma verdadeira reunião íntima, sem qualquer pompa. Tinham uma boa diversidade de quitutes servidos em bandejas de prata carregadas por escravos bem arrumados, as bebidas eram de qualidade e havia um pequeno quarteto de cordas, a fim de evitar que as senhoritas disputassem o piano.

Por mais que essa fosse a vontade dos pais dos noivos, era impossível mantê-las apartadas. Bastava que um músico parasse para beber algo e uma delas corria para o instrumento. Em pouco, havia duas ou três se perfilando para tocarem e mostrarem os seus talentos. As mães das moças casadoiras

participavam daquela disputa tanto quando as filhas. Teciam comentários maldosos sobre a concorrente ou aplaudiam bem baixo para não incentivar. A maioria delas tocava sofrivelmente, o que fazia Montenegro trocar olhares de diversão com um apático Canto e Melo. Este, irmão de musicista famoso, tendo ele mesmo tido aulas no Conservatório, queria fugir da sala na primeira oportunidade. As moças não eram ruins: eram desesperadas. Queriam tanto provar suas habilidades musicais que erravam notas, cantavam desafinadas, ou tinham compassos atonais.

As gêmeas não poderiam faltar a tal disputa. Primeiro foi Rosária ao piano e Belizária cantando. Em seguida, elas trocaram de posição. Se não fosse pelas cores dos vestidos, Montenegro teria pensado ser a mesma pessoa a cantar. Sob as palmas desanimadas das outras moçoilas e de suas mães, elas se curvaram. O que Montenegro não imaginava é que existia também uma disputa interna ocorrendo entre as gêmeas. Logo que se afastaram do piano, uma delas desviou em sua direção e pediu que ele lhe virasse as partituras. A outra, que burra não era, correu com o pedido que cantasse com ela um dueto.

Não poderia negar a nenhuma das duas, não quando tinha a mirada constante do Sr. Feitosa sobre si. Precisava ganhar a confiança dele e provar que era mesmo um escravocrata se aproveitando de uma situação. Era primordial saber qual a localização do porto clandestino em que recebiam os escravos, qual seria a rota deles país adentro e os principais compradores.

Resolveu que faria ambos. Restou a elas decidirem quem iria primeiro. Num par ou ímpar, ganhou o dueto e Montenegro se viu arrastado para o centro da sala, sob o burburinho dos convidados. Não era comum, naquela região, homens cantarem – música era diversão das senhoritas.

Canto e Melo, que percia na cadeira toda vez que alguém se aproximava do instrumento, ao ver que era o amigo, ajeitou-se no assento. Sabia dos dotes musicais de Montenegro e mal poderia esperar por mais uma rara sessão.

Os acordes soaram e a gêmea soltou a voz. Era fraca, apesar de melódica, e não sustentava muitas notas. Os olhos dela iam se enchendo de lágrimas e a garganta falhava cada vez mais ao perceber que estava cantando mal, muito mal. O que era enfatizado pelas risadinhas mal disfarçadas da platéia. Montenegro adiantou a sua entrada para incentivá-la a continuar. A voz dele a cobriu. Era clara, límpida, de barítono. Se antes ele tinha a atenção das mocinhas casadoiras, agora tinha das mães delas, das viúvas e das casadas. Estavam todas a seus pés, deliciando-se com aquela voz e porte imponentes que nada poderia parar, nem a entrada de Amaia na sala.

Num atípico vestido cinza-azulado, que lhe ressaltava os cabelos escuros e as sobranceiras bem feitas, ela cumprimentava algumas pessoas. A maioria

desculpava a falta de atenção por causa do dueto. E foi com algum assombro que ela reparou que era Montenegro quem cantava com uma das gêmeas Feitosa. Amaia não teria acreditado se tivessem contado.

Montenegro era um magnífico cantor, quem diria! Não houve quem duvidasse. Toda a platéia parou de respirar quando as últimas notas soaram e Montenegro terminou num Lá de arrepiar. Num impulso, levantaram-se, batendo palmas. Ele agradeceu com um sorriso e um aceno de cabeça. Pegou a mão da gêmea cantora, beijou-lhe os dedos e fez uma reverência a ela. Ele mesmo bateu palmas para a jovem que corava com aquela recepção positiva.

A outra, a do piano, fechou a cara e saiu correndo da sala aos prantos. Caetana, ao lado de Amaia, pediu licença e foi atrás da irmã.

Amaia nunca tinha visto Montenegro retraído, fechado numa timidez que perpassava os olhos cinza, fazendo-os quase humanos. Riu dos próprios pensamentos. Montenegro conseguira elevar todos à própria condição humana. Remexeu com os sentimentos de tal maneira que Amaia o desejou. Muito. Não conseguia desviar dele, nem quando falava com Canto e Melo:

-Não sabia que seu amigo tinha esse talento.

Canto e Melo segurou o riso diante da perplexidade dela:

-Ele tem muitos talentos.

-Estou vendo...

Toda a expressão de vontade de Amaia sucumbiu diante da cena. Montenegro segurava a mão de uma das gêmeas ao falar com ela. Sorria e acarinhava os dedos e a moça corava. Deveria estar dizendo algo muito bonito, pois a Srta. Feitosa pôs a mão no coração e abriu um sorriso que deixou Amaia extremamente aborrecida. Talvez mais do que isso, ficou enciumada. Resmungou algo para Canto e Melo. Ao notar que Montenegro se dirigia para eles, quis escapar.

Incapaz de ser rápida – devido ao comprimento da sua saia, que prendera no pé da cadeira – teve de cumprimentá-lo:

-Oh, o senhor aqui! Que esplendoroso! Nem pude acreditar que era o senhor quem cantava! Bem, ao que tudo indica, caiu nas graças das gêmeas. Conseguiu descobrir quem é Rosária e quem é Belizária? Conhecendo elas, poderia apostar que a de lavanda, que saiu correndo, é Rosária, e a de rosa é Belizária. Mas o que sei? – deu os ombros – Diga-me, qual das duas é a sua cortejada? – não o deixou falar – Ah, esqueci-me! O senhor nunca se casará, não é mesmo? Melhor avisar às gêmeas. Mas cuidado. Pode ganhar inimigas poderosas se o fizer. Destruirão a sua reputação em dois segundos.

Toda a fala dela era de quem estava morrendo de ciúmes, ou inveja, ou alguma coisa que Montenegro gostou de enxergar. Algo como um sinal de que

ela também o queria. Este pequeno detalhe, que preenchia os olhos dela de brilho, fez com que ele alargasse o sorriso e levantasse as sobrancelhas:

-Por que a reputação é tão importante? Isso apenas impede que as pessoas aparentem quem realmente são e nunca se conheça ninguém de verdade.

-A reputação está vinculada ao dinheiro. Ah, não me diga que nunca reparou que uma moça pobre é considerada menos honrada do que uma moça rica, ainda que tenham cometido o mesmo delito? Para a rica existe uma “explicação” para o seu deslize. Ou foi enganada, ou forçada,... A pobre é acusada de ser indecente, desleal, de má índole. – ao ver que ele mantinha uma expressão aberta e risonha, em vez de ler como simpatia, Amaia traduziu como escárnio – Se ser mãe é padecer no Paraíso, ser mulher é padecer no Purgatório comandado por homens. Até a Igreja nos condena como as causadoras da Queda de Adão. – respirou fundo – E não se iluda, ninguém pode conhecer outro de verdade, afinal, nós nem nos conhecemos por completo até que tenhamos passados por determinadas experiências.

O sorriso dele se fechou e os olhos calcularam Amaia:

-De fato...

Estava impressionado, verdadeiramente impressionado com o raciocínio dela. Nunca havia conversado com uma mulher que pudesse expressar de maneira tão clara a sua posição na sociedade. Sexo frágil? Amaia não tinha nada de frágil, o que o fazia admirá-la ainda mais. Além de bonita, sensual e volátil, era inteligente. Aquilo ficava cada vez mais interessante...

-Sr. Junqueira! – ela acenou para um rapazote que estava passando.

Sem qualquer educação, Amaia largou Montenegro sozinho e foi ao encontro do outro.

É um menino!, indignava-se Montenegro. Por que ela preferiria um menino a ele? Certo estava, o menino seria “bem mais seguro” do que ele; os beijos já haviam atestado isso. Igualmente mais manipulável, o que ele pode verificar enquanto observava a conversa dos dois. O sorriso de Amaia fazia o rapazote se tensionar dentro das vestes, evitando demonstrar que estava “emocionado” em tê-la só para si. O rosto corado deixava-o mais juvenil e o seu sorriso tremia com a excitação. Foi um espasmo que Montenegro assistiu quando Amaia agarrou o braço dele?

-Esplendoroso! Meu alento! – dizia ela, de braços dados com o jovem de 15 anos, numa intimidade que o deixava sem palavras – Que festa aborrecida! E os cantores! Hah! Alguém acha que aqui é o teatro. Ah, devo lhe agradecer, do fundo do coração, por me salvar das mãos do desprezível Sr. Montenegro! E quanto ao seu primo Francisco? Soube que ele levou um tiro de raspão no duelo. Espero que esteja bem. Pretendo visitá-lo em breve. O senhor poderia me

acompanhar! O que acha?

-Si-sim...

Cora havia feito questão de acusar Amaia do duelo entre o Sr. Francisco e o Sr. Hilário. Por mais que explicasse que a honra ali não era a dela, mas a do próprio, acusado de hipocrisia, Cora enfatizava que ela só sabia brincar com a vida das pessoas. Inclusive a sua, pois poderia ter a fama manchada pelas atitudes da irmã. E duvidava que os outros não pensassem o mesmo. Podia enxergar os olhares compridos, as repreensões, as conversinhas por detrás dos leques, críticas por todos os lados.

-Soube que sua mãe está pior de saúde. Posso ajudar em alguma coisa?

-Ah-ah, não. Ela piorou muito. Talvez eu nem retorne ao-ao colégio e fique para cuidar de-dela. Meu pa-pai está para chegar em bre-breve.

Era de conhecimento comum que o pai de Inácio, o Sr. Oto Junqueira, era um bem-visto homem de negócios na Corte e que tinha contatos no Senado, o que poderia ser útil para Amaia. Ele poderia lhe apresentar a pessoas influentes que poderiam lhe ajudar a salvar a fazenda e os escravizados.

-É um filho esplendoroso! – o seu sorriso o fez puxar o comprido paletó para a frente do corpo; ainda bem que sua casaca estava lavando – E garanto que será igualmente um marido exemplar – inclinando-se sobre o rapaz, Amaia lhe sussurrou – Há muitos olhares intrometidos por aqui. Gostaria de encontrá-lo a sós para conversarmos com mais privacidade.

-A-a s-sós?

A cabeça de Junqueira ficou rubra feito uma rosa vermelha desabrochando. Ele teve que pedir licença, não aguentando mais em si. Desapareceu pela porta da sala, escondendo-se atrás do paletó.

Amaia poderia não enxergar, mas para Montenegro estava claro: ela estava criando um problema para si.

Capítulo 19

O local que Amaia havia escolhido para se encontrar com Inácio era longe da festa e reservado o suficiente para que ninguém os perturbasse. Ela precisava conversar com ele afastada da bisbilhotice alheia. E, quem sabe, poderia ajudá-la com alguma solução, ou introduzi-la ao seu pai que estava prestes a chegar!

A saleta era pequena, com um par de poltronas velhas, uma vela sobre uma mesinha e um espelho pendurado numa parede. Deveria ser ali que a família da noiva recebia os mascates. Como as venezianas da janela estavam fechadas, sentiu-se obrigada a procurar acender a vela. Achou na mesa uma gaveta com fósforos.

Ao ter luz, vislumbrou um vulto na parede. Solto um grito que fez a vela se apagar.

Era o seu reflexo no espelho.

Rindo da própria tolice, foi à procura do fósforo para acender a vela pela segunda vez.

Agachada, sentiu alguém entrar. Havia deixado a porta aberta para que Inácio a achasse facilmente.

A pessoa encostou a porta e o quarto mergulhou na escuridão.

-Achei que não viria mais. Estava esperando por você. Preciso acender a...

Em três passadas, haviam tomando a sua cintura por trás e enfiado os lábios úmidos em seu pescoço. Ela solto um gemido. Inevitável. A cabeça girou e caiu para trás. Uma língua subiu até o lóbulo da sua orelha. Mordiscaram-na. Virou-se e, segurando-o com força pela gola, puxou-o contra si. Os lábios se explodiram num beijo. As línguas disputavam uma corrida em suas bocas. Os corpos lutavam para ocuparem o mesmo espaço. Sem ar, Amaia afastou-se dele. Não por muito tempo. Ele a puxou para si num giro e as costas de Amaia bateram contra o peitoral dele. Nunca havia reparado como ele era alto. Enquanto a boca vagava pelo pescoço dela, deixando-a arrepiada, uma mão deslizou para o seu decote. Havia emagrecido e suas roupas estavam frouxas, o que facilitara a entrada da mão por entre o tecido da *chemise* e a pele desnuda. Todo o corpo dela se eriçou de prazer.

Devo pará-lo, mas não quero. Não agora.

-Nunca pensei que você fosse tão... ahhhh... – gemia ao sentir os dedos quentes em seus seios – É isso... que ensinam... nos colégios da Corte? – arfava.

-Não sei, não estudei em um. – murmurou – Garanto que o que sei não é ensinado em colégio. Poderiam prender os professores por isso.

O breu poderia praticamente tomar o quarto, mas estava longe de tomar a

cabeça de Amaia. Aquela voz era indelével e a confirmação da identidade do sedutor. Era preciso, no entanto, fingir que havia sido enganada. Manter a pose de moça casta, mesmo tendo reconhecido o seu beijo, o seu cheiro, a sua “pegada”. Não poderia deixar claro a Montenegro que não o havia parado porque estava gostando do que ele fazia com ela – seria aquilo a “diversão” que ele se dizia perito? Se fosse, tornaria a sua proposta tentadora.

Soltou-se dele. Os olhos – que estavam fechados a maior parte do tempo, mesmo que quase na escuridão completa – acostumaram-se com a pequena réstia de luminosidade que vinha da porta. Fez uma careta, que continha mais vergonha de si do que assombro:

-Montenegro!

A porta do quarto foi aberta.

A luz do corredor encheu os olhos dela e deparou-se com a face alegre do “vilão”.

Num gesto brincalhão, ele fez uma reverência teatral:

-A seu dispor!

Abraçando o próprio corpo, Amaia tentava concatenar as ideias, compreender o que havia acontecido e, quiçá, convencê-lo de que havia sido um gigantesco engano.

O sorriso de Montenegro, os olhos ardentes sobre ela, se tornavam um perigo à sua virtude e, conseqüentemente, aos seus planos de casamento. Ele ainda tentou desfazer a distância entre eles e retomar de onde haviam parado, mas Amaia deu uma volta em si e foi para trás de uma poltrona.

Ao reparar a relutância dela em aceitar o seu desejo por ele, Montenegro manteve o sarcasmo:

-Eu entrei e você me beijou. Não tive tempo nem de dizer que era eu. – ele franziu o cenho – Espere, quem você estava achando que era? Aquele meninote? Amaia, que coisa feia... – balançava a cabeça na negativa, segurando o riso.

E tirou a poltrona dentre eles tão facilmente, sem qualquer esforço, que Amaia teve certeza que se ele a “atacasse”, não conseguiria escapar. Pelo seu caminhar, pelo sorriso safado e pelo olhar voraz, era certo de que ela havia atizado a fera e não teria mais como controlá-la. O melhor seria erguer o queixo e agir com calma:

-Eu-eu... ora, não devo dar explicações ao senhor.

Montenegro parou e a encarou, sério:

-Certamente não a mim, mas a ele.

Amaia estava tão nervosa com a revelação, que não havia reparado que Inácio estava no cômodo e escutava a discussão. Montenegro só percebera porque, ao ir adiante, havia entrado na mira do espelho e vira o reflexo de

Junqueira, próximo à porta.

Todo o rosto de Amaia empalideceu. O menino tinha os olhos mareados e a boca repuxada para cima. Ela o magoara e não se sentia capaz de conversar no momento, correndo para fora de lá.

-Inácio! Espere! Viu o que você fez?

-O que eu fiz?! – o sorriso de Montenegro desapareceu e toda a sua expressão endureceu. Seus passos até ela eram firmes e determinados, e seu olhar fixo a fez congelar – Diga-me, Amaia, por que você precisa se casar com qualquer um? Até mesmo com esse meninote?

-Não lhe devo explicações.

-Não, não deve, de fato. Eu só gostaria de saber, num golpe de sinceridade, uma vez, ao menos, por que não vender a fazenda e os escravos e saldar a dívida?

Todo o corpo de Amaia paralisou. *Ele sabe da dívida! Todos devem estar sabendo a essa altura.* A sua chance de contrair matrimônio estaria comprometida! *Ah, de que adianta continuar mentindo?*

Numa humildade que Montenegro nunca imaginou ver em Amaia, ela abaixou os olhos e explicou:

-Não posso. É herança dos meus pais, o seu legado.

Sua voz era tão acanhada, tão simples, sem a pompa e a cantoria de sedutora, que aquilo mexeu com Montenegro. Entrevia uma outra Amaia, tão apaixonante quanto a dos salões, no entanto, que não duraria muito tempo à mostra. Era como se ela tivesse se percebido e voltado ao estado anterior: a pose empinada, o olhar malicioso e a audácia de mulher forte.

-Amaia, eu já me ofereci para ajudá-la. – foi até o seu alcance, mas Amaia evitou que tomasse suas mãos.

O olhar dele não era de canalhice, havia carinho, havia preocupação, porém Amaia não conseguia enxergar isso, tão abalada que estava por ele ter visto um lado seu que procurava manter bem escondido.

-O senhor me enoja com sua proposta desonrosa.

-Você ainda não escutou a minha propo...

-Nem quero! – ela lhe interrompeu, agressiva.

O corpo de Amaia estava encolhido e, o que poderia ser vergonha do flagra, fora interpretado por Montenegro como a pura verdade: ela o considerava um nojento, um devasso, um canalha *ipsis litteris*. Poderia admitir muitas coisas, mas em momento algum ele havia sido canalha o suficiente para poder ser insultado.

-Por quê? Por ser sincero? Antes a minha sinceridade em deixar bem claro que tenho desejo por você e quero levá-la para a cama, do que a senhorita que se

faz de quem não é para atrair pretendentes e levá-los ao altar. Pobres coitados os que caem em seu poder!

A ironia dele foi um golpe para ela. Segurando o choro, Amaia tentou manter a compostura:

-O senhor não sabe quem sou. Não tem a menor ideia.

-Em momento algum você pensou no pobre rapaz? No que ele pode estar sentindo por você? Acha que os homens são joguetes?

-Joguetes? Os homens? Hah! Ao contrário. – o rosto dela se encheu de fúria e, desta vez, os corpos estavam a pouca distância, mas em lados opostos – Vocês são manipuladores. Fazem de nós, mulheres, o que querem. Uma palavra de vocês e nossa vida cai por terra. Que poder nós mulheres temos, senão nossos atributos?

Mais um passo.

-Às armas, então. – concluía ele.

Mais um passo.

-Cada um usa as armas que tem para obter o que precisa. – retrucou ela.

Os narizes quase se tocavam e nenhum dos dois se desviava do outro. Seria provar que tinham medo que a atração fosse maior que a razão.

Montenegro deu um passo atrás, retirando os olhos de cima dela. Amaia não estava errada ao tentar se casar para salvar um patrimônio familiar. Porém, não poderia estar usando as pessoas ao fazer isso. Ao menos, se ela fosse sincera... No que ele estava pensando? Por que ela importava tanto? Por que sentia ciúmes ao pensá-la no braços de outro homem? Estava ficando maluco?

Entendendo o silêncio dele como uma afronta à sua dignidade – a qual ela mesma se via questionar quando entrava “em ação” – Amaia enfureceu-se. Nem ele e nem ninguém iria dizer como ela deveria salvar a sua fazenda e os escravizados, muito menos um devasso.

-Sei que espécie de homem é o senhor. E espero nunca mais revê-lo.

-O seu desejo é uma ordem, minha senhora. – assentiu.

Quando Montenegro fechou a porta, Amaia desabou sobre a poltrona.

Perder aquele olhar sobre si era mais cruel do que estar sob ele.

Capítulo 20

Não havia sido surpresa quando Amaia aparecera na casa da família de Francisco e, menos surpreendente havia sido a maneira ríspida com que fora tratada. Proibiram que ela visse o convalescente. Creditavam que havia sido ela quem lhe obrigara a prestar o duelo – era o que se falava nos salões – e, consequentemente, quem o fizera levar o tiro. Poderia não ter a melhor imagem no momento, contudo, alegar uma coisa destas estava acima do que era aceitável. Até mesmo para Montenegro, que escutara as acusações com um ar de incômodo.

Belizária e Rosária – que se dividiam em disputar a sua atenção e lhe oferecer docinhos – eram incapazes de perceber outra coisa do que a sua beleza. E entristeceram quando ele, solícito, pediu licença após terminar a xícara de café para a qual havia sido convidado. Havia aceito o convite no intuito de descobrir a localização do porto ilegal de Feitosa. Não obteve sucesso nem em falar com o senhor – que havia se retirado numa pressa suspeita assim que chegara.

Detido pelas “fofocas” das gêmeas, concluiu que, se talvez as tivesse trabalhando para si, conseguisse todas as informações que precisasse. Ideia essa que lhe enredou num sorriso e fez ambas as gêmeas ofegarem de emoção.

-Quem sabe mais uma xícara? – retornou ao assento – Este café está tão saboroso quanto a companhia.

Os leques das duas bateram em velocidade para esconder as bochechas coradas. Montenegro era o sonho de ambas, e motivo para pequenas disputas – quem está mais bonita, quem canta melhor, quem come as mesmas coisas que ele... Era de enlouquecer Caetana, considerada a grande fonte de informações sobre o misterioso senhor.

Aproveitando que a mãe das meninas se retirou para pedir mais café aos escravos, Montenegro quis saber se elas e os pais viajavam pelo Brasil. Ambas mexeram as cabeças na negativa, em sincronia.

-Apenas papai. – respondeu uma.

-Seu pai tem viajado muito?

-Uma ou duas vezes ao ano ele vai para a Corte e fica um tempo lá e outro em Macaé. – falou a outra, num desespero em agradar Montenegro.

-Macaé?

-Sim, temos uma fazenda lá. Coisa pequena. – continuou – Papai se hospeda lá com o comissário Mattos para negociarem as sacas de café diretamente com os importadores. Menos atravessadores nas negociações faz com que o lucro seja maior.

-Shiu! Papai não gosta que falemos sobre isso.

-Como vocês sabem? – ao escutar os passos da senhora no corredor, Montenegro tomou pressa – Já estiveram nessa fazenda?

-Oh, não! Nem sabemos o nome.

-Sabemos sim.

-Shiu!

As duas se encararam.

-Chama-se Paraíso. – contou uma delas – O que é um pouco contraditório. Papai costuma dizer que é pequena, feiosa e quase não tem móveis. É mais usada para pernoite.

Uma pista!

Era necessário confirmar, pois não acreditava cem por cento nas gêmeas. Quem cuidaria disso seria Canto e Melo. Deixaria ele investigar isso com Caetana.

A Sra. Feitosa chegou com o café. Montenegro aceitou mais uma xícara, elogiou os docinhos e as moças e as deixou encantadas ao comentar que aquela havia sido uma das tardes mais agradáveis que tivera em sua vida.

Ao montar o cavalo, Montenegro tentou encontrar o dono da Guaíba. Ele havia sido tragado no ar, sem deixar rastros. Nenhum capataz ou escravo o havia visto – ou não queria dizer para não sofrer as consequências. Deu ainda uma volta pelas terras na esperança de vê-lo. E estranhou quando os seus pensamentos o conduziram à Amaia. Ela tomava toda a sua mente, desta vez, de uma maneira bem distinta. Sua beleza e inteligência haviam sido apagadas pelo egoísmo e orgulho que ele tivera o desprazer de conhecer. Tornava-se tão preciosa quanto uma jazida pirita – vulgo, “ouro de tolo”. Suficiente para lhe fazer voltar à rota dos seus objetivos, muito maiores e mais importantes do que um par de olhos verdes. Porém, este par de olhos, ainda mais esverdeados pelo choro, foram o que o fizeram parar, saltar do cavalo e correr até a moça.

Amaia estava a pé, na beira da estrada. Tinha os cabelos desgrehados, caindo pelo vestido amarelo claro. Pelo estado da barra da roupa, ela deveria estar caminhando há algum tempo. A manga e parte do corpete estavam rasgados e faltavam botões. Um pouco do seu espartilho estava à mostra, contudo, ela não parecia consciente disso. Na sua passada vagarosa, ia limpando a boca suja de sangue no próprio punho do vestido.

Ao se deparar com Montenegro, Amaia parou. Seus olhos se encheram de lágrimas e a boca trincou num choro mudo.

-Vou levá-la para casa.

Montenegro pediu que o aguardasse enquanto ia pegar o cavalo. Tomou-o pelas rédeas, parando-o diante dela. Sem qualquer demonstração de dificuldade,

ergueu Amaia pela cintura, sentando-a na sela à inglesa. Assim que ele montou, Amaia recostou-se em seu tórax e fechou os olhos. Com uma das mãos, segurou-a pela cintura, para que não caísse, e com a outra bateu as rédeas para ir o mais rápido possível.

Não sabia o que havia acontecido com ela, mas poderia imaginar pelo seu estado. E a raiva foi se alastrando, silenciando-o.

*

No balançar do galope, à brisa fresca, Amaia sentia-se voando. Planando pelos pés de café, escutando o cântico dos escravos, seguindo na direção do terreiro que ardia com uma bela fogueira de São João. Havia um batuque gostoso, que fazia seu corpo querer remexer – uma dama não o poderia. Aproximou-se daquele calor gostoso e deparou-se com grãos de café sendo queimados. As labaredas aumentavam quando jogavam algo. Eram pedaços de gente. Todos negros. Todos escravos. Buscou os arredores e notou os que festejavam. Dançavam. Eram os senhores de escravos. Usavam máscaras dos rostos dos mortos. Escondiam-se nos risos. As risadas iam entrando pelos ouvidos de Amaia e ela pedia que parassem. Não paravam. Nuncaaaaaa!!!!!!!!!!

O grito de Amaia estremeceu a casa.

Na sala de estar, Montenegro, que aguardava notícias junto à Cora, assustou-se. Tomando a frente, apressou-se a ir para a porta do quarto dela, de onde encontrou Bá saindo.

A velha mucama, carregando uma vasilha e panos, tinha a cara cansada. Montenegro sufocou-se imaginando o pior quando a escrava deu as boas notícias:

-A febre abaixou.

-E o grito que ouvimos?

-Teve um pesadelo. Acho melhor que ela durma um pouco. Precisa descansar.

Cora, que vinha mais devagar, com um olhar suspeito para cima de Montenegro e sua reação extremamente preocupada, avisou que havia mandado prepararem uma chávena de chá de camomila para eles.

Montenegro, nervoso demais para ficar sentado tomando chá, retornou para a sala, mas preferiu ficar de pé, próximo a uma janela. Com uma das mãos nas costas, esquadrinhava o que poderia ter acontecido e quem teria feito aquilo. Fechou o punho e o apertou. Acabaria com o maldito. Era provável que Cora ou Bá soubessem quem havia sido. Amaia deveria ter contado a elas aonde ia mais cedo. Porém, achou indelicado perguntar.

O mesmo não parecia passar pela cabeça de Cora, acomodada no sofá, segurando a sua xícara:

-O que será que aconteceu para ela ficar desta maneira? – estendia um longo olhar sobre ele – O senhor disse que a encontrou na estrada?!

-Exato. E a trouxe logo para cá. – ele sentou-se na frente de Cora – Ela disse aonde ia hoje cedo?

Foi a vez de Cora analisar o seu semblante. Estava nervoso, beirando o desesperado. Era engraçado.

Escondeu um sorrisinho dentro da xícara de chá. Deu um gole, calmamente, antes de responder a ele:

-Não. Apenas que ia fazer uma visita... – em gestos vagarosos, colocou a xícara sobre o pires – Sr. Montenegro, minha irmã não aprende. Ela não é mais aceita nas famílias distintas, por causa da maneira como se porta, e continua insistindo em fazerem recebê-la. Bem feito que algo assim tenha lhe acontecido. Aprenderá a se portar como uma dama deve.

Não podia acreditar no que havia escutado. Montenegro não tinha irmãos, mas poderia imaginar que uma irmã não iria querer o mal da outra dessa maneira. A frieza no olhar de Cora, no seu tom de voz manso e nos gestos vazios a transformava em um ser cruel, que ia crescendo à medida que ela ia reclamando de Amaia, tal ela fosse a ofendida:

-Reunir-se com homens, a portas fechadas, negociar com credores, ir para a plantação com o feitor, colher os grãos como uma escrava! Outro dia chegou aqui toda destrambelhada, alegando que havia passado a tarde colhendo. Colhendo! Coisa de escravo! Começo a questionar a sua sanidade.

-Pelo que sei, ela quer apenas saldar as dívidas e salvar a fazenda.

-Hah! Você e todos os tolos que acreditam nela... Ela quer motivos para ser admirada. Sempre foi assim, desde pequena. Adora chamar a atenção. O senhor mesmo já presenciou a maneira como ela se porta, querendo que todos a rodeiem e a encham de elogios. Minha irmã é uma mulher fria e sem coração. Não se importa com os outros, nem com o que sentem. Se ela está fazendo tudo isso é só para mostrar o quão incrível ela é, e conseguir um marido o quanto antes.

Ele se calou por alguns segundos. Depois pediu licença, pois anoitecia e ele tinha de voltar para a sua fazenda.

-Por favor, se algo lhe passar, gostaria de ser avisado. – pediu à Cora, antes de montar o seu cavalo e sumir na estrada.

Ela ficou ainda alguns minutos parada na porta da casa. Amaia era sortuda. Havia conquistado o belo senhor sem ele mesmo reparar. Não iria contar isso para ela. Iria deixá-la continuar a sua busca desenfreada por um marido, até cair no conceito de Montenegro, a ponto de ele nunca mais querer olhar para ela. Se é que o quereria, dado o que poderia ter acontecido na casa de Inácio Junqueira. Sim, Cora sabia exatamente aonde Amaia havia ido e guardaria isso para si.

Capítulo 21

Enquanto Montenegro tentava descobrir o que havia acontecido com Amaia, a moça ia se recuperando à medida que a sua memória também ia retornando, a ponto de se recordar de tudo o que lhe havia passado com uma clareza que a enchia de vergonha. Quando se sentiu pronta para contar a alguém e dividir aquele fardo, chamou Bá. A única que guardaria segredo e poderia lhe ajudar com algum dos seus chás de ervas. A velha mucama sentou-se na beira de sua cama e, tomando a sua mão, apenas a escutou.

Amaia havia decidido, na manhã do ocorrido, que iria por um dos seus vestidos mais alegres e iria tentar conversar com Francisco uma segunda vez. Achava cruel a maneira com que havia sido tratada e precisava esclarecer os fatos, forçando-os a ouvirem-na. Desta vez, não seria a carrasca de uma situação da qual não tinha culpa. Francisco havia deixado claro que entrava no duelo pela própria honra e não por causa dela.

Como ele era primo de primeiro grau de Inácio Junqueira, resolvera pedir que este a acompanhasse e fizesse frente à família para que ela tivesse acesso a Francisco. Inácio sempre fora muito bonzinho com ela, aceitando ser sua companhia quando estava aborrecida com alguma coisa, fazendo-a rir com algum comentário inocente, ou contando uma piada muito, muito ruim. Era o irmão caçula que ela desejava ter. E tinha medo do que ele poderia ter visto ou entendido quando a encontrara sozinha com Montenegro. Era preciso explicar isso a ele também.

As terras da família dele eram próximas – bastava atravessar a estrada –, assim sendo, Amaia resolvera aproveitar a bela e fresca manhã e ir a pé. Se andasse dez minutos entre a sua casa e a da família Junqueira, seria muito. E teria um bom motivo para pedir que Inácio a acompanhasse até Francisco no caminho de volta a casa.

O casarão dos Junqueira era ainda resquício dos portugueses do século XVII, com poucas comodidades, tal a Guaíba e a Santa Bárbara. Entrava-se na casa pelo segundo andar – tinha de subir uma escadaria na frente da construção. Chegava-se numa sala de visita, ladeada por salas menores e a cozinha. Quando se descia por uma escada interna, alcançava-se os quartos. Aquela estranha arquitetura, de poucas janelas e muitas alcovas, deixava Amaia um pouco incomodada. Possivelmente, era isso que fazia Inácio querer tanto estudar fora de Vassouras. Um rapazote de 15 anos gostaria de viver aventuras e não ficar abafado num lugar velho e escuro como aquele.

Amaia sabia pouco da família dele. Sua mãe já o tivera tarde, com quase 30

anos, e agora vivia reclusa por causa da doença que ia minando a sua saúde física – e diziam, mental. O pai vivia viajando e negociando. Tinha uma casa na Corte, onde se encontrava com uma amante fixa – era o que alguém havia visto e repassara a todos os conhecidos. Quem praticamente adotara o jovem haviam sido os tios, pais de Francisco. Eles que o incentivavam a estudar e a deixar para trás a vida reclusa na fazenda ao lado da mãe tuberculosa.

Quicá fosse isso, gerando pena, que fizesse Amaia ser tão atenciosa com o rapaz – mais do que ela mesma supunha ser. Nas férias de verão, cavalgavam juntos de vez em vez, dançavam nos bailes, apreciavam as estrelas enquanto dividiam um charuto por eles apanhado. Amaia via nele um espírito livre e acreditava que era vista da mesma maneira.

Ao chegar à casa deles, havia algo incomum. Não era o perfume de ervas que os escravos acendiam antes que os convidados sentissem o cheiro de remédios e emplastros usados pela sinhá. Nem era o fato de todas as janelas estarem fechadas para evitar correntes de ar. Era uma estranha escuridão, em que mal se podia enxergar mais do que alguns passos a frente de si. Havia um grande espaçamento entre as velas e havia, no máximo, duas ou três “iluminando” um ambiente de mais de 20 metros quadrados. Amaia perguntava-se como era possível que Inácio estudasse com aquela pouca luz e se seria mais alguma doença que a sua mãe havia contraído, cujo sintoma era a perturbação pelo excesso de luminosidade.

Tirava a capa, as luvas e o chapeuzinho, entregando tudo ao velho escravo Rafael. Amaia não entendia porque não o deixavam num canto, terminando a vida. Tinha as costas escurvadas num quase C e a perna esquerda havia sido deformada pela elefantíase. Que tipo de serviço ele poderia fazer? Seria uma maldade mantê-lo recebendo os convidados. O estado dos outros escravos não era muito melhor. Havia cegos, alguns que não tinham os dedos dos pés ou das mãos, e aqueles que mal conseguiam ficar em pé. Era desumano o estado em que eram mantidos, quase aos farrapos. E, por nada mais valerem no mercado, nem poderiam ser vendidos.

O Sr. Junqueira não dava importância a isso, metido no decote da sua cocote, mantendo os escravos melhores consigo e a pose de “grande cafeicultor” nas mesas de bilhar na Corte. Distantemente o suficiente da fazenda e da esposa que caíam aos pedaços. Seu herdeiro varão muito pouco conseguia fazer. Ficava no leito da mãe, todas as férias, e, de vez em quando, visitava os amigos de infância para poder respirar um ar que não o contaminado.

Quando surgia, então, uma visita como Amaia, Inácio se caía de alegria, mal se contendo e querendo conversar sobre tudo, mostrar seus livros de estudo e o que estava aprendendo. Era impossível não o enxergar como uma criança,

ainda que estivesse surgindo uma fina barba no rosto, que ia se tonificando com ares de masculinidade, assim como a voz que escorregava cada vez menos na infância.

-Que surpresa! – a voz de Inácio não era tão profunda e adulta como aquela que a recebia.

Era um tom conhecido, mas Amaia não conseguia se recordar de onde. Ao se voltar para trás, reparou que era o próprio Oto Junqueira que vinha recebê-la. Somente de calça e em mangas de camisa, Amaia teve certeza de que o pegara descansando. Acanhada, pediu desculpas pela sua intromissão e tentou explicar que vinha visitar Inácio, mas ele a interrompeu antes:

-Como vai, Amaia? Posso dizer que muito bem! Cresceu bastante desde a última vez que nos vimos!

Fazia muitos anos que o pai do jovem não via Amaia de Carvalho. Mais de dez anos, seguramente. E não a teria reconhecido se não fossem pelos olhos verdes e os cabelos escuros. Ela mudara – e que mudança! Amaia era de deixar rijo qualquer homem do seu calibre.

Oto Junqueira fez um sinal com a cabeça para que Rafael se retirasse. Aguardara o vagaroso escravo sumir nas salas adjacentes para que guiasse Amaia até a sala de estar.

O olhar dele preocupava Amaia, era como se a queimasse. Teve uma leve sensação de que não era prudente ficarem a sós por muito tempo. Não havia lógica no seu raciocínio, apenas intuição, ainda assim, preferiu ignorar, pois lembrou-se de que ele poderia ajudá-la a pagar as dívidas da fazenda, apresentando algum pretendente – os seus começavam a minguar – ou encontrando alguma solução honrada.

Mesmo que ela procurasse não demonstrar que se sentia insegura em sua presença, sua voz e sua pose não escondiam o temor. E ele parecia enxergar isso – e gostar.

-Achei que ainda não havia chegado... – disse ela, considerando melhor ir embora.

-Cheguei pela noite. Certamente não veio me visitar... – apontou o sofá para que ela se sentasse, e abriu um sorriso ao focar no corpo dela de maneira acintosa, sem qualquer escrúpulos.

-Não, desculpe-me, vim convidar Inácio para uma caminhada. – ela se manteve de pé.

-Sinto, mas ele não está.

Aquilo foi o suficiente para Amaia ter certeza de ir-se. Preparava uma despedida, quando o senhor tomou a sua mão e, acarinhando-a, manteve-a presa pelos dedos:

-Tenho certeza de que Cesária ficará muito satisfeita em revê-la. Fará muito bem a ela.

Tentando escapar dele, Amaia ia construindo uma desculpa:

-Estou com uma certa pressa... – mas ele não a soltava.

Apertando o agarre, Oto Junqueira inclinou-se sobre ela:

-Estamos muito preocupados. O médico esteve aqui e avisou que são os seus últimos meses de vida e ela quer se despedir de todos. Por favor, faça esta caridade. Cesária sempre gostou muito de você. Dizia que queria que Inácio se casasse com uma moça feito você.

O vestido amarelo, que tão bem contrastava com a sua pele e seus cabelos, a deixava radiante. Ele não evitava que seus olhos se demorassem no decote dela, que era bem preenchido por um par de seios perfeitos. Apertou ainda mais as suas mãos, ásperas pelo trabalho da colheita, e aproximou-se dela, a ponto de degustar o seu perfume. Havia sabido, através do amigo Hilário Gouveia, o que a jovem “andava aprontando”, chamando a atenção dos homens sobre si para conseguir alguém que lhe pagasse as dívidas da sua fazenda.

-Imagino o quanto está sofrendo. – ele continuava a segurá-la – Eu mesmo sofri muito com a perda dos meus pais e quero que saiba que estou aqui para o que precisar. Pode me chamar, a hora que for.

-Obrigad...

-Venha comigo, por favor. – e foi puxando-a casa adentro – Vou levá-la à Cesária. Você será o bálsamo que ela precisa.

Se a sala de estar, onde recebiam os convidados, já tinha o seu quinhão de desgaste, com o teto rachado, as paredes precisando de pintura, alguns quadros faltando – restando apenas a marca – e os móveis bambos e velhos, quanto mais ia para dentro, pior ficava a situação. Havia paredes com o reboco caído, deixando à mostra o pau-a-pique. Em algumas alcovas, não havia mais forro e animais ali faziam os ninhos nas vigas à mostra. Faltavam objetos, faltavam móveis. Deveria ser muito angustiante morar lá. O cheiro, então, de umidade, mofo e remédios fez com que o estômago de Amaia se embrulhasse.

Pararam diante de uma escada que levava ao andar inferior. Jurava que haviam colocado D.Cesária no térreo, para facilitar o acesso das visitas mais íntimas, contudo, poderia ter entendido errado.

-Segure no corrimão. – ele avisara – E cuidado para não tropeçar.

Descer aquelas escadas às escuras era como entrar num lago à noite. Um frio subira a coluna de Amaia e ela estremeceu. Sua respiração pesara e achava que poderia cair.

-Não enxergo nada.

Amaia ia apalpando os degraus com os pés. Aos poucos, os olhos iam se

acostumando à escuridão para a qual eram tragados.

Ao atingir o andar inferior, depararam-se com um brilho de luz fraco. Era uma vela sobre uma velha cômoda, encostada numa parede de um longo corredor repleto de portas e sem qualquer janela. Deveria se assemelhar a um calabouço, como nos livros que lia, de chão e paredes de pedra e tão escuros que mal se podia enxergar o próprio nariz. Havia um eco fantasmagórico causado pelas passadas dos escravos que rangiam as tábuas do assoalho de cima.

Diante de uma porta, igual a todas as outras, Oto Junqueira havia parado. Empurrara o puxador vertical – aqueles de ferro, comuns no século XVII. Mal entraram no quarto às semi-escuras e Amaia decidira sair dali o quanto antes.

Estavam num quarto. Havia uma cama. Havia um armário. Havia um urinol, uma jarra de louça e uma tina para banho de asseio sobre uma mesa. Porém, não havia nem a Sra. Junqueira, nem ninguém mais ali. Da mesma maneira que não havia janelas, nem outro meio de sair. Era uma daquelas alcovas antigas em que pernoitavam os negociantes – para evitar que abusassem das mulheres da casa ou roubassem alguma coisa, eles eram trancados nestes quartos sem janelas.

-Onde está D.Cesária? É alguma brincadeira? – sua voz era de temor, de quem havia sido enganada e, por maiores que fossem as desculpas, não aceitaria nenhuma delas.

-Você está mais linda do que antes.

-Acho melhor eu ir. Estão me esperando.

Uma mão tomou o seu braço e a segurou com força. Amaia escutou a manga do seu vestido rasgando.

-Vou ajudá-la a salvar a sua fazenda, se você for boazinha comigo e fazer o que eu mandar.

Oto fizera um movimento, e Amaia sentiu o corpo rodopiar e cair. Tentou se agarrar a algo para não ir ao chão. Foi quando suas costas deram contra algo macio. Ele a havia atirado na cama.

A sombra dele, contra a luz da porta, se fazia grande e aterradora até mesmo para uma mulher forte como ela. Não poder ver o rosto dele, vestido de sombras, só piorava a situação, pois não poderia imaginar o que estava planejando. E nem precisava de muito. Oto se encaminhava a ela, abrindo os botões das calças. Falava num tom baixo, mais comedido e ainda mais preocupante:

-Agora, fique quieta, para não doer. Quanto mais relutar, pior será para você.

Encolhida em si, Amaia tentava ainda trazer razão ao senhor:

-O senhor tem esposa! Tem filho! Inácio o ama tanto! O que ele fará se souber que o pai está tentando abusar de uma amiga?

-Ele aprenderá como um homem de verdade deve agir, em vez de ficar pelos cantos choramingando que a viu beijando outro – abaixava as calças – Ah, eu soube do beijo no quarto escuro. Diga-me, foi apenas um beijo ou teve mais?

Puxara-a pelas pernas e tentava virá-la sobre a cama. Amaia debatia-se, impedindo que conseguisse. Ela lhe arranhava, dava socos, o que fosse, o que mais o confundia do que provocava dor.

A pouca luz também não o ajudava. Achando que eram as saias dela que levantava, puxou o cobertor da cama e ela se emaranhou no meio, impedindo que ele arrancasse suas vestes. Oto conseguira encontrá-la na cama, atirando-se sobre ela. Lambia seu pescoço, do lóbulo à clavícula.

-O... que... você... pensa... que está... faz...endo... sol... te-me! Vou gritar!

-Grite! Grite o quanto quiser! Ninguém poderá ajudá-la. Você será minha, Amaia. Minha!

E quanto mais falava, mais agitada ela ficava e mais animado ele se fazia. Beijava-lhe os lábios e Amaia aproveitara para lhe morder, o que só o deixara mais excitado ao sentir o sabor do próprio sangue.

Tentando sair de baixo dele, Amaia se remexia, batendo e esperneando no que fosse, empurrando qualquer coisa. E quanto mais demorava para se soltar, mais ele parecia dominá-la. O corpo pesado do senhor a pressionava contra a cama, encaixando-se nela. As mãos dele iam encontrando os caminhos da sua pele e se libertando dos tecidos. Escutara o rasgar de algum tecido e uma boca que se jogara contra os seus seios. Mãos deram-se com a pele das suas coxas e por elas foram subindo, erguendo as saias. Ao depararem-se com as calças, ele parara, como confuso. Talvez estivesse acostumado com mulheres que não usassem nada por baixo. Aproveitando as pernas livres do tecido do vestido, Amaia deu-lhe uma joelhada nas partes rígidas.

-SOL-TE-ME!

Ele rolara para o lado. Uma cotovelada no rosto dele e Amaia tentou correr até a porta aberta. Atrás de si o escutava, por entre gemidos de dor, reclamar:

-VOLTA AQUI, SUA MERETRIZ!

Os olhos dela se encheram de lágrimas, mas não ficara ali esperando que os dois pudessem discorrer sobre o assunto. Era preciso sair dali o quanto antes. Foi correndo, passando reto por Rafael quando este tentara lhe entregar os seus apetrechos.

Havia corrido alguns quilômetros, quando parou sem ar.

Foi quando se deparou com o gosto de sangue nos lábios. As roupas estavam rasgadas, a sua cabeça girava, todo o corpo doía.

Apagara e não soube como havia chegado em casa.

Bá soltou um longo suspiro de alívio. Em algo havia sido bom ter deixado Amaia brincar com os moleques quando era pequena. Havia aprendido a bater neles e a evitar situações como esta. Poderia se dar por orgulhosa, se a sua menina não tivesse deitado a cabeça em seu colo e caído aos prantos.

Às vezes, Amaia eram igual a todas as outras: frágil.

Capítulo 22

Passaram-se duas semanas para que Montenegro recebesse notícias de Amaia. Ele havia estado na Santa Bárbara dia-sim-e-o-outro-também. Todas as vezes, havia sido recebido por Cora, que tinha o prazer de listar as excentricidades de Amaia – de forma mais acusativa do que explicativa –, dando a entender que finalmente tinha o que merecia. Poderia interpretar que o ocorrido poderia ser uma tentativa da própria Cora de se desvencilhar da irmã, contudo, o que ela angariaria com o ataque à Amaia?

Aproveitando uma visita aos Feitosa, em que estava somente ele, Caetana e Canto e Melo, perguntara sobre a tensa relação entre as irmãs Carvalho. Caetana, na sua solenidade de amiga fiel e protetora, esclarecera somente que as duas não se davam bem, o que vinha da infância – talvez por uma predileção da mãe pela caçula. E nos restos do seu silêncio, Montenegro previa que ainda pioraria se ambas continuassem numa situação ruim por muito tempo.

Havia reparado no estado da casa-grande. Havia observado as infiltrações que se iniciavam e não terminavam, a falta de alguns quadros e objetos que dias antes estavam lá e desapareceram, a comida que era servida somente a ele, o estado em que se encontravam boa parte dos escravos – magros e apáticos – e a própria Cora que sumia a cada dia dentro dos vestidos cerzidos.

Diante da oportunidade de entrar no gabinete do falecido Carvalho, Montenegro vasculhou os papéis que iam se amontoando sobre a escrivaninha à medida que Amaia permanecia de cama. Por entre contas e balancetes, encontrara uma longa lista com nomes de fazendeiros e valores ao lado. A maioria eram nomes conhecidos – os quais não precisava se esforçar para lembrar, pois faziam parte do mesmo círculo. O maior cobrador era o Sr. Feitosa, o que não era de se surpreender. Era seguido por Luiz Mesquita e alguns outros. Apenas dois ali ele nunca escutara, mas como estavam riscados, deduzira que haviam sido pagos.

Pelos seus cálculos, Amaia teria não só que vender a fazenda, mas ainda pagar a dívida por anos.

Montenegro teria se aprofundado na busca se Cora não tivesse entrado no escritório:

-Ah, o senhor está aí! Estava procurando-o! – disse, com o chapéu e o chicote de montaria do senhor – Achou alguma coisa que pudesse lhe interessar?

A irmã mais nova poderia parecer sisuda e discreta, porém, era também ardilosa. Em poucas mulheres Montenegro havia identificado aquela malícia no olhar.

-Estava pensando se havia como me venderem uma escrivadinha desta?! Ela é grande e na medida que preciso. – sentara-se na cadeira atrás da papelada e colocara a mão sobre as anotações de Amaia – Sabe onde seu pai a mandou fazer? Ou veio da Corte?

-Posso perguntar à Amaia. É ela quem está a par de tudo.

Reparando na feição antipática de Cora, de quem não havia gostado de tê-lo encontrado por lá, Montenegro abriu um sorriso, pegou seus pertences e agradeceu a hospitalidade. Podia não ter virado para trás, mas, ao colocar o chapéu sobre a cabeça, sentiu a nuca queimar. Cora e sua raiva latente o miravam de tal maneira que ele teve pena da moça e da irmã.

*

No caminhar das duas semanas, Montenegro nem possuía mais esperanças de receber qualquer notícia de Amaia. Ela estava em total reclusão e, desde que fora encontrado no gabinete bisbilhotando, nunca mais fora recebido por Cora.

Estava em sua fazenda, em mangas de camisa, atirado sobre uma poltrona, lendo o *Jornal do Comércio* que mandava vir da Corte.

Uma senhora negra, em roupas bem compostas, apesar de simples, entrou no seu gabinete pedindo licença.

Montenegro abaixou o jornal e, assim que seus olhos a miraram, ela anunciou que tinha uma visita. Havia tanto espanto no rosto dela quando surpresa no dele. Estranhou. Canto e Melo sempre entrava sem ser anunciado. Não havia recebido nenhum aviso de visita. Quem seria? Antes que conseguisse dobrar o jornal e levantar-se da poltrona para vestir a casaca, Amaia foi entrando e agradecendo à senhora pelo anúncio.

Vinha num passo volante que combinava com sua roupa de listras azuis e brancas. Tinha um chapeuzinho azulão sobre os cabelos parcialmente presos em cachos, que iam serpenteando pela delicada roupa.

Entregando a mão a ele, sem lhe tirar os olhos verdes, abriu um sorriso, mais frívolo do que contente:

-Acredita que estava com saudades do senhor? Quando soube que não foi mais me visitar para saber como estava, cheguei a me ofender e a odiá-lo tanto, que achei que nunca mais o perdoaria. – e o sorriso se estendeu – Mas não consigo sentir raiva do senhor por muito tempo, por mais que tente. E juro que tentei.

Por fora, ela poderia parecer coquete e contente, mas Montenegro a conhecia o suficiente para captar que, detrás do sorriso, escondia-se uma imensa tristeza. E por mais que ela procurasse se manter ativa, forte, uma fênix renascida, ele ainda via a sua fragilidade. Era de se admirar ainda mais. Só gostaria que ela fosse sincera e largasse o orgulho uma vez.

Para não abrir feridas que poderiam já estar cicatrizadas, Montenegro se fez de crédulo e manteve o compasso daquela dança:

-Eu acredito. – ele sorriu, tomando as suas mãos e as beijando. Sentiu-as ásperas. Era provável que Amaia ainda estivesse trabalhando nos cafezais para provar a sua teoria de igualdade – E como está a Santa Bárbara? Prosperando, pelo visto, para precisar de mais mãos para a colheita.

-De vento em popa. – ela mordeu o sorriso, retirou as mãos dentre as dele e deu uma volta no gabinete – Sabe que nunca estive antes em sua casa?!

Analysava o local, os móveis e os objetos de decoração com olhos gordos. Montenegro aproveitava para se recompor e colocar a casaca, observando-a de longe, imaginando a cabeça dela calculando os valores das peças. Poderia se considerar não só culto como sóbrio e extremamente rico, o que ficava claro na decoração da sua casa. Os tons mais escuros e masculinos davam o ar de seriedade que lhe era inerente, contudo, havia quadros e objetos que trazia das suas viagens pelo mundo, ou que mandava vir de fora, que coloriam e traziam vida. Tudo muito elegante, muito bem escolhido e de muito valor. Havia uma mistura do estilo inglês com o japonês/chinês – que estava virando moda.

Se não se soubesse em Vassouras, Amaia poderia jurar que estavam na Corte. O gabinete dele, era quase como aqueles de curiosidades que ela havia visto num livro. Animais desconhecidos empalhados, belas peças orientais, armas que ela não sabia classificar, uma infinidade de coisas que ela se perguntava quem limparia tudo aquilo. Havia visto apenas uma “escrava”.

-Como pode ver, sou um homem de gostos variados. – aproximou-se dela – E como você está? Melhor?

Havia preocupação na voz e em seu olhar, mas Amaia tentou não se distrair com isso e manter o foco no que havia vindo fazer lá:

-Ah, sim, esplendorosa! A minha gripe passou e estou renovada! Acho que precisava descansar alguns dias.

-Sim, o sol da plantação não faz bem a ninguém.

Ela chegou a fechar o sorriso diante do tom sarcástico dele, mas não por muito tempo:

-Não vou me irritar com o senhor hoje, estou de muito bom humor. – e acomodou-se num sofá, alisando o tecido.

-Bom humor? E posso saber o porquê disso? – ele se sentou ao seu lado.

-Ora. – ela abaixou o rosto propositalmente, como se intimidada pelo olhar direto dele – O senhor deve saber... Por que uma moça como eu viria aqui, sem avisar, e toda arrumada?

-Não consigo imaginar... – mentiu, tentando segurar o riso diante daquela tentativa de seduzi-lo.

-Ah, sei que consegue, sim.

Encarou-o e Montenegro entendeu o tamanho poder do charme de Amaia. Os olhos verdes sombreados pelas longas pestanas, os lábios avermelhados em forma de coração, o decote que arfava. Era preciso ser muito forte para não querer beijá-la naquele instante. Porém, ele ainda se considerava um cavalheiro e ela era uma dama – ainda que não soubesse dos amiúdes do que havia acontecido com ela.

-Amaia...

-Quero agradecer por ter me salvo. – ela inclinou-se sobre ele, tocando em sua mão. O encostar das peles foi elétrico, subindo por ele e galvanizando o seu corpo na direção dela – Não sei o que seria de mim se não tivesse me encontrado na estrada. Estava tão perdida, tão fora de mim. Estava muito atordoada com o calor e, quando caí de meu cavalo, oh, céus, eu nem sabia quem eu era! Obrigada.

Montenegro não era estúpido e o estado dela não era de quem passara mal com o calor e caíra do cavalo. Amaia o testava para ver até onde ele tinha conhecimento. Ela mesma pouco se lembrava do ocorrido e não tinha qualquer memória de quando ele a encontrara. As poucas informações haviam sido passadas por ele à Bá, que contara a ela como havia chegado em casa.

-Não há o que agradecer. – inclinou-se sobre ela, apertando os seus dedos sobre o assento do sofá.

Seus rostos estavam próximos. Próximos demais, a ponto de sentirem a respiração um do outro, os perfumes que se entrelaçavam, os olhos que apreciavam em detalhes, sem conseguirem se afastar.

-Há, sim. Há muito o que agradecer... – ela fechou os olhos e seu rosto encostou no dele, como uma gata acariciando-o.

Aquilo havia sido por demais para Eduardo Montenegro. Sem se aguentar, tomou-a em seus braços, apertando-a contra o corpo. Queria fundir-se a ela, que todas as partículas de seus corpos se misturassem num só. A Lei da Física era cruel, dois corpos não poderiam ocupar o mesmo espaço, então, era preciso desbravar as reentrâncias que ele conseguiria penetrar. Caçou-lhe os lábios, lambendo-os para que os abrisse. Não houve regateio. Amaia, totalmente entregue, envolveu os braços no entorno do pescoço dele e seguiu a dança de sua língua num compasso que ia ficando a cada minuto mais nervoso, mais explorador. Ambos buscavam mais naquele beijo, naqueles corpos colados, naquelas carícias que se iniciavam. Amaia tinha as pontas das unhas em sua nuca, enfiando os dedos por seus cabelos, eriçando-o ainda mais. Montenegro a apertava contra si, descia os lábios por seu lóbulo até o pescoço. Se não fosse por um gemido de aprovação, teria parado. Prosseguiu para o decote dela. A

língua contornou o raiar dos seios e o gemido se fez mais intenso. As unhas dela se cravaram em seu couro cabeludo e Amaia estremeceu nos seus braços. Isso o deixou ainda mais teso. Arrancar-lhe-ia as roupas se não se controlasse por um minuto. Um simples minuto que o fez segurá-la pelos braços e afastá-la de si.

Amaia tinha os olhos fechados e estava à cata de ar. Seus nervos ainda estavam eletrizados pelo beijo caloroso dele. Andava em nuvens e não teria reparado no rosto de incômodo dele se Montenegro não tivesse lhe dito:

-Desculpe-me.

Abriu primeiro um olho e depois o outro, desconfiada do que ali acontecia.

Montenegro havia se levantado do sofá e se colocado entre ela e a escrivaninha, distante o suficiente para que ela ficasse segura dos seus arroubos e ele pudesse se recompor.

Contudo, Amaia se provou mais inocente do que ele poderia esperar e, infelizmente, mais sensual.

-Por que se desculpa? – ela batia as pestanas.

Ele não podia fazer isso. Não com ela. Não com ninguém. Montenegro respirou fundo, tentou se trazer de volta a si, e retornou para perto dela. De joelhos, diante dela, tomou as suas mãos e seus olhos cinzas, repletos de ternura, aprisionaram-na:

-Eu preciso lhe dizer: não sou um homem que se casa. Eu nunca vou me casar, Amaia. Eu não acredito no casamento. Acho que ele apenas tolhe o amor verdadeiro com obrigações e responsabilidades que não deveriam existir numa relação.

Falava com uma verdade tão direta e sem rapapés, que Amaia ficou confusa. Demorou a conseguir entender que ele não queria se casar com ela, apesar de querê-la muito em uma outra circunstância nada cavalheiresca. Ele deve ter desconfiado do que havia acontecido entre ela e Junqueira. Guardou para si o nervosismo.

Envolta pelas brasas do beijo incandescente, Amaia tentou persuadi-lo de uma maneira simplória, ainda que provocativa:

-Uma relação não é só diversão.

-Quando se tem uma vida como a minha, é a única coisa que posso querer. E é a única coisa que posso lhe oferecer.

Diante dessa perspectiva, teve certeza de que ele sabia do ataque de Junqueira. Sua reputação estava manchada. Ao menos, esperava que ele pudesse manter segredo. Por enquanto. Tentava concatenar as ideias, aceitar aquela recusa tão fria – apenas enxergava isso, no lugar da sinceridade e da preocupação dele com ela –, que se sentiu expulsa quando ele se levantou e ergueu-lhe a mão:

-Melhor você ir, Amaia.

-Sim.

Ela estreitou os olhos, preenchidos por uma decepção que ele preferiu ignorar. Era preciso, pelo bem de ambos. Montenegro tinha de ser sincero com ela quando ninguém mais havia sido. Não poderia deixá-la se passar por ridícula ou, até mesmo, dar um passo maior que poderia afastá-la de um bom casamento.

-Vou e nunca mais voltarei. – continuou ela, repleta de mágoa.

Se ele pudesse, a pegaria ali, à beira da porta, e lhe daria um outro beijo, tão intenso quanto o anterior, e a carregaria nos braços até a cama, onde a faria sua. Limparia todas as suas mágoas, cuidaria de todas as suas dores, a ajudaria a com a fazenda. Faria tudo por ela se Amaia não tivesse enfiado na cabeça que precisava se casar. Porém, era o certo aos olhos da sociedade, não poderia julgar que fosse de outra forma.

Amaia parou ao lado da porta. A raiva só crescia em seu rosto ofendido, a ponto de fazê-la corar e seus olhos ficarem ainda mais brilhantes e sedutores:

-Quem pensa que sou? Prefiro morrer a pedir a sua ajuda, a ir para a cama com você. – de alguma forma ela já a havia pedido, sem o saber, e, ao se dar conta disso, tremeu de raiva – Ah, como eu o odeio! Odeio-o com toda a minha alma!

-Até há pouco, dizia que não conseguia me odiar por tanto tempo. Então, aguardarei passar a raiva. – ria-se, somente por fora. Seus olhos demonstravam que havia medo de nunca mais vê-la, um temor que ele ainda não havia reparado em si mesmo.

-Você é igual aos outros! Só pensa nos prazeres que uma mulher pode proporcionar. Ninguém enxerga a mulher como algo que não carniça. Você, Junqueira, são todos iguais! Só querem me levar para a cama! Pois saiba, eu não vou desistir de salvar a minha fazenda e nem você, nem homem nenhum, vai me impedir de fazer isso! Não importa o que tenha de fazer, eu vou salvar a minha terra e os escravos!

E se foi, num vendaval de emoções que o deixou bambo.

De tudo o que Amaia havia dito, apenas uma coisa havia ficado clara: o nome Junqueira.

Capítulo 23

O galope era apressado.

...

Estava atrás de uma moita, de onde poderia ter a visão ideal.

...

As patas do cavalo levantavam grama, terra, girando o mundo.

...

Os olhos estavam fixos nos corpos que brincavam às margens do riacho. As moças riam, atirando água uma na outra, molhavam as peças de tecido, deixando-as coladas contra o corpo. Algumas se desvencilhavam, retirando as roupas e pulando na água sem qualquer pudor. Os respingos, à luz do sol, pareciam prata contra as peles negras.

...

O cavalo relinchava e o cavaleiro de preto bufava feito fera, traçando os planos do que faria a seguir, tão rápidos e destemidos quanto o animal que dominava.

...

Os seios o ataçavam, assim como as pernas e as coxas e o que havia entre elas.

Agachado atrás da moita, à espreita das escravas que se banhavam no riacho, Inácio Junqueira abaixou as calças. Estudava os corpos na medida e que o seu ia crescendo na empolgação.

...

Montenegro era daqueles homens que faziam o próprio Destino. Ao avistar o rapazote atrás da moita, bateu o chicote no lombo do cavalo para ir mais rápido ao seu encontro.

...

No relincho, Inácio virou-se e viu o cavaleiro negro desatinado em sua direção, sem se desviar. Por um segundo, se perguntou se o havia notado, do que teve certeza ao deparar-se com os olhares vorazes sobre ele. Teria de correr se quisesse não virar sola de botina.

Deu um pulo e, segurando as calças, foi correndo para qualquer lado. As pernas pareciam curtas para a velocidade do cavalo que o perseguia. Faltava-lhe ar e sentia a bunda arejando quando a calça escorregava. Não poderia parar para abotoá-la, senão, ele seria pego.

...

Uma mão resvalou os cabelos de Inácio. Seu rosto era de susto. Conseguiu

se esquivar, mas as calças foram parar nos joelhos. Tropeçou, caindo de cara na terra. Levantou-se num estalo e puxou as calças para conseguir correr.

Desta vez, o cavaleiro estava tão perto que o identificou:

-Montenegro?!

O cavaleiro puxou-o pela casaca e o subiu sobre o cavalo num gesto tão forte quanto coordenado, deixando o rapazote impressionado.

-O que foi que fiz? O que foi que fiz? Elas só estavam tomando banho! Que mal há em olhar?

Calado, Montenegro puxou os arreios e o cavalo parou. Saltou e pegou Inácio pela gola, atirando-o no chão.

Seus olhos estavam vermelhos e havia trincado os lábios no ódio:

-O que você fez com Amaia? – sacudiu-o.

Bem menor e mais magro que Montenegro, o rapaz foi e veio no vai-e-vem, sem qualquer resistência. Tentava alegar inocência, mas parecia difícil diante do temor que lhe ia corroendo as entranhas:

-Não-não fi-fiz nada-a! Ju-ro! Juro!

-Eu vi o estado em que ela saiu de sua casa! Conte-me a verdade! – balançava-o com força – Você nos viu nos beijando e, achando que ela é uma mulher fácil, atraiu-a para a sua casa e tentou abusar dela!

Inácio arregalou os olhos. Amaia era muito querida e, sim, já havia tido vários sonhos repletos de lascívia com ela, mas nunca abusaria dela. Era inconcebível! Se a tivesse, seria por amor e não à força. E, quando os vira se beijando na alcova, por certo que ficara magoado, mas depois entendera que a felicidade dela estava acima de qualquer sentimento que ele pudesse ter por ela. Ele só queria ver Amaia feliz.

Aquela falsa acusação o deixou mais tranqüilo – afinal, não havia feito nada de errado – e a gagueira de medo diminuiu:

-Juro pela alma da minha mãe! Ela foi sim na-na minha casa. Mas eu não estava... Juro! Estava aqui! Estou sempre aqui! Pergunte a Ra-Rafael! O nosso escravo! Ele vai poder con-confirmar! – Montenegro diminuiu o agarre, no entanto, os seus olhos ainda aprisionavam o jovem, analisando se estava falando a verdade – Vo-você disse que ela foi a minha casa. Soube que ela esteve lá há algumas semanas. Rafael e meu pai confirmaram isso. Ela foi visitar a minha mãe, e...

-O seu pai estava na casa nesse dia?

-Si-sim... Ainda está.

A fúria de Montenegro era tamanha que pensou em dar-lhe umas palmadas assim mesmo. Era feio espiar as moças tomarem banho. Controlou-se. Deveria resolver a questão de Amaia antes, depois “educaria” Inácio, conversando com

ele.

Soltou o menino, que recompôs as suas roupas e fechou as calças.

Incapaz de aceitar que poderia ter errado na sua conclusão, Montenegro demorou alguns segundos para pedir desculpas para Inácio. Amaia estava virando a sua cabeça e não via mais nada na frente quando pensava que alguém poderia ter lhe feito algum mal.

-Desculpe-me. – disse ao montar o cavalo.

Inácio segurou o arreio, impedindo-o de ir. Tinha os olhos fixos nele. Parecia um reflexo do jovem Eduardo Montenegro, que vivia sob a opressão de um pai abusivo.

-Você a ama tanto assim? – perguntou o rapazote.

-Do que está falando?

Aqueles olhos instigavam a acreditar que era o próprio Montenegro que estava se estudando:

-Sim, você ama Amaia. Senão, não teria vindo atrás de mim para tirar satisfações. Eu teria feito o mesmo, se eu soubesse o que está acontecendo. E se meu pai estiver por trás disso, eu não me surpreenderia. Ele não vale nada. Deixa minha mãe morrer numa cama em vez de levá-la ao médico, maltrata os escravos como se fossem bichos, abusa de tudo e de todos... – o rosto de Inácio ia se vertendo em lágrimas – Você precisa salvá-la, protegê-la, ajudá-la, amá-la. Amaia é muito orgulhosa e carente. Ela parece alegre, mas por dentro está chorando, está solitária, quer atenção. Ajude-a a ser feliz, por favor.

Estava ali, diante de Montenegro, o gérmen de um homem de honra. Gostaria de conhecer melhor Inácio, conversar com ele e ensinar que não se deve espiar as mulheres tomando banho. Porém, tinha que ter uma “conversa” com o Sr. Junqueira antes. Uma “conversa” bem distinta daquela que o Barão de Mauá havia tido com o pai dele.

Bateu o chicote no cavalo e foi levantando poeira.

Montenegro era tão cego quanto Amaia, concluiu Inácio, colocando a camisa para dentro da calça.

*

-SOCORROOOOOOOO... PELO AMOR DE DEUS! PARAAAAAAA!!!!
SOCORROOOOOOOO!!!!!! ACUDAM!!!!!! DEUS, AJUDAAAA!!!
NAOOOOOOOOOO!!!! PARAAAAAAA!!!! PARA! – a mulher gritava, tentando soltar os pulsos presos nas algemas.

Toda vez que ela jogava o corpo contra a madeira, mexendo os ferros, doíam mais as feridas abertas nos pulsos, os músculos suspensos dos braços e uma nova lasca das suas costas o chicote tirava. O corpo arquejava, ardendo, a cabeça girava e ela só via agonia diante da dor. Atrás de si, a voz avisava, tão

cansada quanto a dela, de tanto girar o chicote pesado:

-Sua negra, vai ver o que é bom para quem desrespeita o seu senhor! – dizia Oto Junqueira, ele mesmo no comando do artefato.

Gostava de mostrar aos escravos quem era que mandava de verdade ali e o quanto deveria ser respeitado, principalmente às escravinhas que se recusavam ir para a cama com ele. Para essas era pelourinho e 50 chicotadas.

Os escravos faziam roda em volta, estupefatos. Havia sido obrigados a ficar ali de testemunho e, caso algum virasse os olhos, por um segundo que fosse, acabaria levando cinco chicotadas. O que mais impressionava era a satisfação do homem. A cada grito de dor, a cada gota de sangue derramada, ele se reavivava e tirava mais um naco da escrava. Tão entretido estava com o sofrimento da mulher que lhe recusara, que não reparara no cavaleiro negro que chegava a galope.

Com o cavalo ainda em movimento, Montenegro saltou do animal. No chão, tirou a casaca, ergueu as mangas da camisa negra e correu na direção de Oto Junqueira. Num soco, fez o homem perder o eixo e deixar o chicote cair.

Ainda tentando entender o que acontecia, Junqueira via aquela sombra negra pegar o seu chicote e, diante do assombro dos escravos, girar contra ele.

-Quem é você? O que faz aqui? – questionou antes de sentir o primeiro resvalo do couro.

-Isso é pela Amaia! – deu uma chicotada, esta que lhe acertou as pernas, abrindo as calças – Isso é pelo seu filho Inácio! – acertou os braços que ele pôs na frente do corpo para se proteger, rasgando a manga da camisa e tirando sangue – Isso é pela sua esposa! – o chicote bateu nos seus pés e ele caiu no chão. Tentou rastejar em fuga, esticava a mão para que os escravos o ajudassem, mas todos permaneciam apenas testemunhas. O chicote lhe acertou as costas e Junqueira golfou sangue – Isto foi pelos seus escravos! – Montenegro largou o chicote, puxou o homem pelo clarinho e deu-lhe uma cusparada na cara – E isso foi por mim! – largou-o no chão e pisou o seu tórax, para que não conseguisse se levantar, sem que terminasse o que havia vindo falar – Nunca mais se aproxime de nenhum de nós! Volte para a Corte! E se eu souber que você pisou nessas terras, eu vou acabar com você.

O olhar de Montenegro, os cabelos anelados para todos os lados, as roupas negras, era um diabo que vinha atormentar. Não havia outra explicação lógica para Oto Junqueira. Nunca havia visto aquele ser antes – e nem queria vê-lo novamente. Havia se borrado, literalmente, de medo daqueles olhos cinza recaídos sobre ele.

-Que... que demônio é você? – balbuciava, atônito, incapaz de reagir.

Montenegro pressionou o pé sobre ele. Junqueira achou que iria parar de

respirar se ele continuasse a pressão, que durara apenas o suficiente para deixar o recado:

-Você não experimentou nem metade da minha fúria. E acho melhor você não querer conhecê-la toda.

E partiu, virado no redemoinho que se fez atrás das patas do seu cavalo negro.

*

Canto e Melo era um homem de porte grande, mais devido à sua altura do que aos seus músculos, o que não gerava muito medo em quem o conhecia. Também era bonito, com os olhos azuis escuros e os cabelos castanhos escuros caindo sobre o rosto de formato perfeito. Por mais bonito e alto que fosse, ele não usava isso como uma arma contra mulher ou homem. Era também uma das pessoas mais humildes e sensíveis que Montenegro havia conhecido em sua vida, ou seja, se ele aparecesse de madrugada em sua casa, empunhando uma cara fechada de preocupação e olheiras de quem passara a noite em claro, era porque algo grave deveria ter acontecido. Ainda mais quando, no lugar de dar bom dia, ele começara lhe questionando:

-O que você fez?

Montenegro, acomodado numa poltrona, abaixou o livro que lia:

-Bom dia para você também!

Sua pose relaxada, a convicção de que não havia nada demais em qualquer feito seu, fez com que Canto e Melo se sentasse num sofá e o encarasse mais com repreensão do que com raiva, feito um irmão mais velho:

-Montenegro, endoideceu? Chicotear um senhor de escravos na frente dos próprios escravos? O que vai acontecer com o seu “disfarce”? Tem ideia das consequências que isso por ter se chegar aos ouvidos de Feitosa? Se é que já não chegou!

Fechando o livro e colocando-o sobre uma mesinha lateral, Montenegro cruzou as pernas e o cenho:

-Como você soube?

-Inácio contou à Caetana. Queria saber o que havia se passado com Amaia para o pai ter merecido aquele tratamento. O rapaz gosta muito dela, apesar de estar prometido para Lavínia desde que ela nasceu.

-Ainda fazem isso?

-Feitosa faz isso, mas mantém o noivado em segredo para ter certeza se Inácio é “confiável”, ao menos foi o que Caetana me confidenciou. – enquanto Canto e Melo ia explicando o medo de Feitosa em ter genros “abolicionistas” e o quão custoso era se passar por um escravocrata para não levantar suspeitas, inclusive para a própria noiva, por quem tinha grande estima e admiração,

Montenegro começou a andar de um lado ao outro da sala, pensativo. Ao captar que estava esquematizando alguma coisa, o amigo parou – Ah, não! Não, não, não! Não gosto quando sorri deste jeito. No que está pensando? Coisa boa não deve ser...

Montenegro não revelou o seu plano ao amigo, certo de que ele o criticaria e tentaria persuadi-lo de seguir adiante. Porém, Canto e Melo pode deduzir quando cruzou com Inácio Junqueira na Caridade, mais de uma vez.

Capítulo 24

Amaia estava arrependida. Um sentimento incomum para quem nunca se arrependia de nada, de quem procurava desculpas para as suas atitudes e buscava olhar para frente, para o amanhã, sem retorno.

Metida num bocejo, recostou-se no centenário carvalho. E não havia lugar melhor para analisar o que fosse do que à sombra daquela imensa árvore, cujas raízes iam solo abaixo e acima, criando uma cama para ela se deitar confortavelmente debaixo da sua copa. Reclinada, Amaia podia contemplar a vastidão da fazenda que cobria a paisagem, indo de horizonte a horizonte, preenchida por cafezais e pastos. O mundo lhe crescia tão repleto de possibilidades que os problemas ficavam tão pequenos quanto as vaquinhas distantes.

Ficou um sem tempo, aproveitando o som das folhas ao sopro da brisa vespertina. Observava o tom avermelhado que coloria o céu anil e afastava as nuvens rosa alaranjadas. Mais um dia terminava na calmaria que, ao invés de amansar o seu coração, deixava-o mais alvoroçado com o que teria de fazer a seguir. Precisava planejar em detalhes como iria provar a Montenegro que ela era melhor do que ele. Uma tolice, alegariam uns, outros teriam certeza de que Amaia estaria apaixonada por ele, contudo, ela era enfática quanto ao que sentia por ele: asco, asco, asco.

Tinha a carta de Singeon para Cora amassada contra o peito.

Se por sorte, por vontade divina, ou pelo que fosse, havia sido Amaia quem havia recebido a correspondência àquela manhã. Cora, ainda metida em seu luto e no mau humor, havia passado o dia rezando pela alma dos pais na capela da fazenda, e se esquecera do correio.

Ao ver as cartas nas mãos de Bá, que ainda se despedia do cavaleiro que as havia trazido de Vassouras, Amaia arrancara-as em busca de alguma novidade que pudesse ajudá-la. A comida escasseava e todos os objetos de valor tinham sido vendidos, inclusive as jóias da mãe. Talvez a notícia de pêames de algum primo distante? Ou de um tio rico que ela nunca soubera existir? Por entre alguns pêames atrasados e algumas ameaças de dívidas, encontrara a de Singeon.

De tanto ler escondida as suas cartas, reconhecia a caligrafia só de olhar. Pegara-a antes que Bá reparasse para quem era e guardara-a na manga da blusa. Após o parco almoço, fora para o seu recanto no carvalho e lá pudera ler com calma o que ele havia escrito.

O que mais irritava nas cartas de Singeon – além dos poucos sentimentos

expostos através de poesias sem qualquer verve romântica ou literária, tal fosse apenas a descrição de fatos – era que ele parecia totalmente inseguro quanto aos sentimentos de Cora. As primeiras linhas eram de condolências e desculpas sobre o atraso em respondê-la. O meio da carta eram questionamentos se ela ainda gostava dele e a necessidade de se reverem para descobrirem se realmente havia sentimento entre eles. Terminou com uma notícia que deixara Amaia pensativa: ele avisava que chegaria dentro de alguns dias.

Um médico! De que forma um médico poderia ajudá-la a salvar a fazenda? Deveria saber administrar alguma coisa, poderia ir às reuniões com os senhores – já que Amaia não era bem-vinda a nenhuma –, colocar os capatazes no devido lugar, apoiar Fábio diante de todos e ter algum dinheiro para pagar as dívidas das terras. Conhecendo Cora, sabia que a irmã nunca deixaria Singeon, “cuidar da fazenda”, fugindo com ele na primeira oportunidade e largando a Santa Barbara em suas mãos. Cora iria atrapalhar tudo, até mesmo de conversar com Singeon a sós.

Os olhos verdes de Amaia ficaram ainda mais esverdeados com uma ideia que foi abrillantando toda a sua expressão e gerando um sorriso no rosto. Ela precisava ficar a sós com Singeon, sem Cora, sem ninguém. Poderia convencê-lo de ajudá-la... Oh, mas o que ele ganharia com isso? Não poderia pagá-lo se não tinha dinheiro nem para as despesas comuns. Talvez... O sorriso se fechou e balançou a cabeça na negativa... Não, ele amava Cora, por mais cobra que a irmã fosse. A menos que... conhecesse a verdadeira Cora. Humph, a irmã nunca se mostraria para ele. Tinha de manter a pose de casta, moralista e maçante. E se...?! Não ousou pensar nisso por muito tempo.

A ideia retornou assim que pisou em casa e Cora veio lhe cobrar dinheiro para que comprasse renda para arrumar um vestido. Por mais que Amaia tivesse explicado, mais de mil vezes, que o dinheiro dos objetos vendidos era para comida e para cuidar dos escravizados, a irmã exigiu a sua metade. Ela poderia fazer o que quisesse, era seu direito, parte da sua herança. Amaia não pôde refutar. Foi até o quarto e retirou de dentro de uma caixinha de madeira alguns réis que seriam suficientes para consertar os vestidos.

-Tenho direito à metade de tudo isso!

-Precisamos disso para comer, Cora. Pagar os capatazes!

-Pouco me importa tudo isso. É meu direito e faço o que quiser com a minha parte. Você que pague os capatazes com a sua metade, afinal, não é você que quer tanto esta fazenda? Por mim, já teria vendido, pago as dívidas e cada uma teria seguido o seu caminho. – estalou a língua e arrancou a caixa das mãos de Amaia – Vou ficar com tudo! Você já vendeu muita coisa e não me pagou. O justo é isso! – e saiu do quarto, levando consigo toda a raiva de Amaia.

O quarto havia ficado pequeno para tudo o que Amaia precisava engendrar. Saira de casa, puxando um xale sobre os ombros. Perambulava pelas alamedas da fazenda, organizando o que faria com Cora, com Singeon, com a fazenda. Deparou-se com a estrada. Sim, havia uma maneira de resolver tudo. Um pouco cruel, contudo, mas não iria dar escala de valores às suas atitudes.

No retorno, foi rabiscando mentalmente a carta que mandaria à Caetana. E pôs-se a escrevê-la assim que entrou no gabinete. Tão concentrada estava, que não viu quando Bá bateu à porta perguntando se iria jantar e também não notou quando a velha mucama lhe trouxe uma bandeja com a janta – uma sopinha de legumes e meio cálice de vinho. Em algum momento ergueu os olhos do papel em que anotava algo para a comida e retornou a olhá-la apenas quando o carrilhão da entrada batia uma hora da manhã e o chão era recoberto de papéis amassados e rabiscados. O estômago roncou e puxou a sopa para si. Estava gelada, mas era melhor do que nada. Não poderia se dar ao luxo de desperdiçar o que fosse. Tomou o líquido na cumbuca mesmo, como faziam os escravizados. Os poucos pedaços de legumes, comeu-os com a colher, incapaz de sentir o sabor.

Esfregou os olhos e largou um bocejo. Achava que tinha escrito uma carta decente para Caetana. Bastava aguardar o dia raiar e enviá-la através de um escravo.

Ao se erguer da cadeira, sentiu todo o corpo estalar. Havia ficado muitas horas naquela posição. Espreguiçou-se e os músculos foram pedindo arrego, um por um. Melhor seria dormir um pouco; antes do sol raiar, teria que estar de pé para ver o que Fábio andava fazendo para impedir que os capatazes aprontassem contra os escravos durante os dias que havia ficado de cama. Desde que Severo havia sido mandado embora, havia uma fofoca azeda de que eram os escravizados que estavam mandando em Amaia e que Fábio fazia tudo o que ela ordenava porque ela lhe abria a cama e as pernas.

*

O galo cacarejava quando Amaia conseguiu fechar os olhos. Tinha acabado de arrumar uma posição na cama, depois de tanto virar e revirar, e o sol subiu pelas venezianas da janela, invadindo o quarto. Puxou o lençol para a cabeça a fim de evitar a claridade. Mas o barulho de uma escrava entrando no quarto, trazendo uma jarra com água para seu banho de asseio matinal, a despertou – melhor seria dizer, a fez desistir de dormir.

Tropeçando nas próprias pernas, pôs-se de pé até o toucador. Verteu a água na bacia e enfiou a cara em vez de molhá-la com uma toalha. Precisava acordar e nada melhor do que água fria para isso.

Retirou o rosto bufando, olhos arregalados, camisola parcialmente molhada.

Havia funcionado! Pegou a toalha, a umedeceu e passou nas áreas íntimas, nas axilas e ainda esfregou a região do pescoço e colo. Com a ajuda de uma escrava, vestiu a roupa de montaria. Estava larga na cintura, dando a impressão de que havia perdido de dois a três quilos nos últimos dias. Se continuasse assim, nenhum homem nunca mais a olharia.

Sentou-se numa cadeira, diante da penteadeira, e deixou que prendessem suas longas madeixas escuras num coque pouco elaborado – precisava economizar as madeixas e apliques falsos para os saraus e havia perdido tantos grampos que não poderia comprar mais por enquanto, e duvidava que Cora emprestasse um que fosse.

Diante do seu próprio reflexo, Amaia não se reconhecia. O rosto estava afinado pela perda de peso e corado de sol nas maçãs e no nariz. A maneira simples com que haviam prendido o seu cabelo e a roupa, que era fechada até o pescoço, passavam a impressão de uma mulher velha e sem qualquer atrativo – mesmo que continuasse linda para muitos. Queria chorar, mas não havia tempo para isso. Chorar era um luxo que não fazia mais parte da sua realidade e ela precisava trabalhar.

Terminou de calçar as botas de montaria e saiu do quarto, deparando-se com Cora, em luto completo, com um lenço negro sobre a cabeça e abraçada à Bíblia da mãe.

-Está desperta a esta hora? O que foi que aconteceu?

-Resolvi rezar.

-Tão cedo?

-Nunca é cedo para rezar pela alma daqueles a quem se ama.

Ao ver a irmã, lembrou-se da carta à Caetana.

Voltou ao seu cômodo, atabalhoada, perguntando-se onde havia guardado o papel. Talvez a sua expressão de surpresa, talvez o fato de ter deixado a porta aberta e se enfiado debaixo da cama à procura de algo, uma dessas coisas aguçou a curiosidade de Cora:

-Procurando por alguma coisa?

Amaia bateu a cabeça no estrado da cama.

Havia desconfiança no tom da irmã, mas ela sempre desconfiava de tudo, então, não haveria porque Amaia temer.

-Sim, meu chicote de cavalgada! – andava de um lado ao outro, enfiando-se por debaixo dos móveis, por trás, buscava a carta antes que Cora a encontrasse.

-Aqui está!

Amaia estremeceu. Ao voltar-se para Cora, achou-a segurando o chicote que havia largado sobre a cama.

Não muito longe dele, debaixo do travesseiro, a ponta da carta para Caetana

e a de Singeon.

Amaia abriu um sorriso, puxou Cora pelo braço e a levou para fora do quarto, fechando a porta atrás de si:

-Vou rezar contigo, antes de cavalgar.

-Quão incomum! – resmungou Cora, olhando para a irmã com um rabicho de olho.

Estavam na metade do corredor, quando Amaia fingiu ter esquecido as luvas de montaria e retornou ao quarto. Pegou as cartas debaixo do travesseiro e as escondeu dentro do vestido. Vestiu as luvas e um chapeuzinho e foi rumo ao seu cavalo.

Cora, à porta da capela, questionou se não iria rezar com ela. Amaia, que ia distraída, parou no espanto. Em segundos, uma desculpa saiu de seus lábios, junto a um sorriso bem-humorado:

-Esqueci que preciso dar umas ordens aos capatazes. Rezaremos outra hora.

-Era de se esperar... – Cora reclamou e entrou na capela.

Amaia nem dera dois passos e catara o primeiro escravo que passava por ela. Puxando-o pela camisa, pediu que lhe fizesse um favor, e rápido. Deu uma olhadela em volta – para ter certeza de que não os ouviam – e pediu que fosse o quanto antes levar uma mensagem para a Guaíba. Deveria entregá-la nas mãos de Caetana.

-Somente para ela, entendeu?! Se estiver dormindo, espere-a acordar. Não diga nada sobre o remetente e nem que é importante. Depois, aguarde uma resposta dela.

-Ela vai responder, sinhá?

-Vai! Por isso é muito importante que aguarde. – abriu alguns botões da roupa, diante dos olhos assustados do escravo, e retirou a carta endereçada à amiga – Vá! Vá!

O escravizado pegou a carta e foi correndo para o estábulo, onde pretendia pegar uma mula para ir mais rápido. Uma caminhada até a Guaíba durava mais de meia hora e a sinhá estava com pressa.

Para disfarçar o sumiço do escravo, Amaia foi encher os capatazes de perguntas e questionamentos e deu uma e outra ordem que sabia que eles refutariam, contrariados, e iriam reclamar com Fábio e este passaria o dia tentando remediar e encontrar uma solução de meio-termo.

Foi somente no fim do dia, um pouco antes do jantar, que Amaia parou de andar de um lado ao outro da sala, fingindo que lia. Eram alguns passos, um olho no livro e outro no relógio, na porta, na janela. Aguardava o escravo com uma resposta de Caetana. Céus, por que era tão difícil que Caetana fizesse o que havia pedido? Apenas algumas linhas e já bastava!

Ao escutar um bufar e alguém abrindo a porta da casa, correndo pelos corredores, Amaia jogou-se no sofá e aguardou entrarem na sala.

Cora, que bordava num canto, de olho espichado para a irmã, desconfiava de que estava aprontando alguma. Assustou-se quando a porta da sala de estar foi aberta.

-Sinhá! – era o tal escravo, pálido como a camisa que vestia.

De imediato, Amaia temeu que ele não tivesse conseguido entregar a missiva. Ao vê-lo controlar a respiração e retirar da cintura uma carta bem dobrada e dá-la à Cora, ela se recostou no sofá, evitando sorrir de alívio.

Todo um estranhamento tomou conta da expressão e dos gestos de Cora. Lia a carta, calada, sem qualquer comentário, o que deixava Amaia ainda mais ansiosa. Ao final, dobrou a carta, colocou-a sobre uma mesinha e continuou o seu bordado como se não fosse nada. Aquilo era desesperador! O que Caetana tinha escrito? Por que Cora não reagia? E o pior, teria de fingir que não sabia de nada e aguardar a irmã fazer algo.

Foram trinta minutos de angústia até Cora terminar o seu bordado, colocá-lo de lado e reler a carta para, enfim, dizer:

-Que incomum...

Amaia, que mal aguentava em si, fez uma careta:

-O que é incomum?

-Caetana. Mandou-me uma carta pedindo que vá passar uns dias com ela na Guaíba. Quer que a ajude nos preparativos do enxoval e vá com ela para Vassouras.

Todo o corpo de Amaia relaxou. Sua querida amiga havia feito exatamente o que havia pedido. Ufa! Tentando manter a “ignorância”, Amaia franziu o cenho, mas sem levantar os olhos do livro:

-E o que tem de incomum nisso? Ela vai se casar e precisa de ajuda!

-O fato de ela ser SUA amiga mais do que minha.

-Sim, sim. Ela havia pedido para mim, mas estou muito ocupada resolvendo as questões da fazenda.

-Ou seja, fui uma segunda opção?!

Abaixando o livro, Amaia mirou Cora:

-Talvez tenha sido a melhor opção. Não tenho o menor senso do que deve haver num enxoval e qual o melhor para se comprar.

-Por certo que não sabe mais nada do que de café.

E tendo dito isso, Cora levantou-se e rumou para fora da sala.

Sem conseguir esconder a ansiedade, Amaia pulou do assento, perguntando para onde ia.

-Aonde mais iria? Vou responder a ela que me prontifico a ajudá-la. E vou

preparar o meu baú. Ela quer que eu vá ainda hoje para lá. Partiremos amanhã cedo para Vassouras.

Amaia soltou um sorriso junto de uma cara de espanto:

-Ora, essa! Esplendoroso!

Capítulo 25

Somente quando Cora estava enfiada no coche que a levaria à Guaíba é que Amaia pôde ter certeza de que seu plano estava num bom caminho. Despediu-se da irmã, procurando não parecer contente e nem muito triste – em ambos os casos, Cora desconfiaria de que ela estava planejando alguma junto à Caetana. Dormira àquela noite em cama de plumas e coberta de seda. Ou assim parecia, de tão leve e doce que havia sido o seu sono. Levantara quase esvoaçando, abrindo as persianas do quarto e cantando feito passarinho. Pediu que a escrava lhe preparasse um banho completo e com um pouco de leite, para suavizar a pele. Mandou separarem um dos seus vestidos mais belos – um verde esmeralda de manguinhas curtas e decotado – e catarem os grampos de Cora. A roupa e o penteado deveriam ser perfeitos. Também ordenou que limpassem a prata e colocassem na mesa de jantar para o desjejum e que ele fosse completo – bem diferente do que estavam fazendo nos últimos meses, em que só havia pão, queijo e café.

Todo aquele reboição matinal era estranho para Bá. Há muito, a velha mucama não via Amaia tão alegre. Era como quando criança, logo depois que aprontava alguma e não descobriam o feito senão muito tempo depois.

Tirando as escravas do quarto, Bá resolveu que seria ela mesma a puxar os ilhoses do espartilho e a ajudar com os cabelos. Amaia queria fazer o mesmo que havia visto numa revista, realçando o decote e escondendo os ossos aparentes.

Enquanto se admirava, dando voltas em si, na frente do espelho, e puxando o decote para baixo, dizia para a mucama:

-Tenho de estar linda! Linda e radiante!

Bá havia criado aquela menina, a conhecia melhor do que a si mesma. Havia sido muito suspeito o tal convite de Caetana à Cora e tão em cima da hora. Aquela “despreocupação” com a fazenda também era extremamente peculiar.

Mirando-a pelo reflexo, a velha mucama questionava:

-O que a menina está tramando?

Pelo espelho, Amaia a mirou e soltou um sorriso mal composto:

-Tramando? Eu? Hah, Bá! Nada! – voltou-se a ela e tomou as suas mãos calejadas – É que hoje acordei me sentindo esplendorosa! E com a impressão de que teremos visitas.

Bá poderia ser escrava, mas não era burra. Poderia não ter estudo, mas era observadora, tinha conhecimento das coisas e das pessoas. E quando bateram à porta da casa-grande, ela rapidamente entendeu o que ali acontecia.

Amaia parou o escravo encarregado de abrir a porta e pediu que aguardasse.

Correu para a sala de estar e pegou o bordado que a irmã havia largado na noite anterior. Em um segundo olhou para aquilo, achou horroroso, mas fingiu que o estava fazendo. Somente quando respirou fundo e controlou os nervos é que gesticulou para que o escravo atendesse a porta.

Entreouviu uma outra pessoa entrando no vestíbulo. Tentou se segurar no lugar e testar a cara mais falsa que conseguiria fazer.

Ao abrirem a porta, ela se levantou e virou-se para trás, surpresa:

-Singeon! Oh! Cora não me avisou que vinha nos visitar! – e lhe sorriu.

Singeon Phillip Stewart, vulgo Espantalho, não havia se tornado um homem feio. O tempo melhorara muitas questões que a adolescência fizera questão de arruinar. Continuava pálido e magro, mas estava mais alto e seus membros, mais proporcionais. A cara era ainda de cão perdido, no entanto, um cãozinho bem bonitinho, com os olhinhos miúdos e doces, que combinavam com o nariz e boca proporcionais. Tinha as costeletas bem aparadas, porém, deveria ter cuidado melhor dos cabelos, ressecados e bagunçados – quiçá, pela viagem. Até poderia considerá-lo bonito, se não tivesse conhecido Eduardo Montenegro, incrivelmente belo. Odizou-se por estar comparando os dois.

-A senhorita sua irmã não avisou que vinha? Enviei uma carta há algumas semanas... – ele não parecia confortável, como se sem saber como reagir diante de Amaia.

Isso fez com que ela ficasse ainda mais confiante. Estendeu o sorriso e ofertou para que se sentasse próximo a ela.

Procurando a sua melhor pose, empinando os seios e jogando o rosto para o lado, dizia num tom de voz ameno, quase cantado:

-Ah, não vamos culpá-la. Está muito atarefada. Desde que nossos pais morreram, ela tem vivido para ajudar os outros. Uma egoísta.

Ao ouvir a palavra “egoísta”, Singeon se empertigou no assento, entre o incômodo e cuidado com o que falava:

-Não há nada de egoísta nisso.

Amaia pôde ler no rosto dele que havia cometido um erro e teve de se corrigir soltando um sorriso de acaso:

-Pois há. Só pensa em se satisfazer através da caridade e se esquece de todos nós que a amamos. Diz que vai ser freira! Acredita? Que somente o amor de Deus a preenche de verdade! E que o amor dos homens é muito flébil e pequeno perto do Divino. Você mesmo é um exemplo disso! – reparou que ele corara – Disse que veio e ela se foi, sem se importar de me avisar e de poder me preparar para a sua chegada! Mas fico tão feliz que esteja aqui! – por cima do ombro dele, notou que Bá entrava na sala com a cara carrancuda – Não é mesmo, Bá?! Olha quem veio nos visitar? Nosso querido Singeon! – inclinou-se

para frente e tocou a mão dele – E como estão seus pais? Espero que bem! – abriu um sorriso ao ver que os olhos dele resvalavam em seu decote – Ah, mas antes de me contar todas as novidades, por favor, me acompanhe no desjejum?!

Singeon balançou a cabeça que sim, ainda absorto pela vista. Ao vê-la de pé, aguardando que se levantasse, deu um pulo e murmurou desculpas, arrumando as calças.

Apontando a porta da sala de jantar, Amaia ficou alguns passos mais atrás ao entender que Bá queria lhe falar.

A mucama sussurrou em seu ouvido:

-Você é incorrigível!

-Tomarei isso como um elogio, Bazinha linda! – e apressou o caminhar, tomando o braço do jovem médico – Devo chamá-lo de Dr.Singeon? Dr.Stewart? Ou posso ousar da intimidade e chamá-lo de Singe?

Corado por aquela intimidade inesperada, tão próxima quanto aconchegante, Singeon abaixou os olhos tímidos e murmurou:

-Do jeito que preferir.

Não se pondo em si, Amaia abriu um sorriso e apertou-lhe o braço, roçando-o contra o seu corpo:

-Singe será!

E foi para a sala de jantar certa de que tudo estava sob controle. Menos Bá, atrás de si, balançando a cabeça na negativa.

*

O que Amaia sabia a respeito de Singeon, ademais do fato que não sabia escrever poesias? Ele era versado em línguas – o que não era o caso dela, por mais que sua preceptora tivesse tentado fazê-la aprender inglês. Ele havia se recém-formado em Medicina – provavelmente não teria uma carteira de clientes, o que era positivo, pois não estaria preso ainda à Corte. Sua mãe estava adoentada, morando em Petrópolis, onde o ar era melhor para doenças dos pulmões. Seu pai havia falecido havia alguns anos, ou seja, nenhum grande vínculo familiar o prenderia. Por certo que não deveria ter herdado grande coisa do pai, pois este era pastor anglicano missionário no Brasil. Havia apenas a casa onde a mãe se restabelecia e um imóvel que ele havia dito, em alguma carta, onde pretendia abrir um consultório – “caso fosse do desejo de Deus”. Falava pouco, comia pouco, até mesmo se mexia pouco. Era tudo reduzido, tudo quase parando, como as suas cartas. Havia momentos em que isso angustiava Amaia a ponto de ela querer sacudi-lo e mandá-lo “fazer algo”, “dizer algo”, nem que fosse alguma coisa muito ruim, do tipo, “Onde está Cora? Não quero estar com você!” Mas não, ele era absurdamente e irritantemente educado, gentil e CALMO. Chegava a causar bocejos. Podia enxergá-lo observando o entremear

da casa, os espaços vazios dos objetos que Amaia teve de vender para que tivessem uma mesa farta para oferecer a ele durante a sua estadia. Singeon nada fazia, a não ser alguns comentários a respeito do que havia vivido ali na infância.

Nos dois primeiros dias, criara o costume de fazer uma prece noturna antes de irem se retirar, após ler um trecho da Bíblia em voz alta para Amaia. A jovem escondia o bocejo atrás de um sorriso e tentava não se focar na maneira monótona que ele lia, num quase zumbido constante, sem ondulações. Se pegou uma vez e outra fechando os olhos e ele aumentando o tom de voz para que ela acordasse sem que criasse uma situação embaraçosa para ela. Era um cavalheiro – bem diferente do canalha do Montenegro.

Tendo isso em mente, Amaia precisava sistematizar como iria se aproximar de Singeon. Uma ideia traiçoeira, ela sabia disso. Mas era por um bem maior – ela se convenciu disso todas as vezes que olhava para ele, sorria para ele, resvalava em sua mão para pegar algo, abaixava o decote. Era o seu dever salvar a fazenda e os escravos. E ele era a sua última chance de conseguir um marido que a ajudaria nesta tarefa. Ninguém mais a recebia, todos lhe viravam o rosto – graças às gêmeas – e não havia senhor que aceitasse negociar com ela sem que a troca fosse de outra espécie.

Se por polidez ou se por falta de real interesse, Singeon não perguntava por Cora. Parecia mais preocupado com o bem-estar de Amaia que, aproveitando-se “o ombro amigo”, deixava-se chorar de saudades dos pais e de cansaço em administrar uma fazenda sozinha. Apenas uma vez, passada uma semana da sua estadia, é que ele veio perguntar pela irmã caçula. Amaia poderia dizer a verdade, porém, num desses momentos de consolação, Singeon havia lhe prometido ajudar e, se Cora surgisse agora entre eles, isso seria impossível.

-Oh, Singe, desde que papai e mamãe morreram, Cora enlouqueceu. – retorcia o lençinho que segurava – Só pensa em festas, bailes, e namorar. Vive à procura do “verdadeiro” amor. É muito triste lhe dizer isso, mas acho que não a reconheceria mais. Ela mudou completamente, desde que se viram pela última vez. – diante do silêncio usual dele, ela continuou, sem acreditar nas próprias palavras, que saíam sem controle – Vive a se corresponder com vários rapazes ao mesmo tempo... confesso que já a peguei rindo das cartas que lhe mandam, sobretudo, as poesias. Ela zomba dos pobres coitados, dando esperanças onde não há. Começo a suspeitar de que minha irmã não tenha coração.

Ela mesma se sentiu queimar pelo dentro de vergonha do que havia dito. Era desespero. Naquela mesma manhã, um cobrador havia aparecido com uma promissória que seu pai havia assinado alguns dias antes de morrer. Tão alta quanto a do Sr. Feitosa, a tal promissória tinha juros inimagináveis e seria preciso vender todo o gado e ainda alguns hectares para pagar a primeira parcela.

Enojada de si mesma, Amaia tentou abrir um sorriso, que surgiu tão triste quanto qualquer choro.

Por fim, Singeon se pronunciou, após dar uma volta na sala, com as mãos cruzadas nas costas:

-Por que havia me dito que ela queria ser freira?

-Por quê? – *droga, havia esquecido dessa mentira, tenho de anotar para não errar novamente e ele suspeitar* – É-é porque achei que você sofreria ao saber a verdade. Ach-achei que seria melhor assim.

Singeon, pela primeira vez, tocou-lhe a mão:

-Obrigado por pensar em mim. Vamos rezar pela salvação da sua irmã.

Amaia rezou, de todo coração, sabendo que era por ela mesma. Havia perdido a dignidade e a alma em troca de salvar o patrimônio de sua família.

Eu vou para o Inferno.

Passara a noite em claro, revirando-se na cama, tentando aceitar o que havia feito. Falar de Cora como se falasse de si, brincar com os sentimentos de Singeon dessa maneira. O pobre médico não merecia, nem isso, nem Cora. Sua irmã faria da vida dele um inferno, alegava a si mesma, buscando uma maneira de se convencer das suas atitudes. Ao reparar que precisava conversar com ele, contar toda a verdade, senão a sua alma arderia para sempre, Amaia pulou da cama. Deveria fazer isso logo, antes que se arrependesse. Vestiu um xale por cima da camisola e cruzou a casa com uma vela na mão.

Nem Amaia, nem Cora tiveram coragem de ocupar o quarto dos pais, guardando-o para visitas especiais, o que era o caso de Singeon. O quarto ficava na ala contrária à das filhas, o mais apartado das salas e da confusão das visitas ocasionais – que vinham junto às homéricas enxaquecas de D. Otávia. Amaia tinha de atravessar um pequeno corredor de tábuas velhas para chegar nele. Retirando os chinelos, foi passo por passo, devagar, modulando o seu peso para que não rangessem.

Ao ouvir uma das escravizadas passando, enfiou-se num canto escuro do corredor. O primeiro Carvalho naquelas terras havia construído uma pequena casa que, a cada geração, ia aumentando em alas. Era uma colcha de retalhos de estilos e labirintos fáceis de se esconder.

A escravizada passou com um candeeiro na mão, apagando algumas velas. Caminho livre, Amaia se colocou atrás da porta, espetando o ouvido na madeira. Precisava ter certeza de que ele não estava dormindo ainda.

Outro detalhe daquela construção era que nenhum dos seus antepassados gostava de gastar muito, economizando o suficiente na hora de fazer portas e janelas. Uma das poucas coisas que Amaia não chegou a aprender, apesar de Montenegro ter tentado lhe ensinar, foi que dois objetos não podem ocupar o

mesmo espaço ao mesmo tempo. Pressionara tanto o corpo contra a porta que ela se abrira. Amaia caíra para dentro do quarto.

Singeon, em vestes de dormir, deu um pulo. Estava parado no meio do cômodo, com cara de sonolento, dirigindo-se para o penico.

É, os seus antepassados também economizaram nos ferrolhos.

Capítulo 26

Ao amanhecer, Amaia vestiu as roupas de montaria e bateu com a ponta do chicote à porta de Singeon. Escutou um barulho de tropeço, algo caindo no chão e depois o rosto dele apareceu pela fresta da porta. Os cabelos cobriam os olhos pesados de quem mal dormira. Provavelmente passara a noite em claro após o “incidente”.

Mantendo um sorriso refrescante, Amaia perguntou se Singeon não queria lhe acompanhar numa cavalgada pela fazenda. Durante o jantar, ele havia comentado que queria conhecer mais a Santa Bárbara. Considerava-se um admirador do bucólico – *o que não seria de se surpreender*, ironizava Amaia mentalmente.

Singeon, confuso, piscava, ainda dormitando. Agradeceu e pediu que o aguardasse alguns minutos. Amaia assentiu num sorriso fresco e foi para a sala. Ao que tudo indicava, ele havia aceito a desculpa dela ao “invadir” o seu quarto tarde da noite. Havia dito que achara ter ouvido passos no corredor e fora verificar se estava tudo bem e se ele precisava de algo. Temendo que estivesse dormindo, e não queria incomodá-lo, recostara-se na porta para ter certeza e *zaz!* Ela e a porta tombaram no meio do cômodo.

Andava tanto de um lado ao outro, que gastara o salto das botas e o chão. Singeon era mais demorado para se vestir do que Cora, ou do que a própria Amaia. Pediu que Bá fosse ver o porquê de tanta demora e, em pouco, ele surgia desperto, cabelos aprumados e penteados para trás, barba bem-feita, roupas compostas e colônia. Amaia questionou-se se ele havia entendido que iriam cavalgar. Sua expressão deve ter sido muito explícita, pois Singeon se olhou de cima a baixo e levantou as sobrancelhas:

-Não trouxe roupa de montaria. Tudo o que tinha eram essas botinas gastas e a calça surrada.

-Não, está ótimo! Você tem algo especial, Singe: fica bem de qualquer maneira.– fingiu um sorriso. Na noite anterior havia sorrido tanto para ele, que os seus lábios doíam só de pensar que teria de sorrir. *Se continuar sorrindo nesta frequência, precisarei de um emplastro de Bá para por na minha boca de tão inchada que ficará.*

Amaia achou tê-lo visto corar antes de puxar o seu braço e dirigirem-se para a frente da casa, onde os aguardavam com os cavalos. Ao subir num banquinho para alcançar a sela inglesa, Amaia ergueu a mão para ele lhe dar suporte. Singeon montou o seu sem dar caso a ajudá-la. *Não deve ter reparado.* Mordendo o sorriso, ela montou e puxou as rédeas, indicando o caminho que

iriam fazer.

-Que tal uma corrida? Quem chegar primeiro, ganha uma prenda.

-Não. Sou um péssimo cavaleiro. É bem possível que eu caia. Prefiro ir com mais calma.

-Está bem. – ela não conseguia mais manter o sorriso.

Que amolação! Tudo o que fazia parecia que agastava o rapaz de alguma maneira.

Foram a passo largo, emparelhados, curtindo o sol matutino que ia cobrindo o chão da Santa Bárbara. Singeon lembrava aqueles exploradores da Colônia. Anotava as coisas num caderninho que trazia no bolso com um lápis pendurado por um fio num botão do colete. Observava, comentava o que achava “notável” – Amaia descobriu que ele adorava essa palavra. Ela segurava o bocejo, tentando manter uma conversa. Falava do quão cansativo era cuidar daquilo tudo, mas o jovem médico estava mais entretido em se lembrar do nome de um pássaro que ele achava ter visto numa enciclopédia.

Pararam no alto de uma colina, próximo ao carvalho centenário, de onde se poderia ver boa parte da terra que ia se alastrando de marrom a caso da infertilidade – cada vez mais próxima do cafezal, feito uma praga. Aquilo entristecia Amaia, pois sabia que, mais alguns anos, e aquele chão talvez só desse para pasto.

-O que acha? – perguntou ao rapaz, certa de que ele estava admirando a paisagem com atenção, uma maneira de fazê-lo se interessar em ajudá-la.

-Estou na dúvida entre cotovia-de-poupa ou galerida. Não sei bem.

Ignorando-o, Amaia tocou em seu braço de leve.

Ao erguer os olhos claros para ela, Singeon corou. O olhar dela era mais poderoso do que qualquer sorriso que lhe desse.

-Singe, você moraria num lugar como este?

-Oh! Sim, acredito que sim. – voltou às suas anotações, tentando esconder um desconforto que ela entendeu como “timidez” – É bem calmo. Gosto de calmaria.

Esplendoroso! Amaia abriu um sorriso. Havia conseguido fazê-lo corar, o que era um bom sinal. Ele não estava vestindo uma armadura de proteção impenetrável à sua sedução.

Um relincho ao longe chamou a atenção dos dois.

-Quem é que vem lá? – quis saber Singeon, guardando as suas notas no bolso, franzindo a testa para enxergar a pessoa contra a luz da manhã.

Amaia demorou alguns segundos para identificar.

Ficou na dúvida se era o Destino que brincava com ela, ou se era Montenegro que a perseguia.

-Meu vizinho. Desprezível. Melhor irmos antes que nos alcance.

Batendo as rédeas, Amaia apressou o galope.

Singeon, embananado com as rédeas e o chapéu que não assentava na cabeça, desacostumado a cavalgar em velocidade, atrasou a fuga.

Ao se virar para trás, a amazona teve de retornar. Viu-se obrigada a cumprimentar Montenegro, que ganhava velocidade. Agora era impossível escapar. Teria de alegar não o ter visto.

Tocando a ponta do chapéu negro, o garboso cavaleiro cumprimentou a ambos com “bons dias”. Singeon assentiu e Amaia murmurou alguma coisa que fez Montenegro abrir um sorriso malicioso. Tinha de reconhecer: ele adorava irritá-la.

-Não vai nos apresentar? – emparelhou seu cavalo com o de Singeon e lhe ergueu a mão – Eduardo Montenegro.

-Singeon Stewart.

Montenegro transpassou um olhar sarcástico para Amaia:

-Oh, sim. Ouvi falar de você.

Ela ofendeu-se ainda mais a ponto de virar-lhe as costas quando ele foi cumprimentá-la. Deu a volta com o cavalo e colocou Singeon entre eles.

-Passar bem.

Ia bater o chicote no lombo do cavalo, mas se lembrou que Singeon não poderia correr. E o que temia aconteceu, ainda mais rápido do que havia imaginado que seria.

Montenegro, numa pose despojada, de total domínio do animal – de quem poderia cavalgar até de costas – alargou o sorriso para a dubiedade:

-Posso acompanhá-los? Está um belo dia e não quero apreciá-lo sozinho. Sabe como gosto de me divertir em sua companhia... – e, por cima das lentes dos óculos, piscou para Amaia, como fazem os homens sem moral para as mulheres sem honra.

Corada, mais de raiva do que de vergonha, – ainda que atraída, pois ele ficara irresistível com aquele sorriso devasso fazendo par com os olhos ferinos – Amaia bateu os ombros e nada disse. Talvez, a melhor maneira de mostrar o “quão inferior” Montenegro era seria provando a superioridade de Singeon. Iria demonstrar que aquele, sim, era um verdadeiro cavaleiro e não um homem que “só queria se divertir”.

-Singe é médico da Corte.

Montenegro ergueu as sobrancelhas se fingindo de impressionado. Havia rapidamente captado a atitude dela, achando graça o quão perturbada ficava na sua presença. Mais engraçado ainda foi quando o rapaz adendou:

-Recém-formado.

-E muito bom! – ela enfatizou, acarinhando o braço de Singe.

Aquele gesto, o olhar atirado dela sobre o “médico recém-formado” fez Montenegro contrair o sorriso e ajeitar os óculos escuros no rosto. Ignorando o próprio ciúme, aproveitou que Singe fora observar mais de perto um pássaro pousado numa árvore e a cutucou:

-Ah, então, já se aproveitou dos dotes do doutor?

-Minha saúde é perfeita. – retribuiu com um sorriso ao ver que Singeon olhava para eles, apontando o pássaro, extremamente feliz: “Rouxinol! ”

Ao vê-lo retornar a eles, sacolejando no cavalo feito um saco murcho de batatas, Montenegro se sentiu ainda mais enciumado. Amaia estava interessada “naquilo”? De alguma forma, tentou manter a pose de quem não se perturbava, nem quando ela mandava sorrisinhos para o outro, batia as pestanas ao falar com suavidade, ou tocava em seu braço com delicadeza. Porém, fora impossível continuar escondendo quando se encheu de sarcasmo ao falar:

-E a que veio? Alguém caiu doente? Talvez, Cora?

-Não! – Amaia se aperreou, soltando um olhar de esguelha para Singeon, que de imediato prestara atenção na conversa ao ouvir o nome da outra – Cora está em ótima saúde, como sempre. Melhor não poderia ser,... – pausou, para depois enfatizar – ...como o SENHOR BEM SABE.

Montenegro estranhou:

-Sei?!

-O que é aquilo? – apontou Singeon.

Ao borde do monte, próximo a um riacho, havia um grupo de escravos em meio às sombras de algumas árvores, descansando. Os capatazes, no entorno, também se refrescavam, alguns na água, com lenços umedecidos. A cena era bucólica o suficiente para que o jovem médico dela quisesse se aproximar.

-Os escravos estão descansando. – explicava Amaia, mudando o tom de voz para o sério, o que capturou Montenegro – Com este sol forte, deixo que descansem meia-hora, próximo ao rio porque é mais fresco. Não quero vê-los sofrendo mais do que já sofrem.

O cavaleiro negro ia comentar o quão ficava feliz com a sua “humanidade”, porém Singeon foi mais rápido, elogiando-a a ponto de Amaia corar e Montenegro não gostar que ela corasse tão facilmente para outro.

Singeon pediu licença e se afastou para junto dos escravos. Montenegro segurou as rédeas de Amaia para impedi-la de fugir dele, desta vez. Inclinou-se sobre ela, quase a lhe tocar o rosto com a ponta do nariz. Encarou-a. Um calafrio correu a espinha:

-O que você está aprontando?

-Como disse, não preciso da sua ajuda. Tenho tudo sob controle. Em breve,

serei a Sra. Stewart e minha fazenda estará, enfim, salva. E não precisarei ouvir mais coisas desagradáveis de ninguém, nem de você, caso queira saber.

-A Sra. Stewart? – cruzou o cenho e afastou-se dela – Cora sabe disso? Pelo que me disseram, sua irmã é apaixonada por esse homem desde criança.

-Cora não entende as coisas da vida, as necessidades e sacrifícios que temos de cometer por um bem maior. – ela tentou fazer o cavalo andar, mas Montenegro apertou o agarre das rédeas para que não se fosse.

Sua expressão jazia entre o repreensivo e o frustrado, beirando ao bravo. Ela seria capaz de se casar com o namorado da irmã para manter a sua fazenda? Havia algum coração naquela mulher, ou era apenas flébil e coquete, sem se preocupar com os outros, como alegavam as gêmeas Feitosa? Mirando-a, Montenegro tentava ler a sua alma, encontrar algum resquício de quem era realmente ela debaixo de tanta autoproteção. Ele não poderia ter errado tanto a seu respeito. Deveria haver alguma outra coisa que a estimulasse a agir dessa maneira, algo muito maior do que um pedaço de terra.

-Um bem maior? – ele questionou.

Amaia, impaciente com o caminhar daquela conversa, achou melhor esclarecer os fatos de uma vez, assim ele a deixaria em paz e ela poderia continuar o seu plano de seduzir Singeon:

-Os escravos. Quero libertar todos os meus escravos e não posso. Por isso, preciso manter a fazenda e os escravos.

-Por que não pode libertá-los?

-Meu pai deixou um testamento que me impede de alforriá-los.

-E por que não os vende para conseguir o dinheiro das dívidas da fazenda?

-Vender os escravos? – ela fez cara de asco – Quem pensa que sou? Vendê-los seria o mesmo que aceitar a escravidão. Prefiro me vender a um casamento sem amor a condenar centenas de almas ao purgatório da servidão.

Seu olhar era duro, com resquícios de mágoa, fazendo-os mais verdes. Ela estava falando a verdade; deixava que Montenegro a entrisse novamente. Preocupava-se com os outros. Além de corajosa, era uma boa pessoa. Encantou-se com essa Amaia que se deixou vislumbrar.

O tom dele mudou para o mais sereno, quase carinhoso, de quem adoraria pegá-la no colo e confortá-la:

-Amaia, não faça isso. Você pode se arrepender. Eu posso ajudar você... – pausou diante do sorriso de escárnio dela – Eu... Amaia, eu estou me apaixonando por você.

Ela fechou o sorriso. Se de choque com aquela afirmação, ou de raiva, Montenegro não soube averiguar. Amaia aproveitou que ele aguardava uma reação positiva dela e arrancou-lhe as rédeas da mão:

-Me arrepender? Nunca! Eu nunca me arrependo de nada! E quem é você para me falar em “me ajudar”? Que ajuda seria essa? Ser a sua amante? O que aconteceria depois? Ficaria com a honra manchada? Eu me casarei em breve com Singeon. E vou pensar se convido você ou não. Não quero ninguém agourando a minha felicidade. – ela chicoteou o cavalo e partiu em disparada.

Montenegro tentou não aparentar que havia ficado abalado com a convicção dela em se casar com o ensebado médico, o que soava a uma recusa à sua paixão declarada. Por mais que compreendesse que uma mulher como ela precisasse se casar para ter relações com quem quer que fosse, o seu desejo por ela tirava-lhe toda a razão e o impedia de enxergar o amor que ia se alastrando por sua alma e tomando conta do seu ser e de todas as suas vontades. Ainda não havia reparado que, se havia desejo por Amaia, é porque havia amor. Era mais do que algo passageiro, como havia sido com as outras. Quiçá, por isso fosse tão teimoso em conquistá-la, ou em aproveitar o tempo ao lado dela.

Devido à velocidade com que ela cavalgava, por um segundo, Montenegro achou que ela poderia cair, porém descobriu que Amaia havia nascido para cavalgar e melhor amazona ele nunca havia visto. Abriu um sorriso e foi atrás, tentando ultrapassá-la. Imaginou-a nas caçadas pela Inglaterra e o quão charmosa era a sua figura em cima de um cavalo. Ao vê-la saltar do cavalo e correr para Singeon, que estava debruçado sobre um escravo estirado, acometeu-lhe uma crise que ia enchendo a sua garganta. Ficou distante, observando a maneira como ela tocava o braço do doutorzinho e parecia admirar o jeito que ele analisava o pobre coitado.

Com cuidado, Montenegro desceu do cavalo e foi andando para ver o que ali estava acontecendo e escutar o “casalzinho”:

-Este homem está muito doente! – alegava Singeon, estudando as suas pálpebras.

-Oh! O que será que tem? – Amaia apertava o seu braço, nervosa, o que deixou Montenegro ainda mais infeliz – Faça algo por ele!

-Farei todo o possível.

O escravo estava sob uma árvore, balbuciando coisas sem sentido, mexendo o corpo e a cabeça de leve, num pesadelo em que não se acorda. Ao seu lado havia um cantil. Pelo seu conhecimento, Montenegro sabia que muitos capatazes davam aguardente para os escravos manterem o vigor e continuarem o trabalho. Era bem possível que aquele escravo tivesse roubado o cantil e o bebido todo. Levou-o ao nariz. O cheiro forte de álcool fez com que Montenegro virasse o rosto de nojo e concluísse:

-Ele só está bêbado!

Os olhos verdes de Amaia penetraram nele como alfinetes. Ergueu uma das

sobrançelas e ironizou:

-Virou médico, por acaso? Como disse antes, não precisamos da sua ajuda.

Montenegro arrependeu-se de ter ido ver se ela estava bem. Mastigou um sorriso, acenou com a cabeça. Entregou o cantil a Singeon e voltou ao seu cavalo, tomando o rumo da sua fazenda.

Era evidente que havia alguma coisa estranha entre ele e Amaia, uma animosidade que Singeon rapidamente captou. Só não soube entender, acreditando que Montenegro não era bem-vindo.

-Posso saber por que não gosta do senhor?

Amaia respirou fundo, tentando sentir-se aliviada com a partida de Montenegro – de alguma maneira estranha, no entanto, o peso em seu peito aumentara.

-Presunçoso, intrometido e irritante.

-E poderia ser um bom médico, pois tem um afiado senso de observação. – ela o olhou – Este aqui está mesmo bêbado.

Buscando ignorar o mal-estar com a partida de Montenegro, Amaia bateu as pestanas para Singeon, abriu o seu melhor sorriso e buscou falar com uma voz aveludada:

-Duvido que melhor que você, Singe. – e apertou-lhe o braço de tal maneira que Singeon se arrepiou. Era a primeira vez que uma mulher lhe tratava daquela maneira.

Dadas algumas ordens aos capatazes, Amaia tomou o braço de Singeon para que voltassem aos cavalos. Ela queria lhe mostrar uma coisa.

O médico engoliu em seco. O que será que ela queria lhe mostrar com aquele sorriso?

Era o pico mais alto da fazenda, em que a vista se tornava a vastidão de um mundo sem fim. Singeon, embasbacado, desmontou e foi para perto de uma árvore apreciar as espécies de aves e tentar desenhar para poder buscar na enciclopédia. Amaia ficou observando-o, levitando sobre o som da brisa nas folhagens e na sensação refrescante que havia. Achava que era capaz de se apaixonar por Singeon e pela sua tranquilidade.

Não havia notado que o tempo mudava e que o céu se pintava de cinza no horizonte. Nem que no fundo de seu cérebro a frase “estou me apaixonando por você” ficasse se repetindo incansavelmente.

Capítulo 27

Antes de se apaixonar por Singeon, Amaia precisava fazer uma coisa. Na verdade, duas, mas ela ignorava a “primeira coisa”, que era esquecer o quanto a declaração de Montenegro havia mexido com ela – pois, se estivesse mesmo apaixonado por ela, já a teria pedido em casamento a esta altura.

Ela precisaria fazer Singeon esquecer Cora. Havia reparado como ele prestava mais atenção quando mencionava o nome da irmã e na sua tentativa de mostrar desinteresse. Teria de ser mais enfática quanto ao desinteresse de Cora por Singeon. Não que achasse que fosse mentira, pois não conseguia ver as reações da caçula como as de uma mulher apaixonada e, sim, como as de uma moça que procurava desesperadamente se agarrar a alguém que lhe tirasse do marasmo daquela vida de interior.

Convencida disso, Amaia resolveu colocar o novo plano em prática.

Pediu que Bá preparasse uma mesa idílica, com flores, velas, castiçais e talheres de prata, os cristais, o serviço de porcelana alemã e a toalha de renda – os poucos itens que ainda não tinha vendido, na esperança de não precisar abrir mão deles. Pedira aos escravos colhessem o máximo possível de frutas no pomar, ou pedissem aos escravos vizinhos alguma tal se fosse para eles próprios. Mandou pegarem as últimas levas de batatas, carne de porco e arroz e fazerem disso uma lauta ceia.

Às escravas, queria que lhe preparassem um banho completo, com um pouco de leite, e desembrulhassem o último pedaço de sabão francês que tinha. Das suas roupas, mandou que fosse arejado um vestido de baile branco com um cinto de veludo negro e detalhes pretos por todo o corpete e na barra da saia. Pegou os brincos de azeviche – última lembrança da mãe, guardada a sete chaves – e utilizou uma fita de veludo negra no pescoço com o *locket* pendurado, no lugar do colar de pérolas que teve que vender. Penteou-se à moda, com o coque para o alto com alguns cachos caindo pelo decote, e colocou algumas rosas brancas no meio das madeixas, uma vez que também fora obrigada a abrir mão de comprar novos enfeites e os seus já estavam gastos de tanto repetir.

Por meio de um escravo, enviou um bilhete a Singeon, anunciando que teriam um jantar especial e que estivesse com os trajes de jantar formal. Singeon se considerava um homem simples e de gostos simples. Preferia ficar no quarto, observando a fazenda da sua janela, sentado atrás de uma pequena secretária, onde ia anotando tudo o que via e ouvia. Também gostava de se deitar na cama e ler a enciclopédia, em especial a parte sobre aves. Ainda assim, havia sido educado sob restritas regras de etiqueta e, entre elas, a de ter uma roupa especial

para jantares formais. Só não entendia por que Amaia o chamava para um jantar desses. Haveria algum convidado especial que ela esquecera de mencionar? Estava lá há quase uma semana e nunca jantavam mais do que alguma proteína e um acompanhamento. Eram apenas os dois, o que ele achava maravilhoso – não somente pela parcimônia, característica dos espíritos nobres, como pelo despojamento que permitia que os dois conversassem, ou ficassem em silêncio sem qualquer mal-estar.

No toque do carrilhão, Singeon saiu do quarto e foi para a sala onde acreditava que Amaia o estaria esperando. Parou à porta ao ver que havia apenas algumas poucas velas abrillantando o ambiente – em vez dos vigorosos lampiões. A sensação era de calidez que, misturada a algum perfume adocicado que não soube identificar, possuía uma sensualidade que o fez desconfortável.

A garganta secou ao ver Amaia, no seu lindo vestido de festa, no meio da sala como alguma aparição. Se acreditasse em santos, poderia dizer que ela era uma, sob a luz tremeluzente das velas que acariciava a sua pele, fazendo-a ainda mais sedosa. Amaia abriu-lhe um sorriso e Singeon paralisou por completo. Havia perdido o chão e as horas.

Ela foi até ele, num caminhar suave, uma ave régia a voar que pousou em seu braço com a sutileza de um bico de passarinho a dar de comer aos filhotes.

-Que bom que chegou. Estava esperando-o ansiosa. – e corou, desviando os olhos.

-Ha... é... Sim. Está muito bela esta noite.

-Somente esta noite?

-Não... hã... sim... Quero dizer, está sempre bela. Mas hoje está excepcionalmente bela.

-Ah, quão gentil! Vamos à mesa?! O jantar já está servido. Sabia que seria pontual.

Ele balançou a cabeça, tentando dissipar o nervosismo. O olhar direto que Amaia lhe lançara o envolvia feito uma torrente quente que lhe acalentava a alma e o corpo de tal maneira, que Singeon não sabia lidar senão com pigarreios e sorrisos tensionados até que “esfriasse”.

O toque dos seus dedos sobre o braço dele o fez estremecer.

-Hrum... – pigarreou e sorriu para ela quando Amaia lhe perguntou se estava bem e explicou – Uma coceirinha na garganta, apenas.

-Ainda bem que temos um médico aqui!

Ela lhe devolveu um sorriso tão sensual que Singeon sentiu a necessidade de se afastar e tomar um pouco de água ao entrarem na sala de jantar.

-Ainda com o pigarro? – as palavras de Amaia eram pronunciadas com tanto charme, que ele teve que pensar nos corpos das aulas de Anatomia.

Foi para trás dela e puxou-lhe a cadeira para que se sentasse. Reparou que ela estava de frente a ele, desta vez, e não na cabeceira. Na verdade, em toda a sala havia um ar de diferença. O cheiro adocicado vindo dos tachos de doce da cozinha, as flores enfeitando a mesa, as velas que iluminavam ainda mais os olhos verdes de Amaia, o ciciar das cigarras anunciando o verão.

Estava enlaçado.

Tomou todo o copo d'água.

Amaia fez um sinal para que um escravo enchesse as taças de vinho. Havia guardado uma das melhores safras para uma ocasião especial – que acreditava ser o dia que fosse pedida em casamento por alguém. Ela bebericava o vinho com delicadeza, saboreando cada gole, e com os olhos fixos em Singeon. Ele se remexia na cadeira e tomou o vinho num gole também. Amaia teve pena que estivesse desperdiçando um bom vinho com o seu aparente nervosismo. Contudo, isso só reforçava que ela estava fazendo a coisa certa.

Fez um sinal e os escravos trouxeram os pratos prontos da cozinha.

Comia-se em silêncio e Singeon evitava lhe levantar o olhar, talvez com medo de uma aproximação com a qual ele não saberia como lidar. Não estava acostumado a ficar a sós com mulheres, muito menos com belas mulheres. E Amaia era sobretudo bela, mas também inteligente, forte, determinada, o tipo de mulher que poderia amedrontar um homem que buscava apenas serenidade e acolhimento.

Entre os pratos, toda vez que ela parecia iniciar uma conversa, Singeon estremeceu.

Ao fim da sobremesa, antes que Amaia mandasse vir um café recém-moído e um charuto para ele, ela lhe tocou os dedos e o mirou, olhos nos olhos:

-Querido Singe...

-Hrum.

-Está satisfeito?

-Muito... hrum.

-Tenho muito o que lhe agradecer. Não sei o que seria de mim sem a sua companhia. Tenho me sentido tão solitária... É um verdadeiro alento ao meu pobre coração solitário. – apertou-lhe os dedos quentes – Não sabe o bem que me faz. O quanto me sinto viva ao seu lado! E quanta falta me fará. Tenho que lhe pedir uma coisa... – pausou, abaixou os olhos numa falsa timidez que ele acreditou – ...Fique mais comigo. Por favor.

-Hrum.

Ao se ver envolvido pela imensidão verde de seus olhos, Singeon se remexeu na cadeira, pigarreou duas vezes seguidas e teve que tomar o resto do vinho de uma só vez – mais para ganhar coragem de continuar ali do que para

limpar a garganta.

-E quanto à Cora? Sua irmã não é uma boa companhia?

Droga, ele havia se lembrado dela! Amaia retirou a mão para o colo e fez uma cara de melancolia que o deixou consternado.

-O que foi? Pode me dizer! Estou aqui como... como... seu... hrum... amigo! Hrum. Pode falar! Aconteceu alguma coisa com sua irmã, por isso ela não está aqui?

-Bem, Cora... ela... – poderia lhe dizer que Cora havia morrido, mas não teria como manter essa mentira, obviamente. Teria de falar algo bem mais simples, bem mais próximo de uma verdade. Algo que havia aprendido era que uma mentira próxima a uma verdade é mais difícil de se descobrir do que uma grande mentira – Ela não é uma companhia.

Singeon cruzou o cenho, estranhando aquela revelação. Poderia jurar que Cora era tudo, menos uma “má companhia”. Sempre lhe parecera adorável em suas cartas, preocupada com ele e em pregar o Bem, inclusive citando passagens da Bíblia.

-Por favor, conte-me. – estava ansioso em ouvir, à medida que Amaia ia fazendo uma careta de consternação, fingindo não querer “tocar no assunto”.

-Eu não deveria... seria errado... – abaixou os olhos como se fosse chorar e tremeu a voz –... Ah, Singeon... o que ela está fazendo... você não merece isso... você é tão bom, tão gentil...

-Do que está falando, Srta. Amaia. Por favor, me diga logo. Estou ficando ansioso. É algo que aconteceu com a Srta. Cora? Algo em que eu possa ajudar?

-Sim, algo aconteceu com Cora. Mas acredito que nem você, nem ninguém poderá ajudá-la. Ela se perdeu... “dos caminhos do Senhor.” – lembrou-se da expressão que ele usava continuamente em suas cartas.

-O Pai Poderoso! O que foi? Conte-me, Amaia! Quero dizer, Srta. Amaia! Dividamos o fardo de seu coração...

Amaia não sabia se teria coragem de prosseguir. Singeon estava genuinamente preocupado. Tanto que tomou a sua mão e a apertou. Seus olhos claros não mais se desviavam dela, repletos de ansiedade. Oh, ela era uma maldita! Mas teria de seguir com seus planos, senão teria sérios problemas mais adiante.

-Cora, bem, a Cora de hoje é bem diferente da Cora das cartas.

-Das cartas? Como a senhorita sabe que ela me enviava cartas?

-Eu... – pensou rápido - ...Eu a vi lendo as suas cartas. Ela lia em voz alta... rindo...

-Rindo? – ele estranhou a colocação.

-Zombando, na verdade. – pela cara de decepção dele, arrependeu-se de ter

dito isso – Oh, Singe, melhor eu parar por aqui. O que ela faz é terrível demais para ser pronunciado em voz alta. Tenho muita vergonha da minha irmã. – e desviou os olhos para o lado, acreditando que ele não prosseguiria com aquela conversa e ela teria plantado a semente necessária para afastá-lo de Cora.

Contudo, quando tocavam no nome dela, ele despertava e ganhava todas as palavras do mundo.

-Conte-me, por favor, eu preciso saber a verdade. Preciso saber quem é realmente a sua irmã.

Meu Deus, ele não desiste!

-É errado falar mal dos outros... – tentou sair pela tangente.

-Não quando é por um Bem maior.

Desta vez, foi Amaia quem estremeceu. As palavras de Singeon eram o sinal de que ela teria de fazer aquilo. Não havia escapatória. Casar-se com ele seria a única salvação dela, da fazenda e dos escravos. *Pense nos escravos, não terá de vendê-los ao se casar com Singeon*, assegurava a si mesma.

-Está bem. Cora é uma namoradeira, flerteira, coquete! Evitei falar isso antes por temer que sofresse ao saber a verdade,

Aquilo não foi o suficiente para Singeon. Retesado na cadeira, ele soltou as mãos de Amaia e fechou a expressão num grande mau humor. O que a preocupou. Deveria ter continuado nas entrelinhas.

-Descul...

-Não! – a interrompeu – Conte-me, em detalhes, o que quer dizer.

-O que quero dizer?

-O que pretende com isso?

-O que...?! Oh, Singe... querido...

-Nada de “Singe, querido”. Diga-me, Amaia! – ela se assustou com a veemência dele, que o fez saltar do assento – Eu quero saber a verdade! Agora! E não fugirá mais em me contar. Tem algo que está tentado me dizer desde que cheguei aqui. O porquê de Cora não estar. Acha que não estranhei isso? E quanto às nossas caminhadas? As conversas esvaziadas que tínhamos? Acha que nada disso passou apercebido? Pois, tenha, Amaia, eu estou farto dessa “falta de comunicação”. Peço que, se tem alguma consideração por mim, seja clara de uma vez por todas.

Todo o corpo de Amaia tremia. Ela nunca poderia imaginar ver um Singeon tão bravo em sua vida. Juraria que era uma mosca morta. Chegava a irritar, às vezes. Tentou se levantar da cadeira, mas as pernas estavam tão bambas, que tropeçou em si. Teria ido de cara no chão se não fosse pelo médico pegá-la pela cintura, numa rapidez que ela também duvidava que ele teria.

Seus corpos estavam unidos. Amaia tinha as mãos no peitoral dele e os

olhos apoiados nos dele.

Singeon a tinha nos braços. Ao dar-se conta disso, afastou-se.

-Diga-me a verdade, Amaia. – a voz era terna, bem distante da irritada de antes.

-A verdade é que... – ela deu um passo atrás – ...a verdade é que... – deu dois passos para frente – Esta é a verdade...

E beijou-lhe.

Seus lábios se encontraram, seus corpos se tocaram, seus braços se entrelaçaram e iam caminhando juntos naquele beijo suave. Um beijo calmo e plácido, como navegar num barco sobre um lago – bem distinto dos beijos de Montenegro, que pareciam maremotos causados por erupções vulcânicas sob as águas de algum oceano tempestuoso feito os olhos dele. Por que ela teria de se lembrar do beijo de Montenegro justamente agora, em que era beijada por Singeon? Não poderia ser depois? Fechou os olhos para ver se conseguia se concentrar no beijo e a imagem de Montenegro foi preponderante. Era a ele quem beijava, intensificando o roçar dos lábios e obrigando Singeon a abrir a boca para ela poder explorar com sua língua. Ao sentir que a respiração dele ficava descompassada e o corpo tensionava, Amaia se afastou. Lembrou-se que não era Montenegro, era Singeon, e isso a fez estranhar o que acontecia consigo.

Apenas uma coisa era certa: não era amor, era desespero. Desespero em ter o que comer, em ter um teto sob a cabeça, um chão para se sentar e um cobertor para se cobrir. Qual o futuro de uma mulher como ela? Era feita para casar ou para cair na vida, porém, preferia a primeira opção. E a tinha como a sua única salvação. Havia tentado de tudo, negociar, vender os objetos de maior valor, economizar, restava casar ou vender os escravos. Mas esta última opção ela se recusava, ainda que Bá insistisse que seria o melhor.

-Traio a Cora e a mim mesma, mas não trairei aqueles que sofrem tanto. Não me casar com Singeon é deixar que eles também se percam, Bá. Sabe-se lá quem vai comprar a fazenda, a maneira como os tratará?! Poderá, inclusive, separar famílias! Você sabe como são cruéis os donos de terra que acham que incentivar o trabalho é vender o pai ou a mãe, ou até mesmo os filhos ou irmãos. Não, Bá, eu vou me casar com ele, mesmo que me custe muito, mas sei que estou fazendo por uma questão muito maior, maior que a terra, maior do que qualquer um de nós.

Capítulo 28

A cesta de costuras rolou pelo chão. Cora tinha a mão na boca e os olhos em brasa. Havia soltado um palavrão diante da Sra. Feitosa, das gêmeas e da pequena Lavínia, a quem ensinava a costurar. Pediu desculpas, ainda assim, não conseguia parar de tremer de raiva. Quando Caetana entrou na sala, nos braços do noivo, e seguidos de Montenegro – que havia vindo visitar o amigo e aproveitando para acertar um encontro com o Sr. Feitosa –, ela segurou as lágrimas de ódio. Por pouco tempo. Mal fora cumprimentada pelos dois senhores e se levantou do sofá soltando um muxoxo de chateação.

Caetana aproximou-se de Lavínia e perguntou à irmãzinha, discretamente, o que acontecia. Era visível que Cora estava abalada com alguma notícia, o que preocupava tanto Caetana quanto Montenegro. Ambos tinham Amaia em alto preço – quiçá mais alto do que a própria Cora teria, ainda mais agora.

-Ela descobriu que a irmã está recebendo um amigo em casa. – respondeu a menina, num tom de voz alto o suficiente para que Cora, do outro lado da sala, se voltasse para elas.

-Você sabia! – acusou Caetana – Foi por isso que me mandou convidar para ajudar no enxoval. Não queria a minha ajuda e nem ouvir a minha opinião. Por isso, não acatou nada do que eu sugeri. Estava mancomunada com Amaia! Vocês duas, suas víboras! Por minhas costas!

-Cora, escute... – mais com pena do que tentando se desculpar, Caetana buscou se aproximar de Cora e tocar em seu braço, para ajudar a acalmá-la.

A moça o retirou agressivamente, fugindo ao toque:

-Não! Não! Viram o quanto sofro?! – apontava a si mesma – Tenho uma irmã que é uma cobra! Que só pensa na sua fazenda e nos seus escravos. Amaldiçoo aquela terra e tudo que nela brota. – virou-se para Montenegro e Canto e Melo – Acha que não sei por que ela queria o Singeon só para ela? Hah, mas eu sei! Ela quer seduzi-lo. Fazê-lo se apaixonar por ela para que a ajude a salvar a fazenda das dívidas, sem que precise vender os escravos. Abolicionista uma ova! É uma criminosa! Roubar o meu Singeon... aquela puta!

A Sra. Feitosa, dentro da sua qualidade de zelosa mãe, tentou fazê-la se calar:

-Cora, por favor! Respeite a minha casa!

Porém, ela não conseguia.

Precisava desabafar. Dizer tudo o que vinha à sua cabeça, pôr em ordem os sentimentos alvoroçados. Fazia quase dez anos que só se correspondia com seu amado e sua irmã sabia que ele vinha visitá-la. E o que fez? Afastou-os.

Estudou as pessoas na sala. A Sra. Feitosa e Canto e Melo lhe olhavam assombrados, as gêmeas cochichavam entre si por detrás da tela de bordado e Lavínia a encarava sem ter nada a dizer ou pensar, mas tanto Montenegro quanto Caetana possuíam a expressão de culpa.

-São todos cúmplices dela! Todos!

E teria agido de forma mais precipitada ainda se não fosse o Sr. Feitosa entrar na sala e pedir que se controlasse. Do seu escritório, podia ouvir os seus gritos.

-Minha irmã é um abutre! Uma safada! Ela tem de ser punida! – dizia ao anfitrião, que tinha a expressão de quem não estava nem um pouco interessado naquilo, na verdade, estava irritado com o escândalo que Cora estava fazendo, chamando a atenção dos escravos, que iam se amontoando no corredor para a escutarem – Eu exijo que Amaia seja chamada aqui e nos diga, na frente de todos, por que fez isso! Quero que ela diga a verdade, uma vez na vida, e na frente de todos!

Para a surpresa dos presentes, o Sr. Feitosa acatou o pedido. Prometeu que ainda hoje enviaria um convite pedindo que Amaia viesse jantar lá com o tal senhor.

-Ela não pode saber que estou aqui. – ressaltava Cora, dando a sensação de ter enlouquecido – Diga que eu estou a passeio com Caetana e que vocês estão com saudades dela. Isso, será melhor assim.

O Sr. Feitosa ignorou os olhares de surpresa e repreensão da esposa sobre ele e retornou ao seu escritório.

Atrás veio Montenegro. Apertava o passo para alcançá-lo antes que fechasse a porta:

-Sr. Feitosa! Vim para acertamos aquela negociação...

O fazendeiro ergueu a sobrancelha, desconfiado. Seu rosto limpou para algo menos desagradável. Abriu a porta para que Montenegro passasse, fechando-a logo depois.

-Sim. Entre, por favor. Antes, preciso escrever o bilhete para Amaia. – dirigiu-se para a escrivaninha.

Montenegro, parado no meio do gabinete, próximo à mesa repleta de livros empoeirados, contraiu as sobrancelhas:

-Fará mesmo isso?

-O que custa? – puxou um pedaço de carta e molhou a pena no tinteiro de prata – Assim Cora para de gritar e me permite pensar.

Enquanto via o senhor escrever, uma angústia ia se apoderando de Montenegro. Se Amaia aparecesse, a situação poderia ser terrível para ela e, certamente, a notícia do escândalo familiar se espalharia que nem vento,

assoprada pelas línguas das gêmeas. Tentaria fazer o senhor compreender que era uma má ideia, mas sem o dizer diretamente. Queria evitar embates agora que estava tão próximo de obter o que queria: a confiança de Feitosa.

Buscava as palavras mais cordatas e lógicas que pôde:

-Acho que mandar este bilhete poderá trazer mais complicações para uma relação que me parece já bem intrincada.

Os olhos escuros do Sr. Feitosa pregaram Montenegro contra uma parede invisível, deixando-o imóvel:

-E o que o senhor tem com isso? Como padrinho de Amaia, entendo uma eventual preocupação da minha parte, contudo, quanto ao senhor, já não sei que conclusões tirar disto.

-Sou um homem de negócios. – ele se sentou numa cadeira, cruzou as pernas e abriu um sorriso de confiança – Tenho interesse nas dívidas da fazenda, somente isso.

-Da Santa Bárbara? Para quê? Aquela fazenda não vale nem metade das dívidas. Talvez, se ela deixar de ser turrona e vender alguns escravos, ainda mais com as proibições dos tráficos interprovinciais, pode ser que ganhe alguma coisa para salvar, ao menos, uma parte da fazenda. Mania de abolicionista! Fica lendo os folhetos que os abolicionistas distribuem na fazenda. Há alguns meses, tivemos de matar um par destes que tentaram entrar aqui na minha fazenda e falar com os meus escravos. Queriam incitar uma fuga!

Montenegro, procurando manter uma pose relaxada, de quem concordava com os ideais escravocratas de Feitosa, quis saber mais detalhes sobre esses assassinatos. A cada dia que passava, espalhava-se a notícia das mortes de abolicionistas pelo interior do Brasil, à medida que o movimento abolicionista saía das capitais das províncias.

-Como o senhor sabe que queriam incentivar uma fuga?

-Tenho meus métodos. – os olhos estavam frios, contavam que havia primeiro os torturado – Aqui, nesta terra, é assim. Amaia tem sorte de que ela é só uma moça desmiolada. Já o senhor, não. O que pretende com a Santa Bárbara? – seus olhos se fixaram em Montenegro, fazendo-o sentir um calafrio.

O sorriso falhou:

-Crescer, expandir.

Sem comentar, Feitosa abaixou a cabeça para terminar de escrever o bilhete.

O Sr. Feitosa era bem mais perigoso do que poderia supor.

Recostado na cadeira, Montenegro ficou a estudar os próprios pensamentos em silêncio. Por maior que fossem as suas preocupações em descobrir os movimentos dos senhores escravocratas, só conseguia pensar em Amaia e que

ela sempre fora abolicionista. Muita coisa se encaixava, inclusive o rechaço de alguns senhores em relação a ela. Achava exagero se fosse pela maneira coquete com que conversava com todos, como alegavam as gêmeas. Havia sensualidade e que homem não gosta de uma mulher charmosa e divertida?! Ao menos, ele adorava – talvez mais do que poderia supor.

Capítulo 29

Havia espanto no rosto de Amaia ao se deparar com Cora. Tinha acabado de entrar na casa dos Feitosa, de braços dados com Singeon. Ia retirando as luvas e a capa quando vira a irmã, parada na beira da escada, junto a toda a família. Para deixá-la mais nervosa, por cima dos ombros de Cora, viu que Montenegro havia sido convidado para o jantar. Empalidecida, destoava do vestido de veludo vermelho – que muito bem lhe caía. Tentou disfarçar a surpresa, abrindo um sorriso nervoso e à cata do braço de Singeon.

Cora aproximou-se dela, em passos vagarosos, mão na frente do corpo, e uma expressão de quem estava pronta para um embate:

-Como estamos, Amaia?

Se entrasse naquela disputa, era certo de que poderia perder bem mais do que a chance de se casar com Singeon. Montenegro lhe observava, calado, sem qualquer sinal de simpatia como o de costume. Amaia temia que pudesse perder a “boa estima” dele também, o que – “estranhamente” – seria mais doloroso.

-Bem, Cora. – não conseguia sorrir sem parecer que passava mal – Que surpresa encontrá-la aqui! Eu havia entendido que você estava com Caetana em Barra do Piraí, escolhendo um véu de noiva. – e transpassou um olhar desesperado para Caetana.

A amiga, discretamente, balançou a cabeça na negativa. Elas haviam sido descobertas. Melhor seria parar com as mentiras.

A sua salvação foi Singeon, que se fez presente, mantendo a pose de homem honrado, com um braço atrás das costas:

-Olá, Cora. Parece muito bem.

Era inevitável que Cora ficasse vermelha. Estava tão determinada em humilhar Amaia na frente de todos, que havia se esquecido dele.

-Obrigada, Sr. Stewart. Pelo visto, minha irmã soube “cuidar” do senhor muito bem. Tem gostado da sua estadia?

Ignorando – ou não notando – o tom maldoso de Cora, Singeon assentiu:

-A Srta. Amaia é uma ótima anfitriã.

Ele respondia conciso e sério, o que levava Cora a crer que Amaia havia feito a cabeça dele contra ela. Mirou-o repleta de mágoa. Todos aqueles anos de correspondência foram por água abaixo ao bater das pestanas de Amaia – e do que mais?!

-Não duvido. Ela faz tudo o que pode para conseguir o que quer. E se ela quer agradar, pode ter certeza que ela não criará limites para conseguir.

A Sra. Feitosa, ao ver que Amaia e Singeon estavam constrangidos com

aquela conversa, deu um beijo no rosto da moça e cumprimentou o rapaz, e indicou a sala de estar. Todos pareceram concordar irem para um ambiente mais cômodo, menos Cora, que permanecia onde estava:

-Não! Antes gostaria de dar uma palavrinha com a minha irmã.

Caetana, que havia aprendido as regras de etiqueta com a mãe, foi mais rápida do que a Sra. Feitosa – aturdida com a falta de educação de Cora. Ofereceu a sala de costuras para as irmãs poderem conversar melhor e com maior privacidade.

-Não! – insistia Cora, que parecia ir ganhando prazer ao ver que todos iam ganhando a sua atenção e que Amaia ia ficando ainda mais perturbada com aquela propaganda negativa de sua pessoa – Pode ser aqui mesmo. Não é, Amaia? – captou a irmã, focada nos olhares sérios de Montenegro – Diga-nos, querida, o que vocês têm feito *a sós* na fazenda? Quais os planos, a partir de agora? Não me diga! Já sei! Vocês irão...

Cora poderia parecer distante do que acontecia na fazenda, mas burra não era a ponto de perceber que Amaia havia visto em Singeon uma oportunidade de se casar e “se livrar dos problemas”. Ao subentender para onde aquela conversa ia, somente uma coisa passou pela cabeça de Amaia, antes que a caçula terminasse aquela frase:

-Oh, que tontura... – colocou a mão na testa – Não me sinto bem... – e balançou-se para o lado de Singeon a fim de que a pegasse caso caísse, o que o faria se ligar ainda mais a ela e ignorar o que Cora diria.

-Não seja falsa... – acusava, ainda mais brava ao ver o que pretendia fazer.

-Vou... – bateu as pestanas – desmaiar...

Amaia lançou-se nos braços de Singeon. Ele teve que ser rápido em pegá-la. Não parecia preparado, nem para o súbito “desmaio” e, muito menos, para o peso dela. Pegou-a de mal jeito e, por pouco, Amaia teriam ido ao chão.

Montenegro, num espasmo, também se precipitou sobre ela. E ficou, de mãos estendidas, até ter certeza que o outro conseguiria mantê-la.

Nos braços de Singeon, Amaia ficou, de olhos fechados, escutando as acusações de Cora de que estava encenando aquilo. Caetana – a fiel Caetana! – refutava, alegava que deveria ser o calor e as roupas de veludo que ocasionaram o desmaio. Cora não acreditava e fazia um pequeno escândalo, e teria aumentado o tom de voz se não fosse pelo Sr. Feitosa mandar-lhe calar a boca. Podia ouvir, ao longe, o cochicho das gêmeas – aquelas malditas fofoqueiras iriam espalhar aos quatro cantos a discussão e aumentar ainda mais a questão – e a respiração nervosa da Sra. Feitosa – meu Deus, a mulher ia ter um uma síncope! Mais próximos estavam Singeon e Montenegro. Os dois discutiam o que era melhor fazer com ela: levá-la para a sala, para casa, para onde? A Sra. Feitosa oferecia

seus saís de cheiro. Não! Não teria outra desculpa para dar quando despertasse e seria estranho desmaiar de novo.

Alguém teve a genial ideia de pegá-la no colo e levá-la para o quarto de Caetana, como o sugerido pela amiga. Deveria ser Singeon. Seu querido Singeon! Gostava de estar com ele. Tinha uma tranquilidade suportável e pouco entediante. Nossa, ele era forte! E parecia tão franzino. Deveriam ser as roupas que não tinham um corte apropriado. Bem diferente de Montenegro, este sim se preocupava com a aparência, que era impecável. Por que estava pensando nele? Queria aproveitar que estava junto ao peito de Singeon. Recostou a cabeça e podia escutar o seu coração batendo vagaroso, de quem não fazia esforço algum. Ele a havia levantado com uma facilidade incrível e nem o sentira bambejar – certa vez, havia sido levantada no colo por um rapaz, ele deu dois passos, tremendo todo, até que foram ao chão. Conteve o riso para não verem que havia disfarçado o desmaio. Focou na respiração de Singeon, no perfume gostoso que ele usava – nunca havia se dado conta, talvez porque nunca tenha estado tão perto dele assim – e no quanto lembrava o de Montenegro. Odiou-se novamente ao pensar no canalha. Teria de pensar em outra coisa... reparar em algo... no quê? Nas escadas. Poderia contar os degraus. 1... 2... 3... 4... 5... Ele subia rápido!... 6... 7... 8... Alcançaram o segundo patamar. Ele parou como se buscando qual porta. Gostaria de poder dizer que era a segunda à esquerda, mas isso também atrapalharia a sua atuação. Teve de se conter e aguentar ele abrir duas portas até chegar na que era a de Caetana. Havia um lado bom nisso – apesar de frustrante. Nas vezes que abriu as portas, mexia os braços para que o corpo dela rolasse mais para junto de si, apertando-a ainda mais. Aquilo era bem gostoso. Seria perfeito se a beijasse. Quicá romântico! Desde que haviam se beijado, há duas noites, ele nunca mais sequer se aproximara dela, passando os dias trancado no quarto. Viam-se só nas refeições e, normalmente, ele alegava falta de fome, correndo de volta para a sua caverna após algumas garfadas. Por um lado era bom, pois ela podia comer as sobras dele – numa voracidade que deixava Bá preocupada.

Ao entrarem no cômodo, uma escuridão amigável se fez. Hum, estava cada vez mais fácil terminar de seduzi-lo. Era o momento ideal. Talvez, para atraí-lo, seria necessário mais charme. Ao ser deitada na cama, Amaia gemeu. Acomodou-se como uma gata aninhada no travesseiro. Ele continuou de pé, ao seu lado, parado. Será que não iria fazer nada? Sentiu que ele se inclinava sobre ela. Sua respiração o denunciava. Amaia virou um pouco o rosto para que seus lábios estivessem para cima, à disposição. Quando os dele tocaram os seus, todo o seu corpo sofreu um choque. Elettrizada, Amaia ia permitindo que o beijo se aprofundasse ao ponto de ela querer abrir os olhos. Não conseguiu de tão

entregue que estava à suavidade do encontro de peles. Ele havia aprendido a mexer a língua – reparou ela – e sabia alguns “truques”, pequenas mordidinhas, que ela ainda não conhecia e que a faziam sentir todo o corpo esquentar. Os lábios dele foram para o seu lóbulo, onde brincaram, fazendo a pele dela se arrepiar. Seguiram para o pescoço desnudo, ficando por ali, até saciaram-se de lamber seus contornos. Amaia apertava forte a colcha da cama, achando que não suportaria mais aquela delícia sem que abrisse os olhos e o agarrasse. As mãos dele foram subindo pelas saias – por dentro das saias – feito uma cobra pronta a lhe picar no seu centro de prazer. Amaia revirou o rosto e soltou um gemido alto. As mãos pararam na altura da sua virilha. Podia sentir os dedos por cima das roupa íntima, acariciando a dobra da perna. Queria que ele continuasse. Não pare! Por Deus, por que ele havia parado? Estava delicioso! Queria gritar para que ele continuasse.

Ao vê-la arfando de desejo, ele se afastou. Amaia tentou fingir que continuava desmaiada, o que era um pouco demais após aquele beijo excitante. Teria mantido a “pose” se não fosse por ele pigarrear. Abriu um olho, só para ver se ele estava tão corado quanto ela – afinal, haviam “introduzido” uma nova “manobra” na relação.

Pelas sombras do quarto, parcialmente iluminado pela luz do luar que invadia pela janela, Amaia reconheceu as formas de Montenegro. Seu rosto, semicoberto pela escuridão, demonstrava divertimento.

Se não fosse tão absurdo, ela teria desmaiado uma segunda vez. O que ele estava fazendo ali? Era Singeon que deveria estar... Oh, Singeon! Onde ele estava? Pegou-os se beijando? Teria de explicar a ele! Procurou pelo médico pela semi-sombras e até ter certeza de não haver mais ninguém além dela e Montenegro.

Fazendo-se de ofendida, ela sentou-se na cama, num sobressalto:

-Você me beijou?!

-Perspicaz!

O sarcasmo dele só a deixava ainda mais injuriada – e com o coração ainda mais dinâmico. Teria de se concentrar em acusá-lo, antes que ele “reparasse” que ela estava adorando aquele “encontro às escuras”.

-Co-como ousa abusar de uma mulher indefesa?!

-Indefesa?

Meu Deus, ele é difícil de enganar...

-Desmaiada!

-Você não estava desmaiada. Mulheres desmaiadas não sorriem e nem coram.

Amaia não se daria por vencida, por mais que a fizesse corar ao mostrar que

sabia da sua pequena encenação e se divertia com aquilo.

-Seja como for, não deveria ter me beijado.

Montenegro inclinou-se sobre ela, aproximando seus rostos:

-Está bem. Eu reti...

-Não! – ela virou-lhe a face – Nada de tirar ou colocar beijos.

-Então você quer ficar com o meu beijo?!

Voltou-se para ele, irritada com aquele jogo de palavras. E estremeceu ao ver de perto o sorrisinho convencido dele – o que o deixava mais bonito. Era preciso focar em outra coisa. Olhou para uma parede pra ser capaz de sustentar a mentira:

-Não quero ficar com o seu beijo.

-Então, eu vou tirá-lo...

-Não! – tampou a boca com a mão, causando uma risada descontraída nele.

-Hah. Você está com medo?!

-Medo? De quê? – falava com a mão ainda na boca, prejudicando a dicção.

-De se apaixonar por mim.

Tirou a mão da boca para que fosse bem clara:

-Que conste que fui EU quem disse isso primeiro.

Ele sentou-se na beira da cama, fazendo-a se retrair em si, como guardando a sua virgindade de um lobo feroz que pretendia atacá-la a qualquer instante. Apesar da penumbra, podia sentir os olhos frios sobre a sua pele, queimando-a de dentro para fora. E quanto mais próximo de si, mais ela tinha medo que cedesse a ele. A cada dia, ficava mais difícil não querer estar com ele, sob ele, com ele dentro de si.

Montenegro parecia ler os seus pensamentos. Vinha vagaroso, rosto no rosto, estudando-a de perto:

-Sim, estou. Já lhe revelei isso.

Ela tentou se afastar, sem grande sucesso. Estavam os dois sentados na cama e não teria muito para onde fugir com ele a encurralando contra os travesseiros. E ele vinha se inclinando sobre ela e ela ia pendendo para o outro lado.

-Revelou o quê? – caso se afastasse mais um milímetro, perderia o equilíbrio e cairia sobre os travesseiros.

-Que eu estou apaixonado por você. – o rosto dele roçou no dela e o seu hálito de vinho do Porto a acalentou – Agora que me declarei, vai fazer o quê?

Amaia revirou os olhos, agarrando-se numa almofada:

-O que uma moça como eu poderia fazer? – suspirou – Na-nada...

As mãos dele subiam pela saia do seu vestido imaginando-a nua pelo tato e sem qualquer impedimento. Suas palavras eram tão doces que seria complicado

reconhecer a ironia em seu tom de voz marcante. Era ainda mais sedutora a maneira com que falava, a preenchendo com uma quentura que a fez esquecer de que não gostava dele. As mãos dele pararam, mas a boca continuava sobrevoando a curva do seu rosto. Ela respirou fundo, apertando a almofada.

-Há muitas coisas que um casal apaixonado pode fazer num quarto às escuras.

-Sim... – Amaia balançou a cabeça e mordeu o lábios – Muitas. – e o atingiu com a almofada, afastando-o de si – Mas não faremos nenhuma delas.

A voz dele se mantinha sensual, com a adição de um sarcasmo quase erótico:

-Nenhuma?

-Nenhuma.

-Absolutamente? – mirava-a com descrédito.

-Exato!

-Está bem.

Ele se levantou da cama e ajeitou as roupas em desalinho.

Amaia se retesou ao reparar que ia na direção da porta do quarto. O que estava acontecendo? Ele ia embora? Não iriam discutir um pouco mais?

-Aonde você está indo?

-Se dois apaixonados não podem ficar no mesmo quarto, o que estou fazendo aqui?

Por estar mais distante da janela, ela não podia enxergar o seu rosto e se estava “brincando”. Que canalha! Depois do que havia acabado de acontecer entre eles, ia sair como se não fosse nada? Um canalha mesmo! E só havia um jeito de lidar com uma canalhice daquelas: com desdém.

-Melhor ir mesmo. Singeon pode subir a qualquer momento para ver como estou e seria indecente tê-lo aqui.

Ela não havia notado a encenação dele, ofendida com aquela saída repentina após um beijo tão intenso – por mais que tivesse certeza de que não significasse nada para ela. Contudo, bem viu que ele mudara para algo totalmente desprovido de sentimentos:

-Singeon?! – a voz dele era agressiva – Ainda está com essa ideia estapafúrdia de conquistá-lo?!

-E por que eu não estaria? – bateu os ombros – Por acaso você irá se casar comigo?

O silêncio dele a perturbou. O que será que estava planejando? Teria ido longe demais com a sua ironia? Não respiraria até ele lhe responder, sobre um sopro:

-Sabe que não. Já deixei bem claro como sou e o que pretendo contigo.

Não falava irritado, ao contrário, estava frio – o que era pior ainda, ao ver dela.

Amaia sentiu-se obrigada a retrucar no mesmo tom:

-Um canalha.

Montenegro retornou à cama, sentando mais distante dela, desta vez:

-Está ficando repetitiva. E se usássemos sinônimos? Talvez, biltre, birbante?

Da mesma maneira que ele havia amenizado o tom, ela também mudou o seu:

-Canalha faz mais o seu estilo. Combina com você.

-Você acha? Pois, quem diria.... – fez-se como se analisando o “apelido” – Então, terei de me acostumar com você me chamando de canalha. E você? Do que chamarei você?

Se era determinação, teimosia ou burrice, Montenegro não soube classificar, mas Amaia fez questão de lhe responder, repleta de empáfia:

-Sra. Stewart.

-Você é realmente teimosa! – essa frase saíra no impulso e ele já atravessava o quarto, irritado a cada passo.

-E você é muito indelicado. Retire o que disse! – atirou a almofada contra ele.

Para a sorte de Amaia – teve certeza disso quando ele se voltou para ela –, não o havia atingido.

-Retirar? Só se puder pegar o meu beijo de volta.

-Você me beija sem permissão, me chama de teimosa, e ainda quer que eu o beije de volta?

-Seria o mínimo que poderia fazer por mim, uma vez que em breve será a Sra-sei-lá-quem.

-Stewart. Combina comigo.

-Acho que não. Parece que estão espirrando, para ser sincero.

-Falando nos termos da sinceridade, você tem inveja do Singeon.

-O nome parece “pigeon”, a saber, pomba em inglês. E por que eu teria inveja do doutorzinho? – apoiou as mãos nos bolsos do colete.

Foi a vez de Amaia rir:

-Por que ele vai se casar comigo!

-Ah, sim, esqueci! E também esqueci que estamos um apaixonado pelo outro! Oh, espere! Lembrei-me de uma coisa!

-Do quê?

Num pulo, Montenegro estava com Amaia em seus braços e os seus lábios se encostando. Havia sido rápido o suficiente para que Amaia não conseguisse

prever o movimento e se desviar dele.

Ao terminar o beijo rápido, Montenegro se afastou, ajeitando as roupas:

-De que eu tinha que pegar meu beijo de volta!

Amaia vociferava, atirando todas as almofadas e travesseiros da cama nele:

-Canalha! Biltre! Birbante! Cafajeste!

-Cafajeste é um bom título. – falava ele enquanto desviava do rompante.

-Cafajeste! Todos os odiosos sinônimos de canalha! Você merece, cada um deles! – quanto se viu desarmada, bufou e reclamou – E por que você me trouxe? Era para ter sido o Singeon!

-Eu lhe fiz um favor que foi retirá-la o quanto antes dali. Sua irmã estava prestes a voar em seu pescoço e logo todos saberiam que você tinha armado contra ela para tentar seduzir o seu namorado. E Singeon, bem, o seu “querido doutor”, estava parado que nem uma estátua, incapaz de tomar qualquer decisão, provavelmente pensando o que deveria fazer primeiro: levantá-la, averiguar seus sinais vitais, ou ir tomar um copo de vinho.

Bateram à porta. Amaia empalideceu, paralisada. Deveria ser Singeon que viera ver se ela passava bem. O que ele diria se a visse num quarto escuro com um homem e com a cama praticamente desfeita?

Num murmúrio, ordenou, apontando a porta:

-Saia!

Montenegro estranhou a sua reação:

-Sair?

Nervosa com uma segunda batida, Amaia tentou explicar:

-Esconda-se!

-Esconder-me?!

-Faça algo! Mas não esteja à vista!

Não viu para onde ele foi. Apenas sumira na escuridão do quarto.

Ela deitou-se na cama como uma princesa das histórias da carochinha, pondo a mão sobre o corpo, e aguardou que entrassem. Ao escutar o roçar de saias e a pessoa ir em direção à cômoda, sob a qual havia uma lamparina, Amaia deduziu que não deveria ser Singeon.

Assim que a luz se fez, reconheceu a amiga:

-Ah, é Caetana! – a amiga estranhou aquele “aviso” para mais alguém no quarto – Por que esta cara? Achou mesmo que eu tinha desmaiado?

-Claro que não. Quando você desmaia, cai que nem uma jaca e, dessa vez, até pose você fez, tomando cuidado para ser pega antes de ir ao chão. – ao ver Montenegro sair por detrás de um biombo, com um fio de sorriso, Caetana ficou intimidada – Oh, você está aí?! O que estão fazendo no escuro? Por que não acenderam a lamparina?

E corou ao deparar-se com as almofadas no chão e, sobre a cama desfeita, uma Amaia amarrotada, descabelada e com as saias levantadas. A amiga tentou explicar aquela situação que, à luz da questão, parecia bem mais complexa do que realmente era:

-Achei que era o Singeon e não ELE!

Com a luz, Amaia atestou os cabelos despenteados de Montenegro – havia sido ela quem havia feito isso, o que lhe trazia um ar mais despojado que não era desagradável em nada de se admirar –, a gravata torta e outras coisas fora do lugar, que, ao perceber, a fizeram corar mais do que *rouge* em excesso.

-Sinto por decepcioná-la.

O sorriso dele a fez se reter, contudo, foi o que Caetana disse a seguir que a fez corar – de desespero:

-E eu sinto por desapontá-la, mas Singeon se foi.

-Se foi? Como assim, ele se foi? – ela pulou da cama – Para onde? Por quê?

-Assim que você desmaiou, Cora chamou-o e disse-lhe algo no ouvido e ambos partiram juntos.

Caetana contava aquilo condoída, não tanto por Amaia, mas por Montenegro, que havia sido totalmente esquecido. A expressão serena, quase brincalhona dele, foi se enrijecendo a ponto de chegar à ofensa ao ver o quão perturbada ela havia ficado com a notícia. Talvez ela realmente amasse o médico.

-Que maçada! – reclamava Amaia, sem o notar, com a mão no queixo e andando de um lado ao outro, como se analisando a situação.

Todo o corpo de Montenegro sofrera um baque, obrigando-o a tomar uma pose de homem sério. Com os olhos fixos em Amaia, perguntou a ela, sem qualquer meio-termo:

-E você? Está apaixonada por ele?

Amaia ficou muda, surpresa com aquela pergunta tão direta e íntima. Contraíu-se e desviou os olhos. Era capaz de se atirar nos braços dele e dizer que estava apaixonada por ele, mas isso era pôr a perder a fazenda e os escravos. O jeito seria apenas bater os ombros e dar um sorriso sem-graça.

Diante da reação dela, interpretada como uma recusa, Montenegro entendeu que não poderia mais permanecer ali. Ela não o queria naquele quarto – quiçá, nem em sua vida. Saiu sem dizer mais o que fosse, sem se despedir, sem nada, a não ser levando consigo uma cara dura.

O coração de Amaia se apertou ao escutar a porta se fechando.

-Ainda bem que foi. – debochou na tentativa de camuflar a vontade de estar mais vezes com ele – Não gosto de cara feia.

Já Caetana não permitiria que a amiga ignorasse aquele mal-estar. Amaia

tinha de aprender a respeitar os outros e a si mesma:

-Você tem péssima mania de contar a verdade para quem não deve e de mentir também para quem não deve.

Amaia contraiu o semblante:

-Oh, agora sou a culpada de tudo?! Ele estava me irritando. Odeio a sua presença. Queria logo me desfazer dele.

-Eu disse, você mente para quem não deve...

Caetana poderia estar certa – ela sempre estava! Não era momento de se martirizar pelo que havia feito ou deixado de fazer. Montenegro só queria diversão e, fato era que, se não precisasse se casar, já terá cedido a ele. Envergonhou-se dos próprios pensamentos, mas de que adiantava mentir a si própria? Enfim, tinha de ir atrás de Singeon e Cora. Não sem antes saber em detalhes o que havia acontecido e como iria explicar para Singeon que havia mentido para ele sobre o paradeiro de Cora.

-Diga-me, Caetana, como foi que Cora descobriu a verdade? Quem contou a ela que Singeon estava hospedado na fazenda? Era para ela saber só depois que ele tivesse me pedido em casamento!

-Severo. Ele encontrou um dos seus escravos e o questionou o que fazia fora da fazenda. Ele disse que você havia mandado vir buscar algumas frutas do nosso pomar e que Singeon estava hospedado lá. Aí, Severo veio até aqui e contou para Cora. Tinha de ver o estado que ela ficou... – Caetana sentou-se na beira da cama e puxou a mão de Amaia – Conselho de amiga: não persista neste erro. Esqueça Cora, esqueça Singeon. Vá atrás da sua própria felicidade!

-E esquecer da fazenda que meus antepassados cuidaram com tanto zelo? Esquecer dos escravizados que precisam de mim? – tirou a mão dentre as dela – Por que as pessoas não entendem que não faço isso por mim?

-Eu entendo que você quer salvar a fazenda e os escravos, só não compreendo por que é que tem de ser justamente com o rapaz por quem a sua irmã é apaixonada?!

-Não há outro num raio de duzentos quilômetros que me queira. E Cora não é apaixonada por ele, é desesperada. Ele também não a ama. Sei bem.

-E, por acaso, ele ama você? – o silêncio de Amaia foi mais prolífico que milhares de palavras – Se amasse, não acha que teria sido ele quem fizera questão de subir com você nos braços e livrá-la daquela situação humilhante?

Desviando os olhos, Amaia deu os ombros, fingindo desinteresse:

-Montenegro não deu tempo para ele pensar.

-O Sr. Montenegro nem deixou Singeon se aproximar de você, Amaia. – Amaia não conseguiu esconder o seu espanto – Ele a tomou nos braços e foi correndo escada acima. Desculpe-me, mas se não foi a atitude de um homem

apaixonado, nada mais sei sobre o amor.

Relutante, Amaia transformou o espanto em fúria:

-Se soubesse a proposta que ele me fez, questionaria essa sua visão romântica do Sr .Montenegro. É tão canalha que vive me beijando sem a minha permissão.

-E você faz o quê?

-O que eu poderia fazer? Eu fico brava.

Caetana ergueu as sobrancelhas no descrédito:

-Somente isso?

-Queria que eu fizesse o quê? Estapeasse o homem?

-Você já bateu em outros por bem menos.

Com as mãos na cintura, Amaia se empombou com o rumo daquela conversa. Caetana era sincera demais, o que poderia ser irritante.

-Ele não quer se casar comigo, Caetana. Só se divertir em troca das dívidas. O que acha do honrado Sr.Montenegro, agora?

Caetana suspirou:

-E você sabe o motivo disso? De ele não querer se casar?

O rosto de Amaia empalideceu. Era possível escrever um ponto de interrogação nele, bem visível.

-Bem... Deve ser por que não está verdadeiramente apaixonado por mim?! Se estivesse, se casaria comigo e me ajudaria.

-Amaia, a vida é mais complicada do que querer. Trata-se de poder. E você deveria saber isso melhor do que ninguém. Sabe no que eu começo a acreditar: que você é loucamente apaixonada por ele e tem medo de se entregar a este amor e acabar esquecendo da fazenda e dos escravos.

Amaia balançava a cabeça na negativa, não aceitando aquela possibilidade.

Caetana concluiu que era inútil, a amiga não conseguia – ou não queria – enxergar um palmo à frente do seu nariz arrebitado. Seria melhor deixá-la dar a cara contra a porta de uma vez por todas. Somente assim, ela aprenderia.

Capítulo 30

Por quê? Por que, sempre que Montenegro estava perto de Amaia, ele se destituía de qualquer razão e lógica e se deixava fluir na direção dos lábios dela? Por que todo o seu corpo pulsava quando a via? Esquecera até mesmo de terminar a negociação com o Sr. Feitosa quando ela surgira nos braços de Singeon. Estava tão irritado quanto preocupado com o que Cora faria, que esqueceu de perguntar ao fazendeiro quando iriam “receber a carga” e onde. O Sr. Feitosa explicara que precisava ganhar confiança em Montenegro – seus golpes de verdade deixavam as pessoas um pouco constrangidas – e, por isso, só passaria as coordenadas se Montenegro se provasse “de intenções honradas” com uma das gêmeas. Ainda que tudo estivesse indo como o planejado, Montenegro só pensava nos lábios doces de Amaia, a sua pele sob a luz do luar, o cheiro de flor dos seus cabelos.

Atirou-se numa poltrona e colocou a mão na testa. Friccionou as têmporas e a imagem de Amaia se fazia maior, mais constante. Bastava fechar os olhos e a via pedindo para ser amada.

Apenas uma vez antes isso acontecera. Ele tinha 17 anos e o nome dela era Guiomar. Havia pego toda a sua mesada e comprado um anel de vidro negro. No dia do aniversário dela, batera na casa da moça e a pedira em casamento na frente da família e amigos. Guiomar, que tinha a mesma idade, rira dele e não lhe dera uma resposta. Nunca mais vira Guiomar, mas soubera que ela se casara pouco tempo depois com um senhor de engenho e fora morar no Ceará. Com a maturidade, Montenegro entendera a recusa de Guiomar e a achara mais sensata do que ele mesmo. Casar-se com um juvenzinho repleto de sonhos e sem nada a oferecer era acabar com a vida.

Guiomar não era uma má lembrança, muito menos um trauma. Era um aprendizado: o de que Montenegro preferia ficar sozinho. A liberdade que viera ao escutar aquele “não” era incomparável. Conhecera todos os bordéis da Corte, dormira em mais camas do que seria respeitável, e nunca mais sentira a prisão de uma paixão. Sim, era isso que considerava estar apaixonado e se casar: uma prisão. Havia visto o quanto a sua mãe sofrera por causa de seu pai, o quanto o casamento a ia arrastando para a doença que lhe tirou a vida. O mesmo ele podia enxergar em outros casamentos, em outras histórias, todas elas com finais infelizes. É claro que não pretendia fazer Amaia sofrer, ao contrário, queria dar-lhe toda a alegria do mundo. Porém, ele temia que, com os anos, se transformasse em Genemário. Bastava-lhe o temperamento violento herdado do pai – que o Marquês, seu grande amigo, lhe ensinara a controlar –, que

reaparecia quando algo acontecia com Amaia. Havia também o temor de que os anos de convivência e os problemas tolhessem o amor entre eles e acabassem inimigos. Não poderia suportar Amaia odiando-o – de verdade.

Maldição! Por mais que tentasse se convencer de que era uma tolice e de que queria apenas levá-la para a cama e não para o altar, de nada adiantava. Estava previsto o seu destino: acorrentar-se à Amaia.

-Você vai se casar?

Tanto a voz quanto a expressão de Canto e Melo eram uma mistura de espanto com correria – se não conhecesse o amigo, diria que viera correndo da Guaíba até a Caridade. Não estranhava os cabelos caindo nos olhos azuis e nem as roupas descompostas – já o havia visto em pior estado após uma das noitadas no clube. Era incomum o seu afobamento.

Montenegro abaixou a mão da testa e ergueu uma sobrancelha:

-Me casar?

Ele **amava** Amaia – sim, fora este o verbete que sua mente usara – contudo, ainda não havia determinado como solucionaria a questão.

-O Sr. Feitosa me disse! Disse que em breve seremos todos uma mesma família e que faremos um casamento duplo!

-Ah. – recostou-se na poltrona, desinteressado.

Por um segundo, achou que Amaia havia contado para Caetana e a família que ele havia sido impróprio com ela e o obrigariam a se casar. Ela deveria estar desesperada com a partida de Singeon – soube através das gêmeas, claro. Havia se trancado na fazenda e ninguém a via há dias, nem a própria irmã. O que será que ela estava arquitetando desta vez?

-Montenegro! Responda! Vai casar com uma das gêmeas? Todos na Guaíba estão acreditando que pedirá uma delas em breve, só não sabemos qual. E, agora, as duas nem se falam mais! Evitam uma a outra, brigam por tudo, está o caos. Caetana e a Sra. Feitosa estão enlouquecidas. Exigem quartos separados e Belizária pediu que Caetana trocasse com ela todas as roupas que ela tinha iguais às de Rosária.

-Eu só visitei a fazenda um par de vezes e fui atencioso com ambas. – ele ainda não identificava quem era Rosária e Belizária, obrigando-se a reparar no detalhe das roupas e atirar perguntinhas bobas, só para identificar com quem havia conversado o quê.

-Exatamente! Mas o meu futuro sogro deixou claro, mais de uma vez, que essas visitas tinham um intuito maior: escolher uma esposa. E as duas brigam, cada uma achando que será a sua escolhida. Você precisa parar com isso.

-Não posso. Não enquanto não souber a localização do porto ilegal.

-Acha que ele contará isso antes de se casar? Então não o conhece tão

bem...

-É você que parece não me conhecer bem. – seus olhos estavam frios e a voz, cortante – Eu me caso e não consumo o casamento. Assim que ele me contar, anulo.

-Você é tão teimoso quanto Amaia! Só pensam nos próprios objetivos e não avaliam se estão fazendo os outros ao redor sofrerem. Vocês se merecem.

Amaia e suas “ideias abolicionistas”. Como Montenegro não havia reparado antes que ela era contra a escravidão?! Era incomum para a filha de um escravocrata e, ainda por cima, rodeada por outros donos de escravos. Aquilo a deixava ainda mais interessante, ainda mais inesquecível, ainda mais apaixonante. Por que diabos Canto e Melo teve de lembrar dela justamente quando havia conseguido esquecê-la por alguns instantes?

-Montenegro... – Canto e Melo respirou fundo – Você sempre foi um exemplo para mim e para todos os “devassos”. Todos nós respeitamos você. Mas fazer o que está fazendo é demais. Por maior que seja a causa, nunca devemos brincar com os outros. O Marquês sempre nos avisou disso.

-Não se trata de brincadeira, se trata de evitar o tráfico ilegal de pessoas.

-Você fala como ela... – balançava a cabeça na negativa.

-Começo a acreditar que talvez, pela primeira vez em minha vida, eu tenha errado ao avaliar o caráter de uma pessoa.

-Vou falar com Caetana. – diante da cara de questionamento de Montenegro, teve de se explicar – Vou ser direto com ela e perguntar o que ela sabe dos negócios do pai.

-Acha que ela lhe confidenciará alguma coisa? É de confiança?

Canto e Melo murchou diante da pergunta desencorajadora do amigo.

-Acredito que Caetana seja contra a escravidão... Talvez não deixe isso às claras, por causa do pai... E sei que ela me ama. Vai me ajudar.

-Como sabe? Vocês nem... – Canto e Melo abriu um sorrisinho travesso e desviou os olhos – Ah! Então vocês já...?!

-Um beijo, apenas. Na mão. Desnuda.

-Incorrigível. – Montenegro ria-se.

Indo para perto de uma janela, com as mãos no bolso do colete, Montenegro contou o que havia descoberto para que o outro conseguisse mais detalhes com Caetana:

-É possível que seja perto de Macaé e que ele receba “as visitas” na sua fazenda. Avisei ao Marquês e, conhecendo ele, acho que já deve ter infiltrado alguém por lá. Precisamos somente das coordenadas exatas, o que acho difícil de D.Caetana saber.

-Se já sabemos que é em Macaé e já temos gente lá para averiguar, por que

precisa continuar com o plano de “seduzir” o Sr. Feitosa?

Montenegro não sabia dizer. Talvez ele estivesse seduzido não pelo fazendeiro, mas pela beldade que era a afilhada dele. Ficar perto de Feitosa era acercar-se de Amaia e do que ela andava fazendo para conseguir um marido.

-Preciso descobrir o assassino dos pais de Amaia e evitar que ela seja a próxima vítima.

-Acha que foi Feitosa?

-Pode ter sido qualquer um.

Batidas à porta.

Montenegro e Canto e Melo tocaram as armas que carregavam na cintura. Ao verem que era a professora Lídia, ambos se desfizeram da tensão e a cumprimentaram com acenos de cabeça e sorrisos.

-Com licença. – ao ver Canto e Melo, se retraiu – Interrompo alguma coisa?

-Não, pode entrar. – Montenegro apontou-lhe uma cadeira – Em que posso ajudar?

Desta vez, ela aceitou. Normalmente era tão rápido o que ela precisava lhe falar que sempre recusava. Deveria ser alguma coisa importante.

Apoiado na beira da escrivaninha, Montenegro se mostrou pronto a ouvi-la.

Lídia, que não era uma mulher de se desprezar, abaixou o rosto. Nunca havia ficado tão próxima dele daquela maneira, o que a deixava intimidada. Ele era de uma beleza poderosa, difícil de se menosprezar, principalmente quando tão à vontade.

Canto e Melo fez um sinal, por cima do ombro dela, para o amigo. Apontava a si e a porta. Montenegro mexeu a cabeça na negativa, fazendo-o ficar onde estava e escutar.

-Precisamos comprar mais algumas cartilhas de alfabetização. – explicava ela – Muitos pais têm vindo me procurar pedindo para serem alfabetizados e achei que o senhor não se importaria.

-De forma alguma. – devolveu-lhe um sorriso cordato – Fico contente que tenha tomado essa iniciativa.

Lídia abaixou ainda mais a cabeça para esconder a timidez diante do olhar fixo dele.

-O senhor é um exemplo para nós. – sussurrava.

-Obrigado.

Indo para a porta, Montenegro a abriu para ela. Lídia entendeu a deixa. Antes de partir, mirou-o:

-Quando virá nos visitar novamente? As crianças estão ansiosas pelas suas colocações em História.

Algo o havia deixado desconfortável. Havia encontrado desejo, assim como

um sorriso fácil, convidativo, de quem gostaria de alongar a conversa.

-Em breve... – respondeu, solícito, fechando a porta logo que ela saiu. Ao voltar-se para o gabinete, deparou-se com Canto e Melo mordendo o riso – Não adianta me olhar com essa cara. Eu não estou seduzindo a professora.

-Você pode até não estar seduzindo a professorinha, mas ela está tentando seduzir você.

Se fosse um outro Montenegro, antes de Amaia, era provável que a esta altura, já estivesse com a professora em sua cama, recitando o alfabeto de trás para frente e em várias línguas diferentes, e também a tabuada, que ia se multiplicando em posições. Contudo, ele mesmo se assombrava do quanto havia mudado, ou melhor, do quanto Amaia o havia feito mudar. Isso ele não calculara.

*

De alguma forma – talvez miraculosa –, Montenegro decidira escutar um dos conselhos de Canto e Melo e evitar aparecer por alguns dias na escola. O excesso de visitas que, nas últimas semanas, chegavam a ser diárias, estavam levando a professora a conclusões que não deveria ter. De tanto que gostava de estar com as crianças, ele nunca havia pensado nisso como uma ”imprudência”. Sentia ele mesmo parte daquela infância que lhe havia sido roubada.

Havia uma inocência, um ar de descoberta e novidade nas crianças que ele adorava enxergar. Quando podia, brincava de esconde-esconde com Lavínia e Felipa e, em mais de uma vez, esbarrara no Sr. Feitosa durante a cabra-cega. Além de se divertir, era uma ótima desculpa para procurar a chave mestra da senzala pelos cantos da casa, tateando por ela e espiando através da venda.

Durante uma das suas visitas à Guaíba, descobriu que as gêmeas estavam ambas indispostas e não poderiam recebê-lo. Canto e Melo fofocara que elas haviam rolado no chão por causa de um sapato e tinham hematomas por todo o corpo. Aproveitou para brincar com as “suas Feitosas prediletas”: Lavínia e Felipa.

As duas meninas, que não podiam vê-lo sem pular em seu colo e abraçá-lo, comemoraram quando ele propôs uma cabra-cega misturada a esconde-esconde pelo andar térreo da casa. Seria uma ótima maneira de achar algum indício das rotas de Macaé.

Felipa, a menor, colocou as mãos na cintura e exigiu:

-Brinco se você me prometer uma coisa.

-E o que seria?

Montenegro tentava não rir. Parecia uma pequena Amaia, destemida e com um olhar atrevido. Se tivesse os cabelos escuros, poderia até dizer que eram parentes.

-Você me ajudará a acabar com os escravos.

Caetana e Canto e Melo, que estavam presentes, engoliram as risadas ao verem a menina lhes passar um olhar repreensivo.

-Acabar com os escravos? – Montenegro não havia entendido o pedido.

-É. Não permitir que aconteça mais. Papai disse que você é esperto. Se você tem esperteza, vai me ajudar nisso. Não quero ver a Donana e a Melina chorando porque o papai tirou os filhos delas e deu para outro. Eu ia odiar ficar longe da mamãe e das minhas irmãs. Precisamos acabar com a escravidão.

Tanto Caetana quanto o noivo e Montenegro se silenciaram. Havia mais dignidade naquela menina do que nos três juntos. Não era de se rir. Era de se aplaudir.

Para Montenegro, uma outra colocação havia lhe chamado a atenção. A declaração de que ouvira de seu pai que Montenegro era esperto, ou seja, Feitosa poderia estar desconfiando de algo e era preciso cuidado redobrado.

Foi a vez de Lavínia fazer as suas exigências. A pequena era daquelas crianças que faziam todos pararem para apreciá-la. Lembrava a uma boneca de porcelana de tão adorável que era – indício de que seria uma belíssima mulher. Sorte de Inácio Junqueira, que estava prometido a ela.

-Quero poder ter o direito de escolher com quem vou me casar. – comunicou ela, feito uma pequena rainha no comando dos seus conselheiros.

-E como acha que ele poderá ajudar nisso? – questionou Caetana, curiosa com aquele pedido.

A menina deu os ombros e aguardou uma resposta de Montenegro.

-Vocês não poderiam pedir nada mais fácil? Um doce? Uma boneca? Bem, – ele se abaixou na direção das duas, pondo as mãos em seus ombros e lhes confidenciando – Posso prometer que farei o possível para que a escravidão acabe e que você se case com alguém muito bom e digno.

Lavínia estendeu-lhe a mão:

-Aceitamos o doce, por ora.

Tirando doces dos bolsos, Montenegro entregou para cada uma das meninas, sob os avisos de Caetana de que só poderiam comer depois do jantar, senão a mãe ralharia com elas.

-Essa vai ser mercenária. – comentou Canto e Melo para a noiva.

-Tenho medo do que ambas poderão se tornar... – adendou Caetana, com o olhar sobre as crianças, que se riam das imitações de animais de Montenegro.

Batendo palmas, ele chamou a atenção das meninas. Retirou do bolso uma venda negra e pediu que Canto e Melo decidisse quem seria o primeiro a ser a cabra-cega.

-Você, claro! Quero vê-lo tropeçando nas coisas e dando de cara nas portas.

Os dois trocaram olhares e sorrisos. Havia combinado a escolha para que

Montenegro tivesse mais oportunidade de procurar pelos papéis – quiçá a chave, apesar de esta ter deixado de ser tão importante, por enquanto. A venda, apesar de negra, era de um tecido muito fino que, quando muito próximo dos olhos, permitia enxergar as coisas.

Gentilmente, Montenegro pediu que Caetana amarrasse em seu rosto e fingiu não ver as meninas que, na sua frente, pulavam fazendo caretas e mostrando a língua. Segurando na mão de Caetana, ela guiou-o até uma parede próxima à porta, de onde faria a sua contagem.

Ao atingir o 100, Montenegro deu de cara na porta, de propósito. Tinha que aparentar não ver nada. Desviou da porta e foi para o corredor. Dali em diante, era colocar as mãos na frente do corpo, fingir que tateava os móveis, trombar em uma ou outra pessoa, chamar as meninas e ir diretamente para os lugares mais suspeitos.

Ao cruzar a porta de uma saleta, escutou uma risadinha infantil. Pelo canto dos olhos, avistou Lavínia agachada atrás de uma mesinha. Não parou e seguiu para o escritório do Sr. Feitosa. Sabia que ele havia saído, ou seja, teria algum tempo para procurar alguma pista. Se o pegassem, alegaria que estava buscando uma das meninas.

Ia empurrar a porta quando escutou dois homens. Canto e Melo havia dito que o Sr. Feitosa estava em reunião, antes de sair, só não imaginava que os homens ainda estariam lá.

Enfiou-se no cômodo adjacente.

Montenegro sempre se considerou sortudo, tanto no jogo quanto no amor. O cômodo era daqueles que possuía uma porta de ligação com o escritório. Recostou-se o máximo que pôde na porta para poder ouvir os dois. O som era bem melhor do que poderia esperar. Tanta sorte deveria depois ser descontada em alguma coisa... Temia no que seria.

-Posso dizer que estou tranquilo e aliviado em saber que deu um jeito no traidor. – dizia um.

-Tive. Ele estava repassando diversas informações nossas para os abolicionistas em troca que lhe quitassem a dívida. Imbecil! – retrucou o outro – Carvalho achou que nunca descobriríamos e que não iríamos nos vingar dele? Não é dele que tenho pena, é da filha dele e do que a aguarda... – Montenegro fechou os punhos, a raiva endurecia todo o seu corpo. Teria irrompido se não tivesse escutado o nome de Feitosa no meio da conversa – Temos de fazer tudo pelas costas de Feitosa. Se ele descobrir, acaba conosco. Sabe que ele tem olhos para cima de Amaia. Se ainda não conseguiu um marido, foi porque ele recusou todas propostas que ela veio a receber após a morte dos pais. Ele a quer para si, desesperada, sem saída, para que não consiga recusar a sua proposta de ser

amante dele.

Fora surpreendido. Nunca poderia imaginar que era Feitosa quem afastava os pretendentes de Amaia. Talvez, por isso, tivesse exigido que se casasse com uma das gêmeas. Ele deveria ter notado que havia alguma ligação entre Amaia e Montenegro. Para tirá-lo do caminho, permitiu que soubesse alguns dos seus segredos.

Feitosa era capaz de tudo e Amaia estava à mercê dele.

-Meu capataz viu alguns escravos dele na Boa Esperança. – comentou o outro – Disse que estavam quebrando alguns pés de café e espalhando umas ervas. Acho que ele está prejudicando a colheita dela. Tenho pena.

-Não tenho pena de abolicionista. – falava o que teria matado alguém – Quero que morram. E se puder pôr a mão em um, pode ter certeza que eu mato, mesmo desarmado.

-É, Mesquita, melhor eles tomarem cuidado com você...

Era Luiz Mesquita! O assassino do pai de Amaia!

Montenegro tirou a venda. Todo o seu corpo vibrava de ódio. *Maldito!* Havia trazido sofrimento a ela! Transformado a sua vida no caos!

De punhos cerrados, Montenegro irrompeu no escritório.

Estava vazio. Havia acabado de sair.

Correu pelo corredor até atingir o vestíbulo. Eles haviam ido embora.

Atrás de si vieram pequenas mãozinhas, puxando a sua casaca.

-BUUUUU!!!! PEGUEI VOCÊ!!!!

Ria-se Felipa, faceira. Uma covinha em cada bochecha, fazendo-a mais terna.

Para completar a trupe, Lavínia cruzou o vestíbulo. Estava bem brava com a irmãzinha:

-Era ele que tinha que pegar a gente! Você estragou o jogo!

Não foi preciso mais de dois segundos para as duas iniciarem uma briga de acusações e, antes que piorasse, Caetana e Canto e Melo foram até elas.

Bastou olhar para Montenegro e Canto e Melo entendeu que tinha algo errado – MUITO errado. Era daqueles olhares perdidos, preocupados, que só apareciam em situações realmente perturbadoras. Montenegro era uma pessoa muito segura de si, encontrá-lo acuado significava um desastre.

Entregando a ele a venda, Montenegro pediu licença. Tinha pressa em partir.

-Você não ia ficar para o jantar? – estranhou Caetana, colocando-se entre as irmãs mais novas para que parassem de brigar.

-Lembrei-me que tenho uma coisa para resolver... Se me dão licença.

-Agora sou eu! – Felipa puxou a venda da mão de Canto e Melo e a pôs em

frente aos olhos. Analisou o ambiente – Mas esta venda está quebrada!

Canto e Melo tomou a venda da mão da menina e enfiou-a dentro do bolso da casaca.

-Não está não.

Capítulo 31

Pendia sobre a sua cabeça o que poderia acontecer com Amaia. Havia um tom de ameaça que deixava Montenegro preocupado, muito mais do que normalmente estaria por qualquer outra pessoa. Tentava conter a ansiedade em protegê-la. Não poderia perder o controle das suas emoções e estragar tudo o que ele estava planejando. O Sr. Feitosa havia notado que havia uma fagulha entre eles, era preciso assegurar que Montenegro era de confiança e inofensivo.

Durante toda a cavalgada de volta para casa sistematizou e procurou enxergar a melhor maneira de resolver a questão e proteger Amaia. O que será que aconteceria se ela se casasse com outro homem? O que Feitosa seria capaz de fazer? Pelo que todos falavam, ele era implacável quando queria algo.

Saltou do cavalo quando anoitecia na Caridade.

Luizão veio pegar o animal e levá-lo para a cavalaria, não sem antes avisar que havia visita. Montenegro não esperava ninguém. Seria o Sr. Feitosa a lhe cobrar algo? Perguntou a Luizão quem era, mas o forro apenas balançou a cabeça na negativa, de quem não sabia.

Pegou o revólver e o manteve ao lado do corpo. Teria de estar preparado para uma eventual emboscada.

Subiu os poucos degraus da casa grande e entrou no vestíbulo, ressabiado de onde surgiria “o golpe”.

Passos rangiam o assoalho. Vinham de dentro do seu escritório. A porta estava entreaberta, o que o impedia de identificar a pessoa. Com a pistola, Montenegro abriu a porta devagar, atento ao que se revelaria.

Abaixou a arma ao ver que era Amaia, em roupas de montaria, debruçada sobre a sua escrivaninha. Ela não o havia percebido, o que o deixou aliviado. Poderia guardar a arma debaixo da casaca, sem que ela notasse que estava com uma e tivesse de se explicar.

Quem diria! Abolicionista e filha do “informante” dos devassos. Se acreditasse em Destino, poderia alegar que os seus estavam cruzados antes mesmo de terem se conhecido!

Em passos miúdos, a fim de não ser escutado – sabia quais as tábuas que rangiam, evitando-as – Montenegro foi para trás dela. Primeiro, queria ver o que ela olhava com tanto interesse. Inclinou-se, podendo sentir o perfume de seus cabelos. Fechou os olhos, imaginando flores de café. Era de enlouquecer estar tão perto e não poder fazer nada. A vontade era grande – muito grande.

Um vulto.

-AH! – ela gritou, voltando-se para ele – Quase me mata! – colocou a mão

no peito, controlando o coração.

Montenegro tinha os olhos cinzas tão próximos que pôde enxergá-los com veios dourados. Era um lindo par de jóias. Amaia arrepiou-se dos pés ao topo da cabeça com a maneira que a encaravam.

-Achou algo interessante? – a ironia os deixava mais sensuais.

O corpo dele a encurralou contra a mesa. Estavam tão perto, a um beijo de distância, que ela teve que envergar um pouco para trás.

-Na verdade, não.

Conseguiu sair pela tangente, fugindo dele e do provável beijo que teria lhe dado se ele a continuasse olhando daquela maneira.

Amaia precisava focar no que viera fazer: negócios.

Estava nua, por acaso, pela maneira ávida com que Montenegro a olhava? Que soubesse, estava bem composta, então, por que aquele desejo todo? Piorado pelo sorrisinho de escárnio que crescia no canto dos lábios dele e pela pose despojada quando se sentou na beira da escrivaninha:

-Talvez eu possa ajudá-la, se me disser o que estava procurando?!

-Nada demais... – contornou a mesa, volitando as pontas dos dedos sobre o tampo e parando apenas quando do lado contrário ao dele, “bem protegida” – Diga-me, quantos escravos você tem aqui?

-Nenhum.

Ele quis rir da perplexidade dela:

-Nenhum? Como nenhum? Eu vi!

O sorriso enigmático dele crescia à medida que Amaia arregalava os olhos.

-O que você viu não são escravos. São colonos. Todos alforriados.

-Alforriados? E foi você quem os alforriou?

-Alguns sim, outros não.

Ela fitou-o, levantando uma sobrancelha com desconfiança:

-Não me diga que você é um abolicionista?!

Num tom de zombaria, ele franziu o cenho, fingindo-se de sério:

-Não devemos usar esse termo aqui. Alguém pode nos ouvir. Preferia quando você me chamava de canalha.

Amaia estava tão impressionada com o fato de Montenegro ser abolicionista, que o que havia ido fazer lá fora desviado da sua mente, deixando-a lívida. Ainda fascinada com a notícia, ela sentou-se numa poltrona. Faltava apenas abrir a boca em choque.

Montenegro divertia-se com aquela cena, pois nunca a havia deixado sem fala – duvidava que alguém tivesse conseguido tal feito.

-Você sempre foi abolicionista?

-Desde que me entendi por gente.

-O tempo todo?

-Hah, sim. – era, no mínimo, cômica a maneira como ela havia ficado – Espere um minuto, era por isso que você havia me acusado da primeira vez em que me viu? Achava que eu era escravocrata?

-Não só achava, tinha certeza! E quando o vi negociando com os fazendeiros... Agora sou eu quem está intrigada: como meu padrinho aceita você em sua casa? Ele abomina os abolicionistas... Oh, melhor falarmos baixo, – ela alterou o tom de voz – “essas pessoas” acabam mortas por aqui.

-Você iria chorar no meu enterro?

-Morra e descobriremos. – ela mordeu um sorriso – Eduardo.

-Eduardo? Chegamos a estes termos?! – a voz dele soava tão encantadora quanto a dela.

Ela o havia chamado pelo primeiro nome. Ninguém senão a sua mãe o chamava por este nome. Amaia nunca o chamara por nada que não fosse “senhor” ou “canalha”. Seu nome encaixava tão bem na voz dela. Era tão carinhoso, que gostaria de ouvir de novo apenas para acalantar o coração, que disparara.

Alguém bateu à porta. Sobressaltaram-se.

A moça cravou as unhas na cadeira e manteve um olhar assustado. Poderia ser algum escravocrata atrás de Montenegro.

Ele levantou-se da escrivaninha e manteve a mão sobre a arma, apesar de não a sacar. Não era medroso. Se temia, era pelo bem-estar de Amaia. Um tiroteio seria imprudente e perigoso. Ela poderia acabar alvejada e ele se culparia pelo resto da vida.

Bateram à porta de novo e anunciaram:

-Sr. Montenegro, sou eu, a professora Lídia.

Às vezes, era melhor um tiro do que o olhar decepcionado de Amaia. Aquela voz feminina, beirando ao doce, desceu amargo nela. Irritada, trincou os dentes e o questionou:

-Não vai atender a “professora”? Você tem aulas de quê a esta hora da noite? Não me diga! Já imagino que tipo de aulas...

Indo atender a porta, Montenegro fingiu não se incomodar com o aparente ciúme.

-Você tem uma mente extremamente fértil. – disse antes de abrir – Boas noites.

A professorinha era delicada como Amaia poderia supor por sua voz. Tinha todos os critérios que a classificariam como uma dama: aparência suave, gestos comedidos, fragilidade por debaixo de um olhar inteligente. Lembrava a sua tutora inglesa.

-Boas... – ao notar a presença de Amaia, Lúdia endureceu a postura – Oh, não sabia que o senhor tinha companhia! Desculpe-me interromper. Posso voltar mais tarde.

Amaia não gostou de saber que ela tentaria “voltar depois”. Era a primeira vez que se sentia ameaçada por outra mulher, o que lhe tirou o chão. E quanto mais acuada ficava, mais atacava.

Num tom de sarcasmo, ergueu uma sobrancelha e um sorriso flácido:

-Mais tarde?

Todo o rosto de Lúdia corou. Abaixou os olhos e se corrigiu:

-Digo, amanhã.

Amaia queria matá-los – ambos! Estava certa de que ele e a moça tinham algum envolvimento e que ele estava tentando conquistar Amaia “por tabela”. Tomou as luvas e o chapéu que havia deixado sobre uma mesinha e ergueu-se da poltrona, fazendo menção em se retirar. *Canalha! Devasso!* Era de se esperar do cofundador de um clube masculino que levava esse nome e tinha por fama – má fama, por sinal – a organização de orgias – ao menos, era o que Rosária havia lhe contado.

A professora, talvez entendendo aquela situação e o mal-estar que os envolvia, teve o bom-senso de insistir que não havia urgência e que voltaria no dia seguinte. E se foi sem aguardar que Montenegro insistisse – por educação – para que ficasse.

Montenegro fechou a porta e tornou-se para Amaia, de pé, pronta para partir. Era melhor acabar com os rodeios, antes que outra pessoa os interrompesse e ela desistisse de dizer o porquê da visita repentina, o que tanto o intrigava.

-Amaia, sei que você não veio aqui para saber se sou ou não abolicionista. – estavam bem perto, mirando-se com algum interesse – A que veio, Amaia? – o rosto dela tocou o dele, de leve, roçando-se. Amaia podia sentir a barba a nascer espetando-a, o que a deixava ainda mais desejosa. Por mais que ele também quisesse aquilo, Montenegro tentava manter a pose fria. Senti-la roçando o rosto no seu era o pior. Sua vontade de beijá-la e de tê-la só crescia. Era preciso pará-la, antes que a jogasse em cima daquela mesa – E onde está o seu “noivo”? Ele não ficará com ciúmes ao saber que sua “noiva” está sozinha com um homem?

-Noivo? Que noi... – ela não parava, feito uma gata – Ah, fala de Singeon... Ele foi embora.

Montenegro, cujos olhos estavam fechados, abriu-os de imediato.

-Por isso você veio me ver? – afastou-se dela – Por que o “querido Singe” se foi e eu fiquei aqui, como um prêmio de consolação?

-Não exatamente um prêmio. – a face dele contraiu e o sorriso desapareceu

por completo – Ah, por favor, estou brincando com você! – tentou forjar um sorriso tranquilo.

Amaia tentou se desviar dos olhos frios dele, mas ele a perseguia, querendo lê-la. Montenegro precisava saber até que ponto ela gostava dele, ou do seu dinheiro. Normalmente isso não faria nenhuma diferença para ele. Já havia sustentado cortesãs no passado. Contudo, com Amaia era diferente. Ele queria que o amasse por quem era e não pelos seus milhares de contos de réis. Será que só no desespero ela recorria a ele? Por que não ser sincera de imediato? Daria a ela uma nova chance. A última, para que ela dissesse a verdade para ele e chegassem num acordo adequado para ambos.

-Amaia, paremos de brincadeiras. O que você quer aqui e a esta hora da noite? Por certo, que não foi me dar um beijo de boa noite.

O rosto dela metamorfoseou de falsa serenidade para quem estava brava com o comentário:

-Só por que estou aqui estou brincando ou querendo algo?

-E teria outro motivo?

Ela desviou os olhos dos dele e foi para o outro extremo da escritório. Daquele local mais seguro, não se atiraria nos braços dele:

-Não, não teria.

Não adiantava. Não importa onde estivesse, quantos fossem os obstáculos no caminho ou quem estivesse, nada seguraria a vontade de beijá-lo. Num relâmpago, Amaia cruzou o cômodo numa rapidez que Montenegro não previu. Puxou o rosto dele e subiu nas pontas dos pés. Seus lábios roçaram o rosto dele, desceram até a sua orelha e lambeu o lóbulo para depois sussurrar:

-Eu poderia estar apaixonada por você.

As mãos dele subiram pelas costas de Amaia. Pelo tecido do vestido, percebeu que não usava espartilho. Aquilo mexeu com ele. Apertou-a contra si e os seios dela bateram contra o seu peitoral. Podia senti-los e toda a extensão do corpo quente dela contra o seu. Nada o impediria de consumir o ato ali, agora, se ele quisesse. Mas ele sabia que não dependia somente dele:

-Tão apaixonada que cederia à minha proposta?

Era terrível! Deliciosamente e tentadoramente terrível! Amaia havia vindo para tentar criar uma boa relação com ele e sempre terminavam com “a diversão” – literalmente? Era completamente atraída por ele – e só agora entendia o quanto –, porém era preciso fingir que estava no controle das próprias emoções. Um lado seu temia aceitar a proposta e ser largada por ele após se cansar dela. A visita noturna da professora só havia confirmado que era um homem desse tipo. No entanto, precisava dele, queria ele atrás de si, sobre si, dentro de si. Queria-o – e agora!

-Depende. – ela beijou-lhe a ponta do nariz – Se você comprar as minhas dívidas... – beijou-lhe o queixo – ... eu posso pensar nisso, com muito carinho.

Teria lhe beijado os lábios a seguir, mas Montenegro a segurou pelo braço. Encarava-a desconfiado, beirando o irritado:

-Eu nunca perco um negócio. Tudo é uma troca.

Amaia sabia o que ele queria dizer com isso. Ainda assim, seu orgulho a faria tentar desviar o assunto, uma última vez. Abriu um sorrisinho sem graça, e enfatizou:

-Posso dar como garantia uns escravos. – ao ver que a expressão dele enrijecera, tentou refazer a proposta antes que perdesse o seu interesse – Melhor! Posso vender todos os meus escravos para você. Teria dinheiro para pagar as dívidas e poderia alforriar a todos!

Não houve uma resposta. O rosto dele estava enigmático.

Um golpe azedo no estômago subiu à boca de Amaia. Temia que o tivesse perdido, para sempre.

Montenegro foi para trás da sua escrivaninha e sentou-se na cadeira. Cruzou as mãos sobre a mesa e manteve a pose de homem de negócios:

-E quem trabalharia na sua fazenda?

-Você poderia me ajudar com os colonos. – havia um desespero que o deixava ainda mais certo de que o estava seduzindo para obter vantagens nos negócios.

-E por que eu a ajudaria?

Mantendo um sorriso, Amaia deu a volta na mesa, seguida pelos olhos dele. Ajoelhou-se ao seu lado e suas mãos subiram pelas suas pernas – havia visto como uma escrava havia conseguido convencer um capataz a lhe dar de comer carne por toda uma semana. Encarando-o de maneira perniciososa, Amaia lhe respondeu, deslizando as mãos para cima:

-Porque você está apaixonado por mim.

Ambos entendiam o que ali estava acontecendo. Amaia se oferecia a ele em troca das dívidas. Ao invés de ficar feliz ou satisfeito, Montenegro sentiu-se mal pelo desespero dela e pela infeliz ideia que havia tido de levá-la para a cama. Amava-a por demais para querer desonrá-la e somente agora via o quanto. E disso, passou para a irritação: ela se venderia a ele sem o amar. Tudo o que havia feito ou dito era apenas por causa do seu dinheiro. Tentando controlar a fúria que ia lhe crescendo, mais por ela não lhe amar do que por qualquer outra coisa, Montenegro sentiu-se obrigado a pará-la.

Segurou as suas mãos.

Amaia esticou um sorriso sedutor, imaginando que ele queria tomar o controle. Surpreendeu-se quando Montenegro se afastou dela.

A cara de decepção dele era pior do que qualquer xingamento. Amaia sentiu-se pequena, sentiu-se suja. Havia passado dos limites que havia imposto a si própria. Era desespero por não ter o que comer pela manhã. Havia gasto toda a dispensa para manter a pose com Singeon e o que restava mandara aos escravos. Se estes ficassem sem comer, a fazenda naufragaria. Ela poderia tentar angariar uma refeição diária em alguma visita a uma amiga, e Cora, bem, a irmã não saía do quarto e nem lhe dirigia a palavra.

O estômago de Amaia roncou, mas era a sua alma que estava vazia, sugada pelo olhar de decepção dele. Havia caído do pedestal no qual havia sido posta e a dor da queda era maior do que qualquer outra que poderia um dia ter sentido.

Num impulso, ela foi embora, sem querer olhar para trás, envergonhada. Nunca mais seria capaz de o encarar. Havia sido humilhada por si mesma, e ele havia notado.

Montenegro conseguiu tomar conta das suas ações só quando ela se foi. Arrependeu-se da maneira fria com que a havia tratado. Deveria ter explicado que ele queria ajudá-la, mas queria ter a certeza de que ela o amava. Contudo, teve muita raiva quando a viu tentar manipulá-lo da mesma maneira que vinha fazendo com os outros.

Se fosse realmente um canalha, teria aceito aquela troca. Havia apenas uma coisa, algo que o impedia de ser um patife: amava Amaia.

Deu um soco na mesa. Arrebentou parte do tampo de madeira. Com o estrondo, Luizão veio acudi-lo. Ao ver o senhor envergado sobre a mesa e com o punho sangrando, foi correndo chamar ajuda.

Não era com as feridas externas que deveriam se preocupar, mas com as internas.

Capítulo 32

Demorou uma semana para que Montenegro sarasse e conseguisse parar de pensar em Amaia e no rosto dela roçando o seu. Uma semana até que o nome dela parasse de ser assoprado por todos os ventos. Uma semana para que conseguisse montar o cavalo e sem querer ir encontrá-la “por acaso” debaixo do carvalho centenário. Uma semana preso no seu escritório, pensando como poderia pedir perdão a ela pela maneira com que a havia tratado. Sentiu-se de fato um canalha. Não a deveria ter humilhado com a sua reação. Deveria tê-la consolado, conversado com ela para entender o que acontecia na fazenda. Mas ele ficara tão decepcionado com ela ao vê-la agindo daquela maneira, desesperada por dinheiro e sem se importar verdadeiramente com ele e com os seus sentimentos... A reação dele fora abominável. Nada seria desculpa. Era melhor consertar a situação. Ele a amava. Um amor grande o suficiente para os dois. Só esperava que ela fosse capaz de perdoá-lo. Não sabia o que faria se ela não quisesse mais vê-lo.

Então, uma semana depois da visita, Montenegro assinou um pedido de saque no valor que acreditava ser o da dívida dela.

Naquele dia, acordara disposto a dar o dinheiro e a não esperar nada em troca. Faria o porque a amava e somente isso.

Colocara o pedido dobrado dentro do bolso interno da casaca negra e ia vestindo o chapéu e os óculos escuros, quando foi anunciada a visita de Canto e Melo. Com os preparativos do casamento dele e de Caetana, havia desaparecido por alguns dias, indo acertar a estadia de seus pais em Vassouras.

Ao vê-lo entrando em seu gabinete, Montenegro foi recepcioná-lo com um sorriso que deixou o amigo surpreso – poucas vezes o vira genuinamente feliz.

-Que bom que está aqui! – dizia Montenegro, abraçando-o – Venha comigo, preciso de você como testemunha. – colocou a mão em seu ombro e virou-o na direção da porta.

-Testemunha do quê?

-Do meu amor.

-Do seu amor? – Canto e Melo parou no umbral da porta – Do que está falando?

-Vou agora até Amaia e lhe entregar o valor da dívida.

-Que dívida?

-Da fazenda dela. – e, ainda sorrindo, retirou do bolso o papel e o apresentou a Canto e Melo – Acho que esse valor é apropriado.

-Este é um valor muito alto! – ergueu as sobrancelhas – Daria para comprar

a Gualba com ele! – devolveu-lhe – Explique-me, por que está fazendo isso?

-Já disse! Porque eu a amo!

Canto e Melo balançou a cabeça na negativa, convicto:

-Eu, se fosse você, não faria isso.

O sorriso de Montenegro se apagou ao estranhar aquela reação. Canto e Melo não era do tipo que era mais preso ao material do que ao sentimental. Teria aceito de bom gosto aquela sua atitude e ainda lhe obrigado a pôr roupas mais adequadas para uma ocasião tão “solene”.

Dando um passo para trás, entrando no gabinete, Montenegro deduziu que o amigo sabia de alguma coisa que ele não. Não demorou muito para que o amigo lhe explicasse a cara de consternação e o olhar pesaroso:

-Amaia vai se casar.

Canto e Melo se questionou de Montenegro havia entendido. Repetiu mais uma vez e o outro forçou um sorriso, achando se tratar de uma piada:

-O quê? Como? Não estou entendendo...

Mas Canto e Melo não era do tipo piadista quando se tratava de casamento.

-É isso mesmo que você ouviu: Amaia vai se casar.

Dando uma volta em si, Montenegro tinha os olhos perdidos quando se voltou a ele:

-Casar? Com quem?

-Com o tal do namorado da irmã, o médico.

-Singeon? Não pode ser... – tentou rir, incrédulo – Ele foi embora, odiando Amaia.

Alguém deveria ter mentido para Canto e Melo. Uma das gêmeas ou, quiçá, o Sr. Feitosa?! Era do tipo que acreditava em tudo o que diziam. Deveria ser porque a viram dando em cima dele e haviam criado a expectativa do casamento dela com ele.

Porém, Canto e Melo estava sério, falava tal verdade fosse, garantia, tudo isso com alguma consternação que só dava mais certeza a Montenegro que aquela poderia ser uma verdade.

-Ele foi embora, mas voltou e garanto que não foi a odiando. Pediu-a em casamento na frente de Cora.

Montenegro caiu sentado na poltrona. Canto e Melo achou ter visto seus olhos se apagarem. A voz, no entanto, continuava firme:

-Como sabe disso? Quem foi que contou a você?

-Eu também acharia que era mentira se não fosse por ter sido Caetana a me contar. Ela estava presente. Havia ido levar uma cesta de comida para Amaia. Parece que a situação está bem ruim na fazenda. Não tinham nem o que comer. Mas agora que o tal pediu a sua mão, Caetana acha que as coisas vão melhorar.

Sinto lhe dizer, mas você chegou tarde, meu amigo. – e pos a mão sobre o ombro do imóvel Montenegro.

Montenegro havia despencado em si, ainda absorto pela notícia de que Amaia iria se casar com outro.

Capítulo 33

Não, não, não. Canto e Melo entendera errado. Caetana era a melhor amiga de Amaia, pode ser que ela tivesse pedido para falar isso pensando que instigaria Montenegro a ir atrás dela. Sim! Era isso o que havia acontecido. Não poderia ser de outra maneira. O doutorzinho não iria perdoar Amaia por tê-lo enganado. Não parecia ser do tipo de homem que perdoava.

Montenegro sentia a garganta apertar. Tirou a gravata negra e a atirou no gramado.

Vagava pelo campo, sem rumo, pensativo. Andar lhe ajudava a concatenar as ideias. Os movimentos também estavam presos. Desvestiu a casaca e o colete. Ainda não conseguia respirar. Abriu a camisa e ergueu as mangas.

Adiante avistou um lago. Desde que havia ido estudar na Inglaterra, havia aprendido que uma boa natação ajudaria a refrescar a cabeça.

Com cuidado, deitou a sua arma no chão, tirou as botinas e as roupas e, sem qualquer pudor, atirou-se na água.

Após algumas braçadas, estava renovado. A água era fria o suficiente para se refrescar. Pelo cristalino da superfície, observava as plantas, seixos e peixinhos que por ali nadavam. A sua face transtornada refletia o céu fechado, ao fundo. Em breve, choveria. O sol havia sumido por detrás das nuvens carregadas e relâmpagos divulgavam trovoadas. Em uma hora, deveria estar chovendo muito.

Deu mais algumas voltas no lago e, quando se sentiu revigorado a ponto de esquecer de Amaia e do que mais fosse, resolveu voltar para casa.

O horizonte estava negro feito noite por causa da tempestade que se aproximava. Era bem possível que fosse surpreendido no meio do caminho. Reparou que estava próximo à escola. Talvez fosse melhor se refugiar lá até passar a tromba d'água. Era perigoso ficar num descampado quando se tinha raios e os rios poderiam se encher num instante.

Catou a camisa e a esfregou nos cabelos molhados feito uma toalha. Deixava seu bem composto corpo nu secar ao vento enquanto ia adiantando as madeixas. Ao bater os cabelos, achou ter visto, por entre um arbusto e outro, alguém. Estariam o espionando?! O que era aquilo? Mania da região? Só esperava que não fosse Inácio.

Fingindo não notar o intruso, continuou com os cabelos, sem pressa alguma, nem vergonha. Pegou as ceroulas que estavam próximas ao seu revólver. E, antes que vestisse qualquer peça, apontou a arma para o arbusto:

-Saia daí ou eu atiro! E garanto, sou muito bom de pontaria. Vamos, saia! –

como a pessoa não se mexia, ele atirou no tronco de uma árvore ali perto.

Mãos se levantaram por detrás do arbusto.

Uma cabeça foi se erguendo. Estava corada – MUITO corada – deixando os seus olhos ainda mais verdes. Amaia queria se esconder de vergonha em si mesma ao ter sido pega em flagrante espreitando Montenegro tomar banho.

Por outro lado, ele não sabia se ria ou se abaixava a arma. Aquela situação era risível, no mínimo. E só para deixá-la mais constrangida, fez questão de reforçar que a havia identificado:

-Amaia?!

Ela, que tentava manter a pose de orgulhosa dama, deu alguns passos adiante. Estava nos seus trajes de montaria. Era possível que estivesse cavalgando quando o vira nadando. O que o intrigava era o que ela estaria fazendo em suas terras? Captou o olhar interessado dela. Os cabelos escuros pingando sobre os olhos metalizados deixavam-no ainda mais sedutor. E tinha um corpo de tirar o fôlego. Havia mais músculos por debaixo das roupas do que suporia, certamente pela natação. Afora o... Fingiu que não havia reparado que ele estava pelado da cintura para baixo e virou o rosto:

-Você está desnudo!

Catando as roupas largadas no chão, ele foi se acercando dela com um sorriso:

-Não finja que não havia notado isso.

De costas, ela tentava segurar o *frisson*. Nunca havia visto as partes íntimas de um homem tão de perto – e que Homem!

-É muito difícil não notar... – retrucou ela, mordendo os lábios num sorriso.

-Isso por que a água estava fria... – comentou ele, também num tom bem-humorado.

-Melhor se vestir. Não me sinto confortável com você assim. – ela tentava controlar uma risada boba.

-Assim como?

-Descomposto!

-Agora isso se chama descomposto? Achei que seria “bem composto”.

-Sou uma dama pura e inocente.

-Sei...

-Canalha!

-Pronto! Pode se virar.

Montenegro estava de ceroulas e camisa, apenas. Por causa do corpo molhado, as roupas grudavam nele, permitindo entrever algumas partes mais avantajadas com maior clareza. Por melhor que fosse a “paisagem”, havia um pingo de decepção em Amaia. Alguma parte dela gostaria que ele ainda estivesse

nu e a atacasse, arrancando as suas roupas. Corou de novo ao revelar para si própria o seu desejo. Estava beirando ao incontrollável.

-Diga-me, é verdade? – questionou ele, fugindo das cordialidades.

Será que leu os meus pensamentos?

Os olhos de Montenegro demonstravam a tempestade que ia se fazendo sobre a cabeça deles. A voz trovoava sob a pele de Amaia, arrepiando-a. Ela iria pular em cima dele se continuasse com aquele jeito intenso.

-Ora essa! – engoliu a seco – É assim que começamos?

-Começamos? Assim que terminamos.

-Terminar o que nem se iniciou? Que contraditório?! – e afastou-se dele o suficiente para *ele* ficar em segurança – Não se preocupe. Não estarei mais no seu caminho. – mas ele vinha em sua direção, encurralando-a contra uma árvore – Poderá correr para os braços da sua professorinha. Tenho certeza de que ela poderá lhe ensinar a se divertir bastante.

Ele a esquadrihava. Uma mecha de seu cabelo caía por cima dos olhos provocando-a tanto quanto o seu tom:

-Você está com ciúmes, confesse. Ou seria inveja?

Se continuarmos esta conversa, eu é que vou arrancar as roupas dele.

-Inveja? Por que eu teria inveja de uma mulher feia e pobre?

Mirava-a, avaliando a sua expressão:

-Porque ela tem liberdade de fazer o que quiser. E ela não é nem feia, nem pobre.

Amaia trincou os dentes e Montenegro achou ter visto um raio de raiva. Ela o empurrou. O que estava querendo dizer com aquilo? Ela não era livre para fazer o que quisesse? E que tipo de “liberdades” eram estas que essa professora tinha com ele?

-Vá ficar com a sua bela e rica professora! Ela deve valer bem mais do que eu. Não preciso de você! – queria atacá-lo, feri-lo, trucidá-lo – Tenho Singeon! Seremos muito felizes! – e quanto mais calado ele ficava, apenas a olhando por cima do seu ombro, *porque não tem nem coragem de olhar nos meus olhos*, mais irritada ela ficava e mais verborrágica. – Nos divertiremos muito também, Singe e eu. Teremos vários filhos. Uns cinco, no mínimo!

-Amaia!

Montenegro saltou sobre ela.

Agora? Assim? Sem um beijo? Está bem...

Caída no chão, de olhos fechados, reparou que Montenegro estava imóvel, deitado sobre ela.

A chuva se iniciava, fina, fazendo subir um aroma de terra molhada, pingando no seu rosto. Não ia beijá-la? Um zumbido se fez e ele a abraçou e a

rolou para o lado. Um trovão? Um raio? Que barulho foi aquele? Ele estava sobre ela, de novo, com Amaia entre as suas pernas. Sustentava o corpo nos joelhos e com um braço. Empunhava uma pistola e procurava algo nos arredores. Salpicou terra ao seu lado e ela se contraiu. Amaia reparou que ele a protegia de tiros. Quem estava atirando neles?!

Preocupado em saber se ela havia sido atingida, ele ordenou que tentasse se arrastar até uma moita e ficasse agachada. E, num pulo, ele se ergueu. Aproveitou que o atirador mascarado estava tentando recarregar a arma e correu em sua direção. Foram dois socos, muito rápidos, que levaram o homem ao chão. A arma, no entanto, continuava na mão do malfeitor. Montenegro procurou pela sua, que não estava na cintura. Lembrou-se que usava somente ceroulas.

Deparou-se com o cano da arma do homem apontado para sua cara.

Arrancando o pano do rosto, Severo abriu um sorriso:

-Agora que comecei, vou ter de terminar.

Com as mãos estendidas, Montenegro deu um passo para trás. Teria de pensar em alguma maneira de pará-lo, quiçá oferecer dinheiro. Parecia ser do tipo que aceitaria uma recompensa bojudia para deixá-los em paz.

Apertou o gatilho.

A arma zuniu no ar. Severo deu um grito agudo ao ser atingido no braço.

Montenegro, assustado, voltou-se para trás. O seu revólver estava firme na mão de Amaia. Além de ótima amazona, era uma exímia atiradora – havia aprendido ainda adolescente, com o pai, caso necessitasse se proteger algum dia.

Aproveitando que o homem agonizava de dor, rolando no chão de um lado ao outro, segurando o membro baleado, Montenegro sentou-se por cima dele – para não fugir – e puxou-lhe pela gola:

-Quem foi que mandou você? Diga-me! Quem foi?

Entre a dor e a pressão que Montenegro fazia sobre si, Severo tentou dizer:

-Se eu falar, ele me mata.

-Agora vai ser difícil para você, pois eu mato você se não me falar. – apertou a gola, o suficiente para que conseguisse falar – Confesse, foi você quem adulterou as rodas da carruagem dos Carvalho para que sofressem um acidente?!

Amaia, paralisada, não sabia como lidar com aquela conclusão. Por mais que não gostasse de Severo – e tivesse certeza de que ele não gostava dela – nunca imaginaria que seria capaz de assassinar os seus pais.

A chuva se intensificava e uma cortina de água foi se fazendo, escondendo as lágrimas da moça ao escutar que havia sido Severo quem matara os seus pais. A arma caiu da sua mão. As pernas fraquejaram e ela foi de joelhos ao chão. Com as mãos na frente do rosto, chorava de dor, de decepção, de medo de estar sozinha.

Montenegro mantinha o feitor preso ao seu agarre, questionando-o quem era o mandante do assassinato dos Carvalho e o porquê. Era preciso ter certeza se havia sido Mesquita e se haviam outros envolvidos. Tinha que calcular a proteção de Amaia.

Foi obrigado a dar dois socos para encorajar Severo a responder.

O feitor balbuciou um nome. Montenegro se aproximou para ouvir e recebeu uma cabeçada que o deixou zozinho. Empurrado para o lado, o feitor escapou de Montenegro. Num passo apressado, segurando o braço ferido, fugiu pelo pasto afora. Corria tanto que não parecia nunca parar, até desaparecer no horizonte, por entre a cortina de chuva.

Montenegro não era estúpido e sabia que Severo não iria muito longe. Quando Luiz Mesquita e os outros soubessem do ocorrido, eliminariam o feitor. No entanto, era melhor proteger Amaia, por enquanto, até ter certeza de que ela estava em segurança.

O choro miúdo dela ia lhe deixando sensibilizado, preenchendo-o de tal maneira que a necessidade de protegê-la tornou-se preponderante. Pegou-a no colo sem qualquer dificuldade, apertando-a contra si. Sem resistência por parte dela, abraçava-a, tentando consolá-la. Era irresistível. Deu-lhe um beijo na testa, nas lágrimas que escorriam pelo rosto, no nariz bem feito e na boca suave... recuou, sem beijar os seus lábios.

-Melhor nos protegemos. – disse ele, ao reparar que a chuva se intensificava – Sei de um lugar aonde poderemos pernoitar.

Amaia recostou a cabeça em seu peitoral quente e fechou os olhos. Não estava mais só.

*

Ao abrir os olhos, Amaia espreguiçou-se. Havia tido um sonho reconfortante. Daqueles que são tão bons que fazem a pessoa manter o bom humor ao despertar. Nele, ela e Montenegro faziam amor na relva, próximo a um lago. Riu-se. Havia sido tão vívido que poderia ainda sentir o corpo de Montenegro contra o seu, o calor que exalava, a sua respiração, e... Amaia arregalou os olhos. Virou a cabeça para o lado.

Havia um homem deitado ao seu lado. Estava de costas mas podia identificar Montenegro. Teria sido mesmo um sonho? Não sentia nada de diferente, então, deveria ter ficado no mundo onírico. Suspirou. Tampou a própria boca. Não queria que ele despertasse. Sim, queria, mas não sem antes saber como poderia agir. Havia visto-o como veio ao mundo. Nada poderia permanecer igual. Nem ela conseguiria olhar para ele sem se lembrar do que haveria por debaixo daquelas roupas negras. Suspirou, e ele se mexeu.

Será que estava dormindo? Pela posição, parecia que sim. Teria de ter

certeza. Poderia estar fingindo, zombando dela.

Debruçou-se sobre o ombro dele, sem lhe encostar. Num movimento – ou numa série de movimentos que pareceram apenas um – foi jogada para debaixo do seu corpo. Não teve nem tempo de ver o golpe. Imóvel, sob o olhar feroz, Amaia tinha os pulsos presos e a sensação de que ele ainda não a havia reconhecido. Seus músculos tensionavam todo o corpo de uma maneira muito... tátil. Abaixou os olhos. Ele estava somente de ceroulas e ela estava com a *chemise*, anágua e calças – o que garantia que havia sido apenas um sonho, maldição!

Ele pareceu despertar num piscar. A expressão dos olhos foi ganhando aspectos de ternura. O seu rosto se aliviara ao ver o dela, tal combatente de guerra ao chegar em casa. Contudo, ainda a manteve sob si, cobrindo-a com o seu corpo. Cadenciavam as respirações, dividiam o calor das peles, podiam sentir a extensão do outro.

Amaia o teria beijado se ele não tivesse aberto um sorriso convencido. Não conseguiria empurrá-lo de cima de si, por mais que quisesse. O jeito era deixá-lo sair por espontânea vontade.

-Onde está o meu vestido?

-Tive de tirar. Estava ensopada e poderia se resfriar. – cruzou o cenho – Você não usa espartilho?

Ela corou e se remexeu debaixo dele na tentativa vã de se soltar:

-Não lhe devo explicações. E pode tirar esse sorriso do rosto, não é o que você está pensando...

-Não estou pensando em nada. – sussurrou – Literalmente: nada.

Ao vê-la corar e desviar os olhos, nervosa, Montenegro soltou uma risada. Sentou-se ao lado dela e cruzou os braços sobre os joelhos. Divertia-se pela maneira que Amaia se portava. Tentava esconder os pés nus com a anágua, esquecendo que os seios estavam quase aparentes pela *chemise*.

Ao pescar os olhos dele, ela tentou cobrir o corpo com as mãos e com os cabelos soltos – provavelmente haviam caído do coque com a chuva. Estavam num lugar com pouca luz, o que era um alívio. Não enxergaria a sua nudez. A maneira com que ele a olhava, no entanto, era de quem via além disso, o que era tão incômodo quanto.

-Por que veio atrás de mim? – Montenegro queria que ela falasse em voz alta, ainda que desconfiasse o motivo.

-Eu não fui atrás de você. – evitava a mirada investigativa dele – Estava apenas de passagem.

-Nas minhas terras? São propriedade privada, sabia?!

-Resolvi me refrescar. – não o encarava – Estava o dia muito abafado. Aí,

lembrei-me do seu lago. E, quando cheguei, vi alguém na água e achei que estava se afogando.

-Afogando? – queria rir – E por que você estava atrás da moita, se eu estava “me afogando”?

-Pois logo vi que somente nadava.

-E por que não se revelou antes de eu sair da água e começar a me enxugar? – levantou uma sobrancelha.

-Eu estava dando a meia-volta quando... – a cara dele era de quem não aceitaria aquela mentira. Só havia um jeito de manter um pouco da sua integridade – Aah... – pôs uma mão na testa enquanto a outra se mantinha na frente dos seios – ...estou um pouco tonta... de-deve ser a chuva... acho que vou desma... *atchim!*

Toda a sua dramaticidade acabou num espirro.

Montenegro mordida o riso:

-Saúde! – limpou a garganta, forjando seriedade – Onde estávamos mesmo? Ah, sim, você dizendo que ia desmaiar na tentativa de não explicar por que estava me espionando tomar banho.

Amaia voltou a cruzar os braços em torno do busto e o mirou:

-É você que não vai fugir de mim, desta vez. Quem é você?

-Posso desmaiar?

-Não.

Ele sorriu e fez uma pequena reverência, ainda sentado:

-Sou um humilde dono de terras.

-Um dono de terras não luta como você luta.

-Se eu não lutasse, não ia conseguir manter as minhas terras.

-AHHHHHHH!!!!

O grito veio, tão duro e tão denso, que Montenegro pegou a arma. Amaia voou para o seu colo, abraçando-o pelo pescoço. Suas pernas deram a volta na cintura dele e suas partes se encaixaram perfeitamente. Ela toda tremia, de olhos fechados.

Era a primeira vez que Montenegro ficava sem fala, incapaz de raciocinar. Ela havia lhe tirado completamente do eixo de segurança.

Soltou o revólver, precisava das mãos livres para acalmá-la. As mãos dele subiram pelas suas costas. O nariz enfiou-se pelos cabelos soltos, ainda úmidos de chuva. Inspirou o seu cheiro e todo o corpo reagiu a ela. Precisava se controlar, mas era difícil ao senti-la tão perto, tão sua.

No ouvido dela, murmurou, tentando se segurar e resistir aquela doce tentação que mordiscava a sua alma de desejo:

-O que foi?

-Um rato! – ela revirava os olhos ao acariciar das pontas dos dedos nas suas costas nuas – Odeio... ratos...

-Tem certeza?

-Sim! – ela jogou a cabeça para trás, arrepiada – Onde estamos?

-Na escola.

Amaia o encarou. Todo mel havia se transformado em fel:

-Você me trouxe para cá para mostrar o quanto admira a sua professorinha?

-Você pulou em cima de mim para mostrar que não consegue resistir aos meus dotes?

-Havia um rato, juro! Pela alma dos ...

-Amaia,... – uma mão a pressionou contra si e a outra segurou-a pela nuca, para que não escapasse desta vez – ...cale a boca e me beije.

Fundiram-se num beijo. Não se detendo aos lábios dela, Montenegro abaixou a *chemise*, sugando um seio de cada vez. Amaia agarrou-se nas costas dele, cravando as unhas e apertando-se sobre ele. Ao percebê-lo bem pontiagudo, ela começou a se esfregar nele em movimentos circulares. Montenegro soltou um gemido, capturado pelos lábios de Amaia. Quanto mais a sentia úmida, mais intenso ficava o beijo e cada vez era mais difícil manter a integridade física dela e a emocional dele.

Amaia soltou um novo grito. Dessa vez não era de prazer. Era de horror.

Imediatamente, Montenegro se preocupou, enchendo-se de zelo e confusão:

-Te machuquei?

Ela apontou um canto escuro, de onde se ouvia um barulho pequeno:

-O rato!

Aproveitando que o revólver estava perto – nunca se sabe se Severo ou Mesquita poderiam estar atrás deles – Montenegro sacou-o e atirou.

Amaia não podia acreditar: ele acertara o bicho no escuro!

Dono de terras? Sei!

-Pronto! Ratazana morta!

Montenegro teria continuado dali se não reparasse no que estava fazendo. Amaia ia se casar em breve e com outro. Seria errado com ela e com o futuro noivo que aquilo continuasse, por mais que a quisesse. Se o doutorzinho suspeitasse que ela não era mais virgem, a situação se configuraria muito pior do que já estava.

Respirando fundo – para não se arrepender – tirou-a de cima de si e levantou-se, ajeitando as ceroulas:

-A tempestade já passou. Melhor você voltar para o seu noivo. Ele deve estar preocupado consigo.

Ela piscou, incrédula. Olhou pela janela da pequena casa que servia de sala

de aula. O céu estava ainda nublado, porém não havia mais um pingo de chuva e nem som de trovoadas. Havia acabado.

Recolocando a *chemise* no lugar, buscou se recompor. A cabeça ainda girava e a vontade transbordava por seus poros. Encontrou o vestido estendido sobre algumas carteiras. Estava bem úmido, contudo, não poderia chegar em casa em roupas íntimas. O que Singeon pensaria dela?! Se é que Cora, a esta altura, não havia enchido os seus ouvidos com acusações sobre a sua reputação. É, Amaia não poderia negar, pela primeira vez Cora estaria falando a verdade.

Terminou de se arrumar – ainda bem que os botões eram na frente, assim evitando que Montenegro fechasse as suas vestes e ela o atirasse no chão, terminando de uma vez com reputação, casamento, o que fosse. Calçou as meias e as botas. Não havia como prender as madeixas e não encontrava nem luvas, nem chapéu, nem chicote. Duvidava que acharia também o cavalo ainda pastando perto do lago. Era melhor voltar a pé. Ao menos, teria a desculpa de que foi pega de surpresa pela tempestade e que o seu cavalo fugiu, obrigando-a a se abrigar em algum lugar.

Dirigindo-se para a porta, Amaia voltou-se para Montenegro. Da próxima vez que se encontrassem, ela seria uma mulher casada e ele estaria oficialmente noivo de uma das gêmeas. Era o que Caetana lhe havia confidenciado, na noite do dia em que Singeon lhe propusera casamento. Se tivesse sabido disso antes, não teria pedido ao médico alguns dias para pensar, enquanto aguardava que Montenegro mudasse de ideia e lhe pedisse a mão.

Os olhos de Amaia estavam mareados, a ponto de não enxergar que Montenegro tinha os seus também emocionados com aquela despedida.

-Adeus, Amaia. – disse, mantendo a voz firme – Desejo a você toda a felicidade do mundo.

-Eu sei.

Aquilo saíra tão verdadeiro que nenhum dos dois questionara que ele desejava a sua felicidade e que ela tinha consciência disso.

Amaia partiu, largando um Montenegro de coração partido.

Capítulo 34

O vestido era maior do que Amaia. Muito maior. Daria duas Amaias dentro da roupa, mas é o que tinha e com isso teria que se contentar. Era o vestido de noiva de sua mãe. Bá o havia guardado a sete chaves num baú, para quem nem ela, nem Cora, tentassem vender.

Passaram-se mais de vinte anos entre o casamento de seus pais e o de Amaia, vinte anos que se faziam ver nas tramas do tecido amarelado e no modelo de balão. O véu de renda, no entanto, estava impecável.

Com cuidado, Bá o desembalhou do papel que o protegia do tempo e o colocou sobre os cabelos presos de Amaia.

Diante do espelho de pé do quarto, os olhos da noiva se encheram d'água. Suas pernas ficaram bambas e ela queria se atirar no chão e pedir que aquilo não estivesse acontecendo. Não queria se casar com Singeon. Não amava Singeon, nem queria nada com ele. Contudo, Montenegro a havia negado justamente quando ela lhe abria o coração, sem interesse, sem dinheiro, sem dívidas. Era somente ela, Amaia, amando ele, Montenegro.

A vontade era de desistir de tudo: fazenda, escravos, casamento. Deveria ter vendido as terras e ido para bem longe. Um lugar em que não a conhecessem e ela pudesse refazer a sua vida e esquecer Montenegro.

Uma mão carinhosa tocou-lhe o ombro:

-Ainda dá tempo de voltar atrás.

Pelo reflexo do espelho, deparou-se com o olhar maternal de Bá.

-Não se pode voltar no tempo, Bá. Bem que eu gostaria, se pudesse. – Amaia balançava a cabeça na negativa, escondendo o rosto molhado de lágrimas. A velha mucama, com pena dela, iria fazê-la chorar ainda mais – Não dá mais tempo, Bá. Não dá mais tempo. Seria errado com todos, inclusive, com Singeon. Seria vexaminoso para ele ser abandonado no altar. E o que seria da fazenda? De todos nós?

A mucama a puxou e a abraçou. No colo quente de Bá, Amaia desmoronou. Chorou tudo aquilo que não havia deixado lhe tocar o coração desde a morte dos pais. Achava que conseguiria ser dura e fria, que usando apenas a lógica manteria a aparência de que fazia o que “era melhor para a maioria”, quando ela nem mais sabia o que era o melhor e quem seria essa maioria. Estava confusa se fazia aquilo pela fazenda, pelos escravos, por si mesma ou para se vingar de Cora. A irmã nem lhe olhava na cara e, desde o pedido de Singeon, Cora se trancara no quarto e fazia greve de fome.

Estava tão confusa, tão nervosa, tão só, que achou que não conseguiria

respirar. O carinho que Bá lhe fazia nas costas ia lhe ajudando a se acalmar, como quando criança, durante as tempestades que tanto temia. Em seu ouvido, a querida mucama murmurou:

-Pensa nos que você estará salvando... Todos aqui sabem o que você está fazendo e que é pelo bem de todos nós. – e apertou o abraço.

Amaia respirou fundo e limpou as lágrimas. Virou-se de novo para a frente do espelho e analisou o próprio reflexo. Estava bem magra e bem corada por causa das cavalgadas constantes, a ponto de não se reconhecer, ainda mais naquele vestido. Era com isso que teria de se contentar. Uma Amaia irreconhecível.

A porta do quarto abriu e Caetana entrou com um buquê de flores na mão. Ela havia mandado fazer no mesmo lugar em que encomendara o seu, e ainda ajudara Amaia dando-lhe um pequeno enxoval de presente – ao qual a amiga não sabia mais como agradecer – ademais da refeição de comemoração, com vinhos de qualidade e um belo bolo; coisas que havia encomendado para o seu casamento, que seria dentro de dois dias.

Caetana abraçou-a apertado. Amaia poderia não ter lhe contado os pormenores do que acontecia, mas a amiga imaginava ao ver quão rápido aquele casamento inesperado acontecia e ao perceber o quanto Montenegro andava soturno. Não poderia se esquecer do olhar melancólico que ele dera ao Sr. Feitosa quando este comentara sobre o que daria de presente aos noivos. Caetana tinha certeza de que Montenegro amava Amaia e que estaria arrependido de tê-la deixado escapar. Porém, temia contar à noiva uma suposição e acabar gerando uma comoção maior. Se Montenegro a amasse como Canto e Melo alegava, esperaria que ele irrompesse naquele casamento e a levasse de lá atravessada no seu cavalo negro.

-Você está linda, minha amiga. – disse, secando o rosto de Amaia com um lenço – Espero que, depois de amanhã, eu esteja tão linda no meu casamento quanto você hoje. Diga-me que estas lágrimas são de felicidade...

Cora surgia em luto completo. Entrava no quarto feito um fantasma a arrastar as correntes da morte. Estava tão pálida e visivelmente infeliz, que Bá fez o sinal da cruz tal assombração fosse.

-Claro que são! – respondeu no lugar da irmã – Ela conseguiu o que queria. Separar a mim e o Singeon. – uma lágrima escorreu para a boca que tremia de raiva – Por inveja! Egoísmo! Eu a odeio! Odeio tanto quanto nunca odiei em minha vida! Eu sempre intuí que você iria destruir a minha felicidade, por isso nunca gostei de você, da maneira como tentava chamar a atenção de todos, do jeito que se atirava em cima dos rapazes que olhavam para mim. Você nunca soube estar em segundo plano, Amaia, e agora, para se vingar, tira o meu amor. –

batia no próprio peito, desfeita em lágrimas – O meu amor! Eu odeio você! Eu odeio você! Odeio! – Cora deu um tapa em Amaia.

-Cora! – Caetana a repreendeu.

Amaia abaixou os olhos, escondeu a cabeça e ficou muda.

Aquele tapa era mais do que merecido, era necessário para que ela despertasse.

-Desculpa. – Amaia balbuciou, para a surpresa de Cora e Caetana – Desculpa por toda a dor que lhe causei.

Cora tremia, não mais de raiva, mas de apreensão ao enxergar, nos olhos verdes de Amaia, que ela estava não só falando a verdade, como estava com dor por ter feito a irmã sofrer. Para a sua surpresa maior, Amaia tomou as suas mãos e pediu que não só a perdoasse, mas que entendesse que o que havia feito era por invejá-la.

Quando achava que não seria mais capaz de se surpreender com a irmã mais velha, Amaia trazia alguma novidade que deixava Cora sem palavras. Aquela era um confissão sincera – talvez até demais. Só não podia entender o que ela invejava. Amaia era linda, inteligente, destemida, admirada por todos, o que haveria em Cora para ela invejar?

Apertando as suas mãos, não permitindo cair na descrença, Amaia revelou:

-Porque você sempre foi amada e amou. E nada pode ser mais importante e sagrado do que o Amor entre duas pessoas.

Enxugando as lágrimas, Bá e Caetana resolveram se retirar. Deixariam as irmãs se acertarem a sós. Havia muitos anos de conversa ali.

*

Havia um ar adocicado e levemente embaçado dentro da capela da fazenda Santa Bárbara, perpassando as reclamações dos convidados com o atraso da noiva. O Sr. Feitosa já se irritava a ponto de querer pegar Amaia pelo braço, quando Caetana surgiu, avisando que a noiva estava pronta e que poderiam começar. E, num sorriso enigmático, juntou-se ao futuro marido, deixando Canto e Melo confuso – por que ela parecia contente, se havia passado o dia nervosa com aquela união infeliz?

Ao entrar na capela, por debaixo do véu que cobria o seu rosto, a noiva tremia. Controlou o nervoso somente quando à beira do altar, diante do padre e da mão estendida de Singeon. Ele poderia estar onde fosse, seu rosto mostrava que não estava lá. Seus olhos claros estavam no além, enxergando por cima dela, por entre os escravos que assistiam à cerimônia da varanda, procurando alguém.

A noiva, no som dos próprios passos, tomou a mão de Singeon e os olhares de reprovação dos amigos. Olhares que não eram para si. A Sra. Feitosa a repreendia, Canto e Melo tinha pena dela, o Sr. Feitosa estava visivelmente

furioso.

Ajoelhou-se no genuflexório e, quando espalmou as mãos, entendeu que não poderia prosseguir. Não daquela maneira, não sem por tudo às claras. Seria perder a alma.

Ergueu o véu da face, diante da surpresa de todos, fazendo o padre interromper a cerimônia que mal se iniciava.

-Você, – Cora virou-se para Singeon, ainda estupefato com aquela aparição – aceita se casar comigo e não com Amaia?

O médico engasgou com a própria resposta. Era incapaz de tirar os olhos daquela que sempre amou. Se iria se casar com Amaia era apenas pelo senso de dever, após tê-la beijado. Não sentia nada por Amaia a não ser gratidão por não ter levado adiante aquele casamento.

E sorriu, feito bobo, largando uma lágrima de alegria para a sua Cora. Apertava e beijava a mão da mulher que amava, e diante do pigarreio do padre, que queria dar seguimento a cerimônia, teve de soltá-la com relutância.

Por Singeon, ele e Cora nunca mais se separariam.

*

Segurando a mão de Bá, num canto da varanda – de onde podia assistir a cerimônia sem a avistarem – Amaia sentiu o peso que saía dos seus ombros. Poderia respirar fundo e saber que ainda tinha um pouco de dignidade em si.

*

Contornando o carvalho centenário – onde sempre a encontrava sentada, apreciando o dia – Montenegro sentiu um pesado vazio no peito. Tocou o tronco com a mesma delicadeza que a teria tocado se estivesse ali. Apoiou a cabeça na árvore e respirou fundo. Soltou um suspiro de arrependimento e vergonha. Deveria ter irrompido naquela cerimônia, tirando-a de lá a força.

Ao escutar o sino da fazenda Santa Bárbara, ao longe, anunciando que o casamento havia acabado, Montenegro guardou as lágrimas que forçavam sair. Acertou o chapéu sobre os cabelos escuros, montou o cavalo e bateu em retirada.

Era tarde demais. Era tarde demais para deixar de ser orgulhoso e aceitar aquele amor.

Capítulo 35

Um passo trás do outro. É assim que uma criança aprende a andar. Caindo, se levantando, um passo atrás do outro, caindo, se levantando e uma hora não cai mais. Amaia sentia-se uma criança diante da nova queda, contudo, desta vez estava confiante de que havia feito o que era certo, por mais que pudesse ir contra os seus interesses. Era uma questão de estudar o que faria a seguir, qual seria o próximo passo ao se reerguer.

Aguardou apenas que Singeon e Cora tomassem um coche e fossem embora para a Corte – o que fizeram naquela mesma noite, como se com medo de que Amaia fosse lhes fazer algo – e ela arregaçou as mangas do vestido. Passou a madrugada sobre papéis, contas, nomes e concluiu, ao amanhecer, que o melhor a se fazer era dar fuga aos escravos para que não caíssem nas mãos de pessoas cruéis. Quanto à fazenda, a venderia. Seus pais poderiam dizer o que fosse, mas ela havia tentando a ponto de quase vender a si mesma por algo que não era verdadeiro. De que adianta terra e dinheiro se você não é você, se você não pode ser feliz?! Só achava que poderia ter concluído isso mais cedo, sem trazer tanto sofrimento.

Amaia largou-se sobre uma poltrona e pôs as mãos no rosto. Por que ela havia inventado tudo isso? Por que não simplesmente aceitou a proposta de Montenegro, afinal, amava-o e, quando se ama, não há pecado?!

Era tarde demais para isso também. Por mais que tivesse o orgulho ferido, não iria ainda abrir mão dele. Não estava preparada – se é que algum dia esteve preparada para alguma coisa.

Era quase hora do almoço e Amaia havia andado todo o escritório e a poucas conclusões havia chegado. Precisava fugir com os escravos e isso era o mais iminente. O resto, pensaria depois. Como se daria essa fuga? Seria simples, ela iria mandá-los embora. Avisar que fugissem para os lados de algum quilombo. Se estivesse falando com Montenegro, ele poderia indicar algum. Ah, por que estava se lembrando dele de novo? Ele não a queria e isso ficou muito claro da última vez.

Foi andando para fora do escritório, matutando como organizaria a fuga. Precisava de uma carroça para os idosos e as crianças. Elas não conseguiriam andar muito. Os quilombos deveriam ser serra acima, de difícil acesso. Teria que fornecer comida para eles e também sapatos. Algo que lhes forjasse a escravidão. Também havia os capatazes. Precisava impedi-los de irem atrás. Seria preciso atraí-los para que fossem presos ou encurralados. E quanto à polícia? E se Cora reclamasse, pois metade daqueles escravos eram dela

também? Se fosse o caso, daria a sua parte da venda das terras e não discutiria mais o assunto. Estava farta de tudo aquilo. Farta a ponto de se deparar debaixo do carvalho centenário.

Queria se sentar numa das grossas raízes sobre a terra e chorar. Chorar o máximo que seus olhos permitiriam, chorar tudo o que havia passado ou deixado passar, chorar a morte de seus pais, os problemas que havia acarretado para Singeon e Cora, chorar por si mesma, pela Amaia que havia morrido com seus pais e aquela outra inescrupulosa que ia se apossando dela.

Recostou a cabeça no tronco da árvore. Que vergonha ela sentia de si mesma, de tudo o que havia feito. Por que não poderia ter agido de outra maneira, de um jeito menos... oh, de que adiantava se lamuriar? Seus pais haviam morrido e perderia a fazenda. Ao menos, casara Singeon e Cora e conseguiria salvar os escravos. Algo de bom teria de vir de toda a confusão que armara para si mesma.

Fechou os olhos para sentir o tom ameno da brisa, indicando o fim do verão, o som da copa das árvores, do gorjeio dos pássaros, do relinchar do cavalo e a voz ao longe a chamar por seu nome feito num sonho:

-Amaia.

Os olhos recheados de lágrimas, mais verdes do que nunca, miraram a figura negra que vinha em sua direção. Ela ficou parada, aguardando se aquilo era miragem ou era verdade. Se era mesmo Montenegro que vinha ao seu encontro, nas suas usuais roupas negras.

Ao deparar-se com os olhos platinados, Amaia engoliu o choro. Havia neles pena e algo mais que ela não conseguiu enxergar de tão insultada que se sentia pela cara de “condolências” que ele fazia.

Limpou o rosto molhado nas mãos, antes que ele estivesse perto demais para lhe ver chorando, e se escorou no tronco para se levantar.

Montenegro reparou que ela estava com o rosto cansado, de quem havia passado a noite em claro. Seus cabelos estavam soltos, caindo pelas vestes como rios caudalosos, e seus olhos vociferavam que não queria ser importunada.

Procurando manter uma pose neutra, com uma mão nas costas, perguntou-lhe sem qualquer sorriso, mas em tom de ironia:

-Como está a vida de casada?

Ela desconfiou se ele realmente sabia o que havia acontecido. A essa hora, já deveria ser um escândalo, pois a Sra. Feitosa certamente contaria às gêmeas e elas repassariam e quando chegasse no casamento de Caetana, seria interrogada por todos. Só de imaginar isso, seu estômago se contraiu.

Melhor manter a pose do que se mostrar fragilizada. Não admitiria que a vissem assim. Tinha que ser forte, havia aprendido a ser forte. Ergueu o queixo e

estreitou os olhos:

-Muito boa. Amo meu marido e sou muito amada. Não poderia estar mais feliz.

Havia alguma coisa nos olhos de Montenegro que a fixavam no lugar, como se a estudando com uma crueldade quase anatômica.

Passando por cima de algumas raízes, ele se aproximava dela e ela tentava se manter no lugar, provar que não tinha medo dele e do que pudesse vir a seguir.

-Diga-me, além de um bom marido, ele é um bom amante?

Amaia corou, mas não se deixou intimidar. Sem se desviar dele, sustentando o desafio, respondeu em tom de ofensa:

-Não vou discutir esse tipo de coisa com o senhor.

Puxou a saia que a impedia de enxergar o chão. Subiu um pouco para poder ver onde pisava.

Montenegro, que dera a volta no carvalho, parou na sua frente, bloqueando a sua fuga:

-Diga-me, já viu estrelas com ele?

O olhar dele brilhava de uma maneira maliciosa. Apesar de subentender que deveria estar falando de outra coisa que estrelas em si, Amaia tentou desviar-se dele e da conversa:

-Estrelas? Sim, ontem à noite o céu estava belamente estrelado.

Mas Montenegro a parou com o próprio corpo.

Encararam-se.

Ele podia ver que os olhos dela estavam vermelhos e, de alguma forma, sensíveis.

Passando a mão por sua cintura, puxou-a para junto de si:

-Sua tola, venha cá!

Seus corpos de tocaram. Amaia tentou desvencilhar-se, empurrando-o. Montenegro nem se mexia.

-O que pensa que está fazendo?

Ela reclamava, evitando levantar o rosto para que não a beijasse. Conhecia a ele e aos seus truques e estava farta de tudo aquilo. Ela só queria poder ficar em paz, voltar a ter uma vida tranquila e sem preocupações. Por que ninguém poderia entender isso?

-Confesse, vocês não se casaram. Por quê?

-N-não sei do que está falando... Pode me soltar, por favor?!

-Você não me engana, Amaia. – puxou o queixo dela e segurou-o para que ela não lhe desviasse os olhos – Diga-me, por que você não se casou, se era a coisa que você mais queria?

Podia ver o rosto dela passando da irritação para o desdém da mentira:

-Eu ando muito ocupada cuidando da fazenda e ele teve quer ir à Corte resolver algumas coisas.

Montenegro pressionou o agarre e ela reclamou que não conseguia respirar. Ele queria a verdade dela e não mais uma mentira evidente. O repertório havia se esgotado, restava somente a verdade no fundo daquele baú repleto de truques de sedução.

-Você abriu mão do casamento e o mandou embora com Cora.

Ao ouvir a verdade da boca dele, Amaia empalideceu, arregalando os olhos:

-Como você soube?

-Cora veio até mim, ontem mesmo. Contou-me tudo o que se passou e vendeu a sua metade da fazenda para mim. Ela e Singeon precisavam de dinheiro para começarem a vida juntos. – ela desviou os olhos como se raciocinando o que ele havia acabado de lhe revelar – Amaia, de que adianta continuarmos mentindo um para o outro. – subindo o sangue e a balançou de leve – Por quê? Diga-me o porquê? Por que VOCÊ não quis se casar com ele, Amaia?

Era isso mesmo? Havia desespero na voz de Montenegro, ou Amaia havia entendido errado?

O peito dela foi se enchendo e explodiu:

-Porque eu... porque eu... – ela lançou-lhe um olhar duro – ...eu não o amava! Eu não o amava porque... – uma lágrima escapuliu –... porque eu amo você!

Eu disse!

Montenegro a soltou automaticamente.

Amaia aproveitou para dar um passo atrás e fugir do seu agarre. Se ele a apertasse daquele jeito, outra vez, era capaz de desmaiar de verdade. Não estava mais no controle de nenhuma de suas faculdades. Queria descansar o corpo, a mente e o coração.

Ele foi ao seu alcance. Tomou-a com uma intensidade que Amaia achou que perdia o chão. Não conseguia respirar com o beijo que ele lhe dera, adentrando a sua alma e sugando as emoções para fora. Amaia enlaçou o pescoço dele, dançando na mesma sintonia de suas línguas, esfregando-se, desbravando os corpos.

Montenegro dividia-se entre se controlar a aproveitar aquela entrega total. Até que achou melhor parar de refrear-se. Pegou-a no colo e, ainda mantendo o beijo, levou-a para perto da árvore e deitou-a por entre as raízes.

Por um segundo, ele parou para analisar se deveriam seguir com aquilo. Por mais que estivessem dispostos a dividir o amor naquele beijo, tinha para si que poderia ser uma questão.

Arfando, Amaia não queria que ele parasse de beijá-la. Puxou o rosto dele para junto de si. Seus dedos foram entrando pelos cabelos dele e lhe envolvendo o corpo com os braços, deitando-o sobre si. Montenegro mergulhou em seu pescoço e Amaia estremeceu ao sentir a boca dele descendo até o decote do vestido, torneando a nascente dos seios que iam se pondo enrijecidos. Num gemido, ela pegou o rosto dele e o levantou para beijá-lo. As mãos de Montenegro ergueram os tecidos das saias. Quando os dedos quentes dele tocaram as suas coxas, por cima das meias, todo o corpo de Amaia vibrou. Ele pôde sentir, o que o fez ficar mais desperto. Suas mãos subiam pelas pernas dela, sem qualquer resistência. De olhos fechados, ela balbuciava pequenos gemidos. Ao deparar-se com a sua roupa íntima, Montenegro encontrou a ponta do laço que as segurava. Aquilo fora como um limite que ele precisava confirmar se seria ultrapassado. Ergueu um pouco a cabeça e viu que Amaia, corada, tinha os olhos verdes colados no seu rosto.

Ela também lhe queria, mas era preciso que ela lhe dissesse isso.

-Diga-me que me ama, Amaia.

-Eu amo você.

O laço foi desfeito e a mão de Montenegro penetrou o tecido, abaixando-o. Amaia estremeceu com o toque, gemendo mais alto em seu ouvido, mordendo o lóbulo da orelha dele, devagar, na cadência das sensações. Aquilo atiçava Montenegro. Com delicadeza, foi acariciando as suas reentrâncias, tirando gemidos dela enquanto a mirava, estupefato pela beleza que era ela revirando-se de prazer. Quanto mais se envolviam, mais ela lhe pedia que continuasse, mais as pernas o amarravam no meio dela, mais a cabeça ficava zozna.

-Eu amo você, Amaia.

E fundiram-se num beijo, caindo de desejo, um nos braços do outro.

Capítulo 36

Guaíba. Se a fazenda era esplendor mesmo apagada, no entrelugar comum do cotidiano, seria o que quando em festa, ainda mais uma festa de casamento como nunca se havia tido antes lá? Por mais que Caetana e Canto e Melo pedissem uma cerimônia simples, o Sr. Feitosa não poupou, nem esforço e nem dinheiro. Mandou replantar o jardim com flores brancas e criou áreas para que as pessoas pudessem passear. Inclusive mandara fazer um labirinto para quem queria brincar, em cujo centro os mais sortudos encontrariam uma estátua de Querubim e a inscrição: “Por aqui não se passa sem se beijar. São as regras do Querubim, o protetor do labirinto.”

Se, por fora da casa, havia todo um cuidado especial, dentro estava triplicado na decoração. Escadarias, portais, janelas, todos estavam enfeitados com festões de flores brancas. Havia arranjos em quase todos os ambientes, tomando cantos vazios. Em cada sala havia mesas com quitutes, doces e bebidas à vontade do convidado. Os escravos, em elegantes roupas brancas de brocado e botões dourados, serviam os pastéis de ostras e as empadas quentes que saíam fumegando da cozinha.

Para não dar trabalho aos 500 convidados – afora os curiosos que iam se ajuntando e tentando se desvencilhar dos capatazes armados para entrar na festa sem convite –, o Sr. Feitosa decidiu que a cerimônia religiosa se daria dentro de casa. Não houve padre, bispo nem cardeal que fosse do contra. Prepararam uma das salas feito uma capela. Tiraram todos os móveis e mandaram vir de Portugal um par de genuflexórios, castiçais de prata de chão, e todo um altar entalhado com a estátua do Sagrado Coração de Jesus ao centro. Era uma igreja completa, o que deixou o padre com inveja. Fazendo o sinal da cruz, ele rezou e abençoou aquele altar e considerou que estava bem colocado.

Outras duas salas foram modificadas para se tornarem salões de baile e duas pequenas orquestras foram contratadas, uma para cada salão. Ainda teve uma terceira orquestra, esta composta pelos escravos da própria fazenda, que ficava debaixo de um caramanchão no jardim, tocando para os convidados que quisessem dançar por entre as flores.

Quando Amaia chegou, a cerimônia já havia iniciado. Tentou ser o mais discreta possível, colocando-se no fundo da multidão que assistia à benção do padre. Caetana estava linda com um vestido de renda que havia mandado vir da França. Na sua singeleza, usava o camafeu que seu noivo lhe presenteara na noite anterior. Suas irmãs mais novas, Lavínia e Felipa, em vestidos bordados, pareciam dois anjinhos, com os cachos loiros em torno do rosto e uma coroa de

flores. Belizária e Rosária, em vestidos lilás, tinham a expressão séria, quase aborrecida, de quem queria estar no lugar de Caetana. E quem não gostaria? Dava para ver no rosto de Canto e Melo o quão feliz e apaixonado ele estava. Olhava para a noiva com tanto gosto, com tanta admiração, como se a uma santa estivesse vendo.

Amaia suspirou. Era a mesma admiração que havia encontrado nos olhos platinados de Montenegro, debaixo do carvalho centenário. Corou. Será que as pessoas notavam que ela havia “ultrapassado as convenções”? Como havia sido imprudente! Eles... – *Céus!* – tiveram intimidades! E nem casados eram! Teriam ido mais longe se Montenegro não tivesse se refreado e prometido que continuaria “aquilo” num lugar mais digno, pois Amaia merecia uma noite esplendorosa e não atrás de uma moita.

Oh, estava tão feliz, pois finalmente havia encontrado o amor da sua vida – e delícias que ela nem poderia imaginar existirem! Deveria estar parecendo uma tola, querendo chorar de alegria pela amiga que, em breve, sentiria o mesmo amor nos braços do seu amado.

Seu coração pulsava o nome de Eduardo, que ia se espraiaando por suas veias, tomando o seu corpo num novo impulso: o de encontrar os olhos claríssimos dele. No entanto, encontrou vários outros olhares para cima de si e nenhum era o do seu amado. Havia olhares de desaprovação, olhares de surpresa, olhares de inveja, olhares de desejo, olhares de choque. Não se detinha aos olhares apenas, havia nas bocas a fofoca de que ela havia sido largada no altar por Singeon, que fugira com Cora. O motivo – este também inventado – era o de que ele havia descoberto que ela tinha um amante que pretendia salvar a sua fazenda. A única coisa que mudava de língua para língua era o nome de quem seria o tal amante – e nenhum deles soava ao real dono do seu coração, Eduardo Montenegro.

Havia quatro possibilidades para Amaia lidar com aquela fofoca. Poderia ignorar e continuar a andar pela festa, poderia se esconder em algum canto, poderia ir embora, ou poderia erguer o queixo e enfrentar aquilo dentro do seu pomposo vestido carmesim, que havia guardado para algum dia especial – nem a fome se poria entre ela e a bela veste. Todo em vitrilho vermelho sobre o veludo vermelho escuro, Amaia tinha a sua beleza ressaltada pela cor e pelo ousado modelo que deixava seu colo à mostra e os ombros desnudos. Os cabelos, presos de uma maneira diferente, entre o elegante e o arrebatador, e nem um pouco jovial, davam o ar de que se tinha uma mulher diante de si.

Optou por suportar qualquer fofoca, olhar depreciativo, o que fosse. E não só suportaria com classe, mas com um sorriso de desdém de quem estava muito acima do que os outros fossem pensar. Amaia havia se cansado de se preocupar

com os outros e com o que poderiam falar, havia se cansado de criar e manter expectativas, havia se cansado de dar explicações, havia se cansado da antiga Amaia, aceitando uma nova e feliz Amaia, contente consigo mesma e dona da sua vida e das suas emoções.

De cabeça erguida e olhar direto, ia maneando a cabeça para cada conhecido seu, independentemente se retornavam à educação ou não. Alguns, mais arraigados aos costumes – isto é, às fofocas – não retribuía, surpresos com aquela audácia. Outros viravam-lhe a cara e uma minoria ficava sem graça e também maneava. Contavam-se nos dedos quantos lhe vieram falar e trocar algumas palavras, dentre os quais a família Feitosa. Até mesmo o padre, que havia testemunhado tudo, evitava estar com ela, saindo de perto quando lhe foi pedir uma benção.

Numa volta em si, Amaia reparou que era ela uma anomalia, uma leprosa social, com cujo contato poucos ousavam manter. Isso não a desencorajou. Do contrário. Continuou a agir normalmente, engolindo com amargor cada rejeição e entendendo que aquilo era parte do que havia colhido.

Por fim, Caetana e Canto e Melo, que recebiam os parabéns, chamaram-na para um brinde especial. Diante de uma roda de convidados, estavam ao centro os noivos e a amiga especial.

-Atenção! – pediu a noiva, erguendo uma taça de champanhe – Por favor, atenção! Gostaria de fazer um brinde para agradecer a presença de todos, em especial a da pessoa que mais torceu pela minha felicidade, que mais me apoiou ao longo da vida e que, tenho certeza, hoje quer meu bem acima de qualquer outra pessoa aqui. Peço que todos brindem não só a minha felicidade e a do meu querido esposo, como também daquela que foi responsável por nossa união: Amaia Carvalho!

Palmas foram ouvidas, algumas a contragosto, e taças foram erguidas. Amaia recebeu a taça da mão de Montenegro, que finalmente aparecia. Vinha acompanhado de um sorriso que a deixava mais tranquila. Ela descobriu ser capaz de enfrentar o mundo enquanto ele estivesse sorrindo para si.

Participando do brinde, ele lhe sussurrou ao pé do ouvido:

-Desculpe a demora. Terminava de resolver algumas coisas.

-Está tudo bem agora?

Os olhos claros dele se fixaram nela com tanta ternura que encheu o coração de Amaia. Montenegro abriu um sorriso carinhoso:

-Agora está.

As taças se beijaram num tilintar e beberam a champanhe.

O salão foi se enchendo de música.

Montenegro colocou as taças sobre uma bandeja que passava, recolhendo

os copos, e puxou a sua mão:

-A senhorita dar-me-ia a honra de uma dança?

-Não sei. Vai depender.

-Posso saber do quê?

-Se o senhor prometer que não vai me soltar.

-Eu nunca vou largá-la, Amaia, nunca mais. – puxou-a pela cintura para a valsa que abriria o baile.

Aguardaram os noivos, que deveriam iniciar a abertura da pista, e foram o segundo casal a dançar. Por entre os rodopios da valsa, Amaia via o rosto de felicidade de Caetana e a troca de olhares e sorrisos entre Canto e Melo e Montenegro. Eram ali dois casais felizes que se encontravam no amor.

A eles foram se juntando outros casais e, em pouco, a pista estava toda recheada, a ponto de mal se conseguir dançar.

Montenegro puxou Amaia pelas portas do jardim. De mãos dadas, passaram pelo caramanchão da orquestra de escravos, e foram para o labirinto cujas entradas ficavam logo ao lado. Era isso mesmo, duas entradas, uma para as moças e outra para os rapazes. A ideia era que se encontrassem ao centro do labirinto.

Antes de sumir pelas veredas de cerca-viva, Montenegro deu um beijo estalado na mão de Amaia e prometeu encontrá-la no Querubim.

*

O labirinto era mais extenso do que Amaia poderia esperar. A cerca-viva a impedia de saber onde estava e teria perdido completamente a orientação se não fosse pelo som da música que vinha por cima das plantas. Isso a ajudou a saber se estava mais ou menos perto da casa grande, se era a sua direita, esquerda, atrás ou na frente.

No caminho, reparou que havia pequenas placas com trechos de poesias românticas. Em alguns becos sem saída, achava uma estátua de algum casal de enamorados se beijando. Era um estímulo ao amor, por certo. Poucas moças ousaram entrar. Dentre as que havia encontrado, estavam em grupinhos e rindo-se. Entreouviu que falavam da falta de um rapaz, Luiz Mesquita, que ninguém sabia onde estava.

Amaia estava pouco interessada no paradeiro alheio, continuando o seu percurso. Teve certeza de que se aproximava do centro do labirinto ao ver, metida entre as folhagens, Belizária – ou seria Rosária? – engolindo o rosto de um rapaz o qual não pôde identificar. Continuou na sua busca de erros e acertos. Encontrou o querubim.

Uma mão tocou seu ombro, assustando-a. O sorriso de Montenegro espantava qualquer receio, tanto quanto ao passado ou ao futuro. Era ele a

certeza do Amor que Amaia tanto buscara. Deram as mãos e rodearam a estátua. Ele ficava ao centro de uma fonte e a água jorrava de sua aljava. Alguém havia espalhado pétalas de rosas pelo espelho d'água, dando ainda mais um ar romântico.

Tomando-a pela cintura, Montenegro beijou-a numa troca ardente que, se tivessem outras pessoas ali, poderiam pensar que estavam lutando.

Ao escutarem que alguém se aproximava, eles se afastaram. Ainda assim, Montenegro não a soltou, mantendo as mãos dadas.

Entraram juntos por uma aléia que deveria levar à saída do labirinto. Iam aos beijos, rindo-se e aproveitando a beleza das árvores cujas copas floridas eram rodeadas por borboletas. Ao centro da alameda, havia uma bifurcação. Montenegro sugeriu que cada um fosse para um lado e vissem o que havia no final. Amaia seguiu pela esquerda e ele, pela direita.

O novo caminho era uma curva constante onde não se via o que se encontraria a seguir. Era animador, apesar de exasperador. Amaia tinha esperança de que, a qualquer momento, Montenegro iria surgir na sua frente.

Numa volta, Amaia encontrou um rosto conhecido que vinha na contramão. Era o Sr. Feitosa.

Controlou o susto do primeiro instante.

-Desculpe-me, padrinho. Não o reconheci de imediato.

Desta vez, ele não ria, não se fazia gentil ou simpático. Estava sério, beirando ao irritado. Amaia podia imaginar o motivo. Ela havia colocado sobre si um escândalo e Caetana enfatizara isso durante as próprias bodas ao enfrentar a todos com aquele brinde.

-Eu vou ajudá-la no que precisar, a partir de agora. – ele lhe disse, com a expressão mais suave. Tomou as mãos dela e as acariciou.

-Ah, obrigada. – Amaia tentou retirar as suas mãos dentre as deles quando viu que o seu olhar não era bondoso e nem caridoso, transbordava malícia.

Não havia ninguém naquele trecho em que estavam. E nem sinal de Montenegro.

-Vou precisar que você me ajude também. – avisou ele.

Amaia tentou desvencilhar-se do agarre dele. Ele segurava-a pelos punhos, muito forte, forçando-a a tocar as suas calças. Talvez, se gritasse, Montenegro poderia escutá-la, ou quiçá alguém do grupo de meninas.

-Solte-me, por favor! – relutava cada vez mais.

-Senhor Feitosa!

Ambos foram surpreendidos por Montenegro. Ele os olhava friamente, em particular, o anfitrião.

Sentindo a ameaça na nuca, o senhor soltou-a imediatamente. Porém,

manteve a pose de quem estava no comando da situação.

Montenegro foi para junto de Amaia e, discretamente, deu-lhe a mão, apertando-a, para que ela soubesse que estava ao seu lado.

O Sr. Feitosa soltou um sorrisinho de escárnio:

-Contou a ela? – o fazendeiro questionou Montenegro, estreitando o olhar – Contou que Cora lhe vendeu a sua parte da fazenda? Contou também que eu e todos os outros fazendeiros vendemos as dívidas da Santa Bárbara para você e que, a qualquer momento, você poderá chamar a dívida e poderá ficar com tudo? Contou o que você me disse? Que queria aquelas terras para si para expandir? Pela cara de surpresa da minha afilhada, acredito que não. E quando pretendia contar a ela? Quando conseguisse levá-la para cama? – Montenegro sentiu que Amaia lhe escapava da mão.

Tentou se explicar, tanto para Amaia quanto para o Sr. Feitosa – apesar de não sentir necessidade disso:

-Eu amo a sua afilhada.

-Ama? Hah! Pode enganá-la, o Junqueira, pode enganar até mesmo o Mesquita, aquele tolo prepotente e impulsivo, mas não me engana e nem nunca me enganou! Acha mesmo que eu não sabia quem era você o tempo todo?! O que veio fazer aqui?! As suas intenções abolicionistas e as informações que veio colher? Você, Amaia, deveria ter sido mais precavida. – voltou-se a ela, que escutava tudo aquilo em silêncio – Não deveria ter acreditado no homem que quer as suas terras e deixou isso bem claro desde o início, rodeando-a e ao seu pai. – o padrinho a encarou – Amaia, posso ser tudo, mas mentiroso eu nunca fui.

Amaia se afastou de Montenegro.

Ele pressentiu que ela estava acreditando no padrinho pois, por mais luxurioso que fosse, Feitosa nunca havia mentido para ela – até aquele momento. Num ato de desespero, tentou segurar Amaia pelo ombro e impedi-la de ir, sem antes explicar o que estava acontecendo.

Os olhos dela transbordavam em lágrimas, perdidos no rosto dele, como se à caça de respostas.

E o Sr. Feitosa insistia, de um jeito bonachão:

-O que você tem a dizer a ela? Para quem você tem mentido este tempo todo? Para mim, eu sei do que você veio atrás. – tocou no bolso do colete, dando a entender que carregava a chave da senzala – Mas, e dela?

Foi a vez de Montenegro paralisar e se voltar para o senhor. Ele teria de finalmente revelar tudo, o que poderia pôr a perder todo o esforço que ele e seus companheiros estavam empregando na Causa abolicionista.

Era isso ou perder Amaia.

-Pode ficar com tudo. – resumiu ela – Não era esse o nosso acordo? Uma noite de “diversão” pelas dívidas? Posso agora me considerar quitada, correto?

-Amaia, me deixe explicar...

Ao tentar pegar sua mão, ela se desfez do toque. Agressiva, todo o seu rosto havia mudado a composição de melancolia para de injúria. Seu tom de voz era recheado de rancor. Cada palavra era uma pedra que Montenegro era obrigado a engolir calado:

-Não precisa! Eu sempre soube que você era um canalha e, assim mesmo, eu quis estar com você. Eu não fiz pelas dívidas ou pela fazenda, eu fiz por mim, porque EU queria. Não se preocupe, ninguém virá questioná-lo ou obrigá-lo a se casar comigo. Estamos acertados agora. Adeus, Sr. Montenegro. – estendeu-lhe a mão para um aperto de mãos – Foi bom fazer negócios com o senhor.

Ao notar que ele ainda estava confuso, tentando organizar os pensamentos para lhe explicar a situação sem entregar seus planos, Amaia perdeu a paciência e se foi.

O Sr. Feitosa soltou um sorriso. Inclinou-se sobre Montenegro, que tentava controlar a raiva, apertando os punhos:

-Obrigado por ter “limpado” o campo para mim... – riu, atraindo um olhar fumegante do belo senhor – Ah, e mande um recado para o Marquês: “Eu vou quebrar a ponte e nenhum de vocês poderá retornar. ”

-Mande você mesmo.

O punho de Montenegro foi parar no estômago de Feitosa.

O fazendeiro tombou para trás, galgando pelo ar que havia fugido diante da dor excruciante.

Ao reparar que os “capangas” de Feitosa apareceram, com as mãos sobre os coldres das armas, Montenegro entendeu que ali acabava a sua missão – ao menos, a primeira parte dela.

Abaixou a cabeça e os olhos e se foi.

Com cuidado, em discretos movimentos, guardou a chave da senzala da Guaíba dentro do bolso interno da casaca. Agora, iria para a segunda parte: reconquistar Amaia.

Capítulo 37

O que é a vida senão encontros, desencontros e reencontros; uniões, dissoluções e novas soluções?

Caetana Feitosa de Vasconcellos Canto e Melo tinha os olhos rasos de tanto chorar. Não era pela emoção do casamento, como a maioria das pessoas acreditavam, nem pela despedida dos pais e das irmãs à porta da Guaíba, muito menos por estar passando mal, segundo as gêmeas. Chorava por causa do marido, com quem desfilara a última hora de braços dados. Haviam-se passado quatro horas de casados até que ela descobrisse que Roberto havia mentido para ela desde o dia em que se conheceram, o que a fizera questionar se o amor dele também não seria uma mentira.

A descoberta não se dera através de algum amigo, muito menos inimigo, a verdade havia saído da própria boca dele.

Ela estava à cata do marido para avisar que tinham de começar as despedidas para tomarem o coche para Barra do Piraí e, de lá, pegarem o trem para a Corte, onde passariam a lua-de-mel. Caetana já havia procurado Roberto por toda a festa, incansavelmente, havia também pedido que Lavínia e Felipa a ajudassem e, inclusive, Inácio Junqueira fora convocado. Porém, fora Belizária quem dissera tê-lo visto próximo à entrada do Labirinto do Cupido.

Disposta a puxar a orelha do seu galante noivo, Caetana fora atrás dele. Enrolara o véu e a cauda do vestido de noiva nos braços e, em passos determinados, cruzara o jardim. Não havia precisado de muito para vê-lo conversando com Montenegro, atrás de um arbusto. Havia temor na face de Roberto, havia preocupação na de Montenegro. Será que falavam de Amaia? Havia visto a maneira como a amiga havia saído da festa, como se as roupas estivessem pegando fogo. Amaia não quis lhe contar o ocorrido, mas Caetana já imaginava que a causa da sua perturbação era Montenegro – era sempre em relação a ele, afinal!

Uma vez que Canto e Melo era muito fiel ao amigo e mantinha tudo a seu respeito em sigilo, Caetana aproveitara que não haviam reparado na sua presença e colocara-se atrás deles para escutá-los. Quem sabe poderia ajudar Amaia e Montenegro a se entenderem, pois não havia casal mais perfeito e mais merecedor da felicidade.

Contudo, o que ouviria seria o seu Destino trançado por alguma moira invejosa:

-Feitosa nos descobriu. – anunciara Montenegro, num tom de voz baixo, porém perceptível na distância em que ela estava – É melhor que você arrume

uma desculpa e fique mais tempo na Corte. Ao menos, até as coisas melhorarem. Avisarei você.

-Você não irá para a Corte? – questionara Canto e Melo, num tom nervoso.

-Preciso ficar e resolver uma questão.

-Amaia?

-Exatamente.

Caetana teria entrado nesta parte da conversa se não houvesse escutado o nome do pai a seguir, saído da boca do marido:

-Boa sorte, você vai precisar... Diga-me, como foi que Feitosa nos descobriu?

-Ainda não tenho certeza se chegou a descobrir o que você veio fazer aqui, quais os seus reais interesses nele e na Guaíba. Mas o meu “disfarce” acabou.

-Logo que chegar à Corte, vou avisar ao Marquês. A essa hora, o “carregamento” deve estar chegando até ele. Enquanto isso, vou aproveitando a minha noivinha. Ao menos, ela vai me ajudar a manter as aparências para Feitosa, por enquanto. Mal vejo a hora de contar toda a verdade e ver a cara dele!

-Não se precipite. – aconselhara Montenegro – Deixe o Marquês nos avisar qual o melhor momento para atacarmos. Adeus, meu amigo. Desejo a você toda a felicidade do mundo e muita sorte com essa sua nova empreitada.

-Pode deixar. Caetana me ama e vai me ajudar.

A vontade de Caetana naquele momento era de gritar pelo pai e contar tudo o que havia ouvido. Porém, sabia que seria a morte de ambos e ela não se considerava uma assassina – apesar de querer muito esganar Canto e Melo. Ele a havia seduzido para chegar até o pai dela. Como ela poderia ter sido tão tola e não ter notado isso antes?! Obviamente, um homem bonito e interessante como ele nunca se apaixonaria por uma moça simples como ela. Amaia fazia mais o tipo dele – e nem poderia condenar a amiga por ser bonita e simpática e atrair todos os homens que conhecesse. Mas uma qualidade ela tinha que, nem Amaia, nem nenhuma das moças da região pareciam possuir: a capacidade de deixar tudo às claras, olhos nos olhos, sem rapapés.

Fora usando o seu “dom” que pegara Canto e Melo. Nem o havia deixado abrir aquele sorriso que amolecia as suas pernas – precisava dos pés no chão – e já o tinha cravado na ponta dos dentes:

-Então você se casou comigo por conveniência? Por que era conveniente se aproximar do meu pai?

O susto, visível no rosto empalidecido dele, o fizera parar alguns segundos para pensar no que iria responder. Ainda assim, ele se confundira, o que a deixara mais furiosa:

-Não. Sim. Entenda, eu te am...

E erguia a mão para tocá-la, quando Caetana batera nela e o interrompera:

-Eu não preciso entender mais nada porque já entendi tudo! Você nunca me amou. Só queria a Guaíba! Sabe por que eu nunca me casei, até conhecer você? Porque eu sabia que todos aqueles que me cortejavam queriam tratar de negócios com o meu pai. Quanto a você, achei que era diferente, que não havia visto a mim como a filha de Caetano Feitosa de Vasconcellos.

Vê-la chorando era pior do que ter uma arma apontada para a sua cabeça – como havia acontecido alguns anos atrás, durante uma fuga de quilombolas.

-Caetana, meu amor, deixa de ser teimosa e me deixa explicar...

-Não há nada a ser explicado! – ela limpava as lágrimas na manga do vestido – Da mesma maneira que este casamento é conveniente para você, ele se tornará para mim. – erguera o queixo, tentando controlar as emoções e se provar acima do drama que a estilhaçava por dentro – Iremos para a Corte, como o acordado, e manteremos a aparência de casal mais feliz do mundo. Entre quatro paredes, você não me dirigirá a palavra. – os olhos mareados dela o pinçaram – Serei eu a dar as cartas a partir de agora.

Ia tomando rumo ao fim do seu monólogo, quando Canto e Melo a puxara pelo braço e a encarara de maneira desafiadora, provando uma virilidade que ela nunca havia sentido nele antes:

-Eu vou reconquistá-la, Caetana. Eu vou reconquistá-la. Vou provar que amo você.

Não poderia ceder a ele, por mais tentador que Canto e Melo estivesse parecendo, com um olhar determinado e um tom de voz dominador. O oposto do noivo simpático e pateta que brincava com suas irmãs caçulas e era considerado “fraco de espírito” por seu pai.

Ela também se provaria determinada e dominadora – bem diferente da Caetana boazinha e humilde que ele tanto admirava:

-Veremos quem ganha essa disputa. Uma vez que perdeu a minha confiança, nunca mais a deterá.

Caetana havia criado um desafio que fizera despertar algo profundo nele, algo que estava adormecido e que causara o surgimento de um brilho malicioso em seu olhar esverdeado:

-É isso uma aposta?

-Uma aposta. – ela confirmara – A prova será a consumação do casamento. Se, dentro de um ano, não o consumarmos, eu terei ganho e nós iremos dissolver a união. Se nós consumarmos, bem, continuaremos casados.

-Na lua-de-mel, nós não...?! – nem quisera terminar a frase, em choque com a “novidade”. Ele havia tanto fantasiado a primeira noite de amor deles, desde

que a havia conhecido, que isso nem havia sido questionado quando ela iniciara o seu discurso.

-Acha que irei dormir com você depois disso? Ah, o senhor parece não me conhecer...

-Talvez esteja conhecendo um outro lado seu que nunca pensei existir... – e guardara para si o adendo: *E acho que estou gostando bastante dele...*

Deram os braços, vestiram os seus melhores sorrisos e foram se despedir dos convidados e parentes, mantendo a pose de casal apaixonado.

Provariam que todo casamento tem as suas inconveniências.

Capítulo 38

Não houve jeito. Amaia se revirava pela sala, chutando a cauda do vestido carmesim, tentando odiar a Montenegro mais do que estava odiando a si mesma por ter “acreditado nele”. Por que ele não disse que tinha interesse em suas terras? Poderiam ter negociado algo?! E por que não disse que queria a chave da senzala da Guaíba? Poderia ter ajudado! Ah, quem era ela para condená-lo... Era o seu orgulho que deveria condenar. Deveria ter continuado distante, somente nas indiretas, nas brincadeiras sarcásticas, sem qualquer envolvimento verdadeiro. Era uma tola, no mínimo. E com que garantia? Havia sido bom, sim, nunca havia suspeitado que seria tão bom! Corou ao se relembrar das mãos dele e da resposta do seu corpo, galvanizado pelo toque, a língua que a enchia de desejo de desbravar, as estrelas que ela vira salpicando o céu vespertino, ainda embalada nos braços dele.

Balançou a cabeça. Tinha de esquecer e aceitar que havia errado e que teria de, mais cedo ou mais tarde, encontrar-se com ele novamente e acertar as contas – literalmente. Seu estômago se revirou. Tinha medo do que faria se o visse. Era extremamente tentadora a ideia de cair nos braços e aceitar o que fosse, porém tinha de considerar que havia sido usada e que isso era terrível.

A raiva de si mesma cresceu, pois ela não conseguia não o querer, a sua voz grossa na ponta do ouvido, aqueles olhos platinados sobre a sua pele desnuda.

-Tive de entrar, a porta estava aberta e não vi nenhum escravo para me anunciar...

Os olhos verdes de Amaia cresceram. Estava alucinando, ou ele veio atrás dela depois que saíra da festa de casamento? – sem dar explicações aos noivos, que se entreteciam um com o outro.

Virou-se para trás e achou Montenegro, parado na sua sala de estar, com as mãos nas costas e aquele olhar sedutor que a fazia esquecer de respirar.

Estreitou os olhos sobre ele, irritada:

-É mesmo um canalha.

Montenegro mexeu a cabeça para o lado e franziu o cenho, tentando daquela frase tirar alguma coisa. Estava ela brava, ou voltavam aos jogos? Preferiu tentar a segunda opção. Foi caminhando em sua direção, devagar, e ela permanecia parada, imóvel.

-Sim, sou e você sempre soube disso e ainda veio atrás de mim. – tentou segurar o sorriso ao notar que desta vez ela não fugia dele pela tangente.

Amaia sustentava o olhar bravo, o que a deixava ainda mais bonita, principalmente com aquele vestido carmesim. Ela o queria enfrentar, e isso o

animava. Estava esperando mais rechaço quando chegasse, até mesmo que ela o evitasse. Era um bom sinal.

-Melhor sair daqui. Me enganei quanto ao senhor no passado e não posso repetir o mesmo erro... – ela se prontificou a ir, mas, ao reparar que ele não ia pedir que ela ficasse, voltou – ...Não posso ir. Não sem antes acertarmos tudo o que devemos. Pois veio falar de negócios?! Saber quando poderei lhe entregar a casa?

-A esta hora da noite? – ele ergueu as sobrancelhas, incrédulo de onde ela queria chegar com aquela conversinha.

Talvez estivesse disposta a ouvir as explicações dele.

-Nunca é tarde para negociar.

-Uma verdadeira mulher de negócios. – deixou um sorrisinho escapulir, ao se acomodar na poltrona que era do pai dela.

-Minha fazenda, quero dizer, a SUA fazenda lucra ...

-Não, não, não. Estávamos indo tão bem! Você me insultando, eu lhe insultando... – levantou-se e se encaminhou até ela – Não vamos entrar nessas coisas pesadas.

O rosto dela passou do duvidoso, com uma sobrancelha erguida, ao malicioso:

-Está certo.

Foi para perto dele e levantou o rosto, fechando os olhos e fazendo bico para que fosse beijada. Amaia estranhou que não a beijara. O que estava acontecendo? Não a queria mais? Perdera a sedução? Sim, deveria só a querer por uma noite e depois descartá-la. Feitosa estava certo o tempo todo. E lá se foi uma última esperança de o padrinho ter dito tudo aquilo só para afastá-los.

Os olhos verdes de Amaia encontraram um Montenegro segurando um papel:

-É isto aqui que você quer, não é mesmo?

Era a nota promissória com a dívida total da fazenda.

Todo o rosto de Amaia ganhou o tom da desconfiança. Gato escaldado não perde a proeza – ou seria tem medo de água fria? Apesar de tentar se desvencilhar do charme dele, Amaia queria entender a razão daquilo. E estava determinada a isso até que tudo estivesse bem explicado entre eles.

-O que você quer em troca disso?

-Você não sabe? Não, não sabe. Tem mesmo uma linda cabecinha dura. Vim dizer que quero a casa com tudo dentro. Inclusive você. Porteira fechada.

Diante do assombramento de Amaia, Montenegro rasgou a promissória.

Virou picadinho no chão.

Estava ainda sem fôlego quando ele a pegou pela cintura e a apertou contra

si:

-Você ganhou, Amaia. Case-se comigo.

-Casar-me? Com você? – deu um passo atrás, mas não se desfez dele – É alguma brincadeira?

-A oferta não lhe enche os olhos? Ah, já sei o que falta... – Montenegro ajoelhou-se e tomou as suas mãos – Oh, doce Amaia! O que seria de mim sem você? Não há noite sem luar, nem dia sem sol quando não está você ao meu lado...

Ela corou e pediu que se calasse:

-Espero que nunca me escreva isso...

-Também espero nunca precisar. – sorriu para ela, ainda tendo as mãos bem seguras dentre as suas – Então, aceita se casar comigo?

Estudando os olhos claríssimos de Montenegro, Amaia custou a acreditar, por mais que quisesse que fosse verdade:

-O senhor zomba de mim.

-Zombar? – ele soltou-a e se ergueu do chão – Acabei de rasgar as dívidas e pedi-la em casamento e você acha que estou zombando? O que mais preciso fazer para entender que eu amo você e vou me casar com você?

-De graça? Se casar comigo sem nada em troca?

-De graça, não. Nada nesta vida é de graça. – antes que Amaia pudesse soltar um “Eu sabia”, ele continuou – Não aceito que seja um casamento de fachada. Dividiremos a mesma cama e muito mais. Quero, ao menos, uns cinco filhos!

Ela arregalou os olhos e corou:

-Cinco filh... Não acho educado falarmos disso.

Montenegro soltou uma risada. Não poderiam falar em filhos? Que espécie de falso moralismo era aquele?

Tomando-a nos braços, Montenegro a mirou. Seus olhos prateados estavam sérios, fazendo-a esquecer de respirar:

-Terá de me fazer muito feliz, Amaia. Será capaz disso?

-Tenho certeza de que posso fazê-lo feliz.

Amaia abriu um sorriso e atirou os braços em volta do pescoço dele pronta para beijá-lo.

Montenegro a afastou pela cintura e fez uma cara de desconfiança:

-Absoluta?

-Absoluta.

E abriu um sorriso gostoso, de quem estava brincando, e a puxou de volta a si. Fechou os olhos para beijá-la.

Seus lábios mal se encostaram e, desta vez, foi Amaia a parar o ato e a

afastar-se dele o suficiente para lhe perguntar:

-E quanto aos escravos?

-O que tem?

-Vai fazer o que com eles? Não podemos alforriar nenhum!

-Você não pode, mas eu posso. Vou comprar de você todos os seus escravos e alforriá-los.

-Custará uma fortuna!

-Você terá dinheiro mais do que suficiente para me comprar suas dívidas e ainda reformar a fazenda e transformá-la numa colônia agrícola. E passarei a minha metade para você, e tudo continuará no seu nome.

Os olhos de Amaia brilharam e ela abriu um sorriso suspeito:

-Você tem tudo pensado, não é mesmo?

Ele jogou a cabeça para trás e riu de novo. Amaia poderia ter mudado em muitos aspectos, mas havia outros em que ela continuava igual.

A tinha contra si, num agarre do qual ela não conseguiria se desvencilhar desta vez. Estava tão apertado, que ela achou que poderia desmaiar e pediu que soltasse um pouquinho. Não a soltaria de forma alguma, nunca mais a largaria.

Ao afrouxar, ela ergueu a sobrancelha e o queixo:

-Irá se casar comigo, não é mesmo?

-E quanto àquela sua promessa aos anjos e a Deus? Aquela de que nunca se casaria comigo? A de que preferia cortar os pulsos...

-Ah, era coisa de menina. – ela abriu um sorriso desavergonhado – Agora não sou mais menina.

E lhe envolveu com um ar malicioso que ele gostou de ver.

-Não, não é. – riu e a apertou – Agora é a minha mulher. Minha esplendorosa mulher!

Finalmente, seus lábios se encontraram no espaço e no tempo, como os seus corpos, que iam se entrelaçando num só. Ao fim daquele beijo, ainda bamba e sem ar, Amaia fez uma proposta que soou muito interessante:

-Bem, já que vamos nos casar, você poderia “ver estrelas” comigo. A noite está muito bela para isso, Eduardo.

Amaia de Carvalho enxergou estrelas naquela noite nos olhos de Eduardo Montenegro, nos seus braços, sob a luz da lua e do céu crepuscular. Seus corpos nus, aninhados um no outro, encaixavam-se com perfeição. E mesmo diante do silêncio de duas almas gêmeas que se achavam na imensidão do universo, Montenegro fez questão de lhe sussurrar na orelha:

-Somos feitos do mesmo sal, você e eu. O sal que dá gosto a esta terra. – e beijou-lhe na intensidade de um Big Bang.

Era aquilo o início do fim, ou o fim do início?

Epílogo

Se haveria um casamento esplendoroso, era porque havia um amor tão esplendoroso quanto. Montenegro não poupava gastos em fazer a cerimônia e a festa que a sua futura esposa merecia. A Santa Bárbara podia não ser a Guaíba, mas ele fizera questão de reformá-la para deixá-la em pé de igualdade. O casarão fora restaurado à sua antiga glória. Conseguira comprar de volta boa parte dos móveis e objetos que Amaia havia vendido para poder comer, e trouxera um novo toque de decoração mandando vir coisas novas da Corte e da França. Como o costume dos Carvalho, construía um anexo que seria o seu recanto de amor e montara o seu escritório no antigo gabinete de Gracílio.

Ao ver Montenegro gerindo os negócios da Caridade, transformando a Santa Bárbara em uma colônia de parceria e contratando como criados os escravos de dentro – por quem Amaia tinha grande estima –, ela sentira um imenso peso saindo de suas costas.

Para Bá fora dado o merecido descanso numa bela casinha com um jardim só para ela. O que durara uma semana, pois a ex-mucama já havia se enfiado de volta na casa grande, alegando que somente ela sabia mandar nos criados e fazê-los trabalhar como se deve.

Até que estivessem casados, Montenegro dormia na Caridade e somente passava os dias trabalhando e ajudando Amaia a organizar os detalhes da festa. A despedida, todas as noites, era uma tentadora contagem regressiva para quando se tornariam homem e mulher e, finalmente, consumariam o seu amor.

Às vésperas dos festejos, Amaia mal se agüentava de angústia. Não era por causa das despedidas que iam esquentando a cada noite, nem dos últimos acertos no belo vestido de noiva, nem dos detalhes do que ocorria no leito nupcial – que Bá finalmente lhe explicara – e também não seria pela falta de Montenegro que, nos últimos dois dias, ficara trancado no escritório terminando uma “negociação” e a impedindo de entrar lá. Ela se sentia vazia porque não havia o que fazer, pelo que lutar. Fora um ano intenso de trabalho, de disputas e, agora, ela podia descansar no leito de louros. Um leito cheiroso, confortável e macio demais para ela, que havia aprendido a batalhar para se ter o que se deseja. Não era mais uma moça mimada que tinha tudo na mão e nenhuma preocupação na cabeça.

Na hora de se despedirem como o costume, Amaia correria para o noivo e surpreendera-o, abraçando-o por trás. Seria a última noite separados, a última despedida deles. Encostando a cabeça em suas costas, ela murmurava, apertando o agarre:

-Não sei se conseguirei dormir esta noite.

Voltando-se para ela, Montenegro a mirara com um sorriso repleto de intenções – porém, desta vez, todas elas boas e alegres.

-Eu ia esperar até depois da cerimônia, mas como você é ansiosa e teimosa, vou adiantar o meu presente. Feche os olhos.

Amaia fizera uma careta de desconfiança. Montenegro soltara uma gargalhada e insistira que ela não poderia ver até que mandasse abrir os olhos.

Fechara-os e fora sendo guiada por ele. Não sabia para onde, não sabia para o quê. Podia senti-lo envolvendo-a por trás, todo o seu corpo musculoso contra as costas dela, a respiração em sua nuca, que a fazia se arrepiar.

-Pode abrir.

Toda a angústia misturada a ansiedade, todo o vazio fora preenchido por uma sensação de esplendor. Amaia abria, talvez, o maior sorriso que conseguira. Todo o seu corpo vibrava felicidade e os olhos esverdearam-se com um choro de alegria.

Montenegro havia reparado o quanto ela estava descontente em não estar mais cuidando dos negócios da fazenda, o que havia sido confirmado por Fabio – o atual administrador. Várias vezes ele a vira cavalgando próximo à plantação e fingindo não estar reparando nos colonos. Bá também contara que estava preocupada com a sua menina, pois a sentia sem rumo, vagando pela casa, desinteressada em tudo. Rapidamente o noivo entendera: ela precisava de desafios. Daria a ela, então, um lugar ao seu lado, no gerenciamento das fazendas.

Nos dois dias que ficara “preso no escritório”, mandara reformá-lo para colocarem uma escrivaninha para ela ao lado da sua. Trocara alguns itens de decoração para o ambiente ficar um pouco mais feminino e o enchera de camélias brancas.

Inclinado sobre ela, explicara:

-Poderemos trabalhar juntos.

Não se contendo em si mesma, Amaia pulara no pescoço do futuro marido e o enchera de beijos. Todo o rosto havia sido preenchido e ela começava a descer por seu pescoço, quando ele a parou. A expressão dele era de tristeza, o que Amaia não soube como interpretar sem que ele lhe explicasse:

-Não acredito que você sofreu tanto, Amaia! Por que não me contou, em momento algum? Por que não pediu a minha ajuda?

Desviando-se da mirada dele, Amaia considerava se seria capaz de contar uma mentirinha pequenina.

Ela o encarara, sorrindo:

-Porque sou orgulhosa demais. E tinha certeza de que você iria fazer uma

proposta bem indecente em troca.

-Era bem provável. – ele a abraçara apertado e dera um beijo no tampo dos seus cabelos perfumados – Você me transformou, Amaia.

-Não fui eu. – ela se desfizera dele. Seus olhos estavam preenchidos de verdade – Foi o seu amor por mim.

-Sou eu quem deve agradecer a você por ter me salvo da minha cegueira, da minha ignorância e da minha frieza.

Então, seus lábios se encontraram num rompante de amor.

*

No beijo, iam-se fundindo. As línguas entrelaçadas, as pernas envolvidas, os corpos conectados, a vontade dividida. Montenegro foi guiando Amaia de Carvalho Montenegro para uma *chaise longue* e ela não foi fazendo barreira, consumida por aquele beijo. E teriam ido às vias de fato, ali mesmo, no escritório, se Inácio Junqueira não tivesse batido à porta e entrado, esbaforido:

-Amaia! Montenegro! Estão todos esperando por vocês para o brinde!

Havia procurado os recém-casados por toda a propriedade, desde que haviam desaparecido após a pequena cerimônia na capela da Santa Bárbara.

Amaia mordeu o riso ao notar que o jovenzinho corara ao reparar que uma das mãos de Montenegro estava nos seios da sua noiva e a outra, descendo pela cintura, tentando levantar as volumosas saias.

Montenegro, sem se mexer, explicou, num tom de voz de homem de negócios, que já iam:

-Antes, quero beijar a minha noiva como se deve. Não gostei da maneira como o padre nos olhou quando nos mandou beijar na frente do altar.

-E você queria o quê? – ela empurrou as mãos dele – Quase me engoliu na frente de todos!

-Aprenda, Inácio, a sua última lição: – Montenegro se afastou e ajeitou as roupas, que apertaram com aquela vontade que Amaia despertava em si – Nada é bom o suficiente para fazer a mulher que você ama feliz, por isso, sempre faça mais, muito mais. – e estendeu o braço a ela – Vamos?

Tocando o braço dele, seus olhos se beijaram, e ela estremeceu num sorriso:

-Até o fim dos meus dias!

Inácio viu naquele casal algo que quis para si: amar. Por enquanto, no entanto, havia outras coisas que ele precisava resolver antes. Uma delas, a sua viagem para a Inglaterra dentro de algumas semanas.

Aprumando as roupas, foi atrás dos noivos.

Ao entrarem na sala, os mais de duzentos convidados rodearam-nos para as parabenizações. Muitos deles, antigos inimigos ou fofoqueiros de plantão, que se viram obrigados a dobrarem a língua. As gêmeas se debulhavam em lágrimas

atrás de lencinhos. Lavínia e Felipa correram para saudar os noivos, atirando pétalas de flores no seu caminho. O Sr.Feitosa, num canto, mal falava, mantendo uma expressão de desaprovação. Sua esposa, no entanto, estava radiante ao receber o casal. Tomando as mãos de Amaia, ela volitava:

-Queria muito que Caetana estivesse aqui! Ela sempre a amou muito!

-Ao menos, sabemos que ela está feliz ao lado do homem que ama... – comentou Amaia, sem reparar no olhar preocupado da senhora.

Também não percebera os olhares trocados entre a professora Lúcia e o administrador Fabio, o que foi mais do que suficiente para encher os dois de sorrisos.

Amaia não reparava em mais nada, a não ser nos olhares apaixonados do seu marido.

*

O anexo que Montenegro havia mandado construir era uma obra de arte na arquitetura do lugar. Dividido em cinco cômodos – uma antessala, o quarto de banhos, um vestíbulo para cada um e o quarto do casal – intensamente iluminados e arejados, tinham as paredes recobertas de cetim claro e os tetos pintados com imagens de querubins e flores – um espetáculo à parte.

No seu vestíbulo, Montenegro trocava de roupa com a ajuda de Luizão, que o serviria de *valet*. A emoção em ter Amaia completamente sua o deixara nervoso, feito um apaixonado estudante do Colégio Dom Pedro II. Tudo o que ele fazia parecia pequeno perto do que ele poderia fazer pelo amor da sua vida. Sim, ele a amava acima de si mesmo e isso era mais do que prazeroso, era a própria dádiva da vida.

Diante do toucador de madrepérola e prata, com as suas iniciais gravadas – ACM – Amaia tentava resguardar os sentimentos de ansiedade e apreensão. Temia não fazer as coisas direito e não dar prazer ao marido, pois Bá fora bem enfática explicando que um bom casamento dependia da satisfação do esposo. Contudo, quando Montenegro surgiu no quarto e pediu que Bá se retirasse, a serenidade tomou conta da alma de Amaia. Ela entendeu que estava segura e feliz, finalmente.

Tomando-a no colo, Montenegro a carregou num beijo até a cama de dossel – que ficava ao centro do cômodo. Rodeada por pétalas de flores e um forte cheiro de ervas queimadas – para afastar os insetos e trazer boa sorte e fertilidade aos recém-casados –, ele a deitou devagar e se colocou sobre ela, sem jogar o seu peso, sustentando-se nos braços fortes.

Analisava-a sob as luzes das velas que haviam acendido ao cair da noite. A camisola de Amaia era de um tecido tão fino, que poderia estar sem ela. Aquilo o encheu por debaixo do próprio camisolão e o fez tira-lo, provando-se tão forte

e potente quanto o dia em que ela o vira sair do lago nu.

Com cuidado para não cair sobre ela, ele foi para o seu lado. Os olhos não se desgrudavam, nem as suas mãos. Amaia estremecia, soltando pequenos gemidos. As mãos dele sentiam a pele dela se arrepiar e os olhos se reviravam de prazer sob o domínio dele.

Mordendo os lábios, Amaia gemeu mais alto quando ele a tocou mais profundamente.

-Eu amo você, Amaia. Começo a achar que eu sempre a amei, desde o início, mas não havia notado até que quase a perdi.

-Você nunca me perdeu. – ela o encarou com uma profundidade que o fez parar – Meu coração sempre foi seu e, agora, eu sou sua.

-Não. Eu sou seu. – e afundou um beijo no meio dos cabelos soltos dela, procurando pelo fino pescoço que se erguia do decote da camisola.

Foi descendo até os seios.

Num jogo de mãos e bocas, ele foi preparando-a para o ato final. Amaia deu uma estremecida pelo incômodo inicial. E não teria prosseguido se ela não tivesse segurado o seu rosto e ordenado que continuasse.

Todo o corpo dele vibrou de emoção. Seus lábios se tocaram num beijo entremeado de sensações e estrelas.

*

Estavam aninhados, um nos braços do outro, escutando o cingir dos grilos e uma coruja que não parava de piar para a noite. Acarinhando os cabelos de Amaia, Montenegro queria ter certeza se ela estava bem, ou se havia sido “enfático” demais:

-Como está se sentindo, Sra.Montenegro?

Todo o rosto de Amaia estava corado ao lembrar o que havia acabado de acontecer. Apesar de algum latejo, ela abriu um sorrisinho safado e seus olhos brilharam feito esmeraldas ao responder:

-Esplendorosa!

Em seguida, ela desviou seus olhos dos dele e fechou-se numa careta de ansiedade. Algo tinha ali e Montenegro começava a lê-la melhor do que os próprios sentimentos.

-O que foi, meu amor? Quer me perguntar algo?

Amaia mordeu os lábios, adiou um pouco a questão, até que teve coragem para lhe perguntar, imbuída do seu charme de coquete – daquele jeito cantarolante que o seduzira da primeira vez:

-Diga-me uma coisa, já que estamos casados e bem íntimos, e não mentimos mais um para o outro. O que vocês fazem no Clube dos Devassos?

Montenegro abriu um sorriso sardônico e a girou para baixo de si.

Beijaram-se num estalar, antes de continuarem. Seria uma longa e esplendorosa noite estrelada.

Epílogo 2

O homem estava encapuzado, incapaz de ver o que fosse, porém, podia sentir que estavam em algum lugar aberto, pois uma brisa fria e cortante ia lhe transpassando o tecido das vestes e do capuz. O aroma salgado de peixe acompanhava aquele friozinho. Podia sentir, ao longe, o mar quebrando-se contra pedras. Não havia mar em Vassouras. Para onde o haviam levado? A última coisa de que se lembrava é que saíra de casa, montara o seu cavalo e “pimba!” Uma dor na cabeça e escuridão.

Se não estivesse com uma mordaça, gritaria por ajuda. E quem ouviria?

Alguém o empurrou para frente. Teria reclamado ou revidado se não estivesse com as mãos amarradas para trás.

Com a ponta dos pés, reparou que não havia mais chão. Deveria estar diante de algum precipício. E o mar se arrebatava mais forte contra ele.

Tiraram o capuz. Pôde ver a noite que ia sendo afastada pelo amanhecer já no horizonte. Havia mar e mais mar ao fim do penhasco em que estava. As ondas arrebatavam-se, nervosas, deixando-o tão inconstante quanto a noite. Também lhe tiraram a mordaça para que fosse capaz de falar.

-Você tem duas opções: nos ajudar ou pular. – alguém lhe disse.

Luiz Mesquita virou-se para trás.

Era um homem muito bem vestido, de casaca azul, cartola, cabelos muito loiros e olhos miúdos azuis. Deveria ter em torno de 40 anos e usava uma bengala de castão de ouro. Pela pose cavalheiresca, deveria ser alguém importante. Tão importante que não estava sozinho. Ladeavam-no três homens.

Dois deles chamavam a atenção pelo porte de valentões. Eram grandes e fortes, principalmente o mulato de barba e olhos escuros. Por debaixo da sua camisa semiaberta, podia ver que havia muitos músculos. Já o outro, de casaca – apesar de ter a gravata frouxa e não usar colete –, de cabelos castanhos e olhos verdes, era mais alto do que exatamente forte. O terceiro, que ficava mais atrás, escondido por um chapéu coco e roupas claras, destoava do trio. Parecia alguém comum, sem qualquer atrativo especial, que facilmente poderia passar despercebido onde estivesse.

Não conhecia nenhum deles. E preferia não lhes olhar muito, a fim de que não o matassem para evitar reconhecimentos futuros.

Com os olhos jogados nos pés, Luiz Mesquita questionou o que acontecia ali, ao menos isso ele se achava no direito de saber:

-O que acontece? O que querem? Por que estou amarrado?

O mais velho – e, aparentemente, o líder –, com todo o seu ar de nobreza,

deu um passo a frente e abriu o que poderia ser considerado uma espécie de sorriso.

Era o tal Marquês.

-Você terá todas as suas respostas se nos ajudar.

Aquilo era confuso demais. O que estava acontecendo?

-Quem são vocês? – insistiu o prisioneiro.

O cavalheiro, apoiado em sua bengala com as duas mãos, aumentou o que seria o seu sorriso:

-Bem-vindo ao Clube dos Devassos.

Capítulo Extra – Amaia & Montenegro

Não havia como dizer não àqueles olhos prateados que a encaravam ao amanhecer. Estavam mais brilhantes do que o costume; espelhos, a reluzir os raios de sol que invadiam o quarto e iam despertando a manhã. Ao longe, o cacarejar do galo anunciava as horas e, de perto, os veios dourados pulsavam ao encará-la. Desejosos enquanto carinhosos, serenos enquanto vorazes.

Junto aquele olhar havia um sorriso. Igualmente dúbio, que ia se montando numa lascívia, enredando-a feito o aroma de café recém preparado que penetrava no quarto, aos som da casa que despertava com os afazeres domésticos.

-Bom dia, Sra. Montenegro.

Amaia podia sentir todo o seu corpo nu fibrilar por debaixo dos lençóis só ao escutar aquela voz profunda. Montenegro a inundava, junto às memórias da noite passada. A mão que percorria cada centímetro da sua pele, em busca do seu ser. Um prazer que lhe tirava a respiração e que, a cada ano, ficava ainda mais ardente, ainda mais gostoso e deliciosamente diferente.

Havia escutado, em tom de confidência, por detrás das telas de bordados, senhoras reclamando da pouca procura dos maridos com o passar dos anos. Quanto maiores as bodas, maior o número de bastardos a brincar com seus filhos. Amaia contraía os lábios, quieta, evitando atizar a curiosidade alheia quanto ao seu casamento. Não queria olhos grandes para cima da sua felicidade. Havia aprendido, com Montenegro, que era melhor ficar calada e se proteger, do que ficar se gabando e levantar olhares críticos para cima de si. E, menos ainda, queria que soubessem das peripécias nupciais, que dela se faziam, noite e dia, incansável. Tão pronta e destemida, Amaia levava o marido para excursões no meio do mato, no lago, até mesmo aos pés do cafezal, numa ousadia que ele via como reflexo daquele espírito audacioso pelo qual havia se apaixonado.

A ponta de um dedo acariciava, de leve, o bico de seu seio, enrijecendo-o. Todo o corpo de Amaia despertou com aquela carícia, sob o comando do olhar e do sorriso que a completavam.

Montenegro tinha os cabelos escuros e ondedados caindo por cima dos olhos cor-de-prata. Estavam um pouco mais compridos do que quando se conheceram, quase atingindo a altura dos ombros e obrigando-o a prendê-los num rabo. Lembrava a um corsário, o que fazia de Amaia o seu tesouro.

-Dormiu bem? – perguntou ele.

Amaia segurou uma risada:

-Dormir? Não posso dizer que chegamos a dormir, exatamente. – e fechou os olhos ao sentir o corpo quente dele encostar no seu, por debaixo dos lençóis.

Ao que tudo indicava, ele estava preparado para começar o dia.

-Está reclamando? – a mão dele foi descendo dos seios intumescidos, percorrendo a barriga, até alcançar outro ponto.

-Nã... não. – ela segurou a respiração ao se sentir adentrada pelos dedos ágeis – É só uma contestação. – mordeu os próprios lábios.

O corpo dela estava corado pelo prazer, mais sensível ao que fosse que ele fizesse. E isso o deixava ainda mais vigoroso. Seus dedos foram a acariciando, por baixo, assistindo a mágica que era vê-la se contorcer, deliciada, chupando os próprios lábios, murmurando o seu nome de olhos semicerrados. Foram entrando-a, fundo, quanto mais atizada, mais indo e voltando, mais ela se remexia e o lençol ia escorregando, revelava o seu corpo nu, a sua vontade que a fazia pulsante.

-Sentindo-se esplendorosa?

Gostava de assisti-la. Incapaz de compreender como, após tanto tempo juntos, Amaia conseguia ser tão sensual e deixá-lo ainda mais ardente. Era uma vontade que nunca se saciava, nunca passava, algo além da sua compreensão racional. Aos raios com o racional! Estavam no tempo-espaço do sensual.

Ele teve de repetir a pergunta.

Amaia arfou. Controlou-se para conseguir reunir forças e concatenar ideias para responder:

-Não.

Bastou a palavra e Montenegro parou. Retirou os dedos molhados de dentro dela, mas continuou deitado ao seu lado. Sua expressão era de confusão, como se aquilo fosse o temido sinal de que o seu casamento estava entrando em alguma espécie de colapso. Ergueu uma sobrancelha, desconfiado. Era preciso ter certeza se Amaia não estava somente confusa. Era comum que ela ficasse quando ele lhe gerava prazer – e se fosse com a boca, então, ela nem conseguia falar.

-Como não? Achei que...

Amaia respirou fundo. Estava ainda coberta por uma capa de alegrias, que a fez guiar a mão dele até os seus seios:

-Terá que fazer algo para que eu me sinta esplendorosa novamente, tal qual noite passada.

-Você quer dizer igual a **TODA** a noite passada?! – ele a corrigiu, rindo do próprio alívio que fazia o seu corpo ganhar potência novamente.

-Não deveríamos falar disso. – ela abriu os olhos, mais verdes do que antes, ainda embriagada de prazer.

-Por quê, se somos casados?

Amaia puxou o lençol para cima do seu corpo nu. Era como se houvesse

sido pega desprevenida pela mãe.

-É impróprio. – retrucou, notando que o corpo dele voltava a se refazer.

-Ah, minha cara Sra. Montenegro, por quem me toma? – ele se postou sobre ela, mantendo-se nos braços, assim evitando pesar sobre ela – O que sou eu senão o seu devoto marido?

Ela não podia ver aqueles braços bem torneados em volta de si, que já queria ser apreendida por eles. Lambeu os próprios lábios e foi descendo as mãos para ver se o marido precisava de uma mãozinha para continuarem de onde haviam parado.

-Devoto? – ela retrucou, fingindo-se de brava. Apreciava vê-lo “em suas mãos”, fechar os olhos e abrir um sorriso de quem havia sido pego desprevenido – Falta muito para ser devotado a algo que não seja a sua fazenda. – podia senti-lo crescer à medida que ela o afagava, quente e pulsante.

-Isto é uma reclamação, ou uma contestação? – ele tentava manter a conversa, o que começava a ficar difícil. Tudo o que queria era pegá-la e colocá-la sobre ele, para que o montasse feito potro selvagem.

-Ambos. – Amaia parou ao sentir as veias dele. Estava pronto. – Talvez, se você me deixasse mais “esplendorosa”, eu poderia reconsiderar a minha posição a seu respeito.

Os olhos prateados voltaram a encará-la. Dessa vez, não havia sorriso que os acompanhasse. Estavam cortantes, quase animais. Um frio correu a espinha de Amaia. Sabia o que acontecia quando os olhos de Montenegro se transformavam em tempestade. Brandia raios e trovões até que ela caíssem em seus braços, sob uma chuva de prazer, deliciando-se no gozo molhado da bonança.

Apenas a encarando – o que poderia ser o suficiente para que ela chegasse ao ápice do prazer sozinha – Montenegro lhe propôs uma troca:

-Só se você fizer uma coisa por mim.

Poderia soar a uma negociação, e talvez soasse, o que tornava tudo ainda mais sedutor para Amaia.

-E o que seria?

-Chame-me de canalha.

Amaia teve de se concentrar:

-Canalha. – ela murmurou, fechando os olhos novamente, derretida na sensação de tê-lo se esfregando nela – Ah! Canalhaaaa. – ele a puxou e a sentou sobre ele, envolvido pelas pernas dela em volta da sua cintura, num encaixe perfeito – Hah! Canalh... – não conseguiu terminar, pois ele lambia os seus seios, mordiscando-os enquanto rangiam um com o outro.

Dividiam-se em beijos e no ardor do vai e vem, corpo contra corpo, um

sendo a extensão do prazer de outro. Amaia jogou a cabeça para trás, arquejando sob um céu de estrelas. Em pouco, foi ele quem explodiu. E cada um caiu para um lado, aproveitando a sensação de leve bem-estar que fazia a cabeça rodopiar.

Montenegro, sendo um homem de carinhos, puxou a esposa para perto de si e encaixou-a contra o seu corpo. Quiçá poderiam dormir abraçados mais algumas horinhas? Cobriu-os com o lençol e ficou a beijar os ombros suados de Amaia. Ao que tudo indicava, ela havia adormecido de cansaço. Sua rotina era mais extenuante do que a dele, certamente, e merecia todo o cuidado e descanso do mundo que ele pudesse lhe proporcionar.

Ao menos, assim desejava.

Pequenos pés corriam pelas tábuas rangentes dos corredores e, antes que ele conseguisse apanhar as ceroulas – onde as havia largado na noite passada mesmo? – uma invasão bárbara adentrou o quarto. Agora Montenegro lembrara porque Amaia o levava para incursões ao campo, onde teriam mais tranquilidade para se aproveitarem. Em casa, tudo era um pouco mais difícil tendo filhos, tão incontrolláveis quanto a vontade de estarem sempre unidos, de corpo e de alma.

Chegou a levantar o dedo e por na frente da boca para pedir silêncio, mas a menininha havia sido mais rápida do que o pai – tendo puxado a mãe, não só na aparência, como na personalidade impulsiva:

-Mamãe! Papai! Irineu roubou a minha boneca!

-Mentira! – reclamou o menino, um pouco maior e mais velho, cruzando os braços e fechando a cara, o que também lembrava a mãe quando aborrecida – Foi ela quem pegou o meu soldadinho e não quis devolver, então, eu peguei a boneca para fazermos escambo.

Montenegro sentiu Amaia se mexer, de leve, ao seu lado, mas ela continuava fingindo que dormia. Deixaria que ele se encarregasse de tirar as crianças do quarto. Era melhor do que ela quando se tratava de levar lógica aos filhos.

-Onde você ouviu esta palavra? – quis saber o pai, rindo não dos meninos, mas imaginando que Amaia estaria envergonhada de a encontrarem nua, ao lado do pai, na cama. Por mais que Irineu tivesse 5 anos e Otávia tivesse 3 anos, ela considerava os filhos espertos demais para ambos.

-Da tia Lúdia. – confirmou a menina.

Tanto Amaia quanto Montenegro acreditavam na educação formal dos meninos e das meninas, sem priorizar os primeiros. Todos seus filhos estudariam as mesmas coisas, sem criar diferenças entre o que era próprio “para uma mocinha” ou para “um rapazinho”. Além de incentivar os dotes característicos de cada um. Otávia, desde o um ano de idade, adorava animais e montava a cavalo com o pai, percorrendo toda a fazenda com ele. Quanto Irineu, ele era

mais introvertido, do tipo que preferia passar horas analisando as figuras do atlas que havia ganhado de Bom-Ano dos pais.

Não demorou muito para que as tábuas do corredor rangessem de novo e Bá entrasse no quarto, pedindo licença.

Montenegro segurou o riso ao sentir Amaia cobrindo a cabeça com o lençol. Queria se esconder de vergonha. E achou ter visto a governanta corar ao se deparar com o casal ainda deitado na cama.

Da porta do quarto, não querendo perturbar, Bá chamou as crianças e pediu desculpas. Desejava ela também sair o quanto antes dali e acabar com o próprio desconforto.

-Vamos, vamos... Andem! A velha Bá vai brincar com vocês...

E bateu a porta para que Amaia “escutasse” que eles haviam ido embora.

Ainda assim, ela se manteve debaixo do lençol, toda encolhida.

O marido se inclinou sobre o que seria a sua cabeça e, abaixando o tom de voz – o que o fazia ainda mais sexy – fez uma nova proposta:

-Que tal continuarmos o nosso “escambo”?

Amaia tirou o lençol da cabeça e o encarou incrédula. Ele já estava refeito? Rápido assim? Não seria de todo mal, para ser sincera, contudo, temia que, com as crianças acordadas, elas invadissem o quarto novamente. E não adiantava trancar a porta, isso só suscitaria mais perguntas e mais mentiras que eles teriam que criar. O melhor era continuar evitando os mesmos horários, ou procurando lugares ermos.

-Melhor não, as crianças já acordaram e... Ahhhh...

Montenegro, que esperava a recusa, não a deixou terminar, beijando-lhe o pescoço e descendo.

-Ôhhhh, manheeeeeeeeê!

-Mamãe, papai! Olha o que ele fez!

Uma horda de quatro crianças invadiu o quarto aos trotes e galopes. No susto, Montenegro girou para o lado e caiu no chão. Viu as ceroulas ali perto, debaixo da cama. Conseguiu vesti-las antes de se levantar e ir até os pequenos, que entravam no quarto, brigando uns com os outros. Teria de impedi-los de se aproximarem de Amaia, coberta até o pescoço com o lençol.

-Não fiz, papai! Foi ela! – Irineu apontou para Otávia.

-Não foi não, que eu vi! – comentou Antônio, este uma cópia do pai, mas com o jeito da mãe.

-Dedo duro! – Irineu mostrou a língua para o irmão de seis anos.

-Não sou não! – protestou Antônio.

-Ela pisou no meu pé! – retorquiu Irineu, quase a se jogar nos pés dos pais, com as mãos em súplica.

-Ele puxou o meu cabelo. – reclamou Otávia, enchendo os olhos de um choro falso, digno de uma atuação dos palcos.

-Foi ela quem começou, estou de prova. – anunciou o filho mais velho.

Eduardo, era a mais intensa mistura dos pais, tanto no perfil quanto na personalidade, fazendo-o exótico aos olhos de muitos. Por ter oito anos de idade e uma percepção mais aguçada, reparou na falta de roupa dos pais. O que o fez ficar se questionando do motivo enquanto os irmãos mais novos brigavam entre si.

-Não é verdade! – aproveitando que o “pequeno filósofo” estava distraído com as próprias conjecturas, Otávia deu um pisão no pé do irmão mais velho, que o fez berrar.

Montenegro nem teve tempo de reagir, dividindo-se entre rir da relação dos filhos e assistir aquela baderna, da qual, um dia, sentiria saudades.

Desta vez, Bá entrou no quarto para pegar as crianças, mesmo que pelas orelhas. E, nos seus calcanhares, veio Maria. Tinha no colo o último presente da família, recebido há apenas 6 meses.

A pequena bebezinha havia sido nomeada Atena, em homenagem a forte deusa grega. Contudo, uma bebezinha tão pequena e delicada como aquela, parecia não combinar com a alcunha, já ganhando o apelido de Tetê. Da mesma forma que seu nome remontava o passado, sua aparência era daquelas mágicas da genética que, se Montenegro não confiasse na fidelidade de Amaia, poderia ter questionado a filiação. A gorduchinha tinha os cabelos loiros, diferente de todas as crianças Montenegro, saindo como cópia de uma avó de Amaia – segundo os trabalhadores mais antigos da fazenda.

Aproximando da bebê, o orgulhoso pai deitou um beijo em sua cabecinha, aproveitando que dormia. Depois, voltou-se para Amaia, ainda na cama, coberta até o pescoço:

-Dizem que o numero seis é da sorte. – e piscou para ela, sugerindo que continuassem o que haviam parado.

-Você me disse a mesma coisa nas últimas duas vezes! – reclamou ela, tentando não sorrir com a “boa ideia”.

Amaia amava os filhos, era inegável. Só de vê-los, seus olhos brilhavam. Mas estava começando a se tornar cansativo passar a maior parte do ano grávida, ademais de gerir a fazenda. Além do esforço de ter um bebê. Tetê havia sido um desafio, e tanto ela quanto o médico temiam um novo parto tão cedo.

Ao final da sua análise, Eduardo perguntou à mãe:

-Mamãe, a senhora está pelada?

Amaia virou-se para o marido e corou:

-É você quem vai explicar... – cobriu a cabeça com o lençol, para esconder

o riso.

Montenegro era realmente um homem de sorte... Ao que tudo indicava, era bem possível que o sexto já estivesse a caminho.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar – sempre em primeiro – quero agradecer à minha mãe Vivian. Sem ela, nem eu, nem este livro, existiríamos.

Em seguida, à querida Elimar Souza. Obrigada pela paciência jupiteriana comigo e com a minha hiperbólica megalomania.

A terceira pessoa que entrou nessa empreitada é tão importante quanto as duas primeiras: Ana Clara Coelho! Comadre, o que seria de mim e dos meus livros sem os seus olhos claros de águia?

Aline Sant’Ana, muito obrigada por fazer uma capa linda e um design maravilhoso na primeira versão!

Não posso esquecer da adorável Bárbara Borges e da minha irmã-de-outra-vida Giovanna Zago! Obrigada, meninas, pelo apóio!

E adiciono ainda: Jessica Macedo, obrigada por acreditar em mim! Aline Damasceno, sou muito grata a você por me mostrar que a Cora pode ser uma pessoa sofrida e boa.

Agradeço a você, leitor(a), pelo carinho.

E até breve!

QUER CONHECER MAIS SOBRE O *CLUBE DOS DEVASSOS*?

Leia *As Inconveniências de um Casamento* e descubra se Canto e Melo e Caetana conseguiram se reconciliar. Eles vão mostrar que todo casamento tem das suas inconveniências, no caso deles, é o Amor. Disponível na Amazon e KindleUnlimited.

Table of Contents

[A Baronesa Descalça](#)

[Chiara Ciodarot](#)

[À tia Deca](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo Extra – Amaia & Montenegro](#)